U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

SOFIA LUÍS PINHEIRO

(Licenciada)

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS

PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

JÚRI:

PRESIDENTE: PROFESSOR DOUTOR PEDRO MANUEL DOS SANTOS LIMA GASPAR

VOGAL: PROFESSOR DOUTOR NUNO MIGUEL GOMES ARENGA DA CRUZ REIS

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

JANEIRO 2022

Resumo

O presente Projeto Final de Mestrado compreende uma proposta de Reabilitação do Antigo Convento da Boa-Hora, situado na Freguesia da Ajuda, em Lisboa.

O território de intervenção, dotado de potencialidades ao nível do sistema de vistas e património existente, apresenta fragilidades urbanas e sociais. Entendeu-se assim imprescindível que esta proposta abraçasse o desafio de requalificar o espaço público, melhorando as suas ligações, e de transformar o complexo num lugar de encontro, melhorando através dele as dinâmicas sociais.

Para a concretização desses objetivos, procedeu-se à exploração do conceito de "permeabilidade", física e visual, seguindo uma ideia de abertura à cidade e à comunidade. Através da possibilidade de atravessamento entre espaço público e edificado, é pretendida a reinserção do Convento da Boa-Hora no tecido urbano.

Tentando contrariar o processo de gentrificação que se verifica no local, acarretando a perda de identidade e vivências locais, demonstrou-se pertinente que o programa funcional assumisse um cariz público, incluindo usos culturais, sociais e desportivos, indo ao encontro das necessidades emergentes na Freguesia.

A requalificação espacial do Convento evidenciou a necessidade do aprofundamento teórico sobre as questões de atuação no património e permitiu uma abordagem crítica sobre como intervir. O tema da "continuidade e contraste", entre preexistência e intervenções novas (no exterior e interior), foi explorado a diversas escalas do projeto, seguindo sempre o objetivo de respeitar e requalificar o objeto.

PALAVRAS-CHAVE
Reabilitação | Património Conventual | Refuncionalização | Permeabilidade | Integração Social

Abstract

This Final Master Project comprises a proposal for the Rehabilitation of the Old Convento da Boa-Hora, located in Ajuda, in Lisbon.

The intervention territory, endowed with potential at the level of the vision system and existing heritage, presents weaknesses at urban and social levels. It was therefore felt essential that this proposal embraced the challenge of re-qualifying the public space, improving its links and to transform the complex into a meeting place, improving through it the social dynamics.

In order to achieve these objectives, the concept of "permeability", physical and visual, was explored, following an idea of openness to the city and to the community.

Through the possibility of crossing between public and built space, the intention is to reinsert the Convento da Boa-Hora in the urban fabric.
Trying to counteract the gentrification process that is taking place in the area, leading to the loss of identity and local experiences, it was pertinent that the functional programme assumed a public character, including cultural, social, and sporting uses, meeting the emerging needs of the parish.

The spatial requalification of the Convento highlighted the need for further theoretical study on the issues of action in heritage and allowed a critical approach on how to intervene. The theme of "continuity and contrast" between pre-existence and new interventions (exterior and interior), was explored at different scales of the project, always following the objective of respecting and requalifying the object.

KEYWORDS
Rehabilitation | Conventual Heritage | Refunctionalization | Permeability | Social Integration

Agradecimentos

Ao Professor António Lobato dos Santos, pela dedicação ao trabalho, partilha de conhecimentos e experiências e contagiante gosto pela Disciplina;

Ao Professor Jorge Spencer, pela eloquência do discurso e entusiasmo perante os temas abordados;

A ambos, muito obrigada pelo apoio e simpatia ao longo de todo o percurso.

Aos meus amigos e colegas, pelo companheirismo e presença em todos os momentos.

À minha família, pela base de amor e apoio que me possibilitou chegar até aqui.

ÍNDICE

RESUMO..... III
ABSTRACT..... V
AGRADECIMENTOS..... VII

1.INTRODUÇÃO..... 1
1.1 ENQUADRAMENTO E MOTIVAÇÕES..... 2
1.2 OBJETIVOS..... 3
1.3 METODOLOGIA..... 4
1.4 ESTRUTURA..... 6

2. O TERRITÓRIO..... 9
2.1 ENQUADRAMENTO URBANO..... 11
2.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E DEMOGRÁFICO..... 12
2.3 LUGAR E VIVÊNCIAS..... 16
2.4 VALÊNCIAS E NECESSIDADES..... 18
2.5 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO ATUAL..... 20

3. O OBJETO..... 23
3.1 PATRIMÓNIO CONVENTUAL..... 25
3.1.1 Organização do Espaço Conventual..... 25
3.2 CONVENTO DA BOA-HORA..... 27
3.2.1 Origem e Evolução..... 28
3.2.2. Situação Presente (2021) 30
3.2.2.1 Caracterização Espacial..... 31
3.2.2.2 Identificação de Valores..... 32
3.2.3. Conclusão..... 39

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 41
4.1 PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO..... 42
4.1.1 Evolução do Conceito de Reabilitação..... 42
4.1.2 Clarificação dos Critérios Interventivos..... 46

4.2 CONCEITOS RELATIVOS À REQUALIFICAÇÃO URBANA E ARQUITETÓNICA..... 48
4.2.1 Permeabilidade..... 48
4.2.2 Noções de átrio e pátio..... 49
4.2.3 Refuncionalização..... 50

5. CASOS DE ESTUDO..... 53
5.1 RECONVERSÃO CONVENTO DE ST. Mª do BOURO..... 54
5.2 RECONVERSÃO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO..... 56
5.3 IDEA STORE, WHITECHAPEL..... 58
5.4 REABILITAÇÃO DO CASTELVECCHIO DE VERONA..... 60

6. PROPOSTA..... 63
6.1 PREMISSAS..... 64
6.2 PROGRAMA..... 66
6.2.1 Programa como Ato de Projeto..... 66
6.2.2 O novo uso..... 67

6.3 PROPOSTA URBANA..... 74
6.3.1 Escala da Cidade..... 76
6.3.2 Escala da Cerca..... 78
6.3.2.1 Requalificação do Edifício de 1970..... 80

6.4 PROPOSTA ARQUITETÓNICA..... 84
6.4.1 Diálogo com a Preexistência..... 84
6.4.2 Atuar perante a Demolição..... 87
6.4.3 Sistemas de Transição..... 90
6.4.3.1 Sistema Distributivo..... 90
6.4.3.2 Átrios como dispositivos de transição.... 92
6.4.3.3 Corredores (de circulação)..... 96
6.4.3.4 Galeria Exterior..... 97
6.4.3.5 Habitar o limiar..... 98
6.4.3.6 Comunicações verticais..... 100
6.4.4 Ambientes..... 102
6.4.4.1 Átrios..... 103
6.4.4.2 Corredores..... 106
6.4.4.3 Compartimentos..... 108
6.4.4.4 Espaço Singular..... 109

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 113

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 117

ANEXOS
Anexo I. Cartografia Histórica
Anexo II. Levantamento Fotográfico Histórico
Anexo III. Enquadramento Urbano
Anexo IV. Levantamento Fotográfico do Existente
Anexo V. Plantas Históricas e Sobreposição
Anexo VI. Evolução Cronológica
Anexo VII. Análise de Espaços Interiores
Anexo VIII. Teoria de Valor
Anexo IX. Análise de Usos da Envolvente
Anexo X. Análise de Casos de Estudo
Anexo XI. Maquetes
Anexo XII. Ambientes
Anexo XIII. Materialidades
Anexo XIV. Processo
Anexo XV. Peças Desenhadas

Índice De Figuras

Exceto quando indicado em contrário, todos os registos fotográficos foram realizados pela autora.

2. O Território

Fig. 2.1 Freguesia da Ajuda, vista do Rio Tejo
Dezembro 2021

Fig. 2.2 Freguesia da Ajuda, vista do Convento da Boa-Hora
Dezembro 2021

Fig. 2.3 Freguesia da Ajuda, mapa parcial de Lisboa.

Fig. 2.4 Palácio Nacional da Ajuda
DGPC
Consultado em 10.09.2021

Fig. 2.5 Torre do Galo, 2018
In https://lisboamonumentos.webnode.pt/products/torre-do-galo/
Consultado em 10.09.2021

Fig. 2.6 Igreja da Memória, 2013
In http://lisboahojeeontem.blogspot.com/2013/10/igreja-da-memoria-chafariz-do-largo-da.html
Consultado em 10.09.2021

Fig. 2.7 Igreja e Convento da Boa Hora, 2021

Fig. 2.8 Real Barraca no cimo da colina da Ajuda, numa vista panorâmica de Lisboa desenhada em 1763.
In Biblioteca Nacional de Portugal

Fig. 2.9 Mapa com Edifícios Singulares

Fig. 2.10 Mapa das pedreiras do vale do Rio Seco
In "Pedreiras de Lisboa", PINTO, 2005

Fig. 2.11 Vale do Rio Seco e Convento da Boa Hora
Imagem Aérea Google Earth, 10.09.2021

Fig. 2.12 Um instantâneo da População da Ajuda
In https://magg.sapo.pt/atualidade/atualidade-nacional/artigos/ajuda-quem-sao-os-moradores-deste-bairro
Consultado a 10.09.2021

Fig. 2.13 Antigo chafariz da Boa-Hora, 1966
In CML, Arquivo Municipal Fotográfico

Fig. 2.14 Escala Urbana

Fig. 2.15 “A multidão à porta do Hospital de Belém”, 1929
Fotógrafo: não identificado In Arquivo do Jornal O Século

Fig. 2.16 Tabela de Valências da Freguesia da Ajuda

Fig. 2.17 Associações Locais, Freguesia da Ajuda.

Fig. 2.18 Edifício devoluto, Largo da Boa-Hora.

3. O Objeto

Fig. 3.1 Convento da Boa Hora, Ajuda.

Fig. 3.2 Igreja e Convento da Boa Hora, 1943
In CML, Arquivo Municipal Fotográfico

Fig. 3.3 “Esboço da planta do Convento da Boa Hora, em que se acha Estabelecido o “Hospital Regimental de Infanteria nº 1”, 1852.
In Rede Biblioteca Defesa Nacional
http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=286938&img=65115
Consultado a 10.03.2021

Fig. 3.4 “Planta Geral do Hospital Militar de Belém”, 1934
In Rede Biblioteca Defesa Nacional
http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=286996&img=65166

Fig. 3.5 Igreja e Convento da Boa Hora, Ajuda, 2021

Fig. 3.6 Tabela Resumo, Caracterização Espacial.

Fig. 3.7 Modelo da tabela de Riegl e Brand.
Tradução da Autora.

Fig. 3.8 Esquema de Camadas com envelhecimentos distintos. (Brand, 1994).

Fig. 3.9 Tabela de Análise Convento da Boa Hora, baseada na tabela de Riegl e Brand
Autora e Carolina Barreira

Fig. 3.10 Esquema de demonstração da Ordem, Convento da Boa-Hora, piso 1.
Junho 2021

Fig. 3.11 Parede de frontal, Ala Sul, piso 2.
Outubro 2019

Fig. 3.12 Compartimento Ala Este.
Outubro 2019

Fig. 3.13 Asnas de madeira, cobertura Ala Norte.
Dezembro 2021

Fig. 3.14 Azulejos e Arco, Escada Ala Sul.
Outubro 2019

Fig. 3.15 Porta de madeira com cantaria de pedra, Ala Este.
Outubro 2019

4. Fundamentação Teórica

Fig. 4.1 Exemplo de Permeabilidade, física e visual em contexto urbano.
In “Paisagem Urbana”, Gordon Cullen, 1971.

Fig. 4.2 “Ver e ser visto”
Ilustração da Autora.

Fig. 4.3 Fuzileiros navais dos EUA ocupando o palácio presidencial iraquiano, 2003
In “*Rehabitar 1*”, Xavier Monteys, 2010.

5. Casos de Estudo

Fig. 5.1 Pátio das Laranjeiras - Convento de Santa Maria do Bouro
Fotografia Luis Ferreira Alves
In https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira
Consultado a 20.10.2021

Fig. 5.2 Corredor - Convento de Santa Maria do Bouro
Fotografia de Luís Ferreira Alves
In Idem

Fig. 5.3 Transição - Convento de Santa Maria do Bouro
Autora

Fig. 5.4 Vista frontal - Museu Abade Pedrosa
Fotografia de João Morgado
In https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura?ad_source=search&ad_medium=projects_tab
Consultado a 20.10.2021

Fig. 5.5 Corredor - Museu Abade Pedrosa
Fotografia de João Morgado
In Idem

Fig. 5.6 Átrio de Entrada para Museus
Fotografia de João Morgado
In Idem

Fig. 5.7 Planta piso 1 – diagrama de organização funcional
Autora

Fig. 5.8 Idea Store, Whitechapel
Fotografia Adjaye Associates
In https://www.adjaye.com/work/idea-store-whitechapel/

Fig. 5.9 Sala de dança - Idea Store
In "David Adjaye - Making Public Buildings - Specificity, Customization, Imbrication", Peter Allison (Ed.), Whitechapel Gallery, 2006.

Fig. 5.10 Cafetaria - Idea Store
In Idem

Fig. 5.11 Planta piso 1 - Idea Store | diagrama de organização funcional
Autora

Fig. 5.12 Pormenor Cobertura - Castelvecchio
In "Carlo Scarpa and Castelvecchio Revisited", Richard Murphy, Breakfast Mission Publishing, 2017

Fig. 5.13 Pormenor estátua de Cangrande - Castelvecchio
In Idem

Fig. 5.14 Vão Fachada Norte - Castelvecchio
Fototeca Carlo Scarpa
In https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad_medium=gallery
Consultado a 20.10.2021

6. Proposta

Fig. 6.1 Estratégia Urbana, Abertura do Pátio à cidade
Autora

6.2 Sequência de Intervenção no Edificado Existente
Autora

Fig. 6.3 Lx Factory, Lisboa.
In https://www.efe.com/efe/portugal/destacada/lx-factory-a-fabrica-de-ideias-e-experiencias-artisticas-lisboa/50000440-2628910
Setembro 2021

Fig. 6.4 SESC Pompeia.
In https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi
Consultado a 10.09.2021

Fig. 6.5 Esquema Axonométrico da Proposta Programática, Escala Urbana.
Autora

Fig. 6.6 Plantas com Proposta Programática, Convento da Boa-Hora.
Autora

Fig. 6.7 Proposta Urbana (1:5000) assinalando as principais vias da Freguesia da Ajuda e incorporando o complexo do Convento da Boa-Hora como lugar de encontro.
Autora

Fig. 6.8 Proposta Urbana (1:500) assinalando os principais percursos pedonais na proposta e sua envolvente próxima (por questões de leitura de conjunto, este é um desenho híbrido, combinando representações às cotas 55.0, 51.0 e 46.0)
Autora

Fig. 6.9 Esquema de intenções urbanas (A)
Autora

Fig. 6.10 Esquema de intenções urbanas (B)
Autora

Fig. 6.11 Esquema de intenções urbanas (C)
Autora

Fig. 6.12 Travessa do Guarda Jóias, Fotografia da Maquete
Autora

Fig. 6.13 Ligação Travessa Nova de Dom Vasco, atualmente sem saída, ao piso 1 do Edifício de 1970. Fotografia da Maquete
Autora

Fig. 6.14 Ligação da plataforma 51.0 ao segundo piso do Convento, a Norte. Fotografia da Maquete
Autora

Fig. 6.15 Maquete Convento da Boa-Hora, Escala 1:200
Autora

Fig. 6.16 Edifício dos Anos 1970, Imagem Aérea
Google Earth

Fig. 6.17 Átrio de Entrada, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.
Autora

Fig. 6.18 Interior do Quarteirão, variação de luminosidade, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.
Autora

Fig. 6.19 Corte Transversal, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.
© formaurbis lab, desenho produzido por João Silva Leite, no âmbito de uma investigação de pós-doutoramento, financiado pela FCT ref. SFRH/BPD/115838/2016, e do projecto de investigação “Tipologia Edificada: Inventário Morfológico da Cidade Portuguesa”, igualmente financiado pela FCT: PTDC/ARTGDAQ/30110/2017

Fig. 6.20 Edifício dos Departamentos de Física e Química da Universidade de Coimbra.
Autora

Fig. 6.21 Edifício dos Anos 70, revelando o enquadramento da vista para Sul através do pórtico estrutural.
Autora

Fig. 6.22 Corte Transversal Edifícios dos Departamentos de Física e Química da Universidade de Coimbra.
In https://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings/fisica_quimica
Consultado a 20.05.2021

Fig. 6.23 Corte Transversal Edifício dos anos 70 e Edifício do Pavilhão Desportivo, proposta.
Autora

Fig. 6.24 Átrio do novo volume, Liceu Passos Manuel.
In https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/liceu-passos-manuel/
Consultado a 10.09.2021

Fig. 6.25 Relação entre edifício existente e novo, Convento de São Francisco, Coimbra.
Autora

Fig. 6.26 Proposta volumétrica para o novo edifício
Autora

Fig. 6.27 Reservatório de água, Planta Geral do Hospital Militar de Belém, 1934.
In Rede Biblioteca Defesa Nacional
http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=286996&img=65166
Consultado a 20.03.2021

Fig. 6.28 Esquema de Recolocação da Bica da Travessa Nova de Dom Vasco e Espaço de Água proposto.
Autora

Fig. 6.29 Espaço de Água Jardim da Praça do Império, Belém.

Fig. 6.30 Recolocação dos Arcos, Átrio Sul.
Autora

Fig. 6.31 Remate metálico, topo da Ala Norte.
Autora

Fig. 6.32 Perspetiva Proposta para Ala Norte.
Autora

Fig. 6.33 Corte Ala Norte de Vermelhos e Amarelos
Autora

Fig. 6.34 Planta de Vermelhos e Amarelos (Piso 1 | cota 46.15)
Idem

Fig. 6.35 Sistema Distributivo, Planta piso 1.
Autora

Fig. 6.36 Sistema Distributivo, Planta piso 2.
Idem

Fig. 6. 37 Gravura Igreja e Convento da Boa-Hora, 1833.
In PEREIRA, Luís Gonzaga, "*Monumentos Sacros*", 1927

Fig. 6.38 Planta piso 1 Hospital Militar, 1895.
In Biblioteca do Exército Português

Fig. 6.39 Ligação do Convento à cota 51.0, Planta de 1934.
In Resenha Histórica do Hospital Militar de Belém
BNP S.C. 73362 V. Resenha Histórica HMB 1995 GOMES, A; ALFARROBA, E.

Fig. 6.40 Cortes Esquemáticos, Átrio Sul, Este e Norte
Autora

Fig. 6.41 Planta piso térreo Villa Mairea.
In https://www.archdaily.com.br/br/01-170811/classicos-da-arquitetura-villa-mairea-slash-alvar-aalto
Consultado a 15.12.2021

Fig. 6.42 Proposta de Criação de Gradis Metálicos
Autora

Fig. 6. 43 Pórtico, Muralhas de Monsaraz.
FAUL, PRAXIS - Pedro Pacheco e José Aguiar
In https://www.fa.ulisboa.pt/index.php/pt/component/sppagebuilder/148-conferencias-praxis-2021
Consultado a 14.10.2021

Fig. 6.44 Pórtico, Muralhas de Monsaraz.
Idem

Fig. 6.45 Corredor de Circulação, Ala Este, piso 1
Autora

Fig. 6.46 Galeria Exterior.
Autora

Fig. 6.47 Galeria Exterior, Planta de 1997 piso 1.
In Biblioteca do Exército Português

Fig. 6.48 Galeria Exterior, Ala Este
Autora

Fig. 6.49 Nicho de estadia, Átrio Este
Idem

Fig. 6.50 Nicho de Estadia do Átrio Este, assinalado em planta (piso 1)
Autora

Fig. 6.51 Átrio Interior Edifício Sede da Gulbenkian.
In https://gulbenkian.pt
Consultado a 10.04.2021

Fig. 6.52 Esquisso com exploração de relações visuais (Átrios).
Autora

Fig. 6.53 Escadas Ala Norte, planta e corte.
Autora

Fig. 6.54 Fachada Sul Igreja e Convento da Boa-Hora, 2021.
Autora

Fig. 6.55 Corte Perspetivado do Ambiente, Átrio Sul, Este e Norte.
Autora

Fig. 6.56 Corredor de Circulação, Ala Este, piso 1 (Existente)
2019

Fig. 6.57 Corredor do Museu Ordem de São João de Deus, 2009, Inês Lobo.
In https://www.ilobo.pt/Telhal.html
Consultado a 05.12.2012

Fig. 6.58 Corredor de Circulação, Ala Este, piso 1
Autora

Fig. 6.59 Corredor de Circulação, esquisso de estudo para luz artificial.
Autora

Fig. 6.60 Corte Perspetivado do Ambiente Compartimento tipo
Autora

Fig. 6.61 Perspetiva do Auditório – vista sobre o palco.
Autora

Fig. 6.62 Corte Perspetivado do Ambiente, Auditório
Autora

1. INTRODUÇÃO

1.1 ENQUADRAMENTO E MOTIVAÇÕES

O presente documento consiste no relatório de um Projeto Final de Mestrado (PFM), desenvolvido entre janeiro de 2021 e janeiro de 2022.

A escolha do local de intervenção, a Freguesia da Ajuda com enfoque no Convento da Boa-Hora, partiu do conhecimento prévio e trabalho desenvolvido no 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado, no ano 2019/2020. O desenvolvimento deste trabalho permitiu não só a experiência *in loco* do edifício, mas também a recolha de uma base desenhada do existente.

Partindo dessa base de informação, foi desenvolvida uma nova proposta de atuação perante a já conhecida preexistência, integralmente distinta, tendo sido adotados novos termos temáticos e um novo programa funcional. O conhecimento prévio possibilitou o desenvolvimento do projeto com um maior grau de profundidade, a nível do domínio e integração de temas e conhecimentos.

A Reabilitação do Convento da Boa-Hora, como mote à exploração do tema geral da Reabilitação, partiu não só das suas potencialidades espaciais e arquitetónicas, neste momento desaproveitadas, mas também pelas carências sociais e urbanas identificadas na zona de intervenção.

Foi desenvolvida uma proposta de requalificação urbana, à escala 1:500, que partiu da análise do território numa escala mais abrangente. A esta escala contemplou-se a atribuição programática para o edifício mais recente do Antigo Hospital (construído na década de 1970), sendo que apenas se aprofundaram, à escala 1:200, os dois pisos junto ao solo, por apoiarem o sistema de transições urbanas proposto.

Na segunda fase do trabalho, foi desenvolvido um Projeto Base à escala 1:200, que incluiu o edifício do Convento da Boa Hora

e também os novos volumes propostos, a Este e a Norte. De seguida, o enfoque passou para a qualificação dos espaços interiores do Convento, passando pela exploração dos seus ambientes, até à realização de desenhos de Projeto de Execução com elementos à escala 1:100, 1:50, 1:10 e menores.

1.2 OBJETIVOS

Com este estudo pretende-se articular a teorização do tema da reabilitação com o estudo prático da mesma.

Existe a intenção de reformular o programa funcional, anteriormente proposto, de modo a que este programa responda de forma mais completa às necessidades do lugar em que se insere. Esta proposta funcional deverá ser adaptável às características preexistentes, tentando assim revitalizar a identidade e unidade do local.
Posteriormente ao estudo da evolução histórica do edifício e da formulação de uma teoria de valor, pretende-se que esta intervenção siga uma atitude de honestidade e clareza, exibindo uma contemporaneidade, material e formal, que não se confunda com as preexistências.
Será importante considerar a componente histórica que este edificado carrega, sendo necessário enfatizar esse valor, para que não se perca no esquecimento.
Será pertinente responder também a questões de cariz material, sendo que será prevista uma formulação de propostas de reutilização de materiais e componentes existentes no objeto de estudo (asnas e arcos), pretendendo chegar assim a uma intervenção sustentável.
Por fim, considera-se relevante que uma proposta de um novo edificado adjacente ao Convento lhe possa acrescentar valor e promova também uma maior utilização do Largo da Boa-Hora por parte da comunidade.

Hipótese 1. Será possível integrar um novo uso, público, às preexistências do Convento da Boa-Hora, de forma a contribuir para a reabilitação social da zona?

Hipótese 2. De que forma se conseguirá transformar o Convento da Boa-Hora num complexo agregador de vivências humanas e num objeto permeável ao atravessamento público?

Hipótese 3. De que forma se poderá interligar o território correspondente à antiga cerca conventual (o seu espaço exterior e edificado) com o espaço público da rua?

Hipótese 4. Será possível utilizar estratégias de conservação e de reutilização material na reabilitação deste edifício?

1.3 METODOLOGIA

Este trabalho será desenvolvido através de uma metodologia tripartida.

A primeira fase de trabalho abrange a análise do lugar de intervenção. Será realizada a recolha de informação, através de dados estatísticos do INE[1] e de entidades como a CML[2], o LXi[3], o PDM[4] e a Junta de Freguesia da Ajuda. Para além destes dados, serão realizadas visitas e entrevistas a associações locais com impacto na população local, de forma a clarificar as maiores carências, a nível espacial, urbano e funcional. Finalizando esta recolha, a informação será analisada e sistematizada em tabelas de fácil leitura.
Esta fase inclui ainda a preparação de toda a base desenhada e a recolha de cartografia e registos históricos.

[1] Instituto Nacional de Estatística
[2] Câmara Municipal de Lisboa
[3] Site Lisboa Interativa
[4] Plano Diretor Municipal (de Lisboa)

A observação direta do objeto possibilitará a recolha de registo fotográfico atual.

A segunda fase consiste numa revisão de bibliografia sobre os conceitos de atuação no património e sobre os conceitos propostos pelo presente trabalho. Este estudo apoia-se na leitura de livros, artigos, dissertações, regulamentação aplicável ao projeto e outros documentos, estendendo-se a casos de referência que se apresentem úteis à clarificação destes temas. O estudo destes casos abrange questões programáticas, arquitetónicas, urbanas e de diálogo entre novo e existente.

Por último, a terceira fase, corresponde ao desenvolvimento do projeto. Partindo do conhecimento teórico e do conhecimento apoiado nos casos de estudo, os conceitos serão transpostos para decisões projetuais.
De forma a fundamentar essas decisões, será incluída a realização de uma teria de valor, com base na evolução histórica do edifício.
A definição e organização funcional, como ato projetual, abrangerá o conhecimento prévio sobre as carências locais e terá em conta a capacidade de adaptação deste edifício aos usos propostos. Serão analisadas, de forma analítica, as características dimensionais dos espaços interiores e o sistema distributivo existente.
O toque do novo com o existente partirá de várias propostas, a diversas escalas, possibilitando nesta fase um pensamento crítico sobre o grau de atuação.

1.4 ESTRUTURA

O presente documento divide-se em 7 capítulos.

O capítulo 1 corresponde à Introdução.

O capítulo 2, O Território, trata os temas relativos ao lugar de intervenção, sendo apresentada a contextualização histórica, morfológica e demográfica.

O capítulo 3, O Objeto, apresenta primeiramente a tipologia conventual, focando-se posteriormente no Convento da Boa-Hora à Ajuda, passando pela evolução histórica e caracterização atual.

O capítulo 4, Fundamentação Teórica, apresenta os conceitos teóricos que alicerçam a intervenção.

O capítulo 5, Casos de Estudo, apresenta o estudo de 4 obras que se demostraram pertinentes ao desenvolvimento do projeto, considerando as necessidades e prioridades elencadas anteriormente.

O capítulo 6, A Proposta, esclarece as decisões projetuais apoiando-se em casos de referência que exemplificam essas decisões.

O capítulo 7, Considerações Finais, expõe um diálogo entre os conceitos teóricos e a aplicação prática dos mesmos, apresentando o posicionamento adotado perante os princípios interventivos, bem como reflexão critica sobre processo e produto.

O capítulo 8, Referências Bibliográficas, apresenta a bibliografia que permitiu explorar e fundamentar os conceitos e temas abordados.

2. O TERRITÓRIO



Fig. 2.1 Freguesia da Ajuda vista do Rio Tejo, Autora, 2021

A ação de requalificação de uma preexistência presume também uma ação sobre o território que a envolve. Por esta razão, é crucial a compreensão do lugar, da sua evolução histórica e respetiva caracterização morfológica, tipológica e demográfica.



Fig. 2.2 Freguesia da Ajuda vista do Convento da Boa Hora, Autora, 2021

2.1 ENQUADRAMENTO URBANO

A Freguesia da Ajuda localiza-se na zona Ocidental da cidade de Lisboa, contando com 2,88 km² de área. A Ajuda faz fronteira com as Freguesias de Alcântara, Belém e o Parque Florestal de Monsanto. Trata-se de uma vasta área em encosta, exposta sobretudo a Sul, com vistas sobre o rio Tejo e estruturada em torno de vias Norte-Sul, que permitem ascender essa encosta, sendo as principais a Calçada do Galvão, da Ajuda, da Boa Hora e o Vale do Rio Seco.

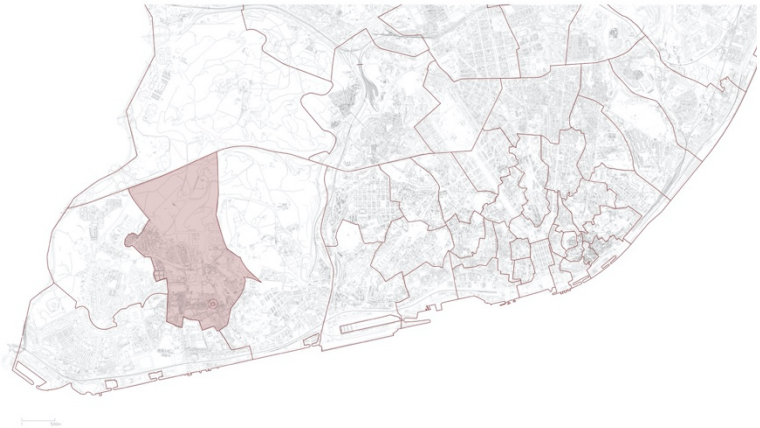


Fig. 2.3 Freguesia da Ajuda, mapa parcial de Lisboa.

Esta Freguesia acomoda um vasto património no que toca a edifícios notáveis, como o Palácio Nacional da Ajuda, a Torre do Galo, a Igreja da Memória, a Igreja e o Convento da Boa Hora, entre outros. Conta também com conjuntos mais modestos, habitacionais, mas de relevância na história do lugar e da sua ocupação, tais como o Pátio das Carvalhas, da Rita Murteira, da Graxa e do Bonfim[5].

Fig. 2.4 Palácio Nacional da Ajuda, DGPC
Fig. 2.5 Torre do Galo, 2018
Fig. 2.6 Igreja da Memória, 2013
Fig. 2.7 Igreja e Convento da Boa Hora, 2021









[5] Pátios localizados na Calçada da Ajuda, nos números 252, 262, 246, 234, respetivamente.

2.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E DEMOGRÁFICO

Historicamente, o lugar da Freguesia da Ajuda surge ligado à devoção da Nossa Senhora da Ajuda, desde o século XV. Ligado a este culto formaram-se romarias em direção ao local da aparição, no atual Alto da Ajuda, onde foi construída uma ermida.

No séc. XVI, a rainha D. Catarina[6] atrai a corte ao local e surge a necessidade de substituir a ermida por uma igreja de maiores dimensões, sendo que as restantes construções eram humildes casas, quintas, fornos e moinhos.

A fixação da nobreza produz um forte impacto na encosta da Ajuda, pela construção de quintas agrícolas e de nobres casas de campo. Foi a partir deste desenvolvimento que se fundou a Freguesia da Ajuda, em 1587.

Em 1755, a catástrofe natural não atingiu tão fortemente esta zona da cidade, devido à sua geologia (rocha sólida) e altitude acima do nível do mar. No momento "pós-Terramoto" a Ajuda beneficiou de um novo pico de desenvolvimento e aumento populacional, com a instalação da Corte e dos seus serviços de apoio. A família real é alojada numa edificação de estrutura antissísmica em madeira, a “Real Barraca”[7] (Fig.2.8), dando posteriormente lugar ao Palácio Nacional da Ajuda, em 1802.

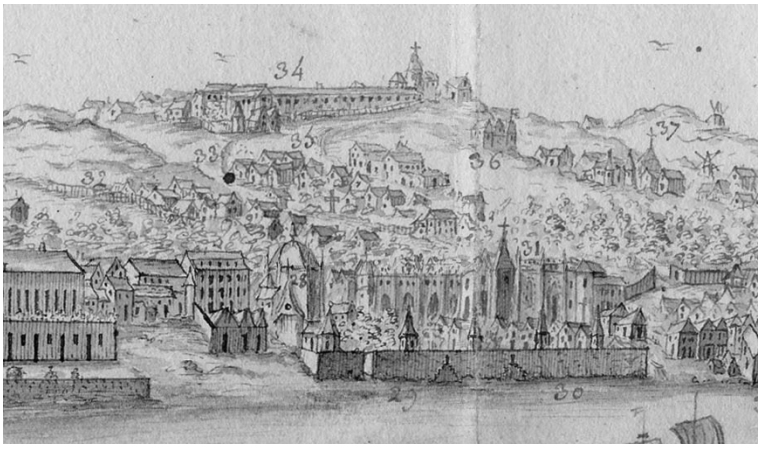


Fig. 2.8 Real Barraca no cimo da colina da Ajuda, numa vista panorâmica de Lisboa desenhada em 1763.

[6] Esposa do rei D. João III
[7] A Real Barraca e seu recheio ardem em 1794.

A presença constante da família real e o processo de construção do Palácio estimularam a construção na zona, surgindo vários edifícios de referência, como o Forte do Conde de Lippe, o Quartel da Guarda de Corpo (atualmente denominado de Quartel de Lanceiros Nº2), a Igreja e Convento da Boa Hora, entre outros.

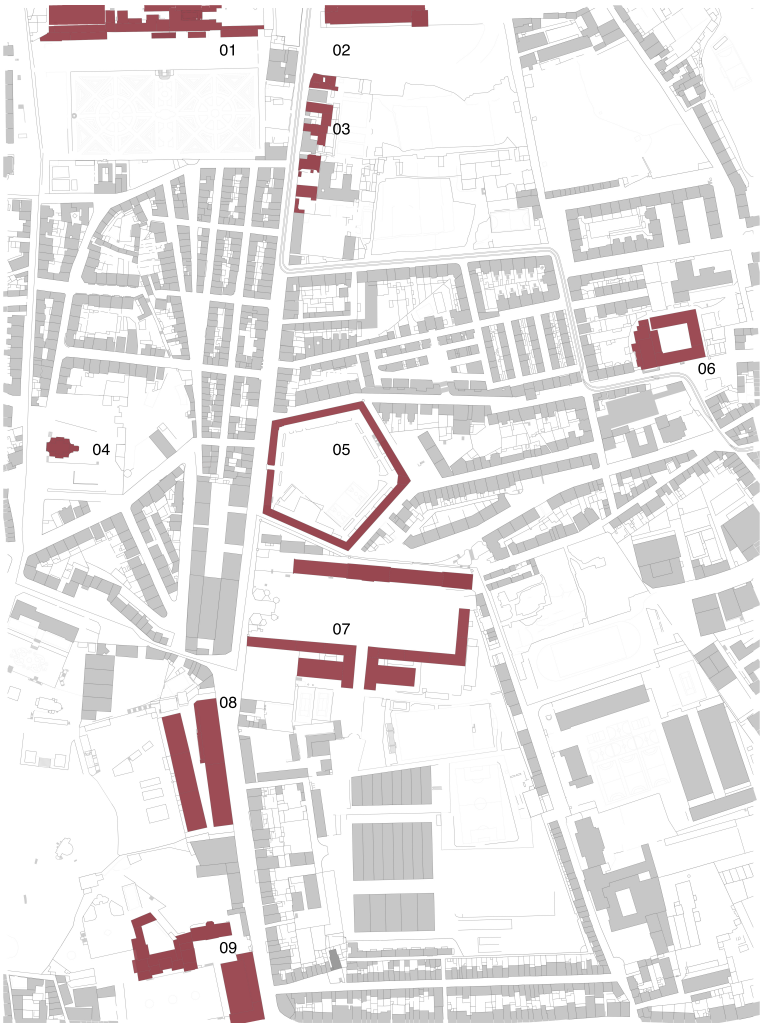


Fig. 2.9 Mapa com Edifícios Singulares

01 | Unidade de Segurança e Honras de Estado
02 | Palácio Nacional da Ajuda
03 | Pátios Históricos
04 | Igreja da Memória
05 | Quartel do Conde de Lippe
06 | Igreja e Convento da Boa-Hora
07 | Quartel de Lanceiros 2
08 | Picadeiro Henrique Calado
09 | Palácio Nacional de Belém e Picadeiro Real

A construção do Palácio da Ajuda e a reconstrução do edificado destruído pelo terramoto foram apoiadas pela exploração das formações geológicas do Vale do Rio Seco, a partir dos quatro Fornos d'El Rei[8], onde se extraía a pedra calcária, o lioz, e se produzia a Cal. Esta formação natural do Vale do Rio Seco, situado a Este do Convento da Boa-Hora, constitui um importante património natural, material e cultural, sendo um dos fatores que valorizam esta Freguesia.

[8] Subsistem atualmente, 2021, dois fornos no Vale do Rio Seco, embora desativados.

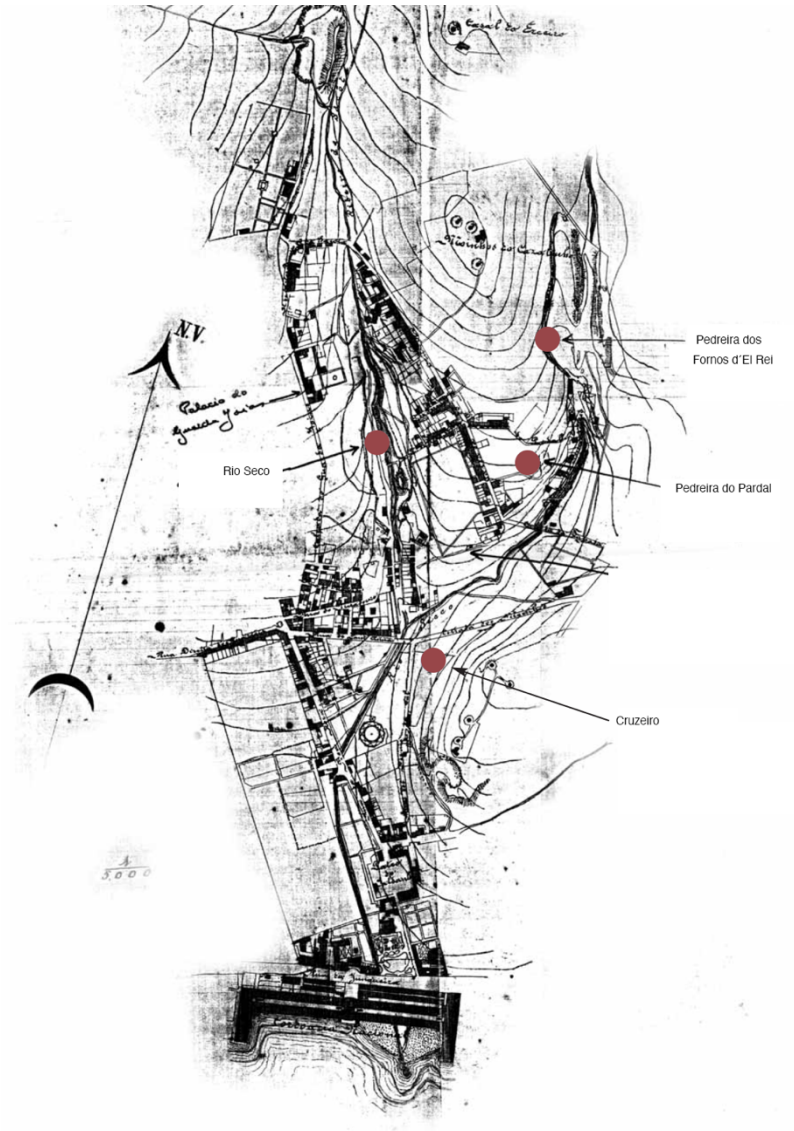


Fig. 2.10 Mapa das pedreiras do Vale do Rio Seco



Fig. 2.11 Vale do Rio Seco e Convento da Boa-Hora

Até 1950, a população cresce e desenvolvem-se o emprego, o comércio e os serviços locais. Nesta época, com a criação do Bairro Social da Ajuda, que acomodou as classes operárias, ficaram ainda mais notórias as vivências populares que se faziam sentir deste os séculos XVI e XVII neste lugar.
Nas últimas décadas do século XX, com a crescente centralização dos serviços, do comércio e dos postos de trabalho, a Ajuda sofre um decréscimo demográfico acentuado, devido às deslocações da população para as periferias, onde o preço da habitação é mais reduzido. Desde então, tem-se assistido ao agravamento do estado de degradação do edificado histórico e acentuaram-se as fragmentações urbano-sociais que isolam esta Freguesia do restante núcleo da cidade.

Analisando a **caracterização socio-demográfica** da Freguesia da Ajuda, presente no II Diagnóstico Social de Lisboa[9], de 2015-2016, são percetíveis as suas fragilidades. A população referida caracteriza-se por ser envelhecida (nos Censos de 2011, 30% da população tinha mais de 65 anos) e com problemas ao nível da instrução e abandono escolar, já que 25% dos jovens adultos (entre os 20 e 29 anos) não trabalha, nem estuda. Os Indicadores de Vulnerabilidade Social apontam para as crescentes situações de isolamento e solidão nos Idosos, falta de acompanhamento psico-social e de atividades que resolvam indisciplina e absentismo escolar nos jovens e carências económicas nas famílias. Por fim, existe também uma elevada taxa de desemprego, comparativamente às restantes Freguesias da cidade.



Fig. 2.12 Um instantâneo da População da Ajuda

[9] Estudo elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa, 2016.

2.3 LUGAR E VIVÊNCIAS

A Freguesia da Ajuda, tal como o próprio nome indica, tem na sua génese valores sociais de entreajuda, de cooperação e espírito de união entre a comunidade. A origem destes valores encontra-se relacionada não só com a dualidade social e económica entre o povo e a nobreza que ali residiram, mas também com o facto de existirem, neste lugar, dispositivos arquitetónicos que fomentam esse tipo de relações. Estes dispositivos, que me proponho a estudar, têm a capacidade de proporcionar lugares de encontro, de lazer e de convívio, promovendo relações interpessoais.

Um destes dispositivos é o "chafariz", existente tanto no Largo da Boa-Hora (Fig. 2.13), como no Largo da Paz e no Rio Seco. Este elemento arquitetónico funcionava como ponto de água potável e, inevitavelmente, como lugar de socialização popular e lides domésticas. A aproximação social que estes lugares promovem é extremamente importante no que toca à partilha de saberes populares, fazendo esses parte do património cultural, e imaterial, que se pretende que seja preservado.

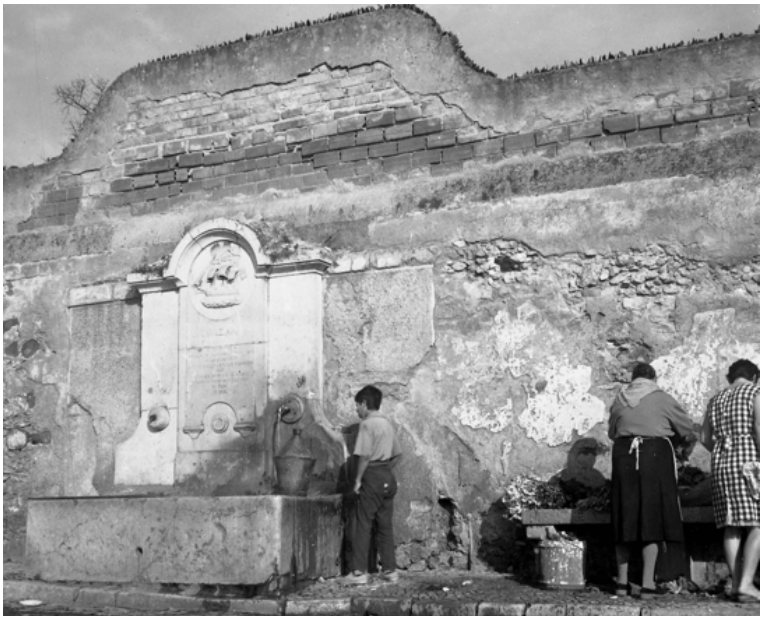


Fig. 2.13 Antigo chafariz da Boa-Hora, hoje na Rua Nova do Calhariz.



Fig. 2.14 Escala Urbana, Autora, 2021

Outro factor que contribui para as relações de vizinhança, isto é, relações de familiaridade entre as pessoas que coabitam o mesmo lugar, é o facto de o edificado histórico existente conter uma escala humana e desenhar um espaço público onde é possível "ver e ser visto"[10]. As ruas de passeios estreitos, os pátios rodeados por janelas domésticas e a proximidade dos equipamentos ao restante edificado, promovem uma multiplicidade de vivências e de relações (Fig. 2.14).

Os vazios no tecido urbano, como é o caso do **Largo da Boa-Hora**[11] (Fig. 2.15), correspondem também a momentos de confluência e encontro, sendo ativados pelos usos dos edifícios que os delimitam[12].



Fig. 2.15 "A multidão à porta do Hospital de Belém", 1929

A cidade contemporânea, dada a sua escala e sobrevalorização do movimento rodoviário, tem perdido essas importantes relações pessoais, provocando uma perda de qualidade de vida, individual e coletiva, da população. Assim sendo, a manutenção deste cariz de vizinhança, característico de aldeias, vilas e "bairros", continua a ser um objetivo para este lugar.

[10] "Life Between Buildings", Jan Gehl, 2011.
[11] Lugar onde se insere o Convento da Boa-Hora.
[12] No Largo da Boa Hora, para além da Igreja e Convento homólogos, existe um mercado e uma unidade de Saúde Familiar, em construção (Anexo IX – Página 8). O programa "Uma Praça em cada Bairro" (Anexo IX – página 7) incluiu a requalificação do espaço público (pavimentos, vegetação, mobiliário urbano e estacionamento) e a construção, em 2019, de um parque infantil.

2.4 VALÊNCIAS E NECESSIDADES

De modo a tomar uma decisão projetual relativa ao conteúdo programático desta proposta, foi realizada uma pesquisa sobre as valências, equipamentos e serviços já disponíveis na Freguesia.

A tabela apresentada de seguida (Fig. 2.16) esquematiza as valências existentes.

Saúde		
Farmácias	5	Calçada da Ajuda, Rua dos Quarteis, Tv. Da Memória, Rua do Cruzeiro, Calçada Boa Hora.
Centros de Saúde	2	Centro de Saúde Tv. Florindas e o novo Centro Clínico
Hospitais	2	Hospital Egas Moniz e São Francisco Xavier
Educação		
Pré Escolar	3	Jardim de Infância Alexandre Rodrigo Ferreira e a Escola Voz do Operário
Ensino Básico e Secundário	4	EB Homero Serpa, EB Professor Manuel Sérgio e EB Alexandre Herculano e o Colégio Nuno Álvares Pereira
Ensino Superior	4	Faculdade de Arquitetura, a Faculdade de Medicina Veterinária, o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa)
Apoio Educativo	7	Associação de Proteção à Infância da Ajuda, Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Ajuda, Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco, Academia de Música de Lisboa, Restart (Instituto de Criatividade, Artes e Novas Tecnologias), Academia da Juventude, Casa da Cultura e do Bem-Estar e Universidade Sénior
Apoio Social	3	Associação de Atividade Sociais do Bairro 2 Maio, Casa Azul (Lar da Boa Hora) e Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Ajuda (lar, centro de dia e apoio domiciliário).
Área Recreativa	3	Academia Recreativa da Ajuda, o Centro Popular de Trabalhadores do Alto da Ajuda e Grupo de Escuteiros da Ajuda (Agrupamento 485).

Fig. 2.16 Tabela de Valências da Freguesia da Ajuda

Estando a Freguesia provida de valências a todas as áreas, é importante atender que cada um dos espaços apontados acima tem condições físicas e estados de conservação diferentes, e nem todos se apresentam capazes de satisfazer as funções que deveriam cumprir.

A área que se verificou menos apta a satisfazer as necessidades foi a área cultural e desportiva, pois apesar de existir um vasto número de associações e grupos recreativos (Fig. 2.16 e 2.17), as condições físicas e espaciais que esses grupos beneficiam são insuficientes. Esta insuficiência prende-se não só com falta de espaços adaptados às atividades promovidas, mas também

pela futura demolição de alguns dos espaços existentes, como é o caso do edifício da Academia Recreativa da Ajuda[13].

O presente projeto pretenderá então a resolução desta maior carência, implementando um programa funcional ligado à população e respondendo às atuais exigências sociais, culturais e desportivas. Através do diálogo com as diversas instituições (Tabela resumo, Anexo IX – Página 6) foi possível identificar a falta de espaços exteriores de estadia e lazer, de espaços para apresentações e salas para reuniões e atividades em grupo.

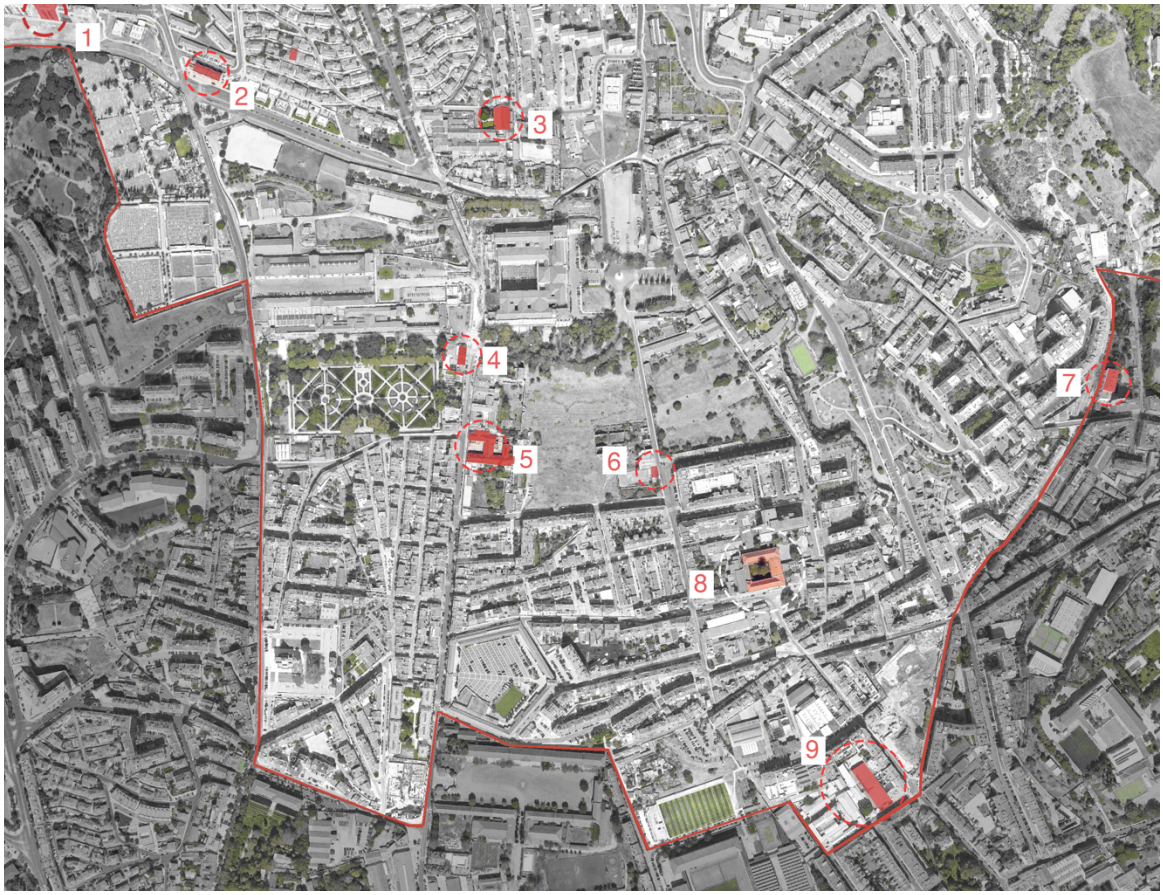


Fig. 2.17 Associações Locais, Freguesia da Ajuda.

1 | Academia de Música de Lisboa
2 | Academia da Juventude e Universidade Sénior
3 | Associação de Ativ. Sociais Bairro 2 de Maio
4 | Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Ajuda
5 | Casa da Cultura e do Bem Estar
6 | Academia Recreativa da Ajuda
7 | Centro Cultural e Recreativo das Crianças Do Cruzeiro e Rio Seco
8 | Convento da Boa Hora
9 | RESTART

[13] Com a implementação do Plano da Unidade de Execução da Ajuda, projeto desenvolvido por Gonçalo Byrne 2020 (Anexo IX – Página 9).

2.5 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO ATUAL

"O bairro da Ajuda não constitui uma excepção ao abrigo das dinâmicas de transformação contemporâneas (...) verifica-se a emergência de uma nova urbanidade globalizada, (...) socialmente exclusiva, que se opõe à sobrevivência das populações autóctones e aos modos de vida permanentes ou tradicionais" [14]

A citação expõe a problemática da gentrificação que afeta tanto a cidade como a freguesia em estudo. Aliando esta problemática de perda de população local, ao desaparecimento de tradições, relações de vizinhança e comércio tradicional, é de realçar a importância da formulação de uma proposta que abrace a coesão social e estimule a manutenção destes valores.

Um outro aspeto relativo à arquitetura deste lugar, é o facto de muitos dos edifícios, pelas suas condições precárias e escalas diminutas, não serem melhorados e muitos deles permanecerem devolutos e degradados. Esta falta de investimento e abandono do edificado mais tradicional, provoca um empobrecimento na qualidade da vida urbana e na imagem que passa para a cidade.

A Ajuda é atualmente um lugar de passagem e não um local de eleição para a permanência, apesar das grandes qualidades de sistemas de vistas, localização, orientação solar e riqueza histórica e patrimonial. Para colmatar estes problemas urbanos, será necessário "repensar a Cidade e a Freguesia", privilegiando os residentes. Isto passará por estratégias políticas, já presentes no atual PDM[15] que pretende "*inverter a tendência de diminuição da população de Lisboa, criando condições para atrair mais habitantes"*. Será também necessário o desenvolvimento de mais equipamentos coletivos (culturais, desportivos e sociais), mais estacionamento para os residentes e mais transportes públicos. Para além disso, *"a requalificação do espaço público em articulação com a mobilidade e a regeneração urbana"* será posta em primazia, assim como a reabilitação em detrimento da construção nova.



Fig. 2.18 Edifício devoluto, Largo da Boa Hora, Autora, 2021.

[14] Jornal O Corvo, 2018.
[15] Regulamento do Plano Diretor Municipal de Lisboa

3. O OBJETO

Neste capítulo será apresentado o objeto em estudo, o Antigo Convento da Boa-Hora à Ajuda.

Partiremos de uma breve apresentação da tipologia conventual, passando de seguida a uma descrição da evolução histórica do edifício, passando pelas transformações a que foi sujeito.

Por fim será apresentado o estado atual do edifício, através de uma descrição espacial e de uma avaliação dos valores inerentes aos elementos arquitetónicos que o compõe.



Fig. 3.1 Convento da Boa-Hora visto do Edifício de 1970, Autora, 2021.

3.1 PATRIMÓNIO CONVENTUAL

O Património Conventual faz referência ao testemunho da herança tipológica que se relaciona com uma específica contextualização histórica, religiosa e social.

"Derivado do latim "conventos" parece ter as suas origens etimológicas no Império Romano (...) Porém, foi no seculo II com a religião cristã e o conceito então vigente de "melhor servir e amar a Deus", que os "conventos" chegaram até nós, como locais de solidão, privilegiados para os homens se retirarem do Mundo, e enveredarem pela vivência ascética." [16]

3.1.1 Organização do Espaço Conventual

O conhecimento sobre a tipologia conventual torna-se imprescindível na componente prática deste trabalho, ao guiar as decisões projetuais, no sentido de se propor a reposição ou reinterpretação de situações típicas destes edifícios. Para além disso, a compreensão tipológica proporciona um maior rigor na leitura do existente. Desta forma, será mais clara a distinção entre as componentes originais e os acrescentos ou alterações posteriores, que poderão não ter o mesmo valor ou mesmo ser considerados espúrios, sendo possível a proposta da demolição dos mesmos.

Tipologicamente, os Conventos apresentam-se circunscritos por uma cerca conventual que os separa do espaço público, determinando assim um limite regular e austero entre o universo mundano e o profano. Este limite, como dispositivo arquitetónico, é gerador de uma separação física e simbólica que promovia, aos atuantes da vida conventual, uma contenção íntima onde eram possíveis a meditação e a oração. Dentro desta cerca, o espaço era organizado em zonas verdes, compostas por hortas, pomares e jardins de contemplação.

[16] "*Os Conventos de Lisboa*", Baltazar Matos Caeiro, 1988

Assim eram garantidas a autossuficiência e a relação espiritual com os elementos vegetais, que a partir das suas cores, texturas e aromas, proporcionavam ambientes intimistas e sensoriais.
O elemento limítrofe da cerca, materializado por um muro, por um lado, motivou o desenvolvimento das cidades em seu redor, e por outro, acabou por fragmentar o tecido urbano, por constituir-se como uma barreira intransponível. Esta quebra urbana é atualmente verificável na cerca do Convento da Boa-Hora.

A tipologia conventual, em primeira instância, é materializada por uma volumetria que se fecha ao exterior e olha para um pátio interior. Este pátio, destinado a espaço verde, de estadia ou de contemplação, é normalmente delimitado por um claustro que desenha uma planta quadrangular. O claustro é habitualmente constituído por arcadas dispostas em duplo piso, assentes em colunas ou pilares, e, funcionalmente, correspondia a uma zona de circulação exterior coberta por onde se acede às diversas dependências do Convento (a portaria, a casa do capítulo, o refeitório, a cozinha, casa do lavabo, despensa, adega, rouparia, enfermaria, biblioteca e a ala dos dormitórios) [17].

Já no seu interior, a tipologia conventual é caracterizada pela existência de circulações em corredor abobadado, que fazem comunicar sucessões de pequenos espaços virados para a fachada exterior ou para o pátio central. Estas circulações eram normalmente comunicantes entre as várias alas dos Conventos, nos diversos pisos, comunicando também com o claustro.

[17] "O Lugar Conventual Como Memória Arquitetónica", Mónica Bajanca, 2014

3.2 CONVENTO DA BOA-HORA



Fig. 3.2 Igreja e Convento da Boa-Hora, Ajuda, 1943

3.2.1 Origem e Evolução

O complexo formado pelo Convento e Igreja da Boa-Hora foi construído entre 1758 e 1769. Este conjunto pertenceu à Ordem dos Agostinhos Descalços e sucedeu a um antigo convento localizado no centro de Lisboa, que fora destruído pelo terramoto de 1755.

Em 1834 ocorre a extinção das ordens religiosas e sucede-se uma fragmentação deste complexo. A igreja da Boa-Hora é entregue à Paroquia da Freguesia da Ajuda e o Convento passa a ser de domínio Militar [18].

Em 1890, o convento é transformado em Hospital Regimental de Infantaria nº1[19], sendo alvo de obras de adaptação para acolher este novo uso. A figura 3.3 apresenta uma planta histórica onde é possível observar parte das alterações produzidas, nomeadamente a construção de um piso adicional sobre a Ala Norte (que tinha apenas um piso térreo).

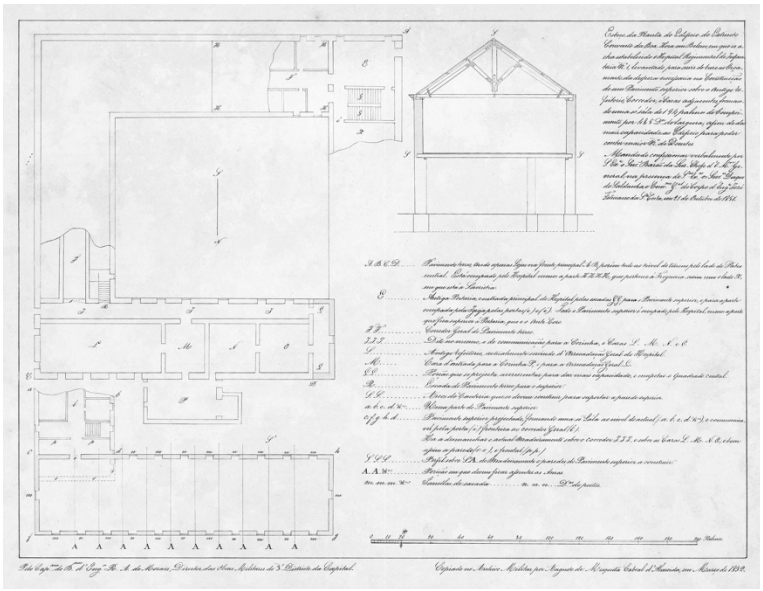


Fig. 3.3 “Esboço da planta do Convento da Boa Hora, em que se acha Estabelecido o Hospital Regimental de Infanteria nº 1”, 1852, Rede Biblioteca Defesa Nacional.

[18] Informação disponibilizada pelo SIPA.
[19] Informação disponibilizada pelo LX Conventos.

Em 1911 são construídos novos edificados de apoio hospitalar, na zona norte e nascente da cerca conventual (assinalados a vermelho na Fig. 3.4), sendo que, em 1972, estes edifícios são substituídos por um novo bloco, construído em betão armado.
O Convento, denominado nesta época de Hospital Militar de Belém, sofre profundas intervenções. A mais evidente foi a construção de um terceiro piso na Ala Norte, em betão armado, que provocou graves problemas estruturais e alterou a sua volumetria.

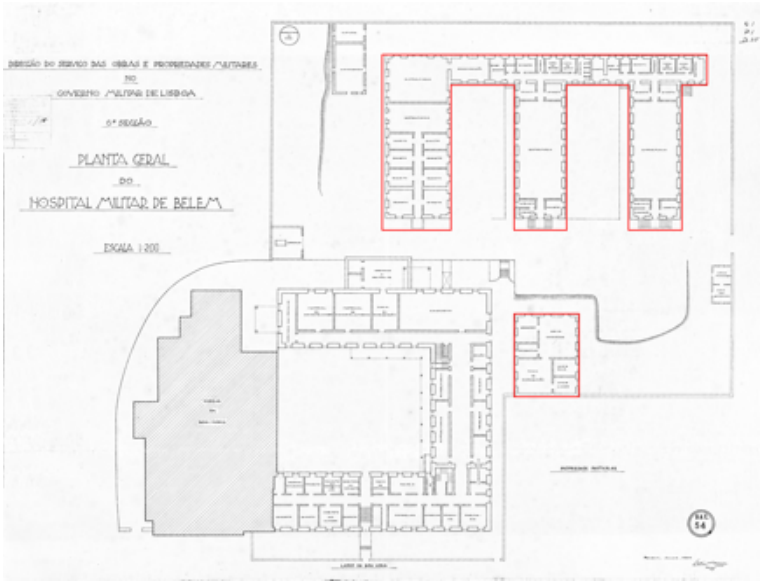


Fig. 3.4 “Planta Geral do Hospital Militar de Belém”, 1934.

Em 2012, o Convento perde as suas funções hospitalares, permanecendo desativado desde então. Em 2013, os edifícios da Igreja e Convento foram classificados como Monumentos de Interesse Público, segundo a DGPC.

Em 2020, com a chegada da Pandemia COVID-19, o bloco dos anos 1970 é reativado como Hospital de apoio.

De forma a clarificar as sucessivas alterações a que o Convento da Boa-Hora foi sujeito, foi realizada uma “Tabela de Evolução”, presente no Anexo. Esta tabela apoia-se em plantas históricas de 1852, 1895, 1934, 1997 e plantas atualizadas no ano de 2019[20].

[20] Bases desenhadas pelo Prof. Doutor António Lobato dos Santos, em 2019.

3.2.2. Situação Presente (2021)

Atualmente, no ano de 2021, o Convento da Boa-Hora apresenta marcas da passagem do tempo e feridas derivadas das suas numerosas intervenções e alterações programáticas.



Fig. 3.5 Igreja e Convento da Boa-Hora, Ajuda, 2021.

3.2.2.1 Caracterização Espacial

Para melhor analisar a natureza dos espaços que compõe o Convento da Boa-Hora, no estado atual, foram desenvolvidos esquemas de análise de áreas, de disposição dos compartimentos e do respetivo sistema distributivo (Anexo VII – Páginas 1 a 5).

		Piso 0	Piso 1			Piso 2		
		Ala Sul	Ala Sul	Ala Este	Ala Norte	Ala Sul	Ala Este	Ala Norte
Área	Até 10 m2	3	—	2	—	2	5	—
	De 10 m2 a 20 m2	8	16	8		16	5	
	De 20m2 a 30 m2	1	3	3		2	2	1
	Até 50 m2	—			2	1	—	1
	Mais de 50 m2				4	—		2
Distribuição		1 corredor	2 corredores centrais ortogonais entre si	1 corredor central	1 corredor a Sul	1 corredor central	1 corredor central	0
Comunicações Verticais		2	2 Escadas	1 Escada + 1 Elevador	0	1 Escada	1 Escada + 1 Elevador	0
Acesso à Rua		9	1 (a partir do corredor central)	0	1 (fachada Este)	0	0	2 pontes de acesso ao Edifício a Norte
Acesso ao Pátio		0	1 (a partir do corredor central)	1	2 (topos da Galeria de betão)	0	2 (nos topos)	4 acessos à Galeria (ligação com o pátio)

Fig. 3.6 Tabela Resumo, Caracterização Espacial

A tabela acima apresentada esclarece de forma quantitativa as caraterísticas dos espaços e gera uma base objetiva sobre o qual se poderá basear a proposta. É visível nos esquemas a diferença de escala dos compartimentos nas diferentes Alas do Convento, estando correlacionados com diferentes graus de transformação que cada uma sofreu.

Desta análise conclui-se que:

- A Ala Sul mantém uma sucessão regular de compartimentos de pequena escala (em média 15m²) com corredor a eixo.
- A Ala Nascente é composta também pela sucessão de compartimentos, com corredor a eixo, no entanto existe variação de escala entre os mesmos, pela alteração das paredes originais (com muitas alterações no piso 1).
- A Ala Norte apresenta um corredor junto à fachada sul, no piso 1, e os espaços são amplos e sem compartimentação. No piso 2 o corredor é inexistente, existindo espaços amplos e alguma compartimentação avulsa.

3.2.2.2 Identificação dos Valores Inerentes ao Edifício

Foi realizada uma "**Teoria de Valor**"[21] (Anexo VIII – Páginas 1 a 10) que classifica, os elementos constituintes, em 4 tipos[22]:

- Tipo A. Elementos com valor histórico, tipológico, morfológico, estético, material ou construtivo que devem ser preservados.

- Tipo B. Elementos com valor estético, material ou construtivo intrínseco, mas que necessitam de outro enquadramento para assegurar o seu lugar qualitativo no processo de reabilitação. Podem ser removidos, substituídos ou reenquadrados sempre que daí resulte um benefício explícito do ponto de vista qualitativo para o Projeto e para o Programa, nunca colocando em causa a leitura e qualidade total do objeto de intervenção nem a sua identidade.

- Tipo C. Elementos sem valor patrimonial, material ou estético, podendo originar ações de demolição ou substituição.

- Tipo D. Elementos sem valor patrimonial, material ou estético e que colocam em causa a leitura e qualidade total do objeto, devendo originar ações de demolição.

Complementando a "**Teoria de Valor**", procedeu-se à realização de uma **Tabela Resumo** que classifica os valores em categorias, (realizada em colaboração com Carolina Barreira).

[22] A fonte destas definições vem de exercícios realizados no 4º ano (Laboratório de Projeto 4).

Esta tabela foi baseada no artigo de Clarke et al. (de 2019)[23] que propõe cruzar as "categorias de valor" de uma obra, postuladas por Riegl, e o entendimento dos edifícios como compostos por "camadas que envelhecem de forma distinta", definido por Brand[24]. O modelo original é o seguinte:

	RIEGL	Valor de Antiguidade	Valor Histórico	Valor Comemorativo	Valor não Intencional	Valor de Uso	Valor de Novidade	Valor Artístico	Valor de Raridade *	Outros Valores *
BRAND										
Contexto Envolvente *										
Lugar										
Pele										
Estrutura										
Plano do Espaço										
Superfícies Interiores *										
Serviços										
Material										
Espirito do Lugar *										

Fig. 3.8 Modelo da tabela de Riegl e Brand, Tradução da Autora.
* categorias que não pertencem às obras de Riegl e Brand, mas que se apresentaram como relevantes pelos autores.

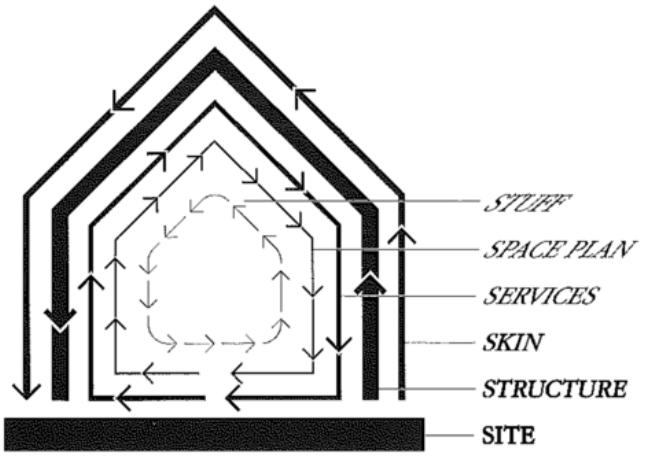
As categorias de Valor de Riegl, apresentadas na sua obra "*O Culto Moderno dos Monumentos*" explicam-se da seguinte forma:

1. O Valor de Antiguidade remete para a condição ou aparência não atual, revelando impressões de degradação natural.
2. O Valor Histórico representa o estágio evolutivo que testemunha o domínio de uma atividade humana e decorre da associação do elemento a um evento.
3. O Valor Comemorativo salienta o aspecto "simbólico", intencional.
4. O Valor não Intencional relaciona-se com a integridade do edifício.
5. O Valor de Uso remete para a capacidade utilitária perante as exigências da atividade humana.
6. O Valor de Novidade expressa a qualidade do que é novo e recém surgido e perfeitamente integro.
7. O Valor Artístico corresponde à apreciação de "conceção, forma e cor".
8. O Valor de Raridade* refere-se à excepcionalidade do elemento.

[23] "Embedding built heritage values in architectural design education"
[24] "How Buildings Learn - What Happens after they're built", 1994

As camadas defendidas por Brand na sua obra "*How Buildings Learn*", esclarecem-se de seguida:

a) O Contexto Envolvente* refere-se ao cenário urbano em que se insere o objeto e às suas características, por vezes fugazes.
b) O Lugar inscreve a localização geográfica e é desprovido de alterações.
c) A Pele corresponde às superfícies externas do edifico (cuja duração depende muito da solução construtiva e do uso).
d) A Estrutura é o esqueleto do edifício que pode durar entre 30 a 50 anos ou mais, dependendo do sistema e da manutenção.
e) O Plano do Espaço corresponde à compartimentação e disposição do mobiliário.
f) As superfícies Interiores* são os revestimentos interiores.
g) Os Serviços correspondem à cablagem, canalização, sistema AVAC e sistemas de extinção de incêndios, que devem ser substituídos a cada 15 anos.
h) O material remete para o mobiliário móvel, que tem uma média duração.
i) O espírito do Lugar*, apesar de não se inserir nas camadas definidas por Brand, foi adicionado a este quadro, pelos seus autores, por faltar classificar uma componente mais poética e menos palpável do património. Este termo é recorrente no meio da Arquitetura, associado ao Genius Locci, que transpõe características da identidade humana aos lugares, através de uma abordagem fenomenológica.



SHEARING LAYERS OF CHANGE. Because of the different rates of change of its components, a building is always tearing itself apart.

Fig. 3.9 Esquema original de "Camadas" com envelhecimentos distintos, Brand, 1994.

BRAND/ RIEGL	IDADE/ANTIGUIDADE	HISTÓRICO	ARTÍSTICO	DE USO	DE NOVIDADE	DE RARIDADE (*)	MATERIAL (existe)
1. CONTEXTO (envolvente)		Conjunto com a Igreja 					
2. LUGAR		Árvore centenária (Araucária) 					
3. ESTRUTURA	Gaiola pombalina na Ala sul (com lajes em soalho); Paredes portantes na Ala Norte e Nascente; Arcos 		Desenho e detalhe dos Arcos em pedra. 	Estrutura em betão armado - Ala nascente e Norte. Laje em betão Ala Norte (sobrecarga estrutural do último piso).		Asnas da Ala Norte 	Arcos de pedra e em bom estado de conservação 
4. PELE	Fachada Norte e fachada Nascente 	Fachada Sul - Lógica compositiva 	Esquema cromático da fachada NCS S 4030-Y90R 				
5. SISTEMA DISTRIBUTIVO (*)	Sistema Distributivo será original (representado 1ª vez em 1852) 	Organização Conventual -circulação em torno de um centro (pátio) 	Iluminação ao fundo dos corredores 	Galeria piso 1 - possibilidade circulação interna e externa. Escada de ligação da galeria ao pátio 			
6. SISTEMA ESPACIAL (*)	Compartimentação original ao nível do piso do claustro (a Sul, Nascente e Norte) 			As paredes têm valor de uso porque conformam compartimentos que respondem às necessidades do edifício conforme a sua função. 			
7. REVESTIMENTOS INTERIORES	Azulejos das paredes da sala na ala nascente piso 1. Azulejos da entrada sul.Mosaicos Hidráulicos anos 20 Sala Ala Este   			Azulejos da galeria exterior Ala Norte e Este. Azulejos dos corredores piso 1 ala Sul e Este. Pavimento pedra lioz nos corredores piso 1. Pavimentos piso 2 Ala Aul			Lambrins com brilho (azulejo) qualificam o lugar. Pavimento em pedra lioz nos corredores 
8. SERVIÇOS		Grelhas Ventilação Fachada Sul e Norte		Elevador Ala Nascente.			
9. MOBILIÁRIO FIXO							
10. MOBILIÁRIO MÓVEL							

Com valor, a manter.

Com valor, mas com necessidade de reinterpretação / reformulação / recolocação.

Fig. 3.10 Tabela de Análise Convento da Boa Hora, baseada na tabela de Riegl e Brand
Autora e Carolina Barreira

* NOTA: A ausência de Claustro no referido pátio remete para o desenho original do Convento da Boa-Hora, tal como o Convento dos Agostinhos Descalços (Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, em Xabregas). A razão desta diferenciação perante a tipologia Conventual nestes dois Conventos é desconhecida, no entanto, foi tida em conta nesta proposta como um factor de distinção perante os restantes Conventos.

3.2.3. Conclusão

Analisando os elementos que se incluíram na tabela de teoria de valor sobre o Convento da Boa Hora, verifica-se uma maior incidência nos valores de **antiguidade**, **históricos** e de **uso**. Existe uma óbvia correlação entre estes três valores, sendo que os elementos com maior grau de valorização são normalmente aqueles que remetem para a configuração original do edifício.

As camadas mais valorizadas, por serem as que menos sofreram com as diversas intervenções, são o **sistema distributivo** e a **ordem**, por manterem a matriz conventual. O sistema distributivo inclui **parte das paredes interiores** que desenham os corredores, enquanto que a definição da ordem é conseguida pelos elementos constituintes da pele exterior, as **paredes exteriores** e os **vãos**.

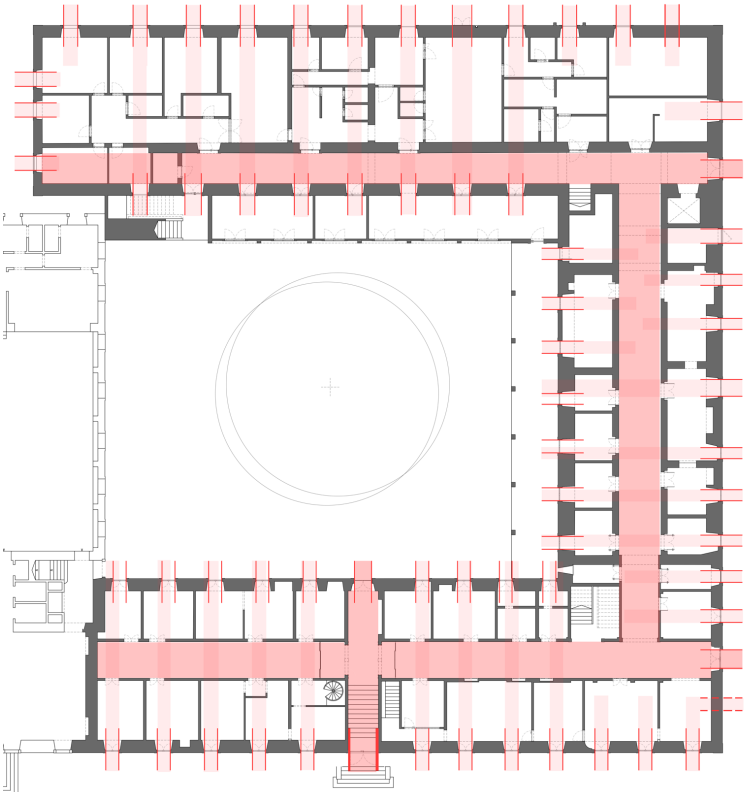


Fig. 3.11 Esquema de demonstração da “Ordem”, piso 1.

3.2.3.1 Aspetos constituintes e estruturais de valor:

A **Ala Sul** mantém a sua estrutura em gaiola pombalina, com alvenaria mista e lajes em soalho de madeira, em ambos os pisos. As paredes interiores, em frontal, foram no encontro com a ala nascente, "reforçadas" estruturalmente com betão armado (Fig. 3.12). Este reforço ignora e desfaz a capacidade estrutural da gaiola pombalina, retirando-lhe valor. A estrutura que suporta a cobertura, desta Ala, é feita em madeira e apoia-se nas paredes de frontal.



Fig. 3.12 Parede de frontal, Ala Sul, piso 2.

Na **Ala Este**, o piso inferior conta com paredes centrais portantes em alvenaria. Em alguns casos foram abertos nichos, o que acaba por desvirtuá-las, tanto a nível estrutural como em clareza formal (Fig. 3.13).
A laje do piso intermédio, entre o piso térreo e o primeiro, é em betão armado. No piso 1, a estrutura interior é composta por pilares e vigas que suportam as lajes e a estrutura, também em betão armado, da cobertura.



Fig. 3.13 Compartimento Ala Este.

Por fim, a **Ala Norte**, para além das paredes exteriores com igual valor em relação às restantes Alas, está mais desprovida de elementos originais, à exceção das asnas de madeira que estruturam a cobertura[25] (Fig. 3.14). No piso 0 desta Ala, as paredes interiores com valor são as que delimitam o corredor. No piso 2 não existe já nenhuma parede interior original, pelo que as existentes são desprovidas de valor.



Fig. 3.14 Asnas de madeira, cobertura Ala Norte.

[25] As asnas devem datar do final do século XIX (quando os militares fizeram o piso sobre refeitório, ver Fig. 3.3) e foram reaproveitadas no século XX quando se colocou mais um piso nesta Ala.



Fig. 3.15 Azulejos e Arco, Escada Ala Sul.



Fig. 3.16 Porta de madeira do início do século XX, com cantaria de pedra, Ala Este.

Destaca-se também, como elemento a manter, a **escada de entrada a eixo da Ala Sul**. Este acesso, apesar de ter sido criado em meados do século XIX, sob alçada Militar, já constava na gravura de 1840 como um alinhamento principal, onde existiam janelas de "trânsito". Este corredor, que integra a escada, possui um revestimento em azulejo que, ainda que não originais, compreende um valor decorativo (Fig. 3.15).

O posicionamento das escadas que ligam os pisos do Convento, nos topos da Ala Este, têm também valor por serem alusivos a aspetos históricos e evolutivos do edifício. O facto de as escadas mais a Norte não estarem integradas na Ala Norte testemunham que o segundo piso desta zona do Convento foi construído posteriormente.

Por fim, é de realçar também o valor decorativo e material presente nas **cantarias de pedra dos vãos exteriores** e das **portas interiores** (Fig. 3.16) e nos **arcos** presentes nos corredores. Além das cantarias de pedra, existem também **aduelas em madeira** que, pelo seu desenho e cor, remetem para o início do século XX.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão abordados os princípios de Intervenção no Património e os conceitos ligados à Requalificação Urbana e Arquitetónica.
Os conceitos aqui abordados serão aplicados e relacionados de forma direta com a presente proposta, no Capítulo 6.

4.1 PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO

4.1.1 Evolução do Conceito de Reabilitação

O conceito de Reabilitação tem como base ações de renovação e regeneração, no seu caracter mais original.

Em relação à Arquitetura, este conceito sofreu diversas transformações ao longo do tempo, prendendo-se sempre com a problemática da intervenção e proteção da herança histórica, o Património[26].

Anteriormente à formação desta terminologia, como hoje a conhecemos, foram formuladas diversas teorias, desde o Renascimento Italiano, no século XV. Nesta época, foi o Sistema Papal e outros intervenientes, como Alberti, que preservaram e procuraram valorizar as preexistências[27].

No século XVIII, as intervenções de requalificação passam a basear-se numa componente mais crítica e científica, pela influência da disciplina da História de Arte, passando a respeitar a autenticidade[28] dos Monumentos Históricos[29].

Atendendo às consequências da Revolução Industrial, a busca pela salvaguarda patrimonial acaba por resultar em intervenções de caracter revivalista[30], pela procura de um contacto nostálgico com o passado. Foi por isso necessário revisitar a teorização desta prática, surgindo uma nova disciplina, com dois nomes distintos: Restauro e Conservação.

Dentro do Restauro, surge o "Restauro Arqueológico", em Itália, e o "Restauro Estilístico", em França, ambos durante a primeira metade do seculo XIX. O Restauro Italiano foi demonstrado pelas teorias e obras de Valadier e Stern, que aceitava a

26 Conceito que evoluiu do termo "Monumento" e que passa a incluir todos os tipos de manifestação que testemunhem a atividade humana (quer sejam de cariz cultural, espiritual, artístico, social, técnico, construtivo, etc). "*Questões do Património*", Choay, 2009.
27 Segundo José Aguiar, 2002.
28 O valor de autenticidade remete para a verdade original da essência do objeto. Refere-se ao genuíno em oposição ao falsificado.
29 Os Monumentos estabelecem uma ligação com a "memória viva" e são identificadores das comunidades humanas. O termo "Monumento histórico" remete para a importância e valor de um determinado vestígio do passado que se revela, através do distanciamento temporal, portador de um saber imprescindível para histórica. Em "*Questões do Património*", Choay, 2009.
30 Intervenções que reproduzem características dos estilos arquitetónicos do passado.

essencialização de elementos análogos aos elementos em falta por “anastilosis”, sendo diferenciados materialmente, evitando assim falsidades históricas.[31] Já o “Restauro Estilístico”, defendido por Viollet-le-Duc, apoiava intervenções que dessem continuidade ao estilo do edifício, aceitando a “mimese” como estratégia, com via a conservar a imagem simbólica da arquitetura. Nesta teoria, a matéria construtiva poderia ser comprometida em detrimento da preservação da unidade visual do edifício.

Nos finais do século XIX, em Inglaterra, surge a “Conservação Estrita”, desenvolvida por John Ruskin e por William Morris. Estes autores privilegiavam a manutenção básica e regular dos edifícios, de forma a evitar o restauro, por considerarem que restaurar um edifício é tirar-lhe parte da sua essência, parte do testemunho da passagem do tempo. Consideravam, portanto, que a Arquitetura era o maior e mais fiel testemunho da história e da memória das diversas épocas passadas, e que deveria manter-se disponível para as gerações futuras, o mais intocável possível. “*Ruskin era (...) defensor da preservação da matéria original dos monumentos, de onde extraía a matéria simbólica e onde encontrava a verdade edificada*” [32]. Este pensamento influenciou determinantemente Camilo Boito, nos finais do seculo XIX, que, através do “Restauro Filológico” defendeu a baixa intrusividade e o rigor das bases científicas e históricas que guiam as intervenções.

Já Luca Beltrami, teorizando o “Restauro Histórico”, revela menor rigor ético, ao permitir restituições integrais. Estas restituições foram muito comuns, mais tarde, como resposta à destruição provocada pela 2ª Grande Guerra Mundial.

No início do seculo XX, foram redigidos diversos documentos que expunham os mais relevantes critérios de conservação do património, com preocupações ao nível da autenticidade e intrusividade, assim como ao nível de renovações em caso de lacunas. São exemplos, a “Carta Internacional do Restauro”, (Atenas, 1931) a “Carta del Restauro” (Itália, 1931), que defendiam também a adequação funcional à tipologia do objeto

[31] “*Edificar no Património*”, Pedro Vaz, 2019.
[32] Idem.

a intervir. Esta última preocupação permanece relevante na forma de atuar no património.

Em 1933, Le Corbusier redige uma outra Carta de Atenas, expondo ideais mais abrangentes e mais "úteis" à vida moderna, aceitando a possibilidade de destruição de acrescentos em torno do edifício patrimonial, de modo a usufruir desse espaço, transformando-o em espaço verde.

Este cuidado com a componente urbana considera-se também relevante nas intervenções de requalificação, sendo que atualmente se tenta respeitar também o Património Natural que possa rodear o objeto. A "Carta de Veneza" de 1964 e também o ICOMOS[33] incluem, no conceito de Património, os sítios, urbanos ou rurais, que acomodem e espelham o testemunho da atividade humana, onde são também abrangidos os costumes e tradições, que fazem parte do património imaterial.

Cesar Brandi é outro autor a apontar na teorização do Restauro, conseguindo torná-lo numa disciplina projetual, através do processo metodológico, crítico, científico e interdisciplinar. Estes meios, que levavam a um conhecimento sólido do objeto, tinham como fim o de manter a autenticidade do mesmo e garantir que os atuantes no processo de restauro não se regessem por interpretações pessoais, individualistas ou arbitrárias.

Em 1972, a "Carta del Restauro", também influenciada por Brandi, ganha alcance e força legal e introduz o tão importante conceito de "Reversibilidade"[34].

Como complemento, em 1987 foi redigida a "Carta da Conservação e do Restauro", em Washington, que amplia o conceito de Património para Artefacto Histórico, passando a estar interligados outros atributos de natureza estética, cultural, ambiental, social, científica, artística, documental, religiosa, espiritual, entre outros (DGPC).

[33] Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios
[34] Conceito esclarecido no subcapítulo seguinte (4.1.2).

O termo “Reabilitação” surge finalmente com a “Declaração de Amesterdão” de 1975, na medida em que se abrange no conceito de Património, a ser preservado, não só todo o edificado excecional, mas também todo o ambiente histórico, natural e construído das cidades e aldeias históricas, englobando a arquitetura corrente, onde se situa maioritariamente a tipologia habitacional.
É precisamente neste sentido que surge o conceito de Reabilitação, que visa não só a *“recuperação dos valores preexistentes numa dada edificação histórica”* [35] ou edificação corrente, mas também a sua adaptação às exigências atuais de habitabilidade e/ou a um novo uso (ICOMOS, 2003).

O termo reabilitação vem do latim *“re + habilito”,* e significa *“tornar apto”.* [36] Um outro dado importante deste novo termo tem que ver com a adaptação funcional dos objetos arquitetónicos a um novo uso, como estratégia fulcral para a requalificação e reinserção na vida da sociedade e da cultura em que se inserem. Segundo Feilden (2003), *“a manutenção dos edifícios em uso (por vezes atribuindo-lhes novas utilizações) é frequentemente a única forma de preservar os seus valores estéticos e históricos”*, sendo esta faceta muito relevante para este trabalho.

Com o avançar do tempo realizaram-se encontros internacionais que procuraram chegar a documentos complementares aos anteriores, visando sempre uma melhor preservação do património, de dimensão Mundial. Como exemplos tem-se a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003) que aborda a *“interdisciplinaridade entre o Património cultural Imaterial e o Património Material Cultural e Natural”.* A “Declaração de Viena” (2009), que atua sobre o investimento económico no património, e os “Princípios de La Valeta” que incentivam a salvaguarda e gestão das populações e áreas urbanas históricas pelo ICOMOS (2011).

[35] “Guia técnico de reabilitação habitacional” Paiva, Aguiar e Pinho, 2006
[36] definição Ordem dos Arquitetos, Houaiss, 2002.

É também importante referir que se mantêm as diversas terminologias abordadas nesta evolução histórica, sendo que cada um dos termos corresponde a técnicas e abordagens específicas. Quer isto dizer, que numa obra de Requalificação Arquitetónica, podem estar integrados vários campos de ação, desde as obras mais ligadas à materialidade dos edifícios, sendo a Consolidação, a Estabilização, a Manutenção e também a Conservação e o Restauro, até às ações que atuam nas adaptações para com a atualidade, como a Reabilitação, a Revitalização e a Renovação.

4.1.2 Clarificação dos Critérios Interventivos

Nas obras de reabilitação, são seguidos critérios interventivos que refletem o grau de impacto das intervenções na preexistência.
Este grau de transformação, a nível operativo, parte de ações que podem ser mais ou menos intrusivas, reversíveis e legíveis. Analisaremos cada um destes conceitos para que seja possível, posteriormente, posicionar a presente estratégia.

O nível de **intrusividade** da intervenção traduz-se no grau de compatibilidade das soluções propostas com as características do objeto. As características referidas incluem as qualidades físicas (mecânicas e químicas) dos materiais, mas também aspetos construtivos, formais e programáticos. A viabilidade programática é referente a aspetos tipológicos, formais e espaciais da preexistência.

O nível de **reversibilidade** advém da possibilidade de recuar ou desfazer a intervenção sem que se danifique o objeto original. Esta capacidade implica que as técnicas, materiais e soluções formais sejam bastante cuidadosos no toque com a preexistência, e que sejam claramente identificáveis.

O nível de **legibilidade** relaciona-se com a clareza espacial, formal, material e construtiva da intervenção. Uma clara compreensão espacial implica uma orientação, no tempo e no espaço, no percorrer do objeto arquitetónico. Os percursos devem ser orientados pela própria arquitetura, sem que necessitem de adições escritas (letreiros). Essa clareza é conseguida através da criação de momentos ou de elementos que sirvam de referência no espaço. Podem ser conseguidos através do uso da cor, da alternância de escala ou pela diferenciação material, por exemplo. A legibilidade refere-se também à clara distinção entre elementos novos e preexistentes, a nível cromático, material, formal e construtivo.

4.2 CONCEITOS RELATIVOS À REQUALIFICAÇÃO URBANA E ARQUITETÓNICA

"Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas que levam à ocupação de determinados locais[37]."

Integrando a presente proposta a aspiração de requalificar o espaço público e o tecido urbano envolvente ao Convento da Boa Hora, importa aqui clarificar os conceitos base e os dispositivos que possibilitarão essa transformação.

4.2.1 Permeabilidade

O conceito de **permeabilidade**, no universo do urbanismo, faz referência à capacidade de atravessamento físico ou de relação visual entre espaços exteriores. Esta capacidade leva a que o tecido urbano alcance profundidade e unidade nas suas ligações e percursos, ativando assim a dinâmica e a apropriação do espaço público.

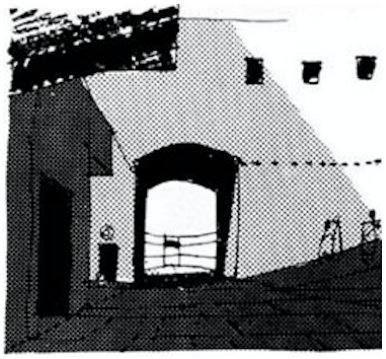


Fig. 4.1 Exemplo de Permeabilidade, física e visual em contexto urbano. "Paisagem Urbana", Gordon Cullen, 1971.

A apropriação humana é extremamente importante na significação da arquitetura, sendo um dos factores caracterizadores do meio urbano. O percorrer de uma rua mais ou menos movimentada, leva a que o ser humano experiencie estados de espírito, modos de estar e comportamentos diversos, como nos explica Edward Hall (1986)[38], condicionando, de forma quase sempre direta, a segurança do espaço público: "Uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não."[39]

A movimentação referida é apenas uma das formas de ocupação, podendo ser também estática. Esta segunda vertente de apropriação do espaço, que pode ser permanente ou periódica, é ainda mais rica no que toca às interações e atividades sociais que promove e às marcas que deixa no território. A ocupação estática remete para lugares onde é possível estar encostado ou sentado, como uma guarda, um muro, um banco ou uma escada. Estes lugares são normalmente qualificados através de diferenciações no desenho do

[37] "Paisagem Urbana", Gordon Cullen, 1971.
[38] "A Dimensão Oculta", Edward Hall, 1986.
[39] "Morte e Vida das Grandes Cidades", Jane Jacobs, 1961.

pavimento, que indiciam a qualidade de permanência, pela presença de coberturas que garantam a proteção e a sombra, ou também através da presença de árvores e de equipamento fixo, de apoio a essas vivências.



Fig. 4.2 "Ver e ser visto"
Ilustração: Autora, 2021

A **permeabilidade** liga-se também, como referido, à componente visual. A capacidade de "ver e ser visto" e a consciência das perceções de "Aqui e Além" são factores convidativos nos percursos urbanos[40] e promovem, por sua vez, as interações sociais e do Homem com o espaço e com o edificado, por facilitarem a leitura e identificação com o lugar. O espaço limiar entre os pontos focais de observação deve ser também qualificado, de forma constitui-se um lugar de encontro e permanência.

A **permeabilidade** em contexto arquitetónico relaciona-se com a porosidade das fachadas do objeto, isto é, a quantidade e dimensionamento dos vãos e fluidez garantida pelos seus acessos. Para além destes elementos transitivos, existem outros dispositivos arquitetónicos, espaciais, que fomentam os atravessamentos, como os átrios, sendo que a condição de convite e motivação de passagem é também dada pelo objetivo de "chegar a algum lugar"[41]. Na presente proposta, esse lugar a que se pretende chegar será o pátio, que funcionará como âncora de encontro.

4.2.2 Noções de átrio e pátio

Os **átrios**, como elementos transitivos, representam lugares de preparação para a mudança de condição, física e simbólica. Esta preparação pode dar-se entre espaços exteriores e interiores, mas também entre espaços, com semelhante grau de interioridade, mas de ambientes distintos.
Na organização espacial interior, os átrios funcionam como pontos de referência espácio-temporal, pela sua distinção

[40] "Life Between Buildings", Jan GEHL, 2011.
[41] "*somewhere to go*", "Life Between Buildings", Jan GEHL, 2011.

espacial em relação aos restantes espaços e pela sua posição centralizada, ajudando na orientação.

O **pátio** é um espaço exterior contido, com caracter de permanência, passagem e/ou contemplação.
A sua contenção espacial, que cria um ambiente mais privativo e íntimo, deve-se à relação direta com o edificado que o delimita. Esta delimitação configura-se mais ou menos regular, dependendo do seu grau de domesticidade. A relação direta com o edificado possibilita muitas vezes o acesso ao seu interior, sendo que, aquando da existência de claustro, a transição ganha um caracter progressivo.
O pátio assume muitas vezes a presença de elementos verdes, que poderão formar percursos de circulação através dos seus limites, no caso dos Conventos.

4.2.3 Refuncionalização

O processo de refuncionalização visa a adaptação de um objeto preexistente a um novo uso, de forma a ser regenerado e devolvido à cidade. Este processo é uma das mais importantes metodologias na requalificação urbana contemporânea, pois impede que os edifícios antigos percam utilidade e relação com a envolvente.

O processo de adaptação implica uma compatibilidade funcional do novo uso às características tipológicas, espaciais e formais do objeto. Deverá ser sempre a preexistência a conduzir a decisão programática, e nunca o oposto.

No entanto, este processo implica, muitas vezes, a necessária adaptação às exigências da contemporaneidade. Estas exigências são normalmente de cariz espacial, tecnológico, infraestrutural, material e também social e cultural. Em relação aos primeiros aspetos apontados, as transformações no edificado podem passar apenas por intervenções físicas. No entanto, no que toca às exigências da presença humana é

necessária uma transformação mais profunda no desenho do espaço, que possibilite novas vivências, de forma a que seja possível reabitá-lo. Reabitar "*hace referencia a la acción, al sujeto que la produce*" [42]. Reabitar é, portanto, a ação de voltar a viver o espaço, e para isso é necessário que esse espaço permita uma vivência que corresponda ao respetivo uso. Na obra "*Rehabitar*", de Monteys, é-nos dito que a atitude humana também define o espaço arquitetónico, isto é, podemos fazer de um espaço inóspito uma casa, isto se o habitarmos de uma forma íntima e doméstica (Fig. 4.3). Desta forma conseguimos perceber que a função deve estar espelhada no objeto arquitetónico, de forma a indiciar ao Homem o modo de estar possível. Esta é a verdadeira importância da componente programática.



Fig. 4.3 Fuzileiros navais dos EUA ocupando o palácio presidencial iraquiano, 2003.

Ainda relativamente ao processo de refuncionalização, é importante abordar o papel da "memória". Sendo este processo uma atuação na preexistência, é essencial entender que o ser humano, individual ou coletivamente, tem expectativas e preconceitos, sentimentos e ideias, ligados aos objetos que conhece. De forma afetiva e inconsciente, o Homem, ao deslocar-se no espaço organizado, já espera encontrar certas características que lhe são familiares e essa familiaridade é-lhe mais íntima do que possamos julgar[43].

Tendo este parâmetro em conta, é de ressalvar a adequação da nova função ao espírito do lugar[44] e ao objeto propriamente dito, de forma a não entrar em conflito com a "memória" que recai sobre esse objeto.

42 Rehabitar 1, Monteys (2011), p. 15
43 A memória coletiva - Maurice Halbwachs
44 Espírito do lugar, conceito referente à fenomenologia dos ambientes arquitetónicos.

5. CASOS DE ESTUDO

As obras analisadas neste capítulo apresentam estratégias, valores e conteúdos programáticos que serviram de referência na tomada de decisões deste projeto.

5.1 RECONVERSÃO DO CONVENTO DE SANTA MARIA DO BOURO EM POUSADA

Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira, 1997
Amares, Portugal
7300 m²

Aquando da intervenção, o Convento do Bouro apresentava-se como um resultado de diversas transformações ao longo de vários séculos. Não era possível, nem desejável, restaurar uma imagem identitária de um só tempo, por isso, a estratégia interventiva passou pela libertação da ideia de Mosteiro para a construção de um novo sentido. Assim, foi adicionado ao edifício um novo tempo que, por um lado, não menospreza e, por outro, não sobrevaloriza, os testemunhos anteriores. Esta estratégia é materializada tanto por contrastes como por continuidades, fazendo muitas vezes um diálogo entre construção nova e existente. Os novos tectos criados nos corredores, em aço corten, com uma estrutura em caixotão, representam essa dualidade. Fazem uma analogia construtiva com o passado, remetendo para os antigos tectos em madeira, ao mesmo tempo que rompem material e cromaticamente com a preexistência.
Também nos vãos é visível a intenção de dialogar com o passado. Foram criados panos de vidro de caixilhos omitidos ou muito esbeltos, recuados em relação à fachada exterior, trazendo a sensação de ruína anteriormente existente.

A pertinência deste projeto, para a presente proposta, prende-se com a estratégia interventiva que dá prioridade à restruturação de uma nova integridade ao edifício em relação à manutenção rígida de todos os seus elementos preexistentes.







Fig. 5.1 Pátio das Laranjeiras - Convento de Santa Maria do Bouro

Fig. 5.2 Corredor - Convento de Santa Maria do Bouro

Fig. 5.3 Transição - Convento de Santa Maria do Bouro | Desenho da Autora

5.2 RECONVERSÃO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO EM MUSEU

Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, 2012
Santo Tirso, Portugal.
2156,8 m2

Esta obra de requalificação inclui a reconversão do Mosteiro em Museu Municipal Abade Pedrosa e também a construção de um novo edifício que acomode o Museu Internacional de Escultura Contemporânea.
Este projeto aborda a temática da relação entre construção nova e existente, tão comum na prática da reabilitação. É estabelecida uma relação de continuidade cromática e material, sendo usado o contraste na composição formal do novo volume, de linguagem sóbria e retilínea. Apesar deste contraste formal, é ainda assim respeitada a cércea da preexistência e o contacto entre ambos os volumes é pontual, permitindo a independência e clara leitura de cada um.
Para o presente trabalho foi daqui extraído o traço que desenha o novo volume, a forma como este se articula com o envolvente urbano, restruturando-o, e, simultaneamente, como se articula com a preexistência, ativando-a com um novo átrio de entrada.
O espaço interior deste átrio é recuado em relação ao limite da sua cobertura, formando uma zona exterior coberta. A ideia de átrio, articulada com os temas de transição, de local de permanência e encontro e de permeabilidade visual, são aspetos comuns à proposta em estudo.

Distributivamente, o Mosteiro de São Bento funciona em corredor, permitindo o acesso à sequência de salas expositivas, interligadas entre si. O corredor possibilita diferentes graus de permanência, tanto pela sua largura, que fomenta o caminhar coletivo, como pela presença de namoradeiras na espessura das paredes exteriores. A existência destes assentos reduz o caracter fugaz, de passagem, natural deste constituinte arquitetónico, transformando-o num espaço de estadia e de usufruto das suas qualidades.









Fig. 5.4 Vista frontal - Museu Abade Pedrosa

Fig. 5.5 Corredor - Museu Abade Pedrosa

Fig. 5.6 Átrio de Entrada para Museus

Fig. 5.7 Planta piso 1 – diagrama de organização funcional

5.3 IDEA STORE, WHITECHAPEL

Adjaye Associates, 2004,
Londres, Inglaterra
1270 m²

Esta obra, traduzida de forma literal como “loja de ideias”, oferece um novo conceito programático, dentro da área cultural. Pretende funcionar como um polo de conhecimento e informação, aberto e acessível à população, independendo da faixa etária ou grau académico, libertando-se da formalidade das bibliotecas tradicionais. O autor, David Adjaye, pretendia que a vivência e a frequência com que se visita este polo fosse semelhante a um centro comercial, passando a fazer parte do quotidiano das pessoas. *I wanted the Idea Store to be architecture that people drive into town for; or like a mall, clean and glass and glossy.*

Este equipamento inclui usos como biblioteca, espaços para crianças, salas de dança e teatro, espaços de trabalho, de aulas e palestras, que proporcionam atividades nos ramos da saúde, bem-estar, arte e tecnologia. O objetivo da diversidade destes usos é promover a interação social, a aprendizagem de novas competências e a participação ativa, essenciais à vida em sociedade.

De forma a criar um ambiente convidativo, este edifício conta com uma elevada permeabilidade, funcional e arquitetónica. Ao nível da organização funcional, as funções de comércio estão localizadas no piso térreo, com acesso direto à rua e interligadas a um grande átrio exterior, que se dilui com o espaço público da rua. Já a cafetaria localiza-se no último andar, de forma a ativar os pisos intermédios, onde funcionam as atividades descritas. Esta permeabilidade é conseguida também pela elevada porosidade e transparência da fachada, composta por envidraçados verticais com cores alusivas aos mercados de rua.

As referidas características, que se relacionam com o conceito inicial, são o que tornam este caso de estudo pertinente para a presente proposta, sendo dele possível extrair premissas sociais, programáticas, funcionais, organizacionais e arquitetónicas.







Fig. 5.8 Idea Store, Whitechapel

Fig. 5.9 Sala de dança - Idea Store

Fig. 5.10 Cafetaria - Idea Store

5.4 REABILITAÇÃO DO CASTELVECCHIO DE VERONA

Carlo Scarpa, 1958-64
Verona, Itália

Desde a sua construção no século XII, o Castelvecchio de Verona foi alvo de grandes modificações, assentes nas vicissitudes das diversas épocas. Scarpa encontra o edifício repleto de falsidades e irregularidades históricas.

A estratégia interventiva de Scarpa assenta numa reinterpretação crítica da complexa história, social e política, do edifício. Assumiu ações de demolição sempre que a presença do elemento desvirtuava a preexistência. Elimina, por exemplo, um vão de escadas da época da ocupação francesa, não para apagar essa memória, mas sim porque esse elemento encobria a parede de ideologia comunitária. Em termos simbólicos, esta parede representa o poder da liberdade individual, contrastando com a opressão Fascista que se viveu nesta cidade. No espaço criado pela destruição desta escada, Scarpa expõe a estátua de Cangrande, um dos maiores lordes de Verona, honrando-o e criticando-o simultaneamente. Honrando-o pela sua posição altiva, mas retirando-lhe importância pela visão de confronto que o visitante tem sobre a mesma, em que o plano de fundo é a parede Comunitária.

Ainda nesta zona expectante do projeto, Scarpa intervém na cobertura do edifício, expondo a matéria das suas diversas camadas, criando uma composição expressiva e de experiência espacial. Os elementos estruturais apoiam-se entre si até que a grande viga metálica se apoia na parede Comunitária, evidenciando novamente a importância estruturante deste elemento.

As ações de adição são evidenciadas pelo contraste material e formal. Tomando como exemplo os vãos da fachada Norte do pátio, foram criados novos planos envidraçados, recuados em relação à fachada, produzindo um momento de sombra que omite o toque entre os elementos. Estes envidraçados, de caixilhos metálicos expressivos, escalam os grandes pórticos, produzindo uma transição mais equilibrada entre interior exterior.







Fig. 5.12 Pormenor Cobertura - Castelvecchio

Fig. 5.13 Pormenor estátua de Cangrande - Castelvecchio

Fig. 5.14 Vão Fachada Norte - Castelvecchio

6. PROPOSTA

Neste capítulo será apresentada a Proposta de Reabilitação do Convento da Boa-Hora.
Serão clarificadas as premissas e o posicionamento perante os princípios de intervenção em Reabilitação, no quadro dos conceitos explicitados no capítulo 4.
A exposição da proposta pretenderá libertar-se da componente descritiva, focando-se numa apresentação do pensamento que justifica as decisões projetuais, em termos programáticos, urbanos e arquitetónicos.

De referir que os desenhos da situação existente utilizados neste trabalho foram disponibilizados aos estudantes do 4°ano do MIARQ-INT-REAB45 durante o ano letivo de 2019/2020, tendo sido produzidos a partir de levantamentos e as vetorizações realizadas pelos estudantes de 4°ano do MIARQ-INT-REAB em 2018/2019, revistos e complementados pelo Prof. Doutor António Lobato dos Santos, em finais de 2019.

[45] Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado.

6.1 PREMISSAS

Tratando-se de uma proposta de reabilitação, as premissas base consistem na aspiração de **revalorizar**, **reativar** e **reabitar** a preexistência. Para que essas ações se concretizem, será necessário dotar o edifício de um novo sentido, para que a experiência de quem o percorre seja afastada da realidade que resultou na sua condição devoluta atual.

A **revalorização** do edifício deve assumir a inevitabilidade da mudança e aceitar um certo grau de transformação. A transformação, que toca nas diversas escalas do projeto, deve procurar recuperar valores preexistentes e adaptá-los às novas condicionantes e exigências atuais.

A **reativação** do edifício foi promovida não só pela sua refuncionalização mas também pela clareza do desenho de integração urbana e organização espacial.

A nível urbano, o desafio foi devolver o espaço da cerca conventual à cidade. Este espaço, de costas voltadas ao Largo, passou a fazer parte do espaço público de forma ativa. Foram seguidos os princípios de permeabilidade, física e visual, e continuidade dos percursos urbanos, de forma a colmatar as interrupções existentes[46]. Sabendo que uma das fragilidades da cidade contemporânea se traduz nas descontinuidades e perda de relação dos homens entre si e o espaço[47], foi importante a exploração de dispositivos arquitetónicos que proporcionassem o encontro e a fruição espacial. Aqui surgiu uma premissa ligada à componente social, que se liga com a procura de uma integração comunitária, importante factor para o bem-estar humano[48].

[46] Vale do Rio Seco e diferença de cotas entre Tv. Guarda Jóias e Largo da Boa-Hora.

[47] "Organização Do Espaço", Fernando Távora.

[48] "Pirâmide de Hierarquia de Necessidades", Maslow.

O ato de **reabitar** surge assim de forma natural no decorrer das anteriores ações. Os percursos urbanos, qualificados por sistemas de vistas, espaços verdes e momentos de estadia, funcionarão como recetores da vida quotidiana de quem os percorre. Serão meios ativadores do espaço público e ligar-se-ão à âncora social, cultural e urbana que o edifício do Convento pretende ser.

Entrando no universo do edifício do antigo Convento, importa situar a estratégia perante os princípios interventivos das Cartas do Património. Assumindo um conhecimento profundo, mas não integral, sobre o edifício, as decisões interventivas deverão promover e sustentar o novo sentido, libertando-se por vezes da ambição de um reduzido grau de intrusividade.
Apesar disso, foi sempre tido em conta o respeito pela preexistência, sendo mantidos os elementos avaliados com valor, sempre que não comprometessem a legibilidade da lógica proposta. É importante salientar o cariz sustentável que uma obra de reabilitação deve comportar, na possibilidade de reutilização e reinterpretação de elementos já existentes, em detrimento da construção nova. No caso de elementos em falta, foi recusada a sua restituição integral através de revivalismos ou mimetismos e aceite a sua essencialização, de acordo com um rigor ético. O contraste foi seguido tanto no desenho e materialização dos novos elementos, como na sua articulação com a preexistência, de modo a constituir uma clara distinção entre os mesmos.

6.2 PROGRAMA

6.2.1 Programa como Ato de Projeto

A formulação de uma proposta programática, nas intervenções arquitetónicas, é desde logo uma decisão projetual, um “ato de projeto”. A importância deste ato projetual vai para além da sua componente funcional ou de suporte do uso, por definir também os princípios de organização espacial.

Sendo o presente projeto uma reabilitação, a componente programática deverá primeiramente respeitar as características tipológicas, espaciais e formais da preexistência e, por outro lado, deverá ajudar a conferir um novo sentido ao edifício.

O novo sentido da presente intervenção, decorre da assunção das premissas de permeabilidade e de abertura deste edifício à cidade.
Neste contexto surge a necessidade de definir novos acessos e percursos desde o espaço público até ao interior do complexo, o pátio. Para essa concretização são definidos **átrios** (exteriores) de entrada, a eixo de cada Ala do Convento.

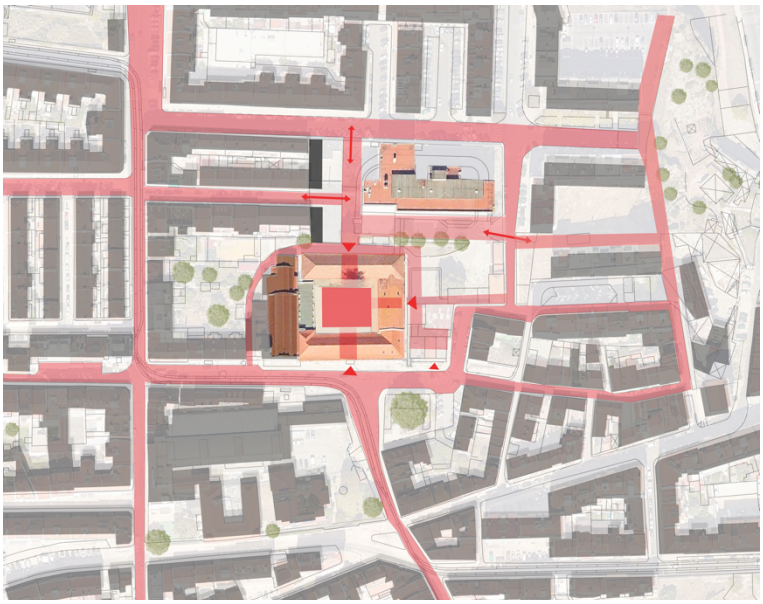
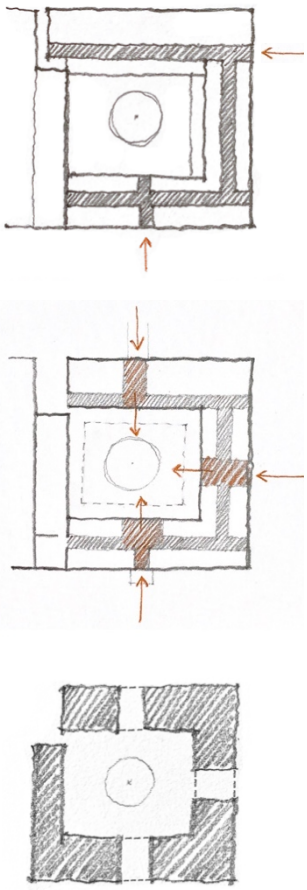


Fig. 6.1 Estratégia Urbana, Abertura do Pátio à cidade



6.2 Sequência de Intervenção no Edificado Existente, Autora.

São estes átrios que estruturam a organização funcional e é entre eles que se agrupam os diversos usos. A unidade ou semelhança entre os três átrios prende-se com duas vertentes. Por um lado, a continuidade material, que remete para a preexistência original e, por outro, o contraste espacial e formal relativamente à tipologia conventual. Serão rasgadas lajes, formando duplos pés direitos, rompendo com a noção de compartimento e corredor. Assim serão criados momentos singulares no edifício, de clara leitura, e que servirão de convite aos percursos entre interior e o exterior. Funcionarão como âncoras de chegada, de encontro e de estadia e como pontos de referência espacio-temporais. É a partir destes átrios que se abrem as portas ao interior do edifício, sendo que, antecedendo a esta transição será proporcionada uma experiência espacial e será oferecida a relação visual com o pátio e a sua árvore centenária[49].

6.2.2 O novo uso

Considerando as anteriores ressalvas, importa agora percorrer o edifício e colocar a questão fundamental: “o que é que o edifício quer ser?”

A resposta mais imediata a esta questão, tanto pela sua estrutura, já compartimentada, como pela imagética conventual, que inclui dormitórios, seria o uso residencial. São múltiplos os exemplos de adaptação de conventos a usos habitacionais ou hoteleiros, como é o caso do Convento das Bernardas[50] e o Convento de Santa Maria do Bouro[51]. No entanto, esta resposta, pelo grau de intimidade que carrega, impossibilitaria a

[49] Araucária ("pinheiro de norfolk") com 1,08 m de diâmetro “à altura do peito”. A estimativa de idade fica entre os 140 e 170 anos. Pensa-se ter sido plantada entre 1850 e 1880, quando o edifício já se encontrava a cargo Militar.
[50] Convento das Bernardas, Lisboa, CML, 1999 (Programa Habitacional)
[51] Convento de Santa Maria do Bouro, Amares, 1997, Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira (Programa Hoteleiro)

exploração de atravessamentos públicos que o conceito de permeabilidade carece e que este lugar reclama.

Surge assim a possibilidade de acomodar um programa na área cultural e recreativa, indo ao encontro das necessidades presentes na Freguesia da Ajuda, abordadas no subcapítulo 2.4. O objetivo de transformar o edifício num equipamento público advém da vontade de o oferecer à cidade, a nível urbano, arquitetónico e também funcional. De acordo com a ideia programática de criar um polo cultural, social e comunitário, é oferecida à população a oportunidade de se integrar em atividades associativas, artísticas e profissionais, num ambiente que se pretende convidativo e informal.

Exemplos do conceito que se enuncia são o “Lx Factory” [52], em Lisboa e o “SESC Pompeia” [53], em São Paulo. Ambas as obras apresentam uma pluralidade de funções, incluindo funções culturais, comerciais e de restauração, que se misturam e se fundem num só núcleo, de vivências partilhadas. Este conceito híbrido articula também atividades de cariz profissional, dispondo de espaços de trabalho coletivos, incubadoras para empresas, espaços de exposição, oficinas criativas, auditório, entre outros.



Fig. 6.3 Lx Factory, Lisboa, Mainside Group.

[52] Lx Factory, Lisboa, 2008, Mainside Group.
[53] SESC, São Paulo, 1986, Lina Bo Bardi.



Fig. 6.4 SESC Pompeia. São Paulo, Lina Bo Bardi.

A presente proposta, tal como os casos anteriores, funciona como um condensador urbano, enraizado de um modo contínuo no tecido envolvente.

A organização proposta (Fig. 6.2) dispõe-se não por pisos, mas sim por grupos de funções entre átrios e inclui o uso de **biblioteca**, articulada com **salas de estudo** e de **trabalho coletivo**, totalmente abertas à comunidade e adaptadas às diversas faixas etárias. Compreende também espaços para usufruto de **associações locais**, nomeadamente pelos Escuteiros[54] e pela Associação Recreativa da Ajuda[55].

Ainda dentro da área cultural, será proposto um pequeno **auditório**, com cerca de 50 lugares sentados, direcionado para a realização de eventos e apresentações. Será acompanhado por um **espaço de oficina** com o apoio de um **espaço expositivo**, que visa aproximar a população à criação artística, podendo oferecer atividades diversificadas.

Como apoio a todos estes espaços, e como função ativadora de momentos de estadia, será criada uma pequena **cafetaria** com ligação ao exterior, tanto ao espaço público a nascente como ao pátio central, com zona de esplanada.

54 O grupo de Escuteiros (Agrupamento 485) instala-se num edifício espúrio junto à Igreja da Boa Hora. Será proposta a demolição desse volume.

55 O edifício que acomoda a Associação Recreativa da Ajuda, situado na Rua de Dom Vasco, nº 67-69, será demolido em contexto do Projeto de Unidade de Execução da Ajuda, de autoria de Gonçalo Byrne.

Os **espaços de trabalho** para ateliers ou pequenas empresas, pela necessidade de maior recolhimento e menos integração com as restantes funções, ocuparão parte do piso superior. Funcionarão como mote de movimentação e de percursos de horário regularizado, proporcionando uma ativação regrada do edifício.

A nível urbano, de forma a resolver a transição da Travessa Nova de D. Vasco e acompanhar a subida (Norte / Sul) até à Travessa do Guarda Jóias, serão dispostos **usos residenciais**. O uso habitacional surge também na requalificação do Edifício Hospitalar de 1970, com a inclusão de uma **residência para estudantes** e **habitação assistida** para idosos, adequadamente separados.
Na zona a Norte do Convento, onde existe um desnível entre a cota 55.0 e a 51.0, funcionarão uma **cafetaria**, com espaço de esplanada a sul, e um conjunto de **galerias comerciais,** protegidas por um espaço em arcada.

Na articulação das cotas 51.0, 46.0 e 42.8, do Largo da Boa-Hora, Travessa do Moinho Velho e da Rua do Guarda Jóias, será criado um complexo, composto por dois níveis, que receberá o **uso desportivo**. Serão incluídos neste complexo um pavilhão desportivo (de 28 por 15m), três salas de ginásio e respetivos serviços de apoio. Como meio de ligação ao Largo da Boa-Hora, este novo edifício conta com um grande átrio de entrada, com zona exterior coberta e interior, vislumbrando um pátio, sendo assim possível fazer a recepção e o atravessamento do espaço público até ao interior. Este grande átrio promove o acesso interior ao piso 1 do Convento, proporcionando-lhe um maior grau de permeabilidade.

Estes usos, para além de favorecerem o polo com as respetivas vantagens funcionais, serão ativadores de fluxos, contribuindo assim para uma maior segurança urbana[56].

56 “Morte e Vida das Grandes Cidades”, Jane Jacobs, 1961

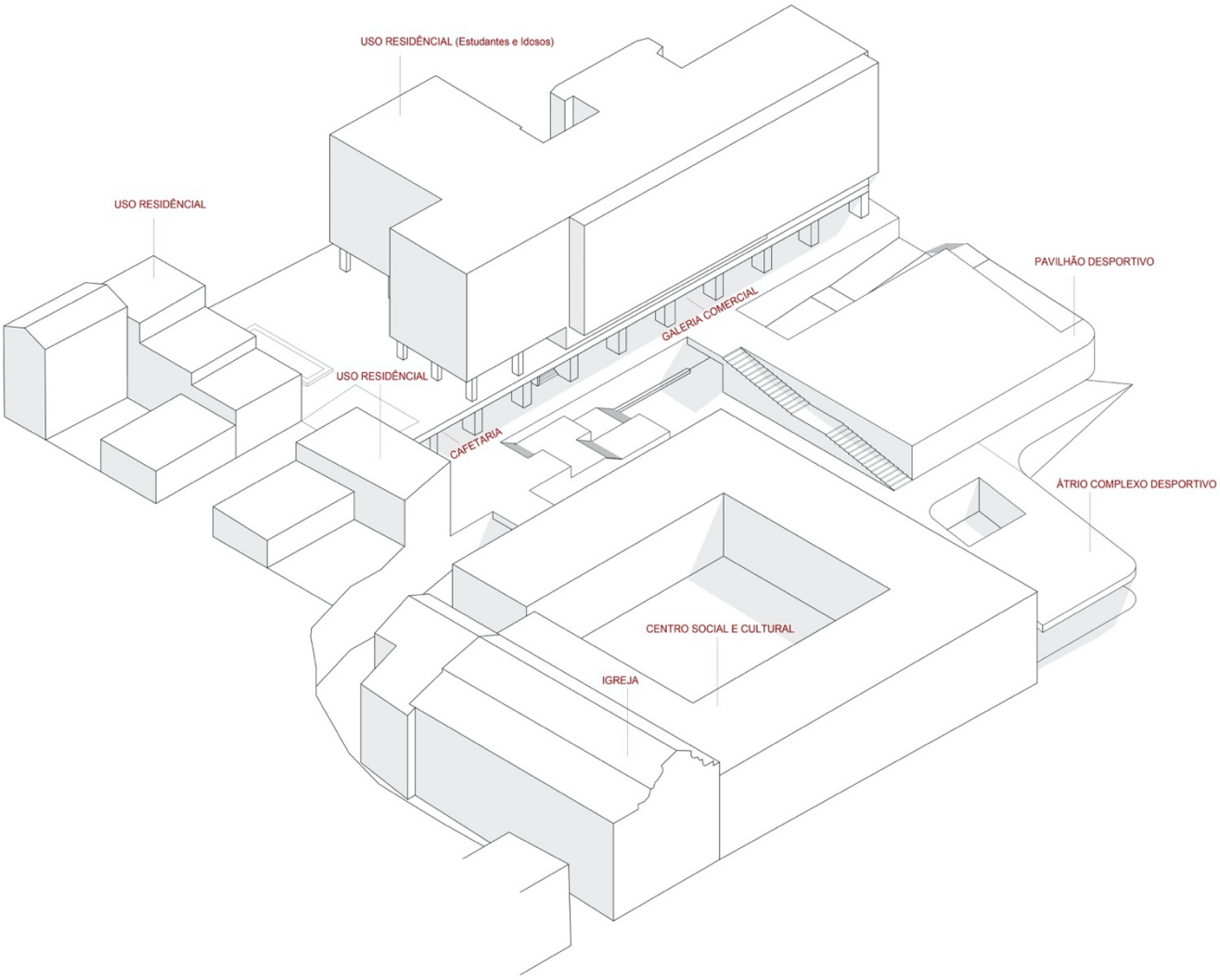
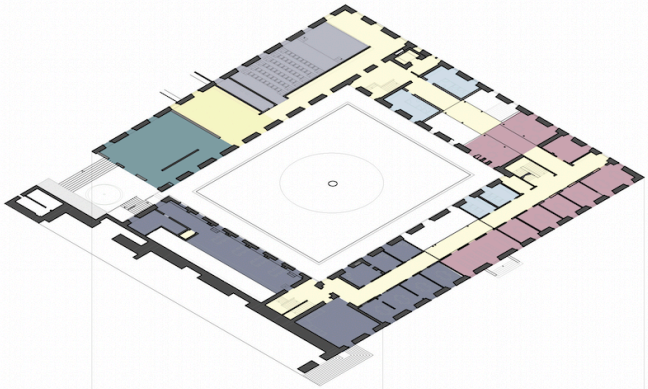
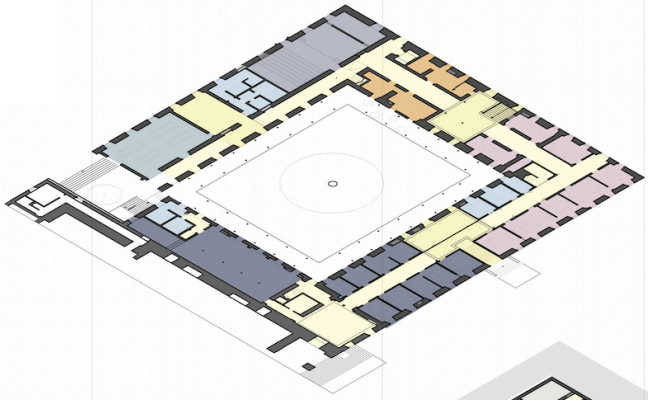


Fig. 6.5 Esquema Axonométrico da Proposta Programática, Escala Urbana.

PISO 2 | COTA 51.00



PISO 1 | COTA 46.15



PISO 0 | COTA 42.85



Legenda:



Fig. 6.6 Plantas com Proposta Programática, Convento da Boa Hora.

6.3 PROPOSTA URBANA



Fig. 6.7 Proposta Urbana (1:5000) assinalando as principais vias da Freguesia da Ajuda e incorporando o complexo do Convento da Boa-Hora como lugar de encontro.

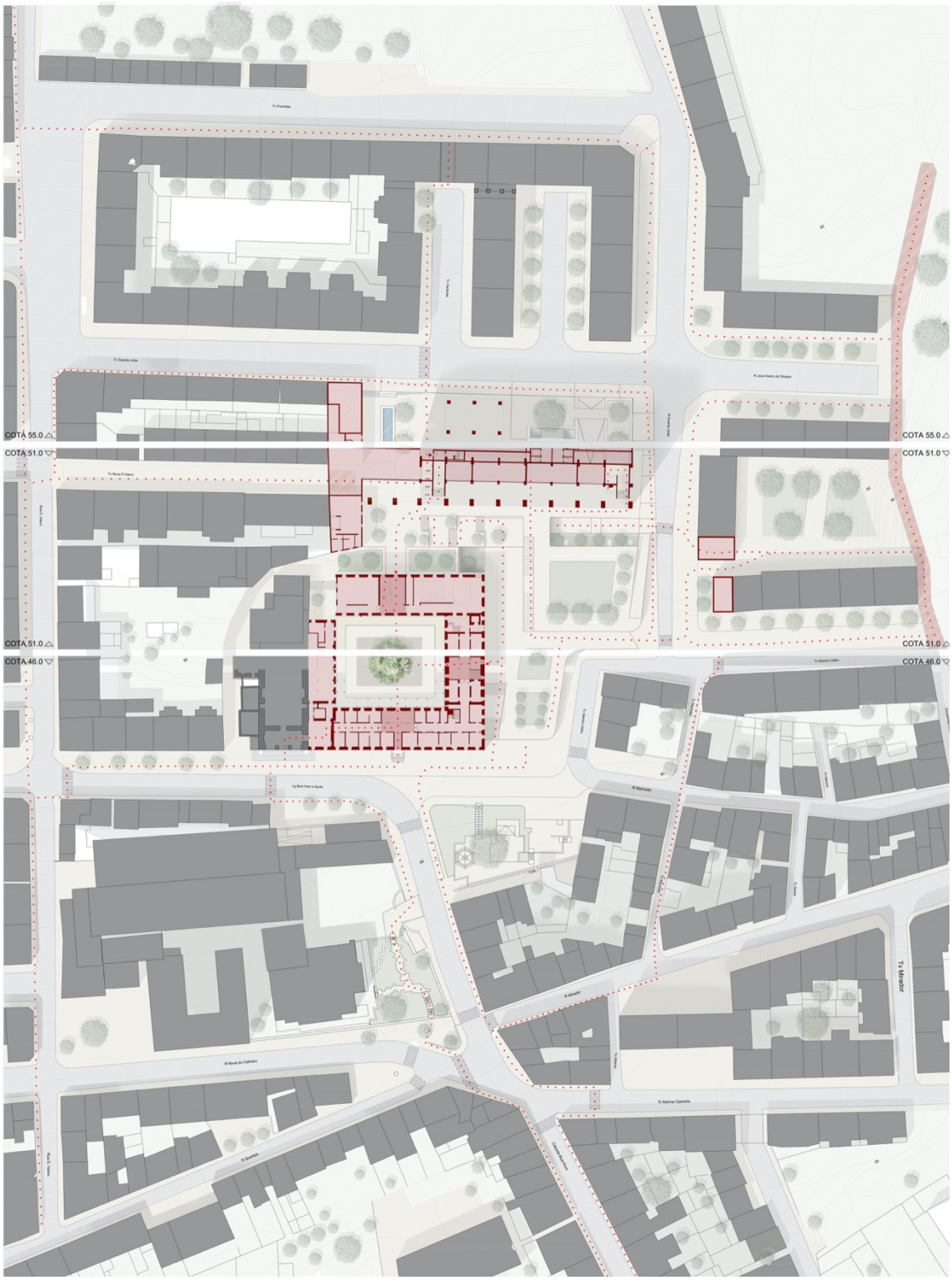
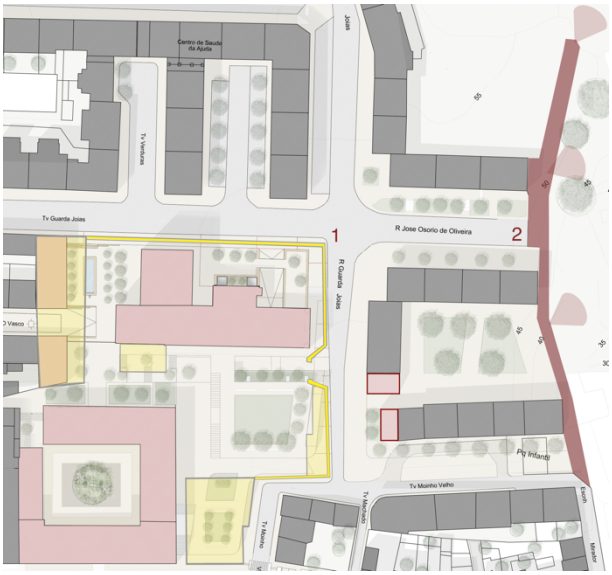


Fig. 6.8 Proposta Urbana (1:500) assinalando os principais percursos pedonais na proposta e sua envolvente próxima (por questões de leitura de conjunto, este é um desenho híbrido, combinando representações às cotas 55.0, 51.0 e 46.0)

6.3.1 Escala da Cidade

A intervenção urbana focou-se em:

1. Promover a unidade do espaço público, assegurando a inexistência de barreiras arquitetónicas:



NOTA:
Os edifícios a Nascente do Convento serão, provavelmente, contemporâneos com o mesmo (dada a sua tipologia pré-pombalina, de telhados perpendiculares à rua).
Apesar do seu potencial valor de antiguidade, propõe-se a respetiva demolição, numa perspectiva de "deve e haver", isto é, o ganho de uma unidade formal é superior à possível perda de valores. Para além disso, o seu atual estado de degradação e ausência de outros valores evidentes justificam esta decisão.

Fig. 6.9 Esquema de intenções urbanas (A)

   - Proposta de demolição da cerca conventual e edificado adjacente ao muro, considerado espúrio (1);
   - Construção de um percurso pedonal de reinterpretação e miradouro do Vale do Rio Seco (2);

2. Melhorar ligações e qualidade dos percursos urbanos:

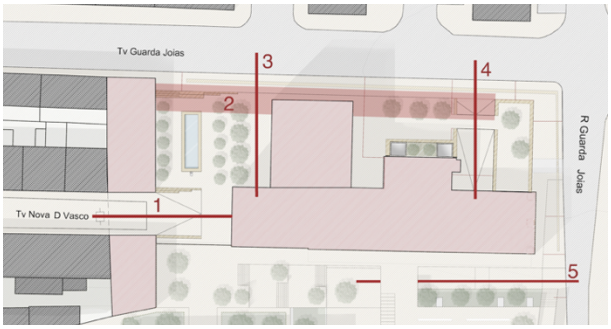


Fig. 6.10 Esquema de intenções urbanas (B)

   - Ligação da Travessa Nova de Dom Vasco[57], atualmente sem saída, com o território interior à cerca (1);
   - Ligação direta entre Travessa do Guarda Jóias e território interior à cerca (2)
   - Ligação direta entre Travessa do Guarda Jóias 1º piso do Bloco de 1970, à cota 55.0 (3 e 4);
   - Acesso ao Complexo a partir da Rua do Guarda Jóias, à cota 51.0, permitindo o atravessamento até ao Convento (5);

[57] Proposta de repavimentação em calçada portuguesa.

3. Reforçar o usufruto do Largo da Boa Hora:

   – Proposta de refuncionalização do Convento da Boa Hora;
   – Criação de um novo edificado adjacente ao Convento, com programa que se relacione com equipamentos próximos;
   – Construção de estacionamento enterrado de modo a libertar o Largo da ocupação automóvel, utilizando o desnível existente a Norte;
   – Transformação do Pátio Conventual numa âncora polarizadora de encontro;

4. Potencializar o sistema de vistas:

   – Proposta de sistema com coberturas percorríveis onde se tira partido das respetivas cotas e se oferece vazios urbanos para acomodar vivências coletivas (Fig. 6.9);

5. Aumentar a aprazibilidade urbana:

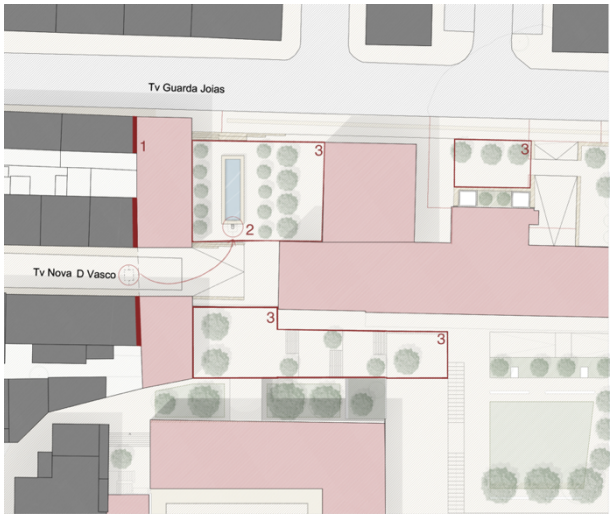


Fig. 6.11 Esquema de intenções urbanas (C)

   – Remate das empenas cegas dos edifícios da Rua Nova de Dom Vasco e Rua do Guarda Joias, através da construção de novos edifícios (1);
   – Proposta de relocalização da bica existente na Travessa Nova de Dom Vasco, incorporando-a num espaço de água (2);
   – Criação de espaços verdes de permanência e enquadramento que acompanham percursos urbanos (3);
   – Criação de uma gradação de intimidade nos espaços públicos (3).

6.3.2 Escala da Cerca

"Ao homem não bastam as galerias de pintura; ele necessita de emoção, do dramatismo que é possível fazer surgir do solo e do céu, das árvores, dos edifícios, dos desníveis e de tudo o que o rodeia, através da arte do relacionamento." [58]

Como referido, a linha de força que guia a presente estratégia urbana é o conceito de **permeabilidade**. Este termo é referente à capacidade de atravessamento e à existência de ligações, físicas e visuais, entre os espaços exteriores.

Partindo de uma topografia em declive, com desníveis entre ruas bastante acentuados[59], foi necessário repensar a articulação de cotas de forma a melhorar a acessibilidade.

Como ponto de partida, foram definidos 4 níveis.
O nível superior corresponde à **cota 55.0** e tem ligação à Travessa do Guarda Jóias (Fig. 6.12), acompanhando a topografia desta mesma rua. Neste nível é conseguida a ligação direta da Travessa Nova de Dom Vasco (Fig. 6.13), atualmente sem saída, ao piso 1 do Edifício de 1970.

O nível seguinte posiciona-se à **cota 51.0**, tendo ligação direta pela Rua do Guarda Jóias. Esta plataforma, à cota 51.0, não resulta de escavação, sendo existente desde a criação do Convento. O piso térreo do Edifício de 1970, que inclui usos comerciais e de cafetaria, é também assente neste nível e proporciona a subida ao patamar 55.0, através de duas novas escadas exteriores. Este nível inclui também o estacionamento "subterrâneo", cuja cobertura constrói a plataforma 55.0. Correspondendo a cota 51.0 ao segundo piso do Convento, foi proposta uma ligação direta desse patamar à Ala Norte (Fig. 6.14), através de uma passagem elevada. Esta ligação tem antecedentes históricos, conforme se percebe nas plantas de

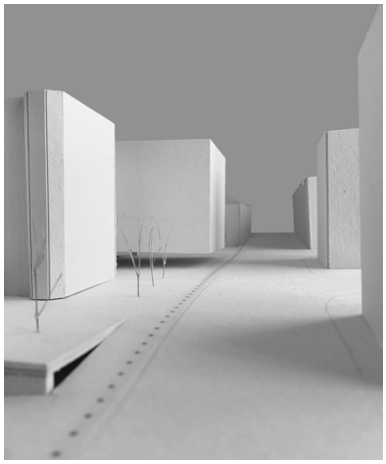


Fig. 6.12 Travessa do Guarda Jóias

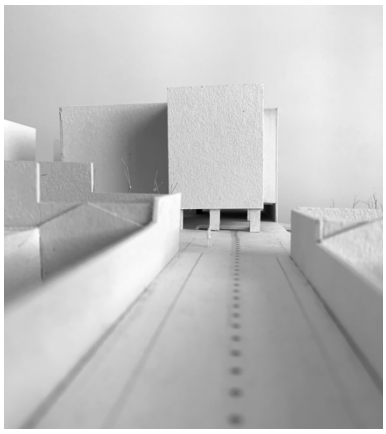


Fig. 6.13 Ligação Travessa Nova de Dom Vasco, atualmente sem saída, ao piso 1 do Edifício de 1970.

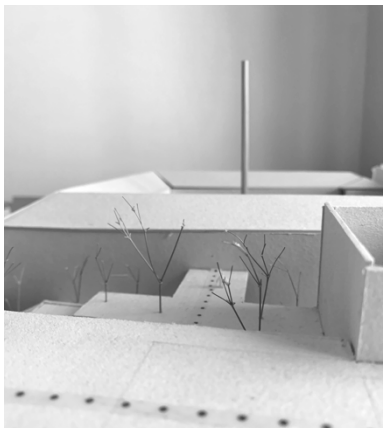


Fig. 6.14 Ligação da plataforma 51.0 ao segundo piso do Convento, a Norte.

58 "*Paisagem Urbana*", Gordon Cullen, 1961.
[59] O lado Sul do terreno está à cota 41.00, enquanto que a cota mais elevada do lado Norte é 56.00.

1895 e 1934 (ver Anexo V – Páginas 4 a 8) e que se manteve com a construção do bloco de 1970.

A **cota 46.0** corresponde ao piso térreo do Convento da Boa Hora e respetivo pátio. É proposta a ligação deste piso do Convento ao Largo da Boa Hora e à Rua do Guarda Jóias, através da construção de uma nova plataforma.
Esta volumetria tem como base o nível inferior, à **cota 42.80**, que corresponde também ao piso 0 do Convento. A nova construção proposta absorve então 3 dos 4 níveis deste complexo e permite a transposição entre cotas, em variados pontos (Fig. 6.15).

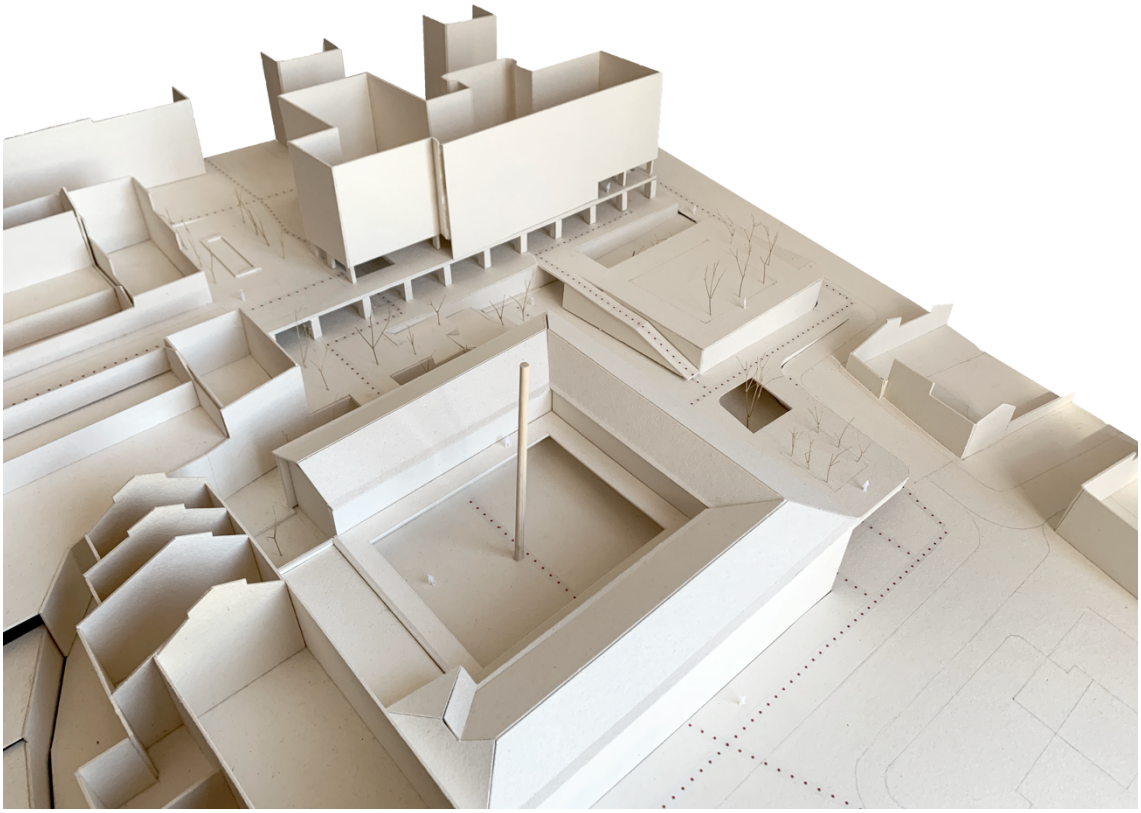


Fig. 6.15 Maquete Convento da Boa-Hora
Escala 1:200

6.3.2.1 Requalificação do Edifício de 1970



Fig. 6.16 Edifício dos Anos 1970, Imagem Aérea, Google Earth 2021.

Este edifício, construído de raiz como hospital, composto por 6 pisos e construído em betão armado, relaciona-se de forma inquietante com o Convento da Boa-Hora e edifícios envolventes. Para além de não respeitar a escala envolvente, encontra-se desconectado do tecido urbano, não existindo atualmente nenhuma entrada de acesso direto ao espaço público.

No contexto da proposta[60], prevê-se que este bloco acomode, de forma separada, uma residência para estudantes e habitação assistida para a população sénior.
Será a partir dos dois pisos inferiores que se articularão as cotas com o espaço público, ligando o atual primeiro piso do edifício (cota 55.0) à Rua do Guarda Jóias. Esta ligação será feita de forma direta e constante ao longo da rua e implicará a demolição do muro que corresponde à cerca conventual[61].

No piso 1 do edifício, que se transforma num piso térreo a Norte, será explorado, de forma completa, o conceito de permeabilidade (física e visual).

[60] A proposta não foi desenvolvida acima dos pisos de contacto com o solo.
[61] Com a demolição do muro, será o desenho do pavimento que testemunhará a preexistência da cerca.

Tomaremos como referência a **Igreja do Sagrado Coração de Jesus**[62], em Lisboa. Destacando-se não só como um edifício de qualidade ímpar, esta obra distingue-se pelo **sentido de abertura urbana**. Oferece o interior do quarteirão à cidade e possibilita a passagem entre as ruas adjacentes, resolvendo o desnível acentuado entre elas. O espaço público gerado por esta intermediação tem a qualidade de ser um lugar de acolhimento, encontro, estadia e socialização. Esta qualidade é conseguida pelas inflexões que os elementos transitivos, escadas e patamares, produzem, formando momentos de permanência.







Fig. 6.17 Atrio de Entrada, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Autora.
Fig. 6.18 Interior do Quarteirão, variação de luminosidade, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Autora.
Fig. 6.19 Corte Transversal, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

[62] projecto e obra dos Arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-1970.

A qualidade de permeabilidade visual foi investigada através da análise, e experiência *in loco*, dos **Edifícios dos Departamentos de Física e Química da Universidade de Coimbra**[63] (Fig. 6.20).



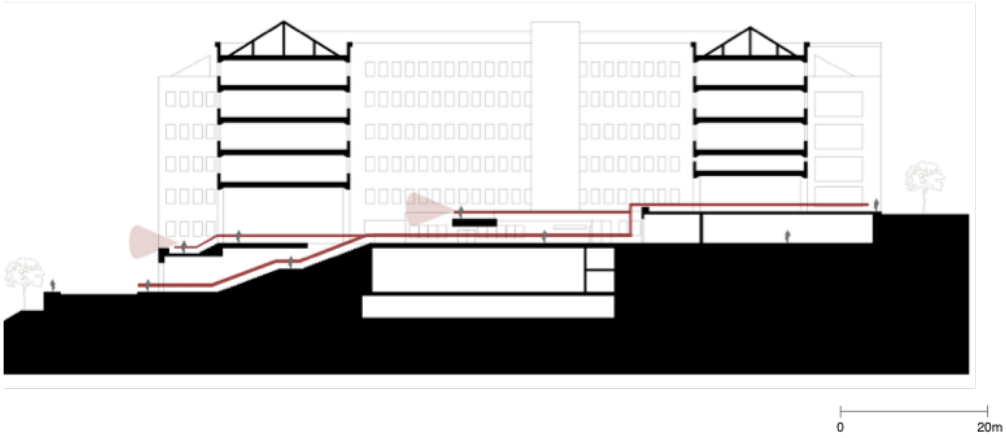


Fig. 6.20 Edifício dos Departamentos de Física e Química da Universidade de Coimbra.

Fig. 6.21. Edifício dos Anos 70, revelando o enquadramento da vista para Sul através do pórtico estrutural.

[63] Tanto o Edifício da Universidade de Coimbra como o Bloco dos Anos 70 em estudo correspondem a uma arquitetura do movimento moderno, construídos em betão armado e assente em pilotis.

Tal como neste exemplo de Coimbra, será proposto o vazamento parcial do primeiro piso do Hospital de 1970, descobrindo parte dos pilares em betão armado. Será assim permitido o atravessamento urbano e a chegada a um patamar, em enclave[64], de contemplação da vista sobre o Rio Tejo, com apoio de mobiliário fixo que acomode essa permanência (Fig. 6.23).



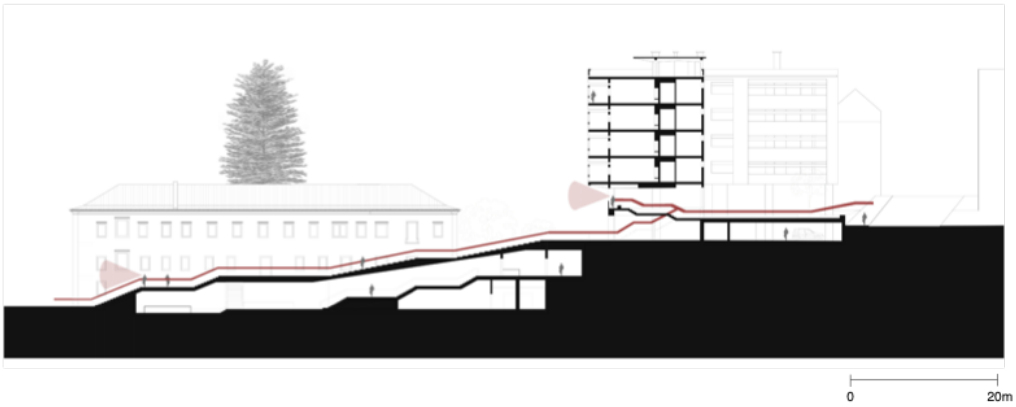


Fig. 6.22 Corte Transversal Edifícios dos Departamentos de Física e Química da Universidade de Coimbra.

Fig. 6.23 Corte Transversal Edifício dos anos 70 e Edifício do Pavilhão Desportivo, proposta.

[64] Enclave: "espaço interior aberto para o exterior que permite o acesso livre e direto entre ambos (...) os passos ressoam e a luminosidade é atenuada", disfruta-se do exterior com um grau de proteção e afastamento. "*Paisagem Urbana*", Gordon Cullen, 1971.

6.4 PROPOSTA ARQUITETÓNICA

"Se a Arquitetura tem um significado poético, somos obrigados a reconhecer que aquilo que ela diz não é independente daquilo que ela é." [65]

6.4.1 Diálogo com a Preexistência

Como referido, esta proposta inclui a construção de um **novo edificado** que se relaciona com a preexistência do Convento da Boa-Hora.

Tal como nas obras de ampliação do Liceu Passos Manuel[66] (Figura 6.24), em Lisboa e do Convento de São Francisco[67] (Figura 6.25), em Coimbra, a nova volumetria apresenta-se semienterrada, preservando a importância visual da preexistência.



Fig. 6.24 Atrio do novo volume, Liceu Passos Manuel, 2008, VMSA Arquitetos

[65] "A Casa dos Sentidos", Sérgio Fazenda Rodrigues, 2013.
[66] Liceu Passos Manuel, Lisboa, 2008, VMSA Arquitetos.
[67] Convento de São Francisco, Coimbra, 1996, Carrilho da Graça.

Como observamos nas Figuras 6.4 e 6.25, é também proposta a criação de um átrio de chegada que, no caso da proposta, se afasta do cunhal do edifício existente, enfatizando-o.

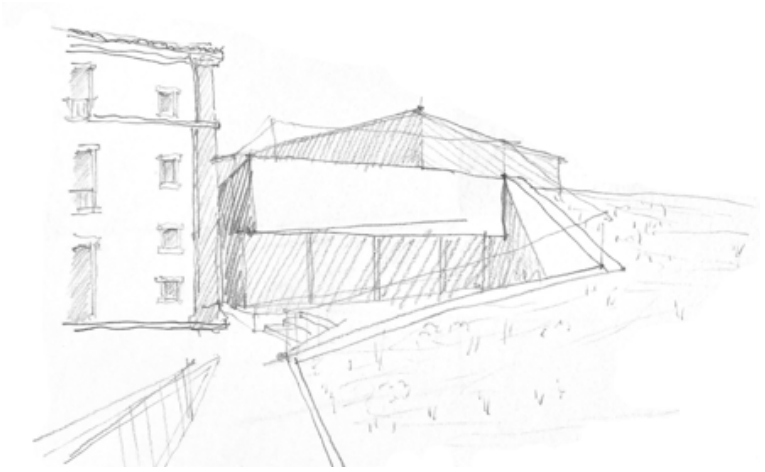


Fig. 6.25 Relação entre edifício existente e novo, Convento de São Francisco, 1996, Carrilho da Graça.

Esta nova construção, que acomoda usos desportivos, segue uma linguagem contemporânea, tanto a nível volumétrico como material. Formalmente, o edifício acomoda-se à inflexão e inclinação da Travessa do Moinho Velho. Essa inflexão é depois replicada na definição do pátio interior e também no desenho dos espaços verdes, nas coberturas.

Em termos materiais, os planos horizontais revestem-se a lajetas de betão com inertes aparentes, seguindo a tonalidade da calçada portuguesa existente no Largo da Boa-Hora e nos passeios da Rua do Guarda Jóias. As fachadas, constituídas essencialmente por planos contínuos, expõem o betão pigmentado que segue a mesma tonalidade (branco histórico, cor S-0502-Y).



Fig. 6.26 Proposta volumétrica para o novo edifício.

A relação com a preexistência é também entendida de uma forma **alusiva**. Um dos exemplos desta estratégia é a proposta de criação de um **espaço de água** na zona onde passou, e porventura passa, uma linha de água, a Oeste do Edifício Hospitalar de 1970.

Aproveitando a presença da água e reativando a sua memória, foi proposta a criação de um espelho de água e a recolocação da bica que atualmente se localiza na Travessa Nova de Dom Vasco, criando um momento de contemplação, estadia e envolvimento humano que se articula com o espaço verde envolvente. Para a criação deste ambiente aprazível foi relevante o exemplo de espaço de água do jardim da Praça do Império em Belém (Fig.6.29) que se demonstrou exemplar pela sua escala e envolvência com a natureza.

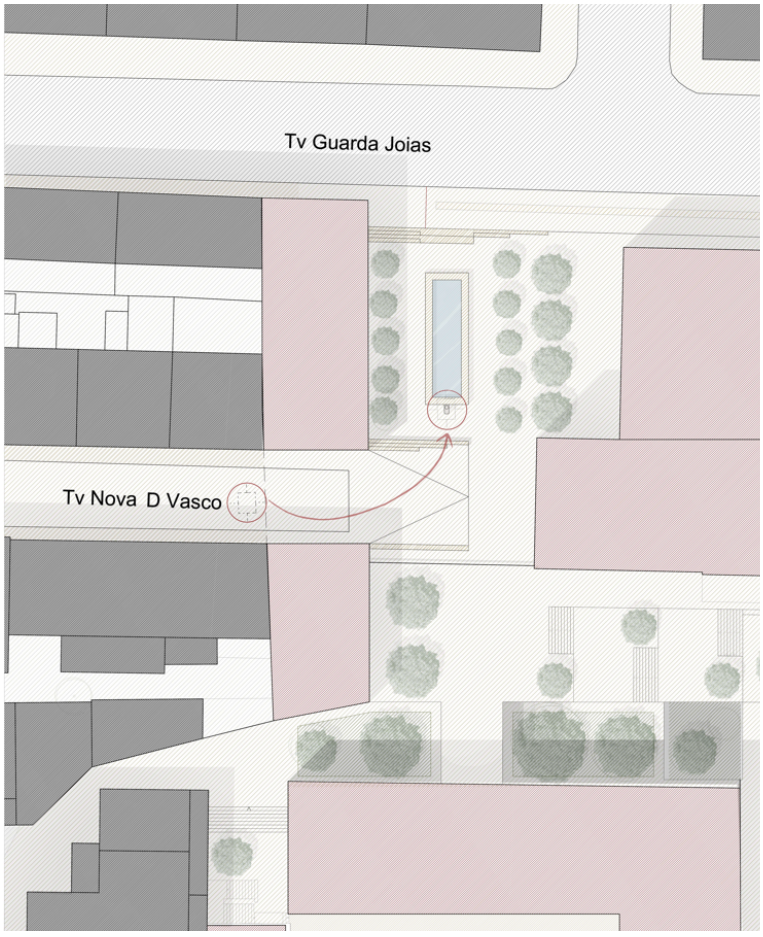






Fig. 6.27 Esquema de Recolocação da Bica da Travessa Nova de Dom Vasco e Espaço de Água proposto.
Fig. 6.28 Espaço de água proposto, relação com espaços verdes e edificado (existente e proposto).
Fig. 6.29 Espaço de água Jardim da Praça do Império, Belém.

Aproximando-nos da escala do edificio do Convento da Boa-Hora, os momentos de **contacto entre novo e existente** assumem o tema da “continuidade e contraste”.

A continuidade formal é seguida nas estratégias de recolocação e reinterpretação de elementos existentes, como é o caso dos arcos de pedra existentes na zona do Átrio Sul, ou no caso das Asnas da cobertura da Ala Norte.

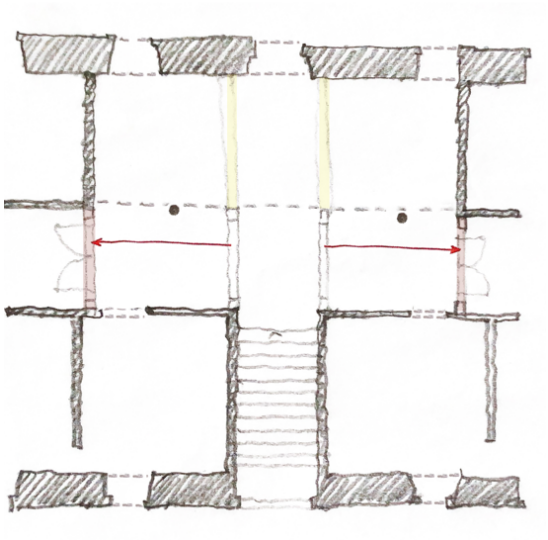


Fig. 6.30 Recolocação dos Arcos, Átrio Sul.

A implementação do contraste fica ligada a ações interventivas onde são criados novos elementos e também quando se procede a ações de demolição como é o caso das lajes e paredes nos espaços dos Átrios. Através do distanciamento ou do uso de alhetas, com materialidades contrastantes, é marcada a ação interventiva e preservado o testemunho preexistente

6.4.2 Atuar perante a Demolição

As obras de reabilitação integram, muitas vezes, ações de demolição, como meio de restituição da originalidade ou de reinterpretação. Na presente proposta, para além da demolição pontual de lajes e paredes nos espaços dos átrios de entrada, como veremos mais à frente, será proposta a demolição integral de uma **fração da Ala Norte** e do atual **piso superior da mesma Ala**.

Estes elementos, por constituírem um acrescento à construção original e desvirtuarem a unidade da volumetria, revelaram-se como elementos espúrios, a ser demolidos. Esta demolição proporcionará a criação de um momento singular no edifício, através da exaltação do ato de demolição, que ficará exposto na preexistência.

A estratégia seguirá a linguagem e ideia visíveis na obra de Reabilitação do Museu de Castelvecchio[68]. Tal como naquele Museu, serão deixadas à vista as diversas camadas que constituem a cobertura, na zona onde esta é cortada. Serão acrescentados elementos metálicos que farão os remates entre a cobertura existente e a nova parede que topeja a Ala. Esta nova parede apresentará um recuo em relação às paredes que compõe as fachadas, expondo essas mesmas paredes em corte. Este corte será também salientado por um remate metálico.

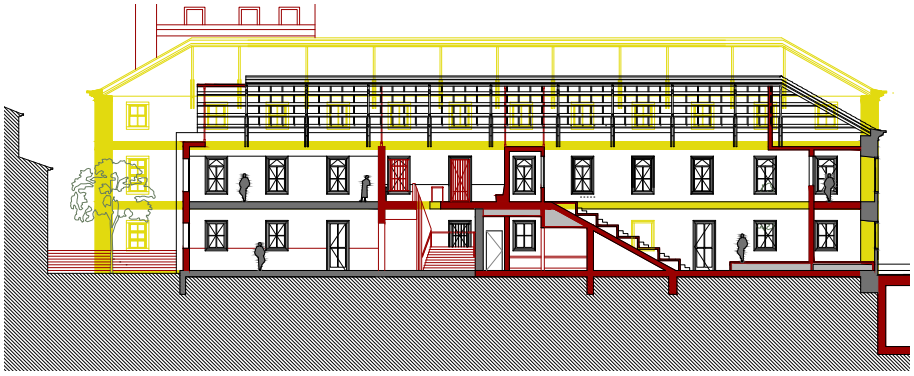


Fig. 6.31 Remate metálico, topo da Ala Norte.



Fig. 6.32 Proposta para Ala Norte.

[68] Reabilitação do Museu de Castelvecchio, Verona, 1958-64, Carlo Scarpa.



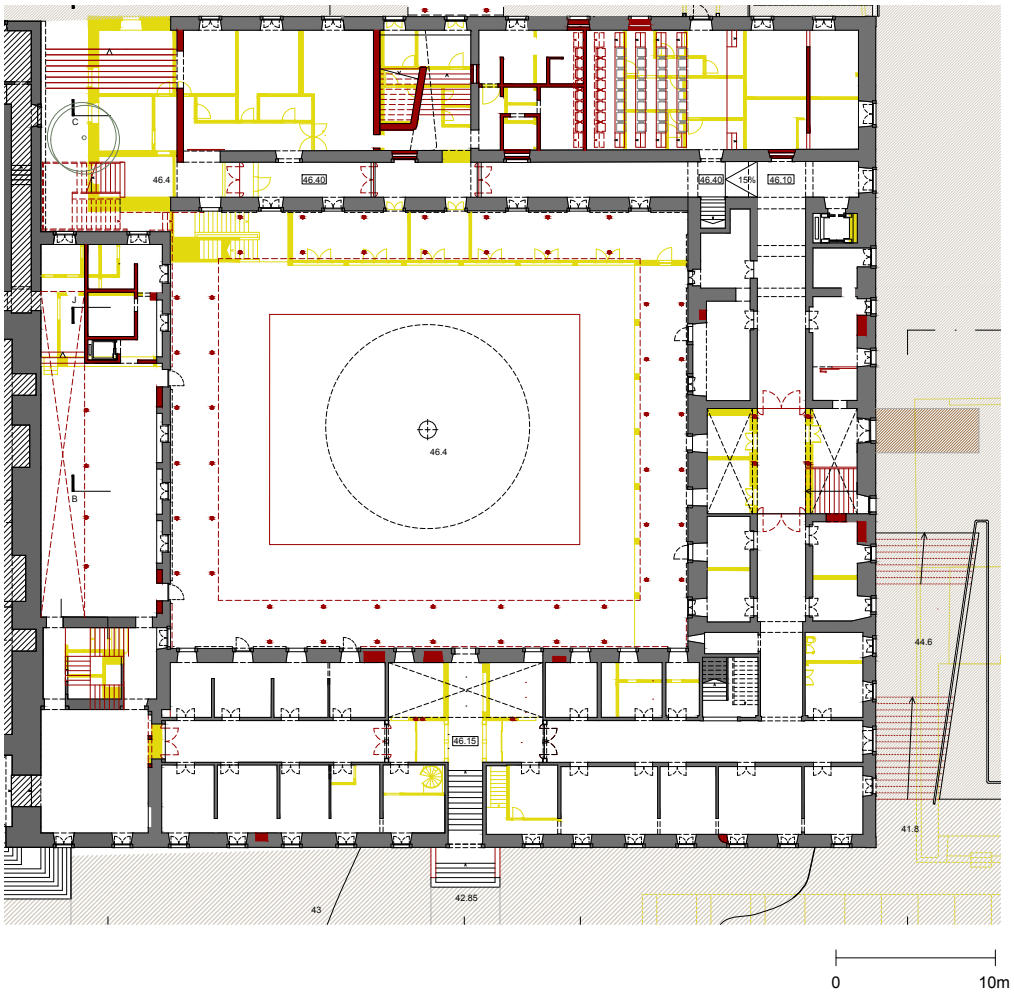


Fig. 6.33 Corte Ala Norte de Vermelhos e Amarelos

Nota: As Asnas visíveis são preexistentes, sendo que foram reaproveitadas e recolocadas no piso inferior. De forma a enfatizar a sua presença e qualidade expressiva e material, foram expostas em toda a Ala, tendo sido necessária a criação de envidraçados nas zonas de transição entre espaços. Estes envidraçados, de caixilharia esbelta, mantêm a sensação de continuidade espacial e permitem a visualização completa do ritmo das asnas.

Fig. 6.34 Planta de Vermelhos e Amarelos (Piso 1 | cota 46.15)

Ações de demolição (a amarelo), elementos a manter (a cinzento) e construção nova (a vermelho).

6.4.3 Sistemas de Transição

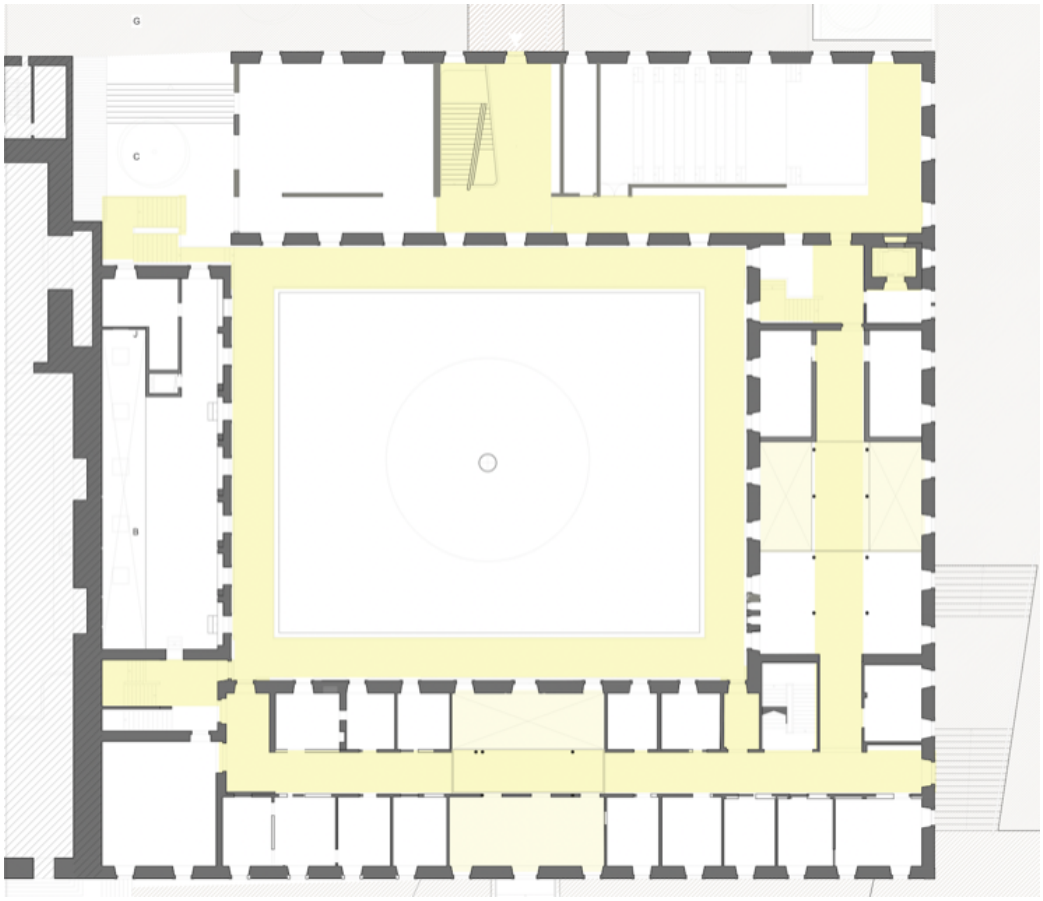
O tema das transições, articulado com a aplicação dos conceitos de “continuidade e contraste”, foi um dos principais focos desta proposta arquitetónica, por fazer parte do universo da **permeabilidade**.

Os **dispositivos transitivos** são conjuntos de elementos arquitetónicos que, por um lado, possibilitam a acessibilidade, e, por outro, produzem uma preparação para a mudança de condição, como referido no Capítulo 4.

Abordaremos de seguida cada um dos dispositivos.

6.4.3.1 Sistema Distributivo

O sistema distributivo faz também parte desta exploração de transições, por permitir a passagem e o acesso aos vários espaços. Este sistema, no caso do Convento, conta com elementos de circulação horizontal, os **corredores** e a **galeria exterior do pátio,** e elementos de circulação vertical, as **escadas** e os **elevadores**. A definição destes elementos corresponde a uma conservação da preexistência e a novos acrescentos, visíveis nas plantas abaixo apresentadas.



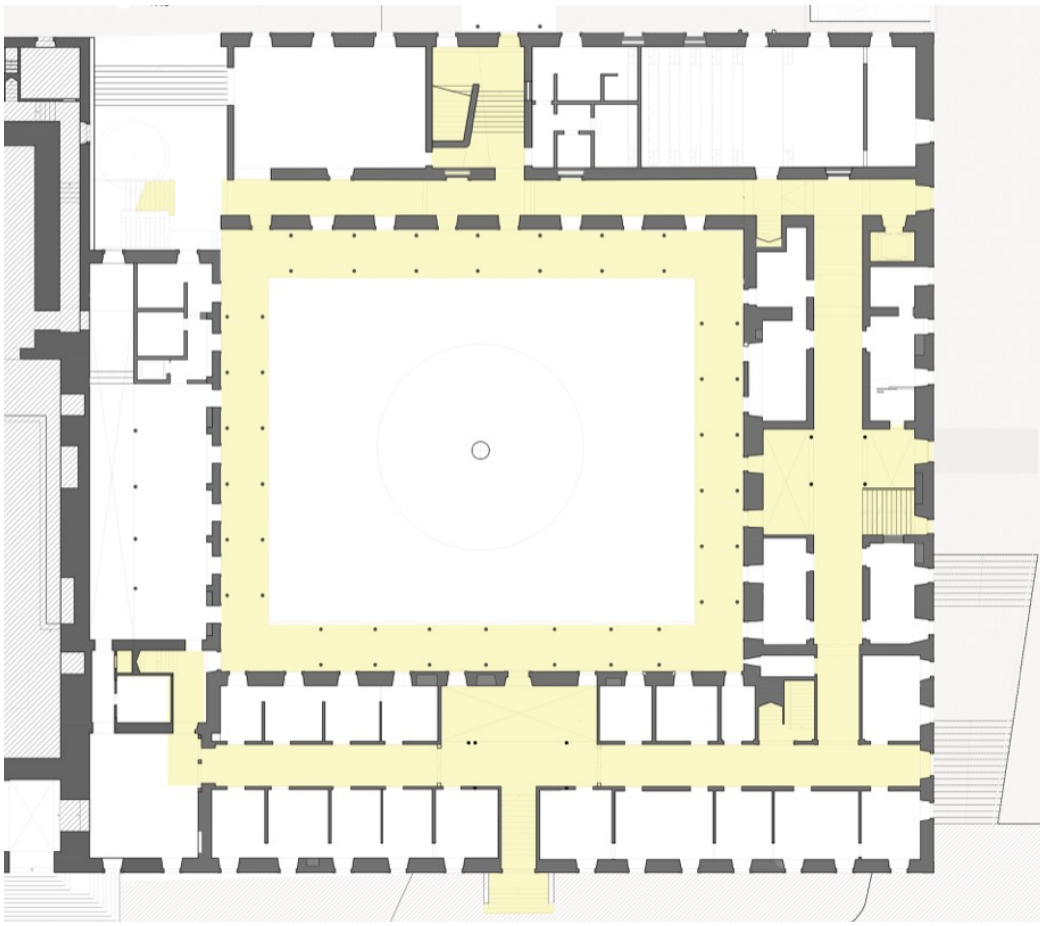


Fig. 6.35 Sistema Distributivo, Planta piso 2 | cota 50.7.
Fig. 6.36 Sistema Distributivo, Planta piso 1 | cota 46.15.

0 10m

6.4.3.2 Átrios como dispositivos de transição

Nesta proposta, os momentos de entrada no edifício localizam-se a eixo de cada uma das Alas do Convento (Sul, Este e Norte) e fazem-se através de **átrios** de entrada.

Esta decisão projetual, de abertura do Convento em cada uma das Alas, prendeu-se com a ambição de ligar o edifício ao espaço público que o envolve e, ao mesmo tempo, trabalhar a articulação de cotas.
Assumindo esta estratégia contornos contemporâneos, não se traduz numa decisão desligada da preexistência. A sua fundamentação histórica e tipológica é evidente, visto que:

- Na Ala Sul, com a ocupação Militar, foi criado um acesso (em meados do século XIX) onde existia afinal uma janela de "trânsito" no corredor (a eixo da Ala), daí existirem janelas maiores nesse alinhamento, como se observa na gravura de 1833 (Fig. 6.37).



Fig. 6. 37 Gravura Igreja e Convento da Boa-Hora, 1833.

- Na Ala Este, apenas a topografia original terá impedido um acesso a eixo da Ala, sendo que a planta de 1895 mostra claramente um "trânsito" a eixo (assinalado na Fig. 6.38).

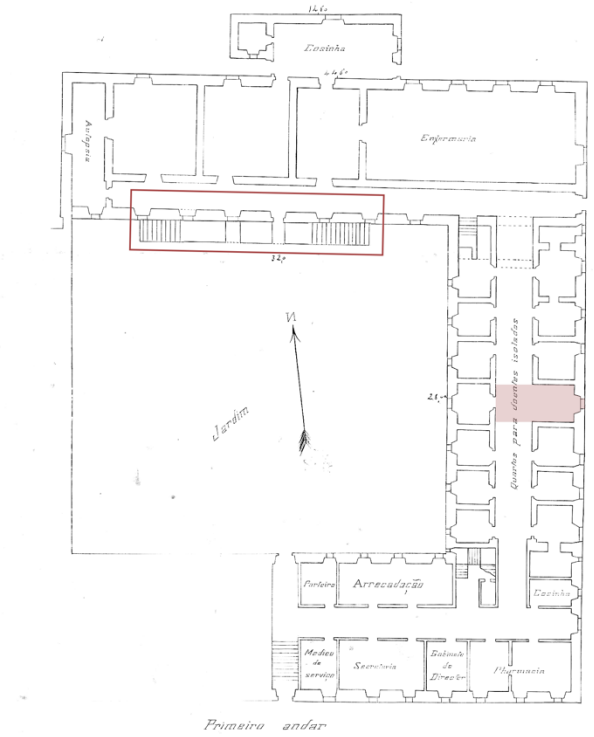


Fig. 6.38 Planta piso 1 Hospital Militar, 1895.

- Na Ala Norte, o atravessamento central e transposição de cotas tem antecedentes históricos. Com a criação do segundo piso sobre esta Ala, é construída uma escada a meio da fachada Sul desse ala para o claustro / pátio (perceptível também na planta de 1895, Fig. 6.38). Por outro lado, sabemos também que havia uma ligação direta do piso superior da Ala Norte à plataforma à cota 51, conforme se percebe na planta de 1934, (Fig. 6.39) e que se manteve com a construção do bloco de 1970.

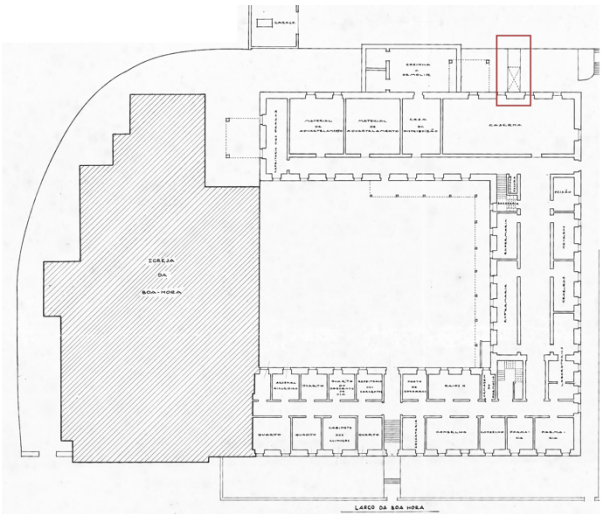


Fig. 6.39 Ligação do Convento à cota 51.0, Planta de 1934.

Estes átrios, como dispositivos de transição, exploram a articulação de cotas, a partir de comunicações verticais, proporcionando relações visuais entre os vários níveis. A variação de escala é conseguida através de momentos de compressão e descompressão que proporcionam uma experiência espacial diversificada e expressiva.

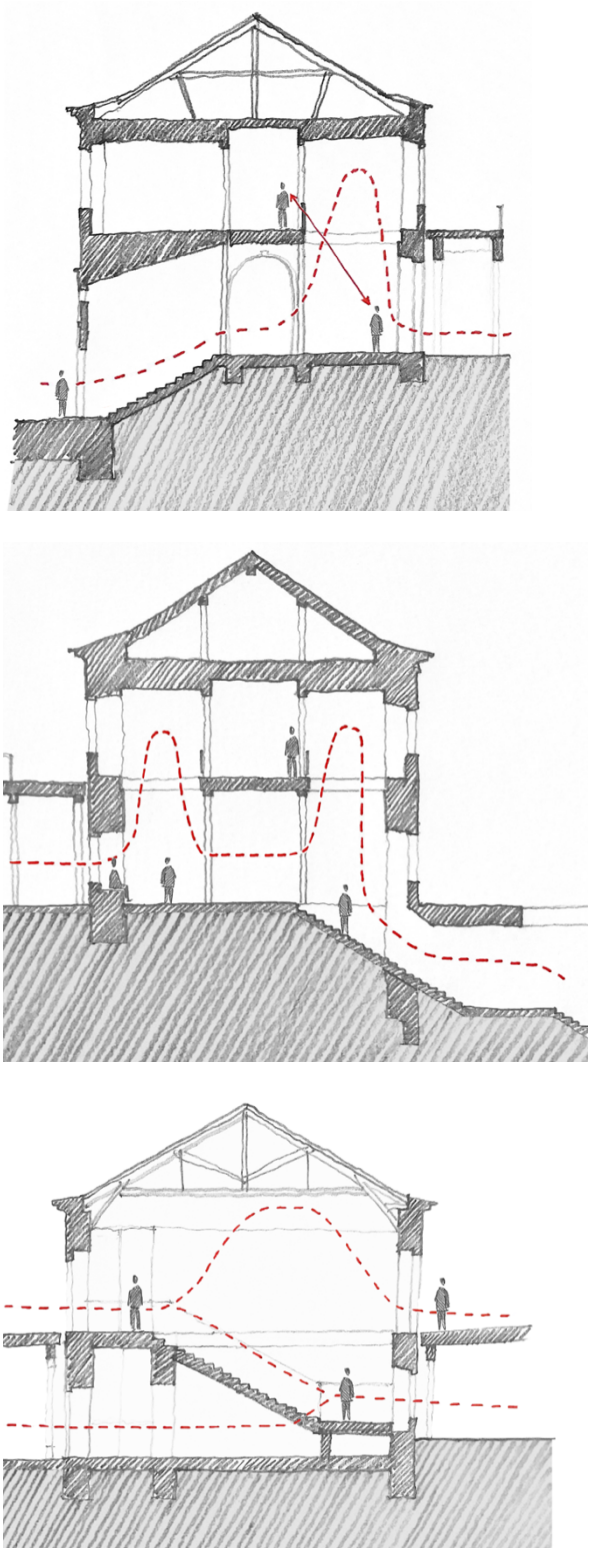


Fig. 6.40 Cortes Esquemáticos, Átrio Sul, Este e Norte

NOTA: A proposta de demolição das lajes foi acompanhada por um reforço estrutural. Assim sendo foram propostos pilares de constituição metálica que apoiam as novas lajes do piso 2 e também a cobertura, no caso da Ala Este.

Estes pilares contribuem para a noção de continuidade e permeabilidade interior-exterior, por se assemelharem, dimensional, material e formalmente com os pilares que suportam a galeria exterior. (demonstração mais à frente na planta da Fig. 6. 50)

Como referência, foi analisada a obra Villa Mairea, de Alvar Aalto, de 1939. Neste projeto é visível a exploração das secções dos pilares interiores e exteriores, sendo diluída a separação entre estes dois universos. O delicado toque dos pilares nos paramentos horizontais foi também mote de reflexão para o presente trabalho.

Fig. 6.41 Planta piso térreo Villa Mairea.

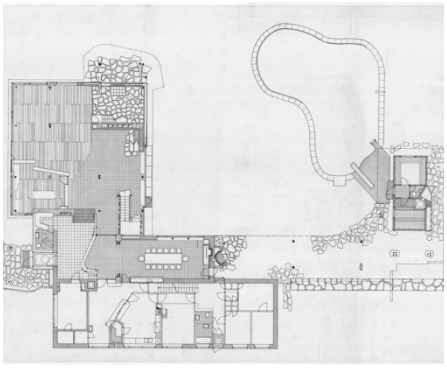
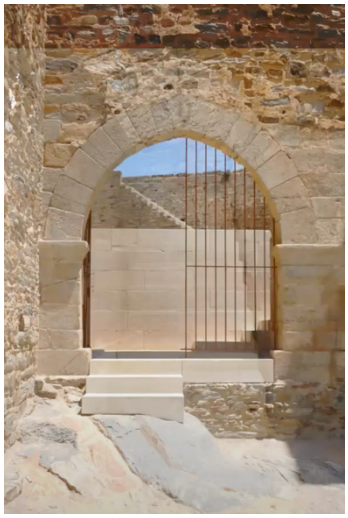




Fig. 6.42 Proposta de Criação de Gradis Metálicos, Autora

A passagem entre o espaço público da rua e o espaço do átrio pretende-se que siga uma continuidade, de forma a que a seja claro que o percurso mantém o cariz público. Para enfatizar esta condição, não faria sentido bloquear a entrada com um elemento opaco. Foram desenhados gradis metálicos, sem envidraçado, para que não exista separação de ambientes, para que o vento, os pássaros e as folhas das árvores fluam como os visitantes poderão fluir, até ao espaço do pátio. Estes gradis estarão presentes tanto nos acessos como nos vãos destes átrios, sendo que os acessos serão abertos durante o dia e encerrados durante o horário noturno, para garantir a segurança do complexo.

A obra de consolidação das Muralhas de Monsaraz[69], de Pedro Pacheco e José Aguiar, apresenta um trabalho notável no desenho de pórticos em gradil. A subtileza com que se relacionam com a preexistência, a esbelteza dos elementos e a forma como se abrem e encerram serviu como referência para a formulação desta proposta.



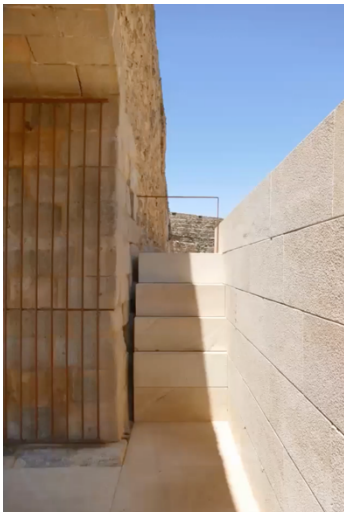


Fig. 6.43 Pórtico, Muralhas de Monsaraz.
Fig. 6.44 Pórtico, Muralhas de Monsaraz.

[69] 2017-20, Pedro Pacheco e José Aguiar.

6.4.3.3 Corredores (de circulação)

Estando perante uma tipologia conventual, é necessário apontar a importância deste elemento transitivo como estruturante de toda a compartimentação e organização espacial. Para além desta componente formal, é também um elemento produtor de fluxos de passagem, promovendo momentos de encontro e socialização, conseguidos pela sua escala e continuidade ao longo de todo o edifício.



Fig. 6.45 Corredor de Circulação, Ala Este, piso 1

A transição entre os corredores e os compartimentos faz-se a partir das ombreiras das portas interiores, de cantaria de pedra (ou madeira, no caso da Ala Sul), enquanto que a transição (visual) para o exterior faz-se através dos vãos de "trânsito". Estes vãos, que topejam os corredores e iluminam e encaminham o percurso, intensificam a qualidade espacial, sendo que esta luz é refletida pelo revestimento a azulejo dos lambris das paredes.

Nas zonas de confluência das Alas, onde os corredores se curvam a 90 graus, é proporcionada uma experiência de focalização e espectativa, pela sensação de "aqui" e "além"[70]. Este "além", iluminado pelo vão de "trânsito", confere qualidade a uma realidade ainda desconhecida e fomenta a curiosidade. Os arcos existentes produzem uma complexidade espacial e ao mesmo tempo funcionam como pontos de referência, sendo a orientação uma das mais importantes qualidades do sistema distributivo.

Nesta proposta, os corredores de circulação articulam-se com os espaços dos átrios. A transição entre estes espaços é feita através de portas envidraçadas pivotantes, de caixilharia metálica de perfil esbelto. A sua expressão de leveza e transparência proporcionará a consciência de se tratar de um elemento novo, mantendo a sensação de continuidade espacial tão característica dos corredores. Estes novos vãos são o primeiro contacto físico entre o Homem e o edifício, e, assim

[70] "Paisagem Urbana", Gordon Cullen, 1971.

sendo, contemplam a escala humana na sua composição formal e material.

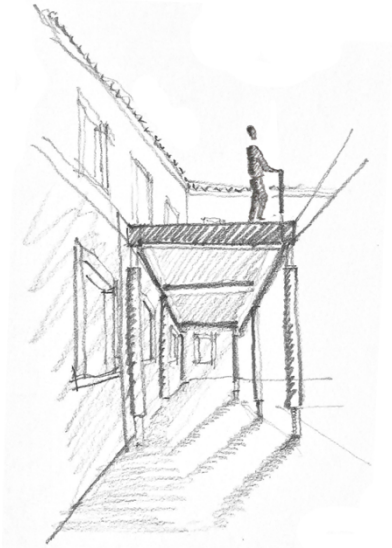


Fig. 6.46 Galeria Exterior.

6.4.3.4 Galeria Exterior

A Galeria exterior proposta substitui a atual galeria de betão armado dos anos de 1970, existente apenas nos alçados Norte e Este do pátio (Fig. 6.47). Esta galeria, inexistente na construção original do edifício, não representa valores tipológicos nem construtivos que se relacionem com o Convento, sendo então proposta a sua demolição.

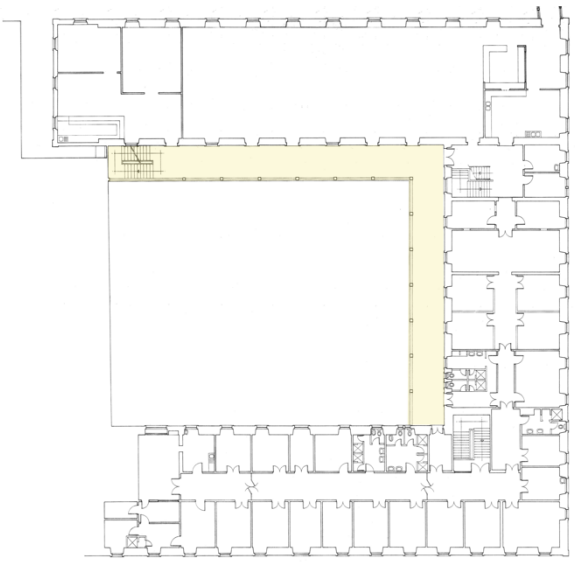


Fig. 6.47 Galeria Exterior, Planta de 1997 piso 1.

Em termos funcionais e distributivos, a existência de uma galeria contínua constitui-se como uma vantagem, pois possibilita a circulação exterior entre as diversas Alas.

Propõe-se então uma galeria que circunda o perímetro retangular do pátio (Fig. 6.46), sendo lida como um elemento autónomo em relação ao edifício do convento, distinguindo-se e afastando-se das fachadas. Esta leitura é conseguida através da sua constituição metálica, que se distingue claramente da preexistência, e da esbelteza dos pilares estruturais, que transmitem uma leveza que não é natural à construção original.

O ritmo dos pilares é enfatizado pelas sombras projetadas e a sucessão de vigas metálicas produz uma cadência que melhor

se aproxima à escala humana. O toque dos pilares nos elementos horizontais, o pavimento e o passadiço superior, é feito de uma forma delicada, perdendo diâmetro e produzindo uma analogia à base e ao capitel das colunas clássicas.

No piso térreo, a galeria produz uma zona de intermediação entre o interior e o exterior. Esta zona de "claustro", onde a luz é atenuada, proporciona a fruição do pátio através de um local protegido.

No piso superior, a galeria garante o acesso ao exterior e fornece um espaço aprazível de contemplação e usufruto do pátio. A guarda proposta, de materialidade metálica, não toca as extremidades da galeria e eleva-se em relação ao nível do pavimento, dando continuidade a esta sensação de ligeireza.

Esta galeria, para além das qualidades apontadas acima, repõe a leitura original e expressiva das fachadas do Convento, em relação ao pátio.

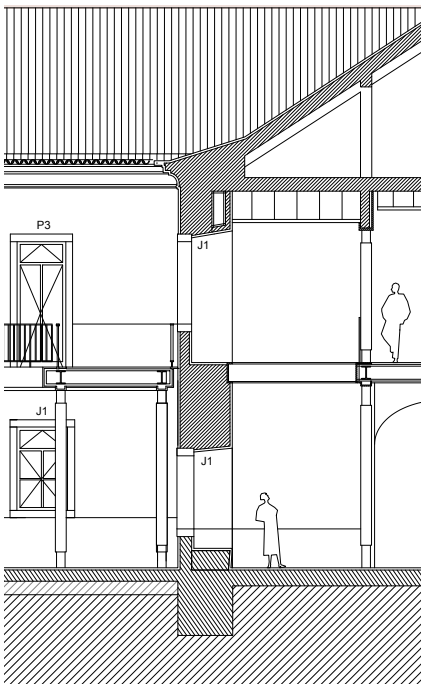


Fig. 6.48 Galeria Exterior, Ala Este

6.4.3.5 Habitar o limiar

A consciência de transição poderá dar-se através de momentos mais estáticos, que não envolvam uma mudança física nem transição para outro espaço. Poderá dar-se essa consciência através da contemplação visual de um ambiente distinto daquele a que se permanece. Sendo que a espessura das paredes exteriores do Convento varia entre 120 e 85 centímetros, no piso térreo, será proposto um banco para que o nicho produzido pelo vão ganhe habitabilidade. Este nicho, para além de surgir como um dispositivo que convida à permanência, tem a vantagem de direcionar o olhar de quem se senta para o exterior, pelo alinhamento com um vão na parede oposta.

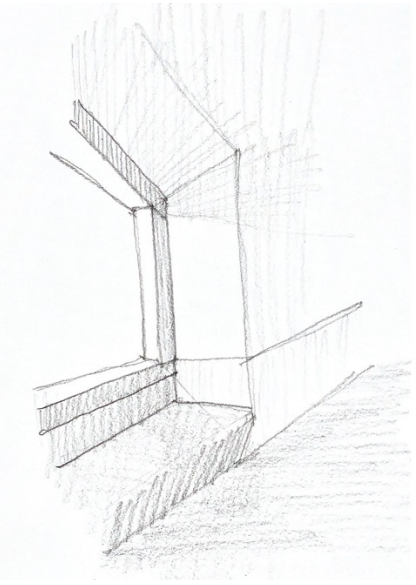


Fig. 6.49 Nicho de estadia, Atrio Este

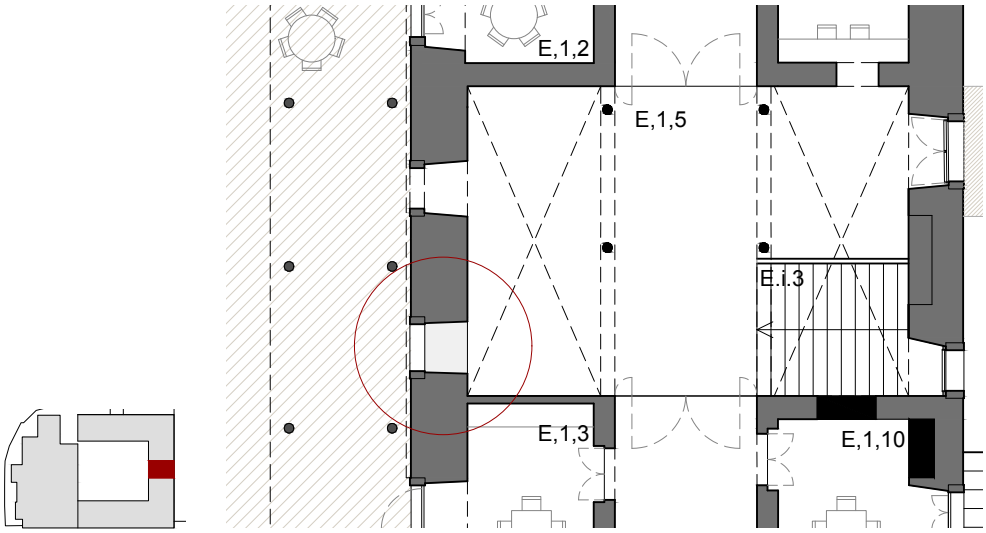


Fig. 6.50 Nicho de Estadia do Átrio Este, assinalado em planta (piso 1)

Esta ideia de constante relação visual com o exterior, nos espaços dos átrios, parte de uma procura das qualidades espaciais presentes nos átrios do Edifício Sede da Fundação Calouste Gulbenkian[71]. Estes espaços têm a particularidade de relacionar patamares interiores com espaços verdes exteriores a diferentes cotas, existindo sempre uma permeabilidade visual entre interior e exterior.

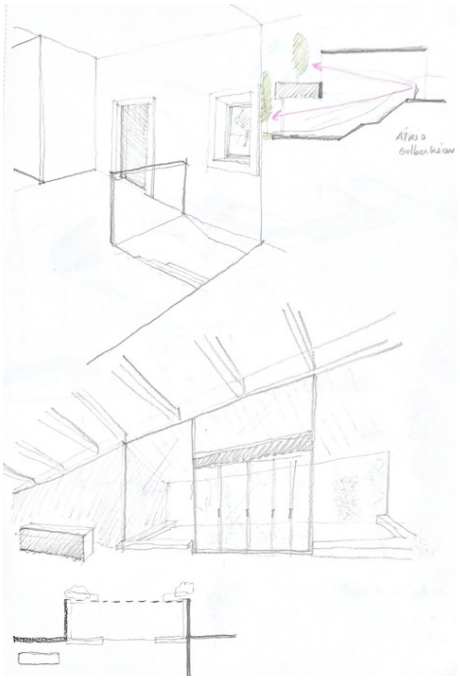




Fig. 6.51 Átrio Interior Edifício Sede da Gulbenkian.
Fig. 6.52 Esquisso com exploração de relações visuais nos Átrios da Fundação Calouste Gulbenkian.

[71] Projeto de Ruy Jervis d'Athouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa, 1969.

6.4.3.6 Comunicações verticais

Sendo elementos fundamentais na articulação distributiva, as **escadas** e os **elevadores** fazem parte do universo dos dispositivos de transição. São estes elementos que fazem a comunicação entre os pisos e simultaneamente a transição entre ambientes.

Esta transição, produzida pelo ato de subida ou de descida, implica a aproximação do ser humano ao edifico. Esta aproximação tem a ver com uma maior consciencialização física dada pelo movimento do corpo. Inclui o toque da mão que corre no corrimão, o toque do pé que pisa os degraus e do foco do olhar, que se desloca consoante a movimentação.
No caso dos elevadores, a experiência de transição é menos rica, sendo que há uma mais rápida mudança de condição e espacialidade.

Como abordado no Capítulo 2, o posicionamento das escadas existentes, no topo da Ala Este, remete para a construção original do edifico. Assim sendo, foi proposta a sua preservação, mantendo a estrutura existente e alterando os revestimentos. Na Ala Oeste, foi proposta a demolição da escada existente, de estrutura em betão armado, pois apesar do seu alinhamento com um vão lhe conferir alguma qualidade espacial, as suas dimensões são desproporcionais e restringem o espaço de circulação. Foi também proposta a demolição das escadas exteriores que se articulavam com a Galeria existente.

Foi proposta a construção de um vão de escada no **átrio Este**, que se liga ao edifício do pavilhão desportivo (à cota 42.8). Estas escadas são revestidas a pedra lioz dando continuidade ao ambiente do átrio, e abraçam o pavimento do novo volume através de um patamar de chegada que faz a transição material.

No **átrio Norte**, foi também proposta a criação de uma escada que liga os dois pisos do convento (cotas 46.4 e 51.0). Esta escada, no seu lance inferior, ganha uma escala que permite a

estadia, isto é, os degraus atingem os 3.2 metros livres, possibilitando a sua utilização como assento. Este local de permanência tem a qualidade de direcionar o olhar para um vão que se abre para o pátio e também a qualidade de variação de escala, pelo duplo pé direito proposto.

Tendo em conta esta dimensão, a escada carece de corrimão em ambos os extremos. Foi explorada uma guarda em betão armado que incorpora uma peça maciça de pedra lioz que resolve o corrimão. No lado oposto o corrimão ganha uma maior leveza, sendo trazida a linguagem da guarda da galeria exterior.

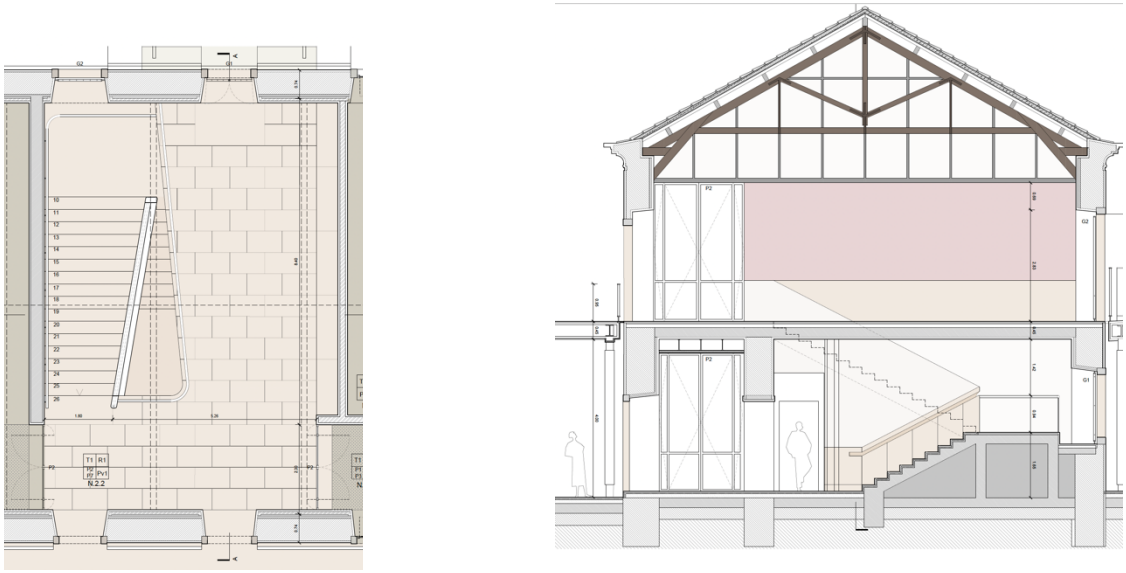


Fig. 6.53 Escadas Ala Norte, planta e corte.

Por último, foi proposta a criação de umas novas escadas exteriores que se articulam com a nova **galeria**. Localizam-se junto à fachada Norte da Ala Oeste. A materialidade seguirá a linguagem metálica da galeria e o degrau inferior, que ganha dimensão para preparar a subida e rececionar a chegada, encontra-se alinhado com uma entrada exterior da Ala Norte.

Finalmente, os dispositivos elevatórios situam-se na Ala Este (existente) e na Ala Oeste (proposta). Ambos foram pensados e dimensionados numa lógica de acessibilidade, permitindo a transposição de cotas a pessoas com mobilidade reduzida.

6.4.4 Ambientes

"A atmosfera fala de uma sensibilidade emocional, uma perceção que funciona a uma incrível velocidade e que os seres humanos têm para sobreviver." [72]

Entrando finalmente no universo dos **interiores**, importa apontar que os ambientes, pelos nossos sentidos percecionados, impactuam profundamente no ser humano e no seu modo de estar. A experiência sensorial de um ambiente implica a perceção da cor[73], da intensidade e tonalidade da luz, da temperatura e textura dos materiais e da própria espacialidade.
Estas características têm a capacidade de agir simbólica e emocionalmente sobre quem as perceciona, através da referenciação a experiências passadas, já conhecidas, ou através da relação entre elementos. Na área da arquitetura e da reabilitação, a manipulação destas características funciona como uma ferramenta de comunicação. É possível expressar valores relativos à história do edifico ou à matriz tipológica, por exemplo.

[72] "*Atmosferas*", Peter Zumthor, 2006.
[73] Para o estudo do impacto e influência da cor nos ambientes e no ser humano foi importante a obra do Professor Doutor João Nuno Pernão, nomeadamente a Tese de Doutoramento "*A cor como forma do espaço definida no Tempo: Princípios Estéticos e Metodológicos para o estudo e aplicação da cor em Arquitetura e nas Artes*", 2012.

6.4.4.1 Átrios

A constituição espacial, formal e material dos átrios propostos teve como mote o tema "**continuidade** e **contraste**".

Iniciando pelo **contraste**, a estratégia de "rasgar" as alas para criar passagens diretas ao pátio, fomentou a exploração sinestésica[74] do espaço.
Foram criados momentos de compressão e descompressão, através de variações de escala, conseguidas pelos diferentes níveis a que os tectos se posicionam. Os tectos que se alinham com os corredores apresentam um tom mais claro contrapondo com os tectos mais escuros e rebaixados que se inseriam nos compartimentos, caso existissem.
Através da demolição parcial das lajes do piso intermédio, a permeabilidade intensificou-se, sendo possível, a partir do piso térreo, observar quem passa no corredor do piso superior. Para além disso, o facto de se cruzarem ortogonalmente dois percursos distintos, em pisos diferentes, cria uma multiplicidade de pontos focais e de perspetivas de contemplação do espaço.
A espacialidade descrita é fortemente contrastante com a lógica de "corredor e compartimento" atuais. Negando essa lógica, mas mantendo o seu testemunho, foram criadas alhetas metálicas que se posicionam no lugar onde foram demolidas as lajes (Fig. 6.55).

A **continuidade** ficou manifestada pela definição material.
Os pavimentos dos átrios foram revestidos a pedra lioz, com uma estereotomia alusiva à forma de construir da época de construção do edifício original (século XVIII). Esta sugestão é passada pelo dimensionamento da pedra, com larguras baseadas em "palmos de craveira"[75], sendo o comprimento variável.

[74] Sinestesia:
"Produção de duas ou mais sensações sob a influência de uma só impressão" Priberam.

[75] unidade de medida que vigorava nos séculos XVII, XVIII e XIX, antes da introdução do "metro" em 1860, sendo que 1 palmo de craveira =22cm (e 5 palmos = 1vara).

O pavimento exterior, junto às entradas nos átrios, contempla um “tapete” de lioz que anuncia o atravessamento perante o pavimento de calçada portuguesa[76] e traz ao interior um ambiente nobre.
A continuidade é também conseguida pela conservação dos arcos e das cantarias de pedra. Estes elementos, com embasamento, definem a escala dos rodapés propostos, que se integram num lambril[77], ambos em pedra lioz. O lambril segue o alinhamento da cantaria dos vãos exteriores, enfatizando, assim, a preexistência, ao mesmo tempo que promove a proteção física das paredes e humaniza a escala destes espaços.

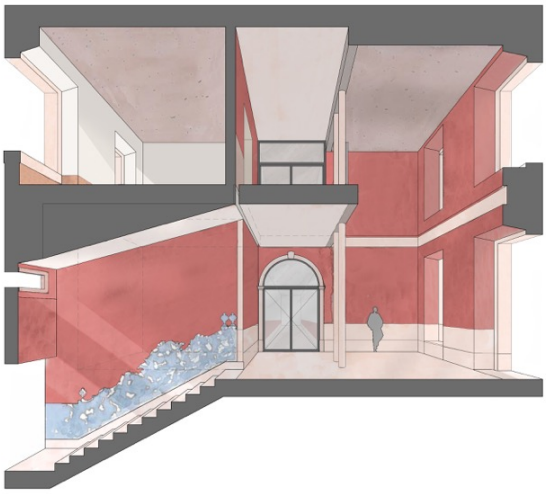


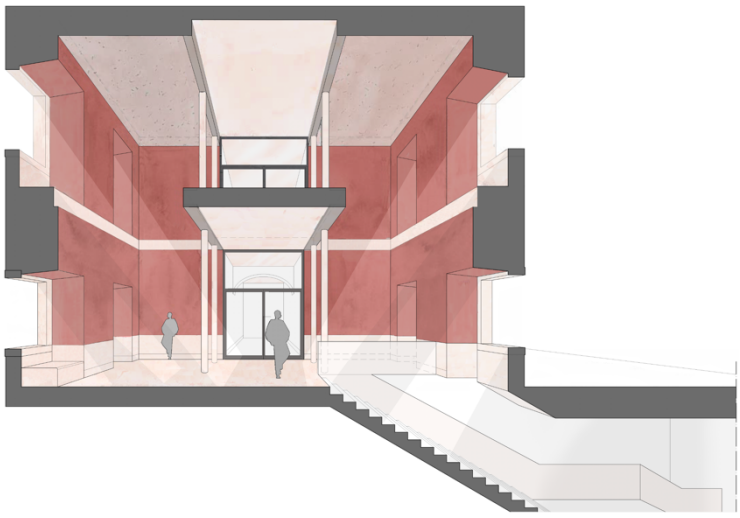
Fig. 6.54 Fachada Sul Igreja e Convento da Boa Hora, 2021.

Enfatizando o caracter exterior dos átrios, será trazida a **cor** da fachada, um vermelho sangue de boi (S 4030-Y90R)[78], para o lado interior destas paredes. Dentro do tema da cor é pertinente a consciencialização da sua dimensão cultural. A cor referida constitui-se como histórica no que toca à sua utilização em edifícios nobres, sendo o branco utilizado em edifícios mais humildes. Por esta razão, foi mantida a cor existente na fachada e não restituído o tom branco ou amarelo que se pensa já ter existido[79].

A temperatura e intensidade da luz natural é relativa a cada átrio, pelo diferente posicionamento (Sul, Este e Norte). No entanto, será sempre exponenciada, pelos duplos pés direitos criados e pela entrada de luz em ambas as paredes exteriores.

[76] Foi ponderada a utilização do pavimento em calçada portuguesa, seguindo a materialidade do Largo da Boa Hora e ruas adjacentes, no entanto, mantendo as escadas revestidas a Lioz, existentes a eixo da Ala sul, seria ambígua a mensagem passada.
[77] Na Ala Sul procedeu-se à conservação dos azulejos, que apesar de não serem originais, contêm valor estético e artístico.
[78] Código NCS (Natural Colour System)
[79] No último semestre de 2021, a fachada da Igreja da Boa Hora foi pintada a amarelo (S 1040-Y10R).





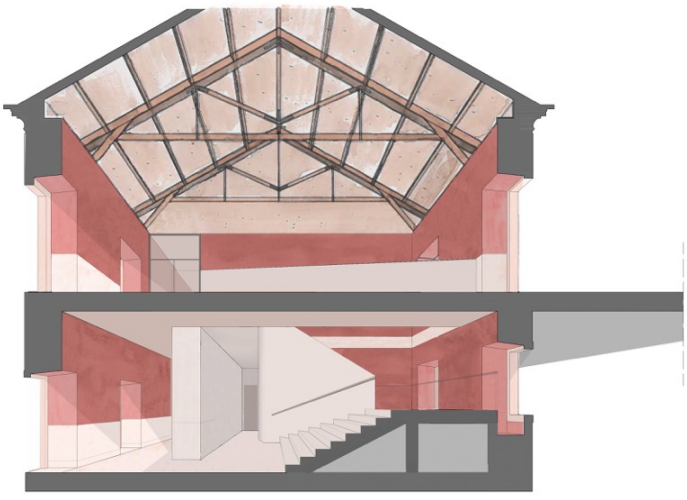


Fig. 6.55 Corte Perspetivado do Ambiente, Átrio Sul, Este e Norte.

6.4.4.2 Corredores

O espaço de corredor, pela importância espacial e distributiva referida, contemplou também uma exploração do ambiente.

Neste espaço, o critério de desenho e as decisões matéricas seguiram sobretudo a **continuidade**.

Espacialmente, os corredores mantêm a sua forma e dimensionamento e continuam a ser delimitados por paredes pontuadas por vãos.
A continuidade material foi seguida de uma forma alusiva e cromática.
O **pavimento** atual (um "xadrez" constituído de pedra mármore e azulino nas extremidades) foi substituído por um revestimento auto-nivelante continuo, com inertes e pigmentos que o assemelham ao mármore. Esta substituição deve-se ao facto de, com o "rasgar" dos corredores nas zonas dos átrios, não seria possível manter a continuidade do pavimento. Para além disso, esse revestimento datava do século XX e não continha valor acrescido, para além do seu valor material. O pavimento proposto garante a resistência necessária ao desgaste e produz uma continuidade, derivada da inexistência de estereotomia, que permite realçar os restantes elementos do espaço.



Fig. 6.56 Corredor de Circulação, Ala Este, piso 1 (Existente)

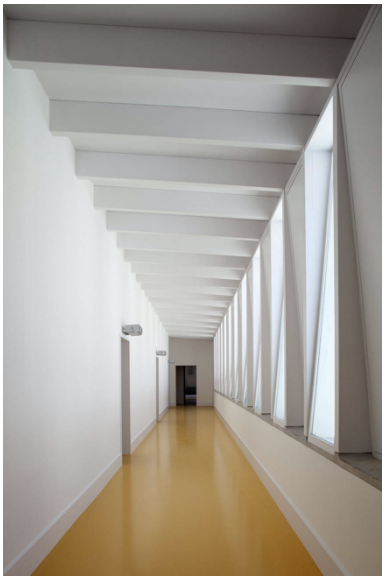


Fig. 6.57 Corredor do Museu Ordem de São João de Deus, 2009, Inês Lobo.

O **rodapé** proposto, em pedra lioz, atinge o alinhamento do embasamento da pedra das cantarias históricas, tal como nos átrios. Este dimensionamento, de 69 centímetros, traz ao espaço um carácter mais nobre e realça o valor das cantarias de pedra.

As **paredes** existentes[80] são forradas, ao nível do lambril, com novos azulejos que trazem a cor sanguínea[81] da fachada exterior. Para além da sua capacidade de proteção, os azulejos, de produção artesanal, trazem a reflexão da luz proveniente dos vãos de "trânsito". Estes reflexos e brilhos irregulares, de tons

[80] Atualmente contêm um lambril revestido a azulejos industriais de cor branca.
[81] NCS (S 4030-Y90R)

avermelhados, iluminam e tornam o ambiente mais quente[82]. O papel e importância da **luz** nos corredores é evidente, por se tratarem de espaços predominantemente interiores (a Sul e a Este), daí ser tão importante esta capacidade refletora dos revestimentos. O próprio pavimento, tal como visível na obra[83] da Figura 6.57, traz um certo grau de reflexão.

A constituição dos tectos nestes espaços é produzida pela própria laje do piso intermédio, e a sua extensão segue uma tonalidade clara, de modo a não comprimir nem escurecer o espaço. O seu toque com os elementos verticais, as paredes, é feito de forma direta, sem sanca. Esta decisão teve por base o facto de não existir atualmente, em nenhuma zona do edifico, uma sanca de cariz original que pudesse servir como base de desenho. Assim, foi necessário assumir uma linguem contemporânea e prescindir deste elemento, que faria parte do universo tipológico.

NOTA: A importância da qualidade da luz artificial foi também apontada como grande condicionante à qualidade dos ambientes destes espaços interiores.

A temperatura e intensidade da mesma foi pensada de forma a complementar o tom "quente" trazido pela cor dos azulejos e o posicionamento dos focos de luz, direcionados ao centro do tecto, poderá trazer a sensação de abóbada, característica dos corredores conventuais.



Fig. 6.58 Corredor de Circulação, esquisso de estudo para luz artificial.



Fig. 6.59 Corredor de Circulação, Ala Este, piso 1

[82] O pavimento referido conterá pigmentos com o mesmo cromatismo destes azulejos.
[83] Museu São João de Deus, Inês Lobo, 2009

6.4.4.3 Compartimentos

Abordaremos neste tópico os ambientes propostos para os espaços compartimentados, que se dividem em coletivos, de serviço e privativos.

Os **espaços coletivos**, que incluem usos como salas de trabalho, estudo e de atividades, foram pensados segundo critérios de resistência, conforto e compatibilidade entre revestimentos.
Os pavimentos materializam-se com uma madeira de pinho nórdico que sobe até à altura do lambril, alinhado pela cantaria de pedra dos vãos. A tonalidade da madeira tem uma aparência neutra e clara, sem brilho.
O cromatismo destinado às paredes segue o tom de branco histórico, (S-0502-Y)[84], presente nas portas e respetivas aduelas de madeira existentes.
Os tectos (falsos)[85] são constituídos por um contraplacado de madeira revestido com placas de selenite, de modo a regular a acústica. Estas placas têm um cromatismo semelhante à cor das paredes, sendo que a sua textura acaba por escurecer ligeiramente o seu tom.

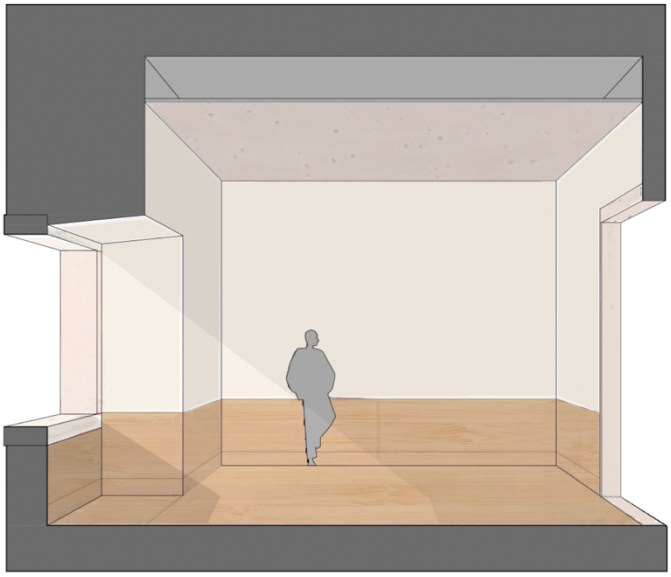


Fig. 6.60 Corte Perspetivado do Ambiente Compartimento tipo

[84] Código NCS (Natural Colour System)
[85] Estes tectos falsos possibilitam a passagem de infraestruturas de ventilação e ar condicionado.

Os **Espaços de serviço**, que incluem os espaços comerciais e a cafetaria, e os **espaços privativos** que incluem as Instalações Sanitárias, seguem a mesma matriz cromática e material, excepto nos pavimentos e lambris. Estes resultam de uma escolha ligada à proteção e facilidade de limpeza, revestindo-se a mosaicos cerâmicos da cor da fachada (NCS S 4030-Y90R).

6.4.4.4 Espaço Singular



Fig. 6.61 Perspetiva do Auditório – vista sobre o palco.

Devido à particularidade da natureza espacial e funcional do espaço de **Auditório**, será aqui apresentado o respetivo ambiente de forma autónoma.

O **Auditório** explora uma espacialidade que tira partido de uma grande zona em duplo pé direito. Esta espacialidade é qualificada não só pela iluminação trazida pelos vãos da fachada exterior, que será controlada através de portadas de madeira, como pelas asnas à vista, da cobertura.

Este espaço conta dois acessos, um em cada um dos pisos do Convento (cotas 46.4 e 51.0).
A entrada pelo piso térreo faz-se a partir de uma porta localizada no corredor da Ala Norte, com cantaria de pedra existente. Os critérios de desenho desta porta fomentaram um pensamento crítico sobre que metodologia adotar a esta escala do projeto. Seguindo os mesmos parâmetros de continuidade e contraste relativamente à preexistência, foi proposta uma linguagem que segue a lógica existente e histórica, adotando linhas simplificadas no seu desenho. Manteve-se então a abertura com duas folhas, e a bandeira envidraçada na zona superior.

Entrando no auditório a este nível, o ambiente criado é de um espaço ordenado e simples, tanto na sua forma como na variedade material. As bancadas, o palco em madeira e as paredes revestidas com a cor “branco histórico” são os elementos predominantes. Através desta simplicidade é

garantida uma maior atenção ao ritmo produzido pelas asnas à vista. Estas asnas, existentes no terceiro piso (a demolir) e transpostas para o segundo piso, são enfatizadas pela cor forte dos painéis que as cobrem a qual vai buscar o pigmento da madeira e, sendo uma tonalidade mais escura que a dos elementos verticais, acaba por transmitir a sensação de compressão, necessária para garantir uma escala confortável a este duplo pé direito.

A segunda entrada, no piso superior, faz-se através de um novo vão composto por portas envidraçadas, pivotantes, que dão acesso à zona tardoz da plateia, sendo garantida a partir desse ponto uma visão generalizada sobre todo o espaço.



Fig. 6.62 Corte Perspetivado do Ambiente, Auditório

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Projeto Final de Mestrado teve como enquadramento geral o grande tema da Reabilitação do Património. Através da investigação deste tema e da clarificação dos seus conceitos e princípios, no capítulo 4, foi constituída uma base teórica que permitiu explorar criticamente os campos de ação interventivos.
O aprofundamento prático deste tema partiu da proposta de reabilitação do Convento da Boa-Hora à Ajuda. Na perspetiva da sua inserção social e urbana, foram desenvolvidos os conceitos de permeabilidade e de abertura do edifício à cidade.

Dada a contextualização social e urbana do lugar em estudo, apresentada no capítulo 2, o objetivo principal desta intervenção foi a transformação do antigo Convento, e território interior à antiga cerca conventual, num complexo multifuncional, agregador da comunidade.

A nível urbano, foi explorada a melhoria das condições de aprazibilidade do espaço público, de forma a promover a apropriação humana e a melhoria da qualidade de vida dos atuais residentes. Através da proposta de atravessamentos urbanos e da criação de uma sequência de espaços exteriores qualificados em sistemas de vistas e dispositivos arquitetónicos que convidam à permanência, esta intervenção procurou melhorar as dinâmicas sociais, tentando combater o processo de gentrificação. Este processo de substituição social, que surge como consequência da sobrevalorização do mercado imobiliário, provoca uma perda de vivências em comunidade, pois a população que substitui os antigos residentes não pratica hábitos quotidianos no “bairro” e não cria ligações com a vizinhança nem com o lugar. Assim sendo, a proposta assumiu o compromisso de promover o encontro e a manutenção das referidas vivências.
Para esse fim, foi proposto um programa de cariz público, acessível a toda a população. Esta componente funcional resultou como um meio ativador do espaço público, apoiando assim a intenção de o tornar num ponto de encontro.
De forma a atrair a população a este complexo, a permeabilidade dos percursos incluiu a melhoria das ligações, físicas e visuais, do espaço público, reinserindo o complexo no tecido urbano. Foi

apreendido com este trabalho o alcance e o poder das intervenções no edificado, que não se restringem ao próprio objeto.

A hipótese que questiona a possibilidade de reconversão do objeto a um novo uso, foi também respondida afirmativamente pela proposta. Esta demonstra a capacidade de adaptação da tipologia conventual ao uso proposto, mas também a capacidade que esta opção funcional tem em articular-se à preexistência, como vimos no Capítulo 6. A variação de escalas dos espaços existentes foi uma das qualidades que permitiu essa adaptação. O posicionamento relativamente ao exterior, a organização funcional interior, a relação entre usos e sua articulação com os sistemas transitivos, foram os temas estudados e aplicados, resultando numa trama de funções que ativa e qualifica os percursos urbanos.

O contacto com a preexistência e o grau de transformação exigidos pelas premissas de permeabilidade e abertura, exigiram o apoio da teorização, para que a intervenção arquitetónica seguisse uma atitude ética e responsável.

A transparência e a honestidade das ações de projeto foram assumidas como principais princípios interventivos, surgindo soluções que enfatizam o contraste entre novo e existente. Com este trabalho e com a exploração dos casos de estudo apresentados no capítulo 5, foram apreendidas diferentes formas de seguir esse contraste, a partir de distanciamento ou diferenciação construtiva, formal, material e cromática, servindo este conhecimento para futuros trabalhos na área da Reabilitação.

Assumindo a transformação como processo inevitável da passagem do tempo, o presente projeto procurou adaptar o edifício às condicionantes contemporâneas, não procurando repor o estado original do objeto, mas sim promover uma transformação positiva. A intervenção procurou melhorar as relações entre edificado e envolvente e também as qualidades inerentes ao próprio objeto, adaptando-as às práticas e usos

contemporâneos. Ao contrário de Ruskin, que aliava a preservação original ao simbolismo e essência do edifício, optámos por associar à intervenção a capacidade de apresentar, para as gerações futuras, uma composição de "camadas", representativas da evolução própria do edifício, para que essa multiplicidade de "camadas" conduza a uma maior riqueza expressiva e qualitativa. A essência e a autenticidade do objeto não se demonstraram perdidas, através desta lógica interventiva, tendo sido exponenciadas. Isto foi possível pela aquisição de um novo sentido que passou a estar presente.

Concluindo, o presente trabalho demonstrou a multidisciplinariedade da área da reabilitação, tendo sido abrangidas as vertentes social, urbana e arquitetónica. Expôs a possibilidade de articulação do conceito de permeabilidade a cada uma das escalas e vertentes do projeto, o qual funcionou como fio condutor. A coerência e unidade, procuradas nas ações interventivas, mostraram-se possíveis pela base conceptual a que foi aliado esse projeto.

Considerando pertinente uma análise crítica do trabalho desenvolvido, é de denotar um menor aprofundamento no desenho dos edifícios a Norte do Convento (os edifícios propostos com uso residencial e Edifício dos anos 1970). É, no entanto, necessário ressalvar que estes se afastavam do foco principal do projeto, tendo sido aceites os limites temporais face ao objetivo de desenvolver este trabalho dentro do prazo do calendário académico. Apesar disso, as bases programáticas propostas e as qualidades arquitetónicas exploradas permitem alargar a discussão sobre como intervir neste território.

O presente trabalho revelou-se muito pertinente no meu percurso académico, pois fomentou um aprofundamento dos principais temas da área da reabilitação e promoveu o posicionamento crítico perante as estratégias identificadas, tendo sido apreendida a capacidade de articulação teórica e prática dos princípios interventivos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Pedro (1996) Palácios da memória. Lisboa, Faul, Dissertação para tese de mestrado (Capítulos: I - A arquitetura como monumento e morada, II - Tema, III - A experiência da obra de arte)

ABREU, M. Mendes; LUCAS, J. Carvalho (2002) Terminologia geral sobre patologia da construção. Lisboa, LNEC.

AGUIAR, J.; CABRITA, Reis; APPLETON, João (1992) Guião de apoio à reabilitação de edifícios. Lisboa, LNEC/DGOT, CML.

AGUIAR, José (2002) Cor e cidade histórica, Estudos cromáticos e conservação do património. Porto, Edições FAUP.

ALBERTI, Leon (1966) De re aedificatoria. Milão, Ed. G. Orlandi.
BACHELARD, Gaston (1989) A Poética do Espaço. São Paulo, Martins Fontes.

BAJANCA, Mónica (2014) O Lugar Conventual Como Memória Arquitetónica. Tese de Mestrado em Reabilitação e Arquitetura de Interiores; Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

BERGE, Bjørn; BUTTERS, Chris; HENLEY, Filip (2009) The ecology of building materials. Oxford, Elsevier/Architectural Press.

BRAND, Stewart (1994) How Buildings Learn: What Happens After They're Built. Nova Iorque, Viking Press.

CAEIRO, Matos (1989) Os Conventos de Lisboa. Sacavém, Distri Editora.

CHOAY, Françoise (2008) Alegoria do Património. Lisboa, Edições 70.

CHOAY, Françoise (2009) As Questões do Património: antologia para um Combate. Lisboa, Edições 70.

CULLEN, Gordon (1961) Paisagem Urbana. Lisboa, Edições 70.

FEILDEN, Bernard (2003) Conservation of Historic Buildings. Roma, Architectural Press.

GAGO, Ana (2018) O aluguer de curta duração e a gentrificação turística em Alfama, Lisboa. Dissertação de Mestrado em Turismo e Comunicação. Universidade de Lisboa.

GEHL, Jan (2011) Life Between Buildings. Washington, Island Press.

HALBWACHS, Maurice (1990) A memória coletiva. São Paulo, Edições Vértice.

HALL, Edward (1986) A Dimensão Oculta. Lisboa, Relógio D'Água Editores.

HERTZBERGER, Herman (1991) Lições de Arquitectura. São Paulo, Martins Fontes.

JACOBS, Janes (2000) Morte e vida das grandes Cidades. São Paulo, Martins Fontes.

LUSO, Eduarda; LOURENÇO, Paulo; ALMEIDA, Manuela (2004) Breve História da teoria da conservação e restauro. Minho, UM.

LYNCH, Kevin (2017) A Imagem da Cidade. Cambridge, Edições 70.

MONTEYS, Xavier (2011) Rehabitar. Madrid, Editorial Ministerio de Fomento.

MONTEYS, Xavier (2019) La calle y la casa, Urbanismo de interiores. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

ORDEM DOS ARQUITECTOS (2001) A Green Vitruvius: Princípios e práticas para uma arquitectura sustentável. Lisboa, Ordem dos Arquitectos.

PALLASMAA, Juhani (1996) Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos. Helsínquia, Bookman.

RIEGL, Alois (1903) O Culto Moderno dos Monumentos. São Paulo, Perspectiva.

PERNÃO, João Nuno de Carvalho (2012) A cor como forma do espaço defenida no tempo. Princípios estéticos e metedológicos para o estudo e aplicação da cor em arquitectura e nas artes. - Lisboa : FAUTL Tese de Doutoramento.

ROSSI, Aldo (2016) A Arquitetura da Cidade. Lisboa, Edições 70.
TÁVORA, Fernando (2015) Da Organização do Espaço. Porto, FAUP publicações.

VAZ, Pedro (2019) Edificar o Património: pessoas e paradigmas na conservação e restauro. Lisboa, Edições 70.

VENTURI, Robert (1966) Complexity and Contradiction in Architecture. Nova Iorque, MoMA.

ZEVI, Bruno (1996) Saber Ver a Arquitetura. São Paulo, Martins Fontes.

ZUMTHOR, Peter (2006) Atmosferas. Zurique, Editorial Gustavo Gili.

ZUMTHOR, Peter (2014) Pensar a Arquitetura. Zurique, Editorial Gustavo Gili.

Documentos Digitais

MATEUS, Aires (2016) Colégio da Trindade
http://www.ihru.pt/documents/20126/35458/01_1025_trindade_painel_01_02.pdf/12e8f7b3-421d-
[consultado a 25 de Novembro 2020]

Carta de Amesterdão (1975)
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf
[consultado a 25 de Novembro 2020]

Carta de Cracóvia (2000)
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf
[consultado a 25 de Novembro 2020]

Carta de Washington (1987)
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartasobresalvaguardacidadeshistoricas1987.pdf
[consultado a 22 de Dezembro 2020]

CML (2015-2016) II Diagnóstico Social de Lisboa, Retrato da Freguesia da Ajuda. Lisboa
https://www.am-lisboa.pt/documentos/1518709936A8sST5fr2Qg86FJ5.pdf
https://www.am-lisboa.pt/documentos/1532873203W6wPC8in0Aj47ZK8.pdf
[consultado a 2 de Janeiro 2021]

Documento Nara (1994)
https://www.culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1994declaracao_de_nara_sobre_autenticidade-icomos.pdf?x69634
[consultado a 22 de Dezembro 2020]

FLORES, Joaquim Moura, 2006, Encontro Nacional sobre Qualidade e Inovação na Construção, LNEC.
http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18728/1/Sustentabilidade_na_reabilitacao_de_edif%202006.pdf
[consultado a 23 de Dezembro 2020]

SIZA, ALVARO; MOURA , S. EDUARDO (2012) Museu Internacional de Escultura Contemporânea, Reconversão do Mosteiro de São Bento em Museu
https://miesarch.com/work/3484
[consultado a 25 de Novembro 2020]

S.M.ARQ. Eduardo Souto Moura (1997) Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro
https://espacodearquitetura.com/projetos/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro/
[consultado a 25 de Novembro 2020]

OA - Ordem dos Arquitetos (2008) Património Cultural e os Paradigmas da Conservação e da Reabilitação.
http://www.oasrn.org/3R/conteudos/areareservada/areareservada6/3R-S1-C1-Aguiar.pdf
[consultado a 17 de Novembro de 2020]

OA - Ordem dos Arquitetos (conceito de Reabilitação)
https://www.arquitectos.pt/documentos/1527004481H9jWX4in5Sd23ZB3.pdf
[consultado a 25 de Novembro 2020]

ANEXOS

Anexo I. Cartografia Histórica
Anexo II. Levantamento Fotográfico Histórico
Anexo III. Enquadramento Urbano
Anexo IV. Levantamento Fotográfico do Existente
Anexo V. Plantas Históricas e Sobreposição
Anexo VI. Evolução Cronológica
Anexo VII. Análise de Espaços Interiores
Anexo VIII. Teoria de Valor
Anexo IX. Análise de Usos da Envolvente
Anexo X. Análise Casos de Estudo
Anexo XI. Maquete
Anexo XII. Ambientes
Anexo XIII. Materialidades
Anexo XIV. Processo
Anexo XV. Peças Desenhadas

Anexo I. Cartografia Histórica

Elaborado e organizado por Cristina Fonseca e Autora

Carta Topográfica de Lisboa e Seus Subúrbios

Autor: Duarte Fava

Ano:1807






Igreja da
Memoria
D'AJUDA
PRAÇA DE BELEM

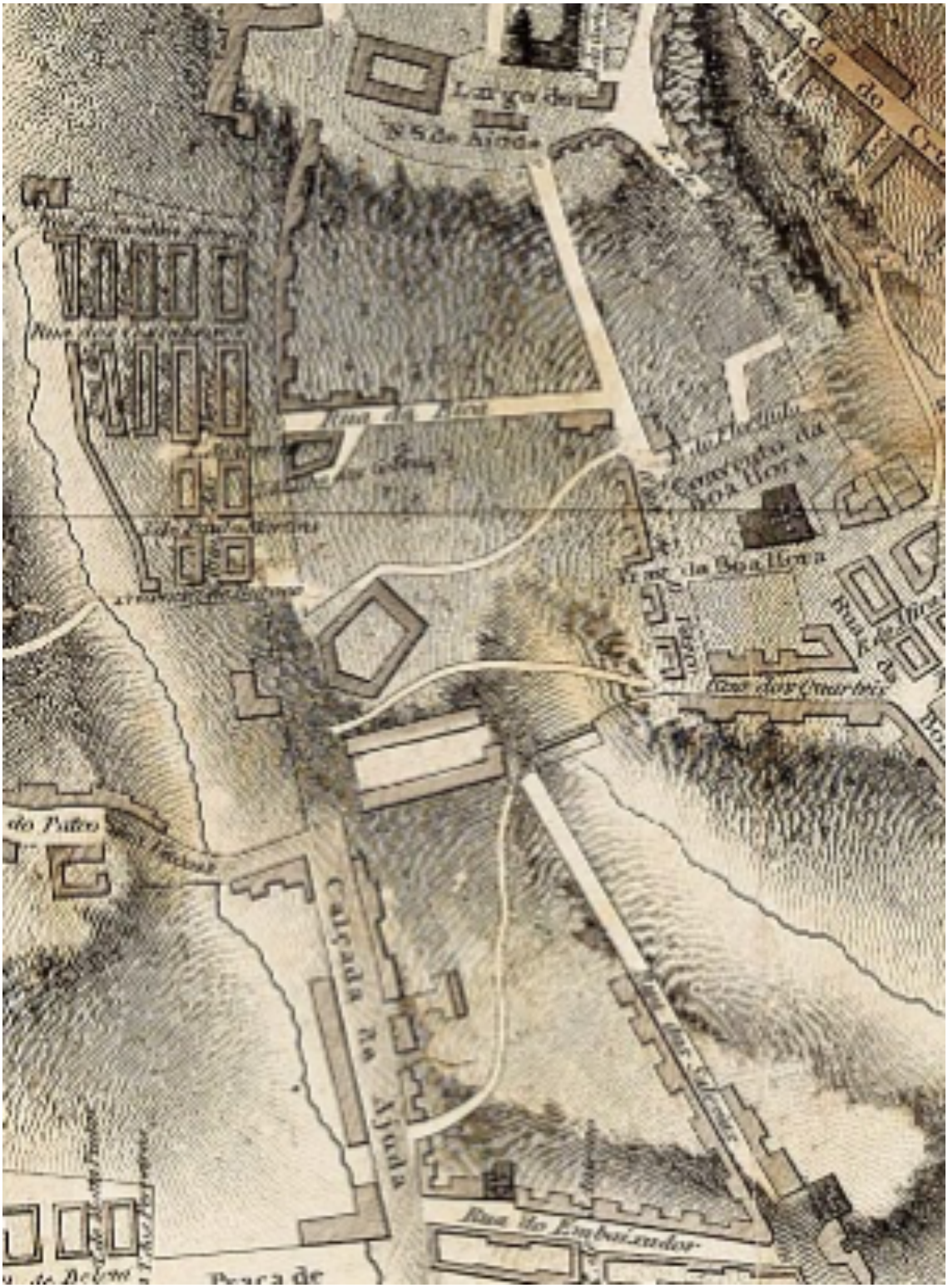
Mapa da Cidade de Lisboa e Belém em 1812

Autor: Duque de Wellington Ano: 1812

Carta Topográfica de Lisboa





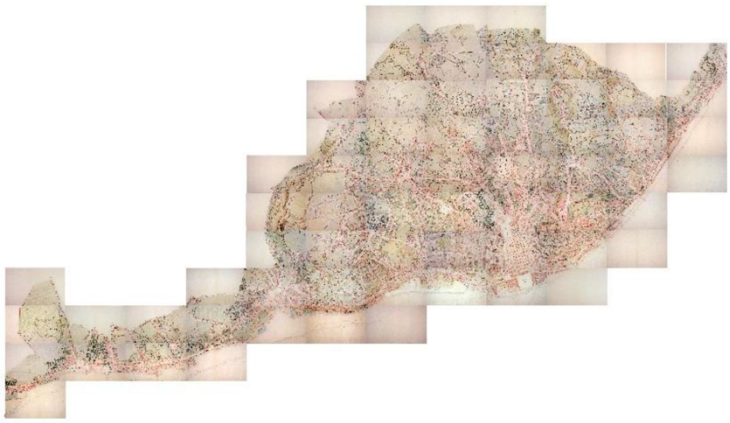

Largo de
N.S. de Ajuda
Rua da Boa Hora
Convento da Boa Hora
Rua dos Quartéis
do Pateo
Calçada da Ajuda
Rua do Embaixador

Carta Topográfica de Lisboa

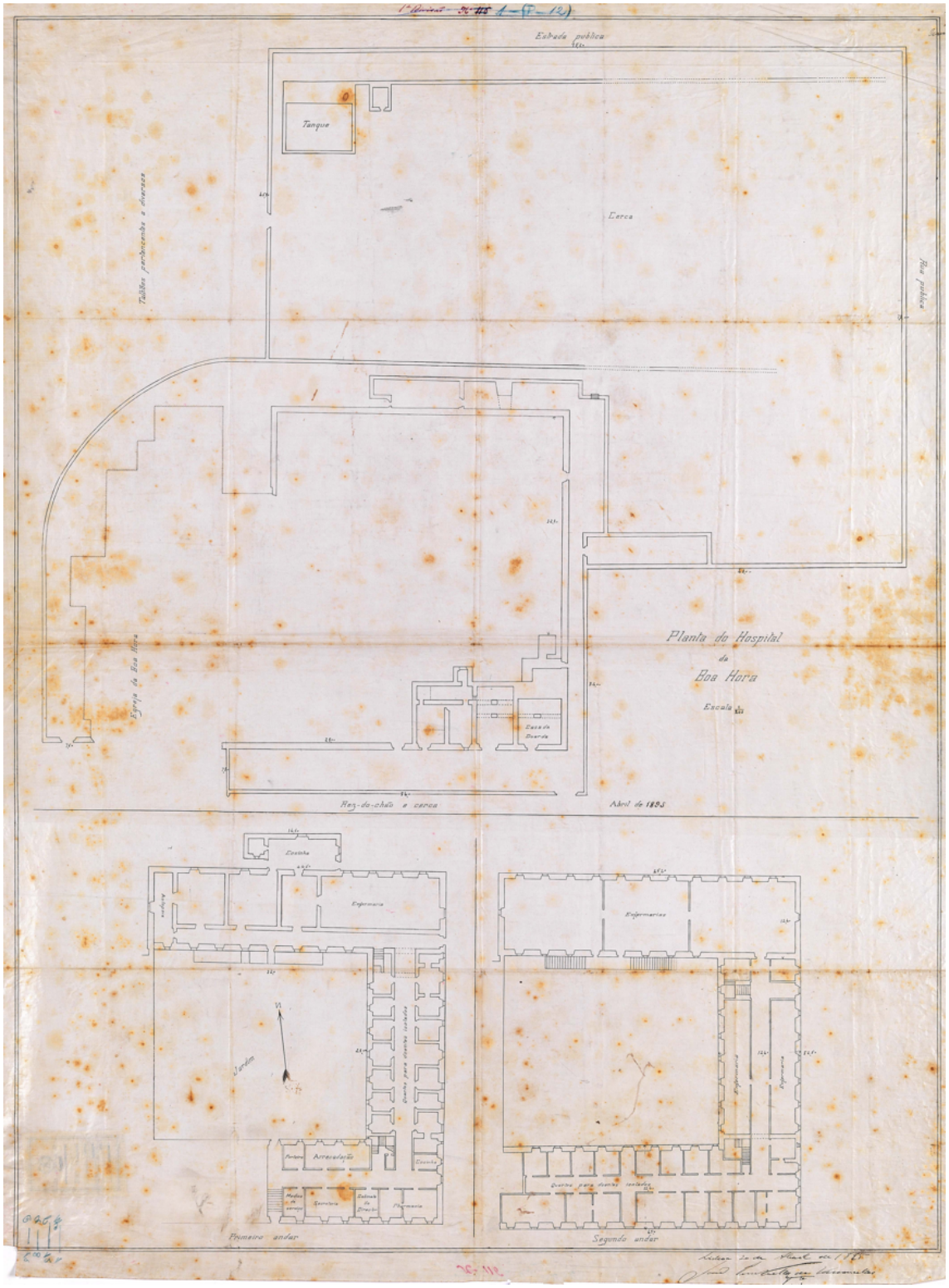
Autor: Filipe Folque

Ano: 1856 - 1858

Fonte: Câmara Municipal de Lisboa



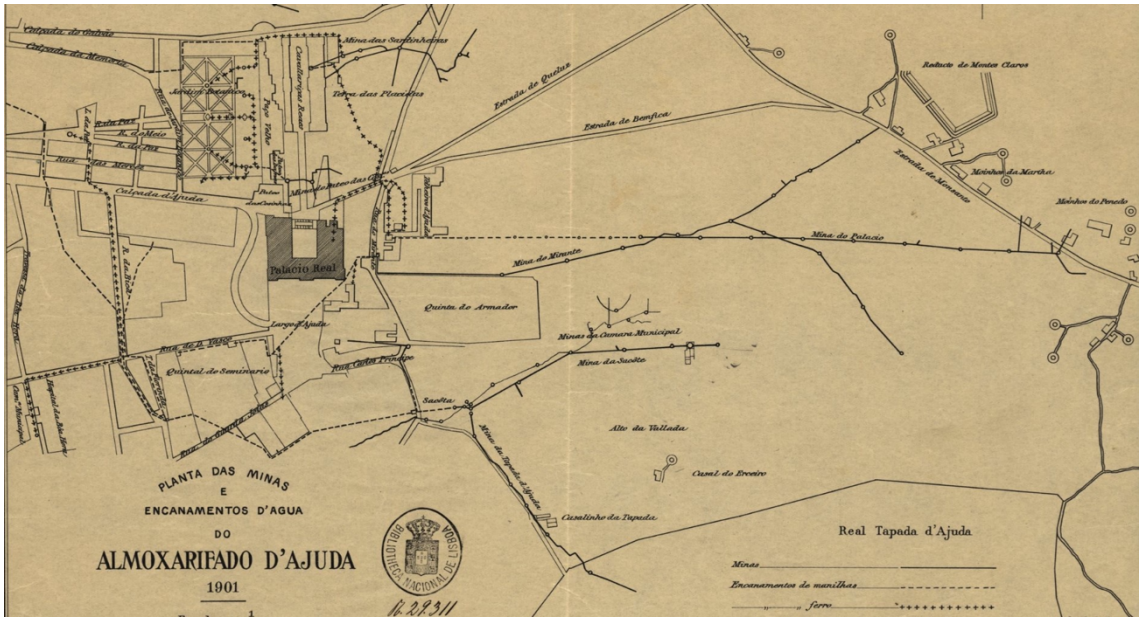



Estrada pública
Tanque
Cerca
Rua pública
Planta do Hospital
da
Boa Hora
Escala
Rez-do-chão e cerca
Abril de 1895
Primeiro andar
Segundo andar

Planta das Minas e Encanamentos de água

Almoxarifado da Ajuda

1901



Cartografia Histórica produzida por Silva Pinto entre 1904 e 1911

Autor: Silva Pinto

Ano: 1911



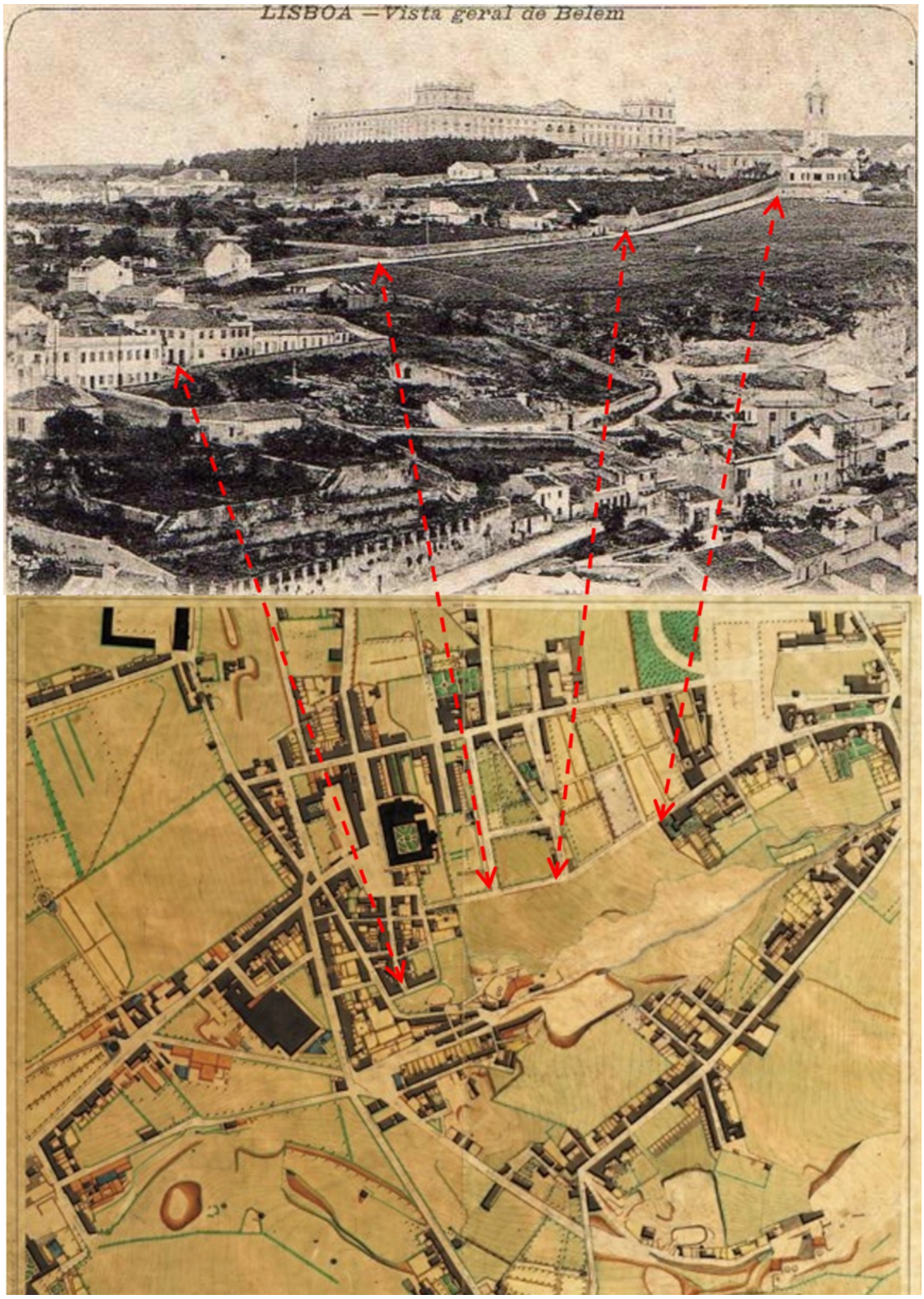


Postal de 1903 “Vista Geral de Belém” e Carta de Silva Pinto

1911

Esquema produzido por Professor António Lobato dos Santos,

2021



Planta da Cidade de Lisboa

Ano: 1940 - 1950

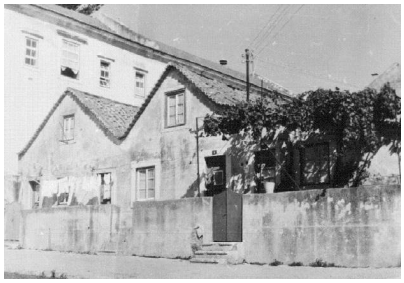
Escala: 1:5000

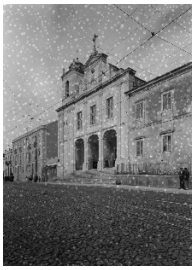
Fonte: Câmara Municipal de Lisboa



Anexo II. Levantamento Fotográfico Histórico

Produzido por Cristina Fonseca

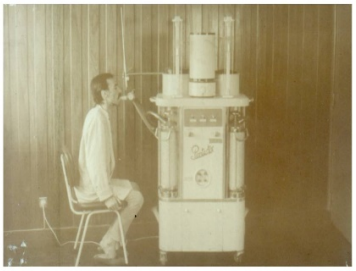
	1833 Monumentos Sacros (cores) - Boa Hora	Outubro 2019
	1943 PORTUGAL CML POR059741	Outubro 2019
	1964 MADUREIRA CML A47554	Outubro 2019
	Facebook l Lisboa de antigamente	Março 2021
	1943 PORTUGAL CML POR059742	Outubro 2019

	1950s OLIVEIRA CML A23699	Outubro 2019
	1967 BASTOS CML A58864	Outubro 2019
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/003	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/005	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/008	Março 2021

	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/010	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/014	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/015	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/022	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/023	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/024	Março 2021

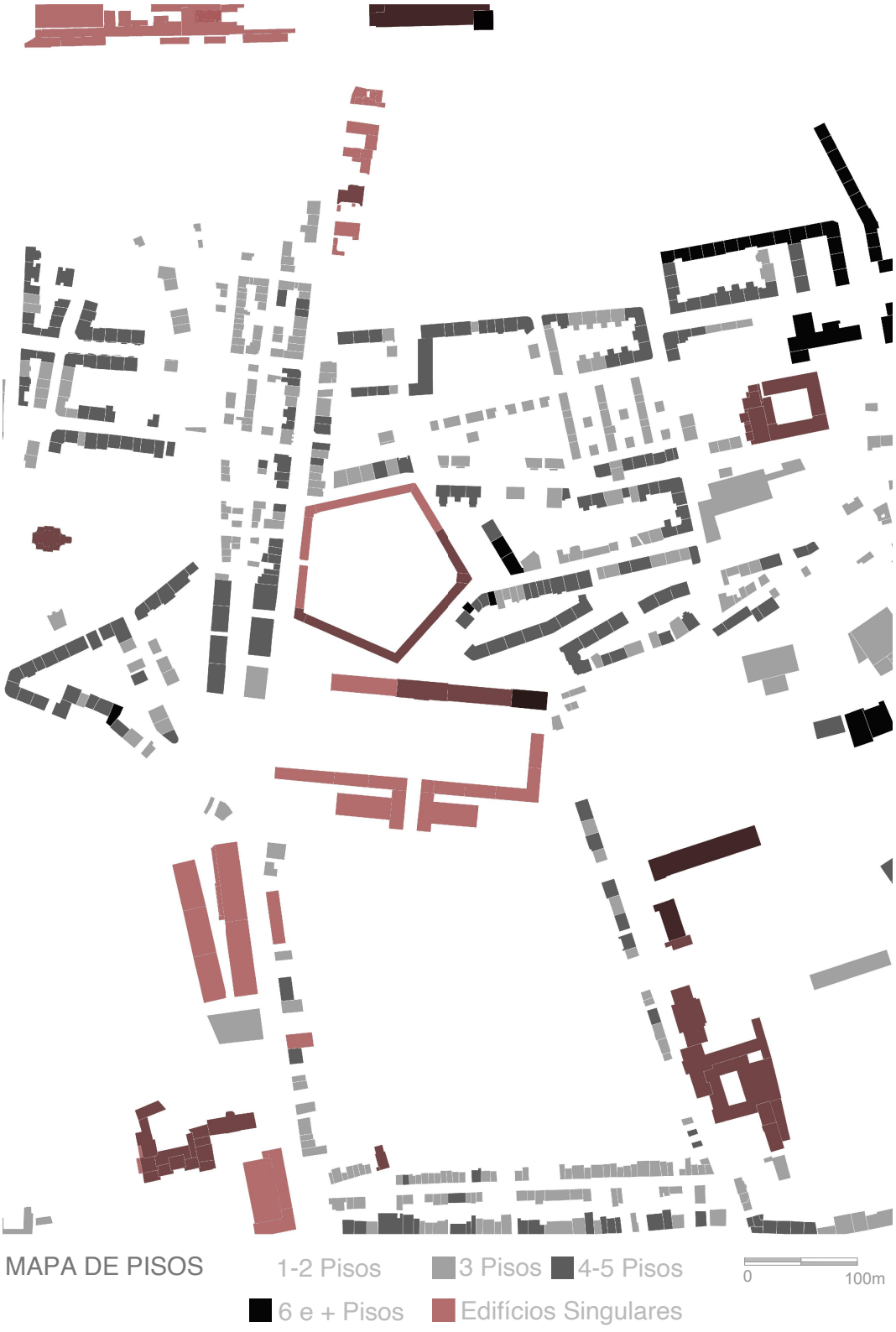
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/025	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/026	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0993/027	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/003	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/018	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/019	Março 2021

	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/021	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/022	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/023	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/025	Março 2021
	1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1081/030	Março 2021
	1966 FERNANDES, A. ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/002567	Março 2021

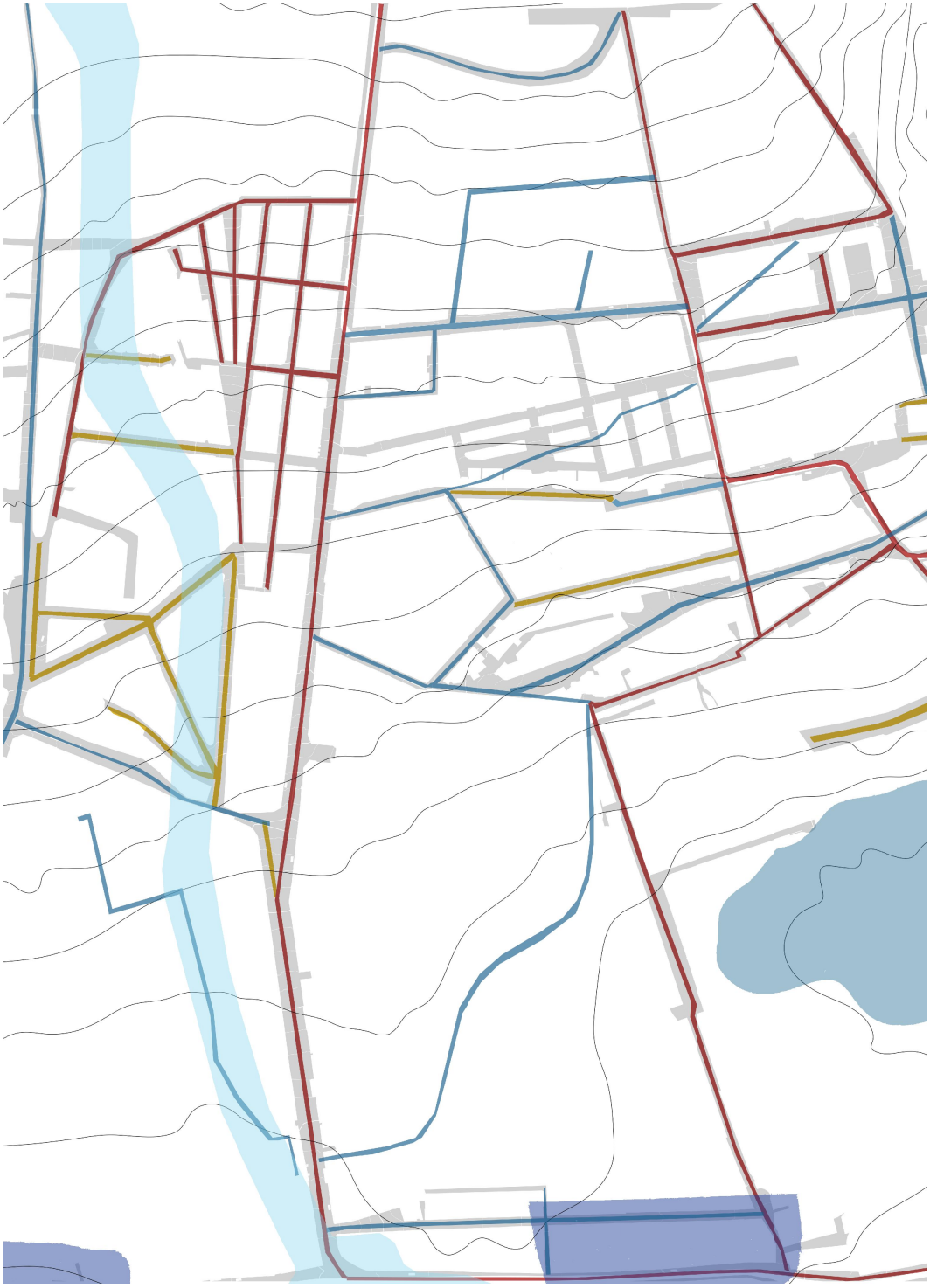
	1940s PORTUGAL, E. ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA PT/AMLSB/POR/059902	Março 2021
	1960s S.N. REVISTA MILITAR S/ CÓDIGO https://www.revistamilitar.pt/artigo/1462	Março 2021
	1952 COUTO, A. SIPA IPA.00003139 FOTO.00502238	Março 2021
	1952 COUTO, A. SIPA IPA.00003139 FOTO.00502242	Março 2021
	1952 COUTO, A. SIPA IPA.00003139 FOTO.00502244	Março 2021
	1952 SIPA IPA.00003139 FOTO.00005746	Março 2021

Anexo III. Cartografia de Enquadramento

Mapas de Análise da Freguesia da Ajuda, produzidos pela autora no âmbito do projeto desenvolvido no Laboratório de Projeto VI (5º ano, 1º Semestre) em Lanceiros Nº2


MAPA DE PISOS
1-2 Pisos
3 Pisos
4-5 Pisos
6 e + Pisos
Edifícios Singulares
0
100m


MAPA EP. CONST.
Atualidade
Séc XX (até 1950)
0
100m
Sec XX (até 1911) - Silva Pinto
Sec XIX (até 1856)- Filipe Folque
Sec XIX (até 1807) - Duarte Fava
Sec. XVIII
Antes Sec. XVII



MAPA DE RISCO DE CHEIAS, TRAÇADOS E VIAS HIST.

0 100m

Alto risco de Cheias Moderado risco de Cheias Baixo risco de Cheias

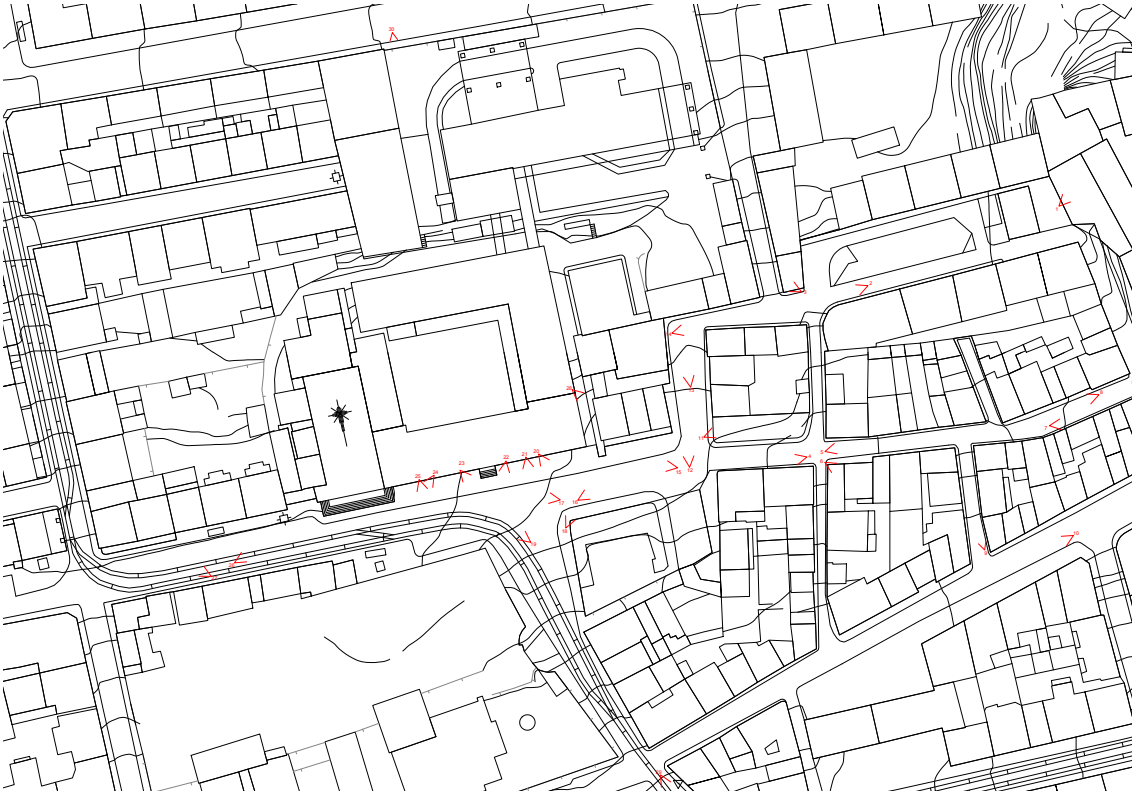
Traçado Atual Traçado até 1950 Traçado até 1856 Traçado até 1785

Anexo IV. Levantamento Fotográfico do Existente

Exterior: Organização da Autora

Interior: Organização de Carolina Barreira

Levantamento Exterior



Levantamento Fotográfico Exterior - Envolvente Próximo ao Convento da Boa-Hora



01 Carolina Barreira



02 Carolina Barreira



03 Carolina Barreira



04 Carolina Barreira



05 Carolina Barreira



06 Carolina Barreira



07 Carolina Barreira



08 Sofia Pinheiro



09 Carolina Barreira



10 Carolina Barreira



11 Mariana Sousa



12 Mariana Sousa



13 Mariana Sousa



14 Mariana Sousa



15 Mariana Sousa



16 Carolina Barreira



17 Mariana Sousa



18 Mariana Sousa



19 Carolina Barreira



20 Carolina Barreira



21 Pedro Pinheiro



22 Carolina Barreira



23 Pedro Pinheiro



24 Pedro Pinheiro



25 Pedro Pinheiro



26 Mariana Sousa



27 Mariana Sousa



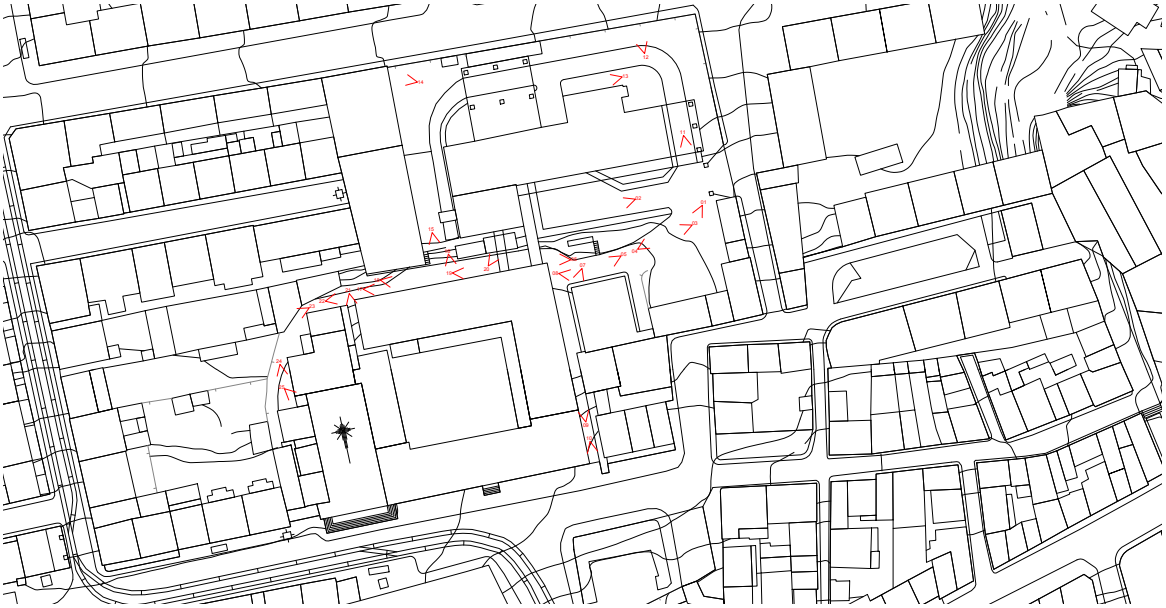
28 Pedro Pinheiro



29 Carolina Barreira



30 Pedro Pinheiro



Levantamento Fotográfico Exterior - dentro da cerca do Convento da Boa-Hora



01 Pedro Pinheiro



02 Pedro Pinheiro



03 Mariana Sousa



04 Pedro Pinheiro



05 Mariana Sousa



06 Pedro Pinheiro



07 Mariana Sousa



08 Mariana Sousa



09 Mariana Sousa



10 Pedro Pinheiro



11 Pedro Pinheiro



12 Pedro Pinheiro



13 Pedro Pinheiro



14 Pedro Pinheiro



15 Pedro Pinheiro



16 Pedro Pinheiro



17 Mariana Sousa



18 Pedro Pinheiro



19 Pedro Pinheiro



20 Pedro Pinheiro



21 Pedro Pinheiro



22 Mariana Sousa



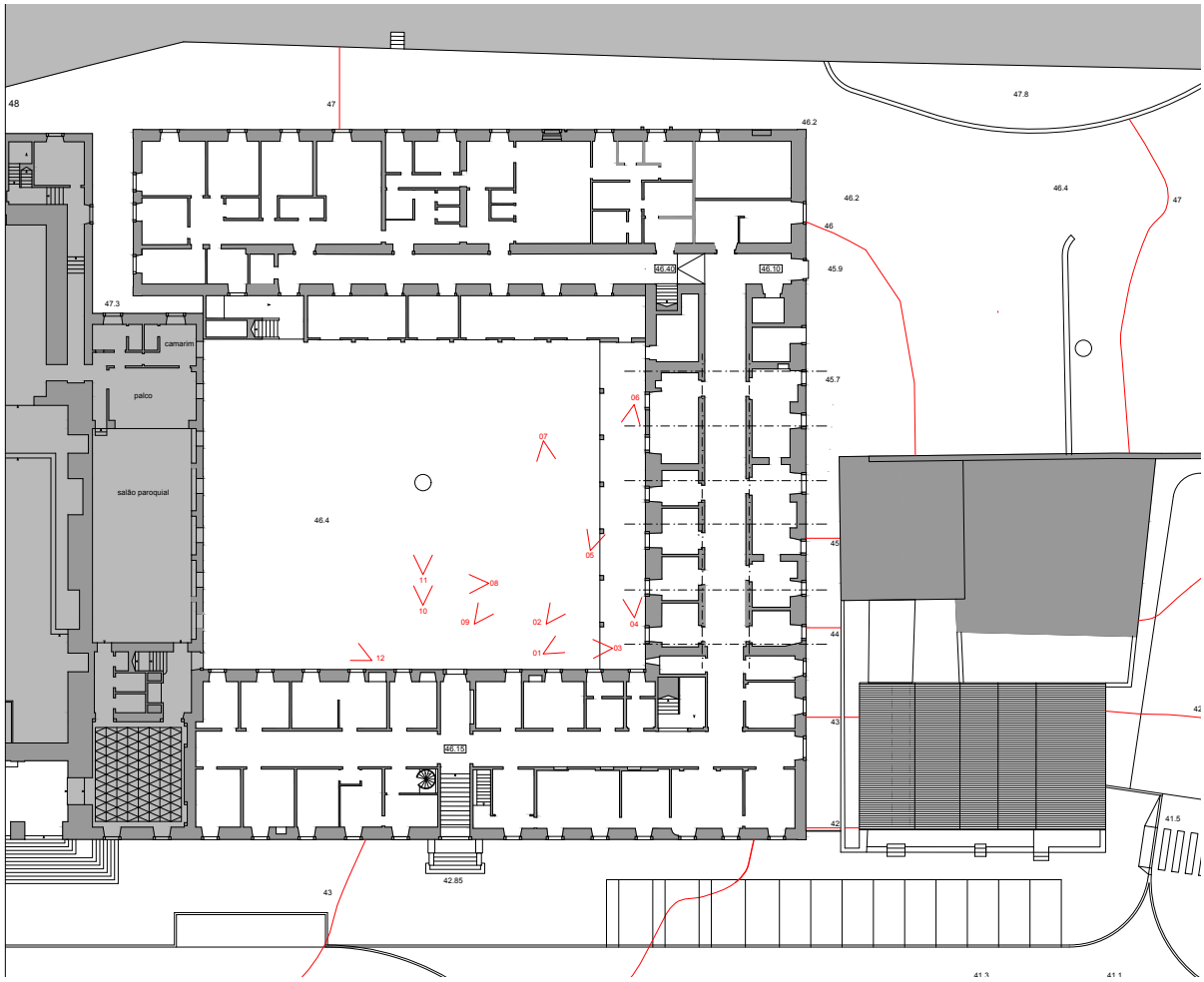
23 Pedro Pinheiro



24 Pedro Pinheiro



25 Pedro Pinheiro



Levantamento Fotográfico Exterior- Pátio piso térreo



01 Carolina Barreira



02 Clara Branco



03 Mariana Sousa



04 Mariana Sousa



05 Pedro Pinheiro



06 Mariana Sousa



07 Mariana Sousa



08 Pedro Pinheiro



09 Clara Branco



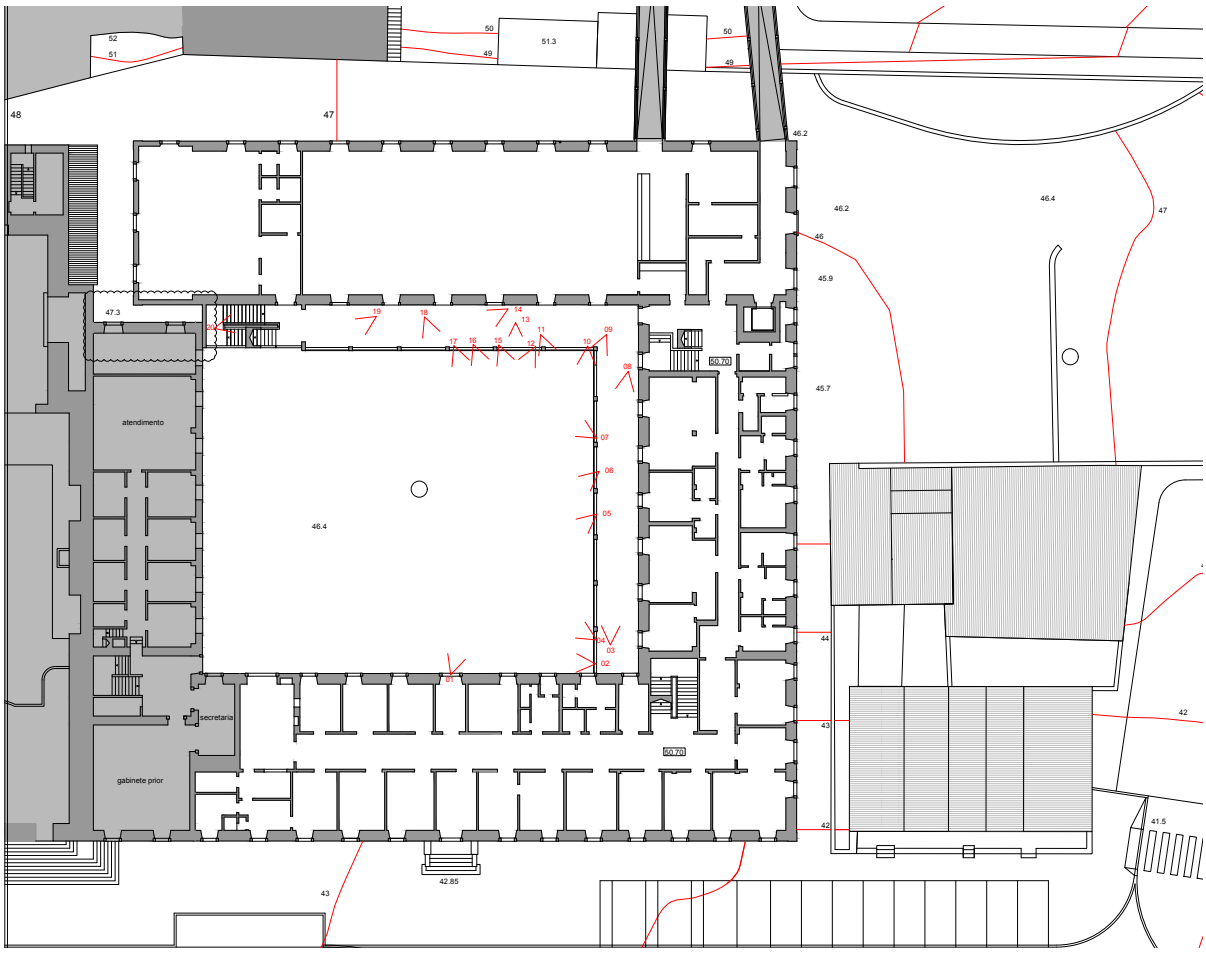
10 Pedro Pinheiro



11 Pedro Pinheiro



12 Clara Branco



Levantamento Fotográfico Exterior- Pátio piso 1



01 Mariana Sousa



02 Mariana Sousa



03 Mariana Sousa



04 Mariana Sousa



05 Mariana Sousa



06 Pedro Pinheiro



07 Mariana Sousa



08 Carolina Barreira



09 Carolina Barreira



10 Mariana Sousa



11 Clara Branco



12 Clara Branco



13 Carolina Barreira



14 Clara Branco



15 Clara Branco



16 Mariana Sousa



17 Mariana Sousa



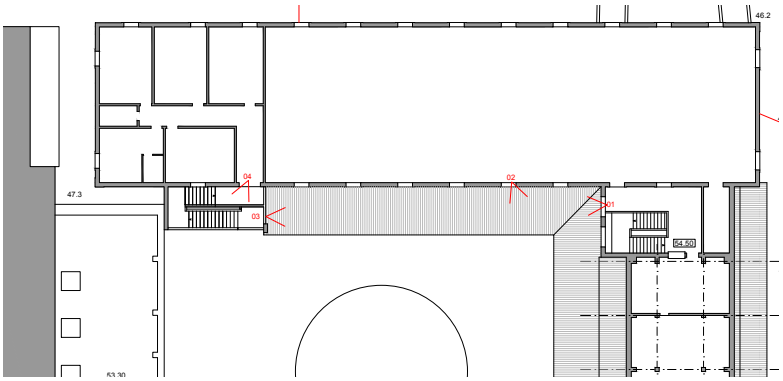
18 Mariana Sousa



19 Mariana Sousa



20 Mariana Sousa



Levantamento Fotográfico Exterior- Pátio piso 2 Ala Norte



01 Carolina Barreira



02 Carolina Barreira



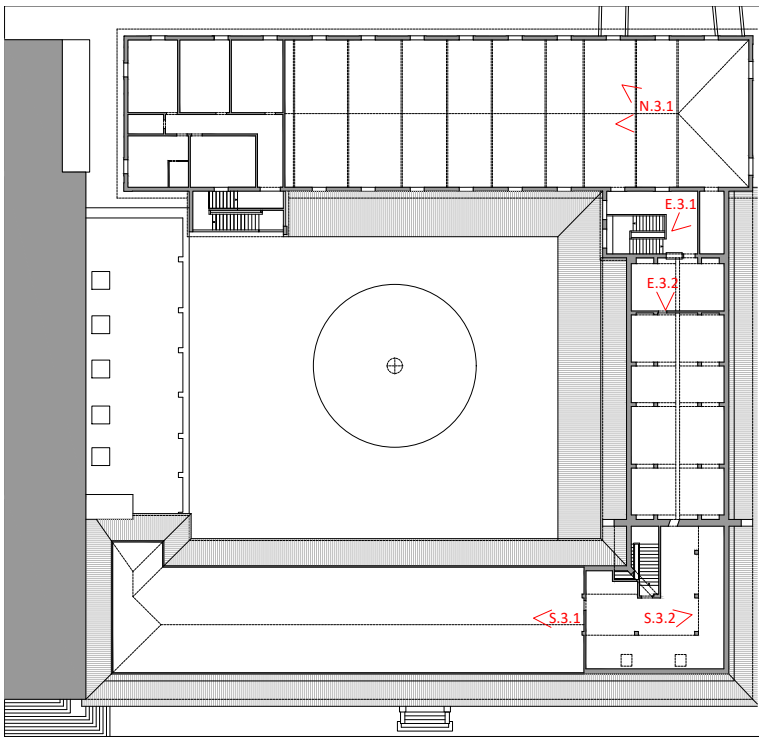
03 Mariana Sousa

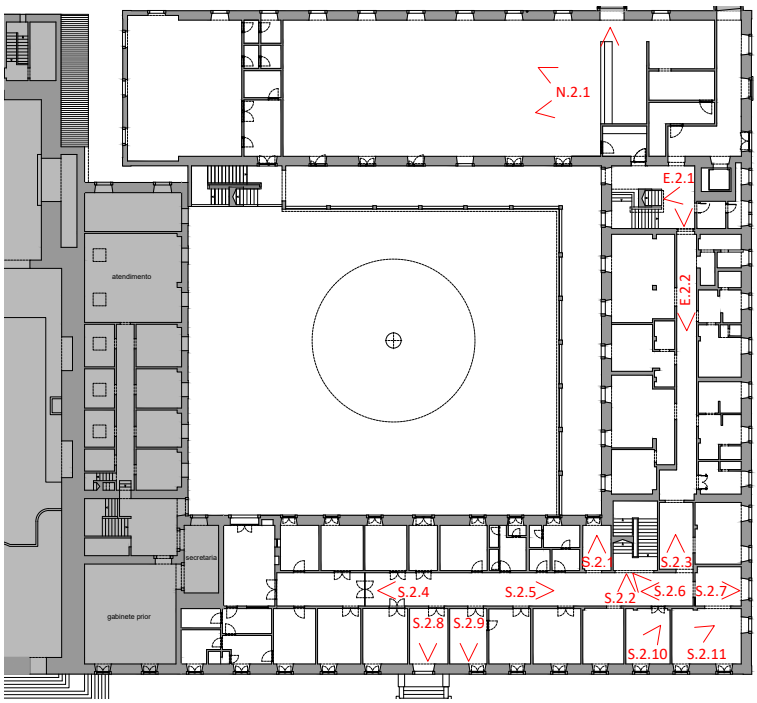


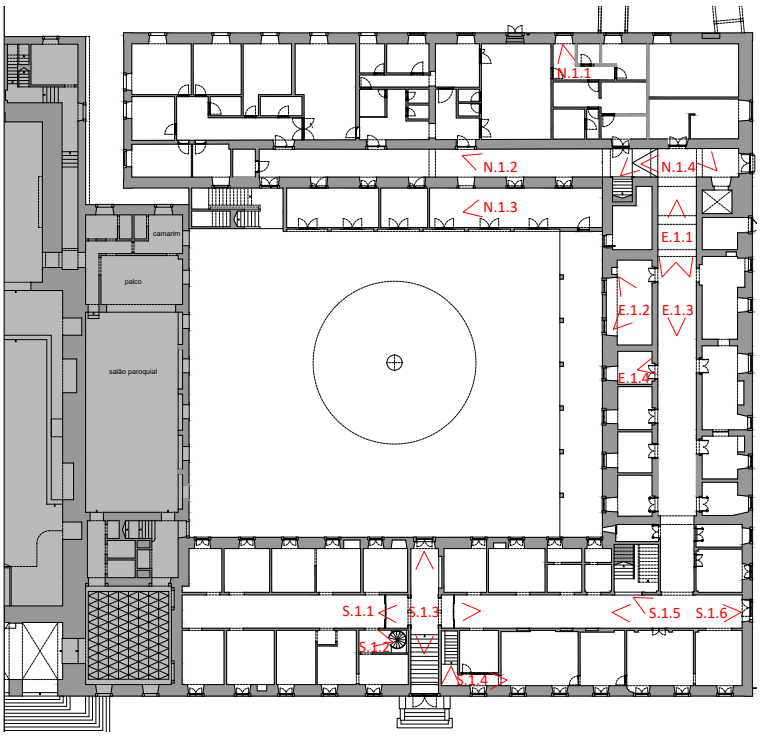
04 Mariana Sousa

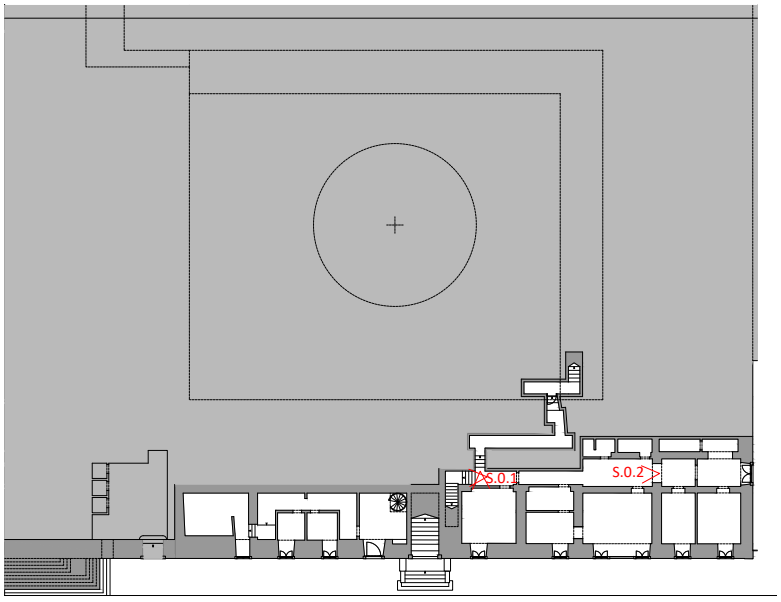
Levantamento Interior

O código corresponde à ala, piso e número de fotografia.


N.3.1
E.3.1
E.3.2
S.3.1
S.3.2


N.2.1
E.2.1
E.2.2
atendimento
secretaria
gabinete prior
S.2.1
S.2.3
S.2.4
S.2.5
S.2.2
S.2.6
S.2.7
S.2.8
S.2.9
S.2.10
S.2.11


N.1.1
N.1.2
N.1.3
N.1.4
camarim
palco
salão paroquial
E.1.1
E.1.2
E.1.3
E.1.4
S.1.1
S.1.3
S.1.5
S.1.6
S.1.4


S.0.1
S.0.2



N.3.1 Carolina Barreira



N.3.1 (1) Carolina Barreira



E.3.1 Carolina Barreira



E.3.2 Mariana Sousa



S.3.1 Carolina Barreira



S.3.2 Carolina Barreira



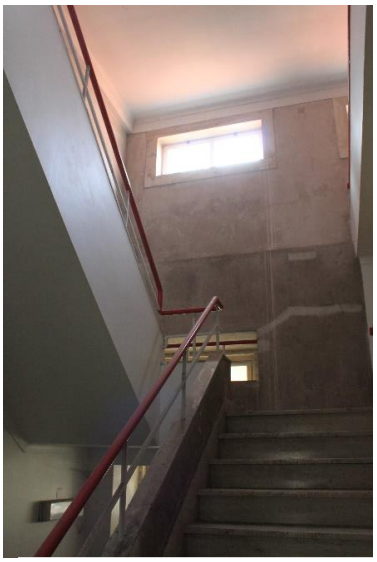
N.2.1 Carolina Barreira



N.2.1 (1) Clara Branco



N.2.1 (2) Clara Branco



E.2.1 Carolina Barreira



E.2.1 Mariana Sousa



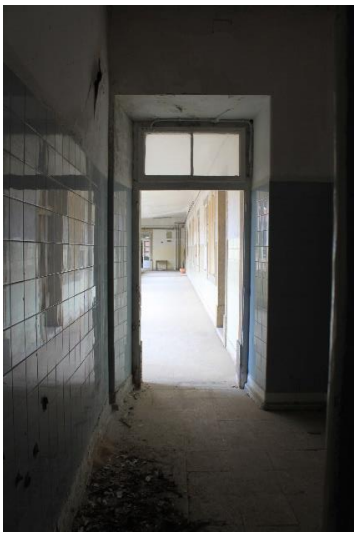
E.2.1 (1) Mariana Sousa



E.2.2 Carolina Barreira



E.2.2 (1) Mariana Sousa



S.2.1 Carolina Barreira



S.2.2 Carolina Barreira



S.2.2 (1) Mariana Sousa



S.2.3 Carolina Barreira



S.2.4 Mariana Sousa



S.2.5 Mariana Sousa



S.2.6 Carolina Barreira



S.2.6 (1) Carolina Barreira



S.2.7 Mariana Sousa



S.2.8 Carolina Barreira



S.2.9 Carolina Barreira



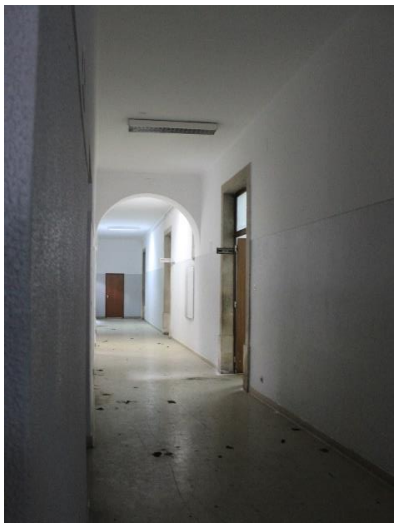
S.2.10 Mariana Sousa



S.2.11 Mariana Sousa



N.1.1 Carolina Barreira



N.1.2 Carolina Barreira



N.1.3 Mariana Sousa



N.1.4 Mariana Sousa



N.1.4 (1) Mariana Sousa



N.1.4 (2) Clara Branco



E.1.1 Carolina Barreira



E.1.1 (1) Clara Branco



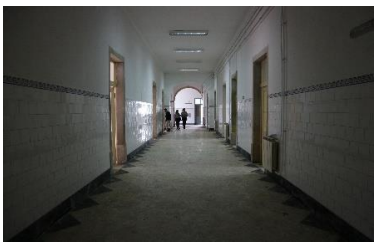
E.1.1 (2) Mariana Sousa



E.1.2 Carolina Barreira



E.1.2 (1) Mariana Sousa



E.1.3 Mariana Sousa



E.1.4 Mariana Sousa



S.1.1 Carolina Barreira



S.1.1 (1) Carolina Barreira



S.1.2 Clara Branco



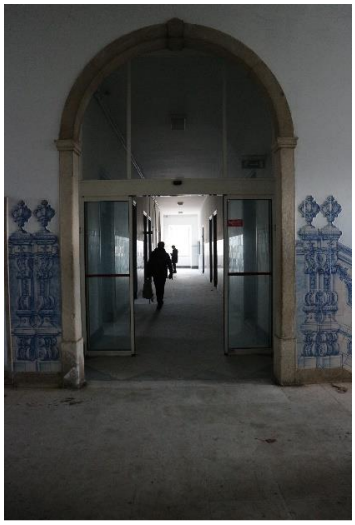
S.1.3 Clara Branco



S.1.3 (1) Carolina Barreira



S.1.3 (2) Carolina Barreira



S.1.3 (3) Mariana Sousa



S.1.4 Clara Branco



S.1.4 (1) Clara Branco



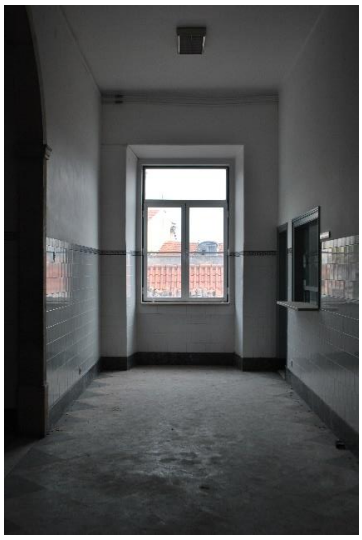
S.1.5 Carolina Barreira



S.1.5 (1) Carolina Barreira



S.1.5 (2) Clara Branco



S.1.6 Clara Branco



S.0.1 Carolina Barreira



S.0.1 (1) Carolina Barreira

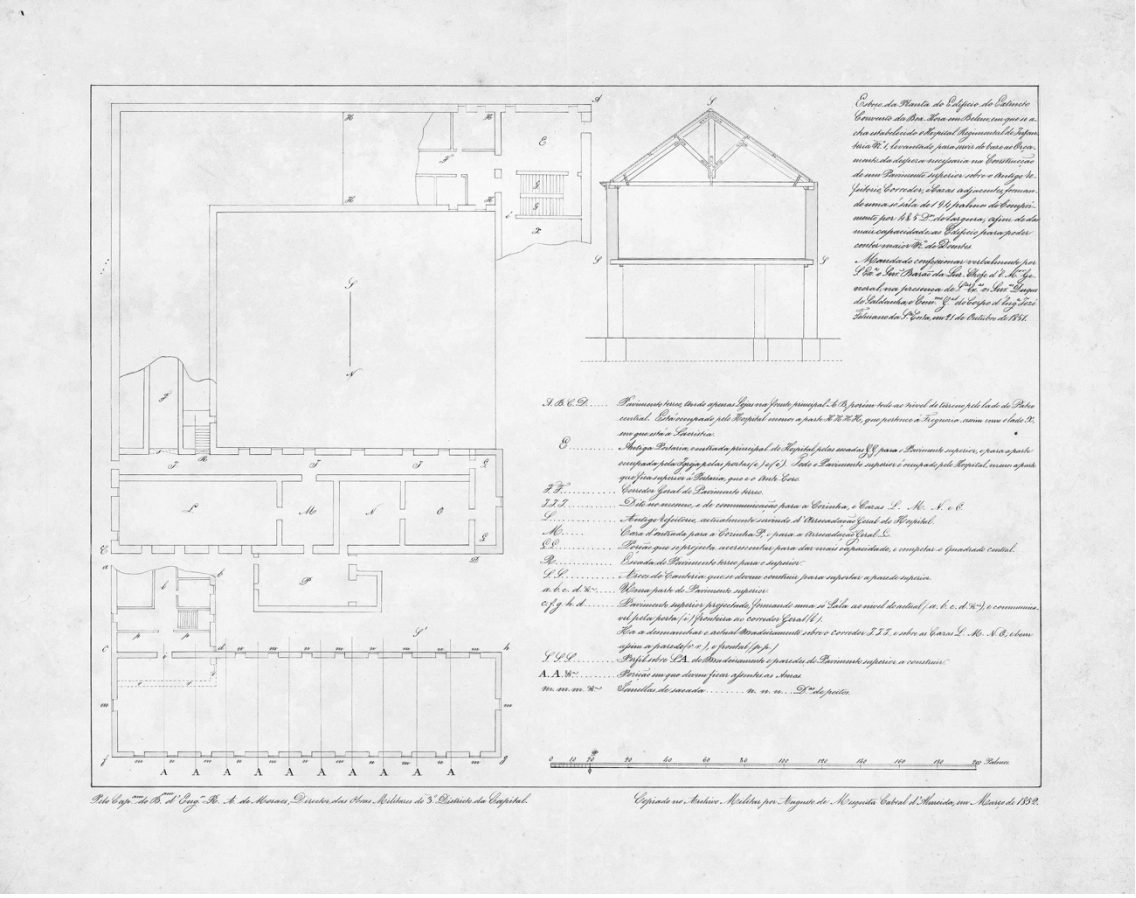


S.0.2 Carolina Barreira

Anexo V. Plantas Históricas

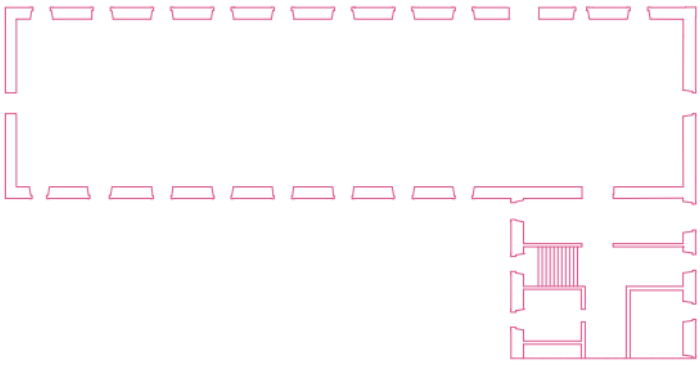
Plantas criadas por Carolina Barreira, 2021.

Planta de 1852

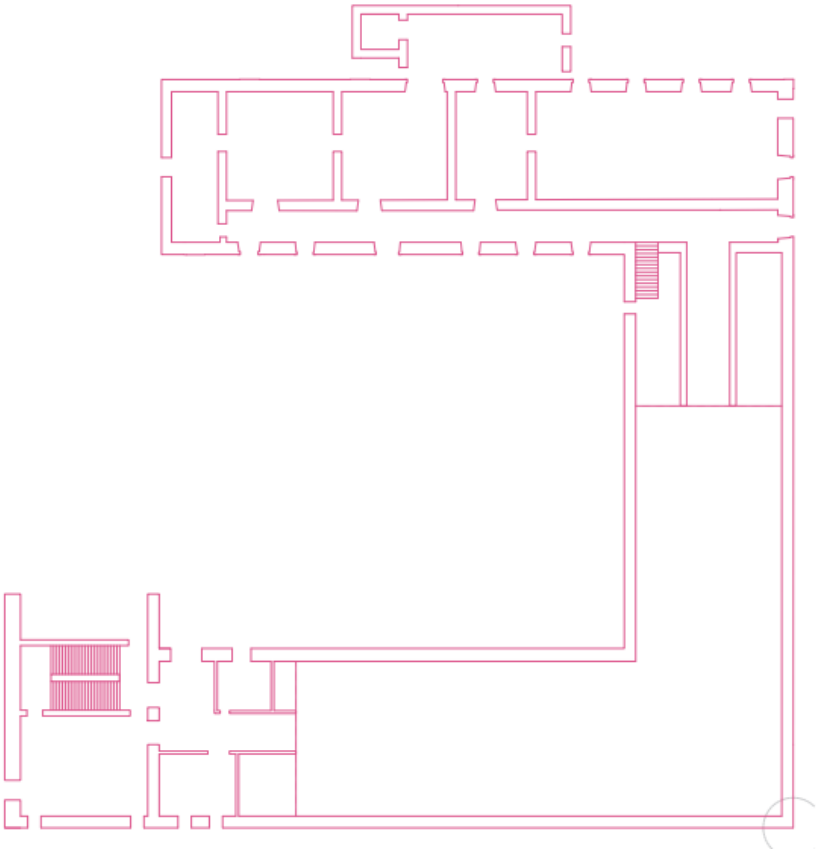


Planta de 1852

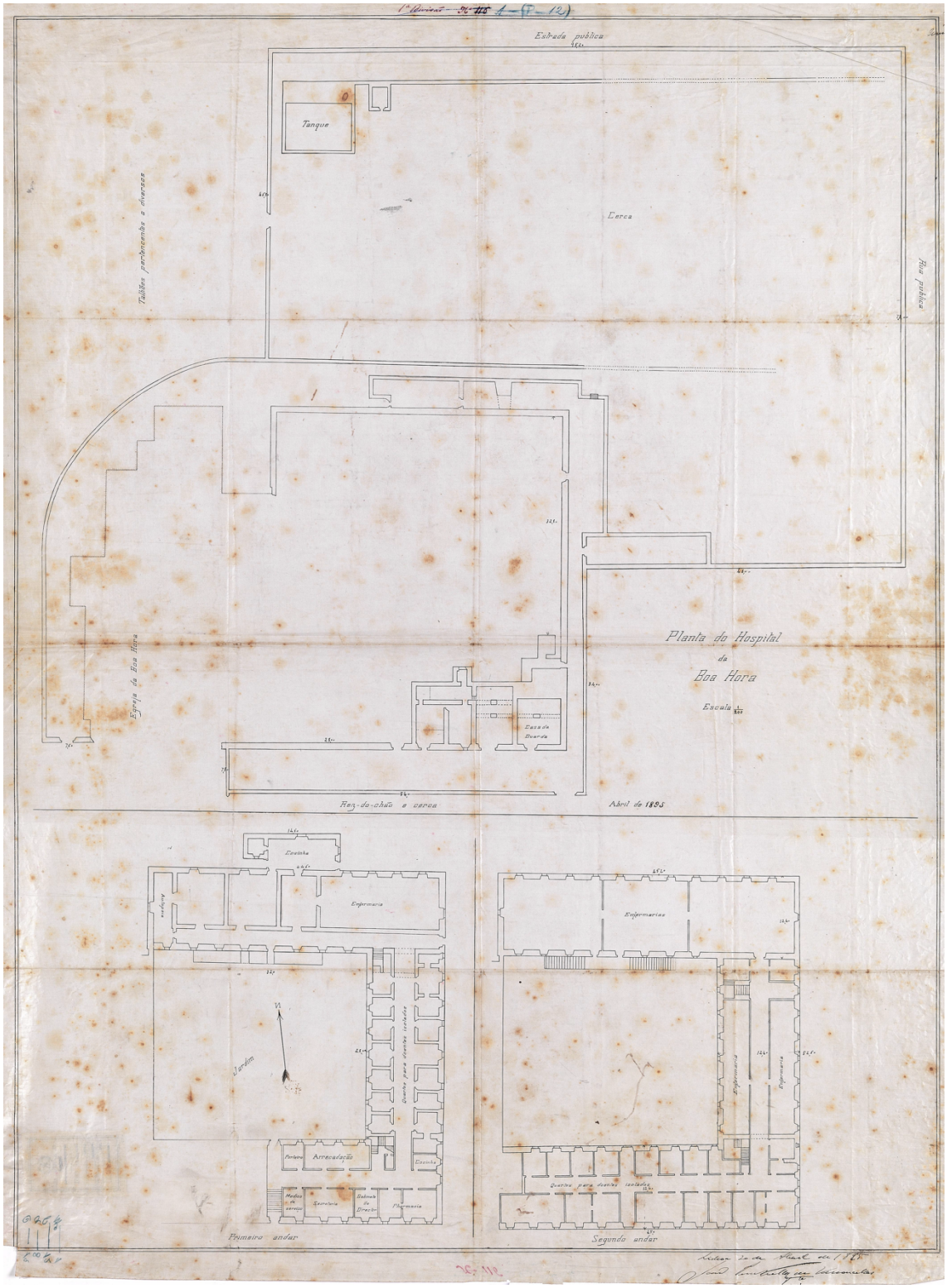
Piso 2



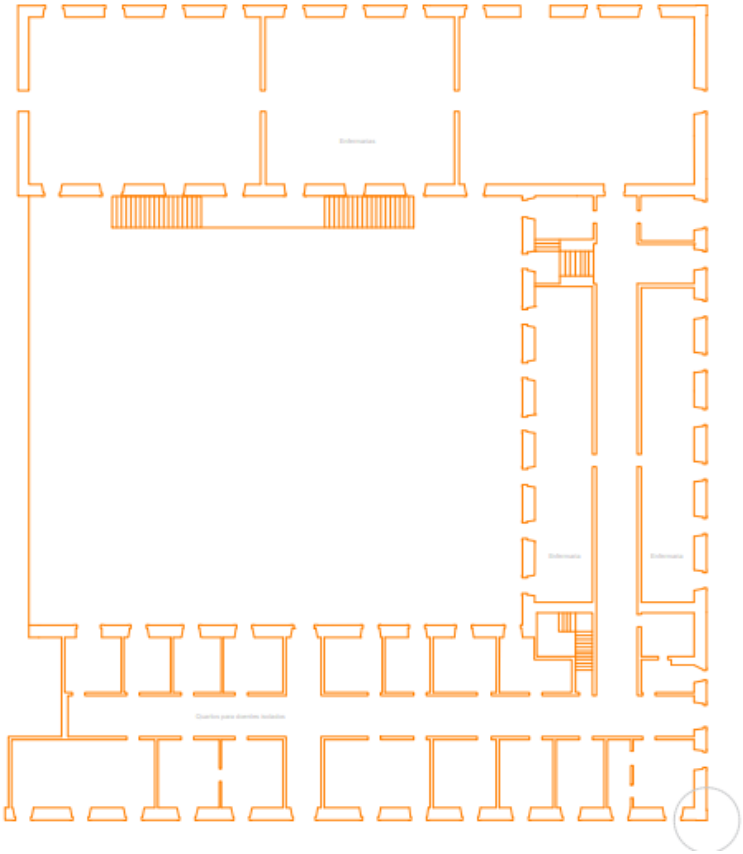
Piso 1



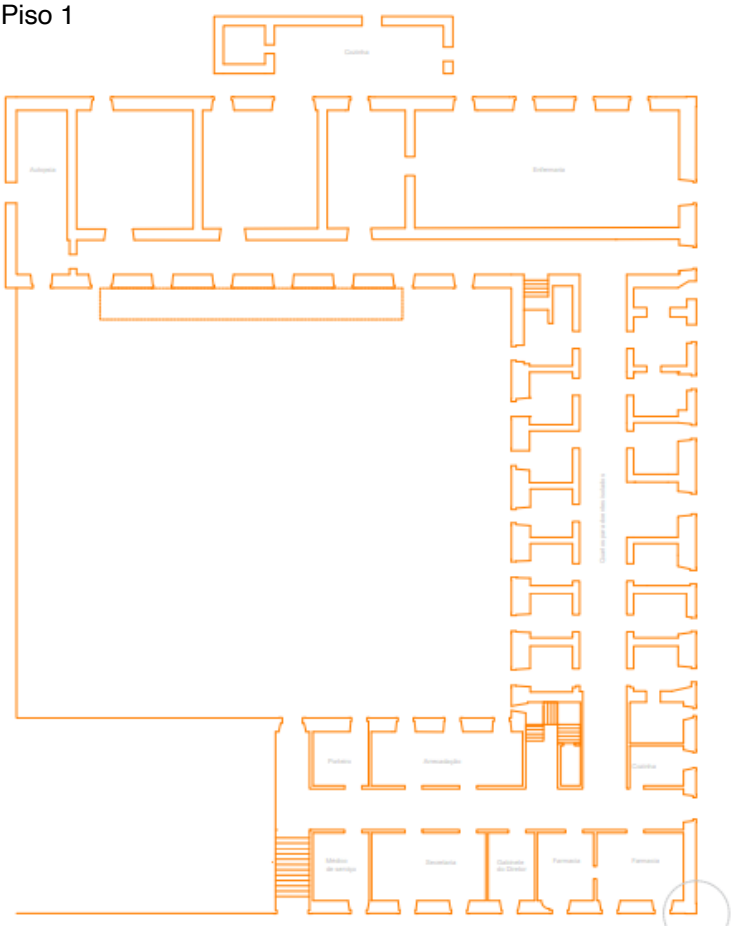
Planta de 1895



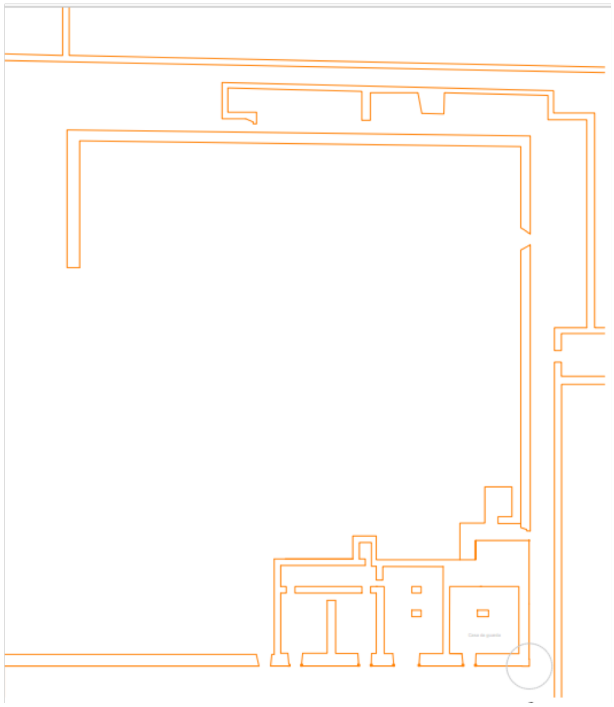
Planta de 1895
Piso 2



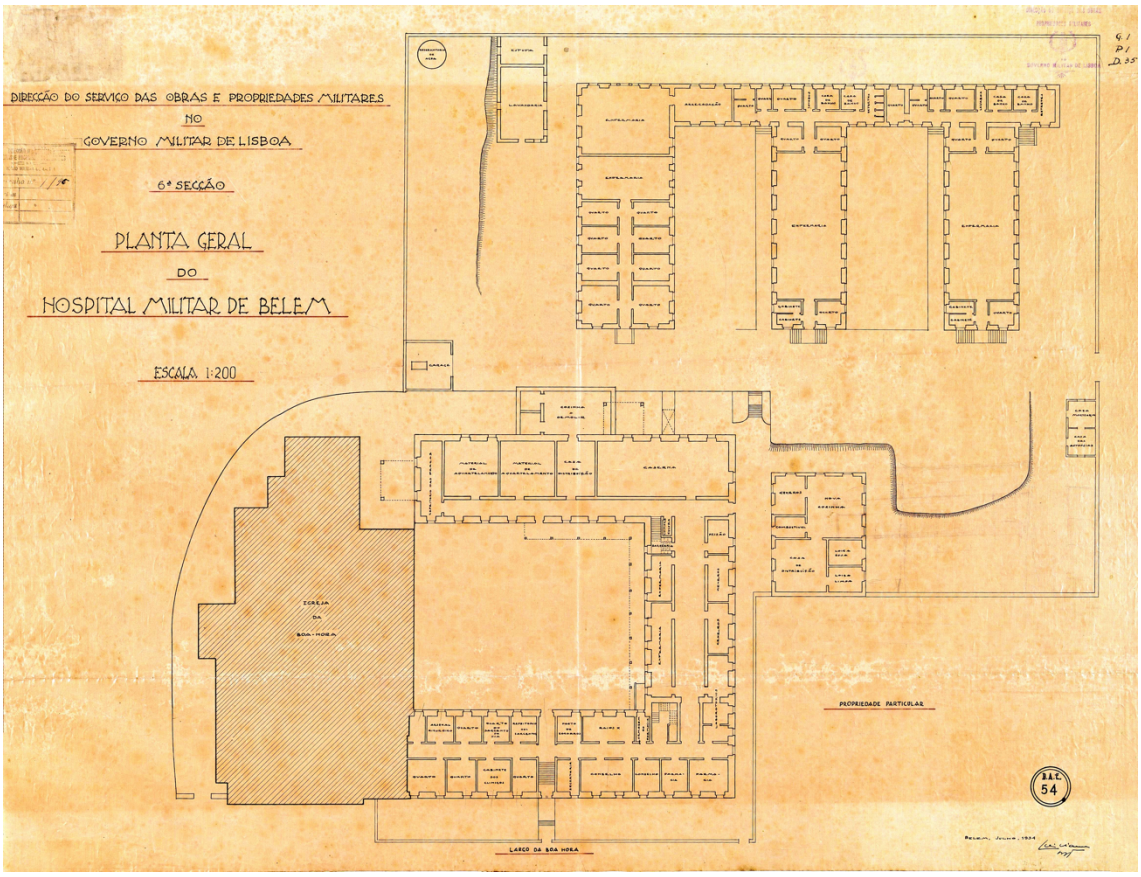
Piso 1



Piso 0

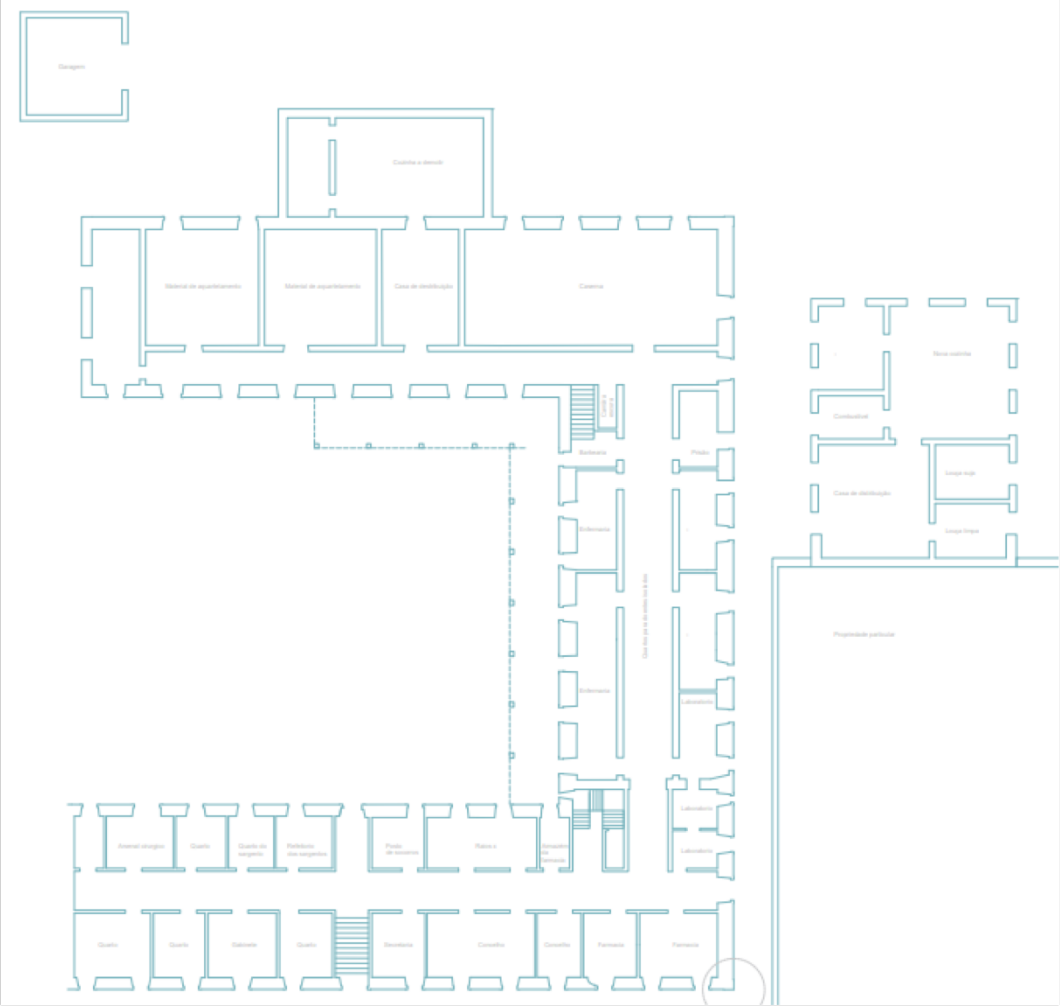


Planta de 1934

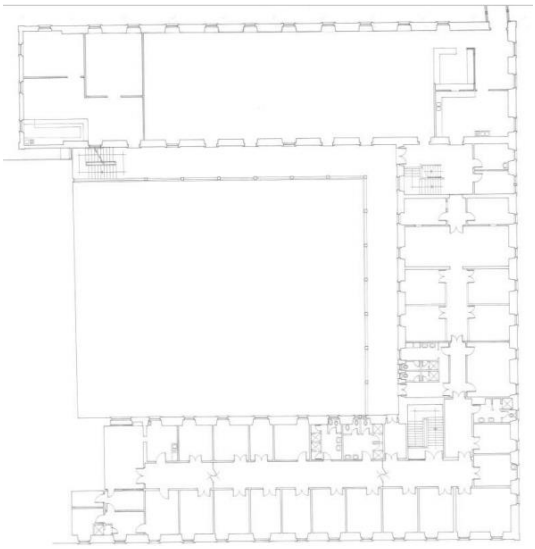


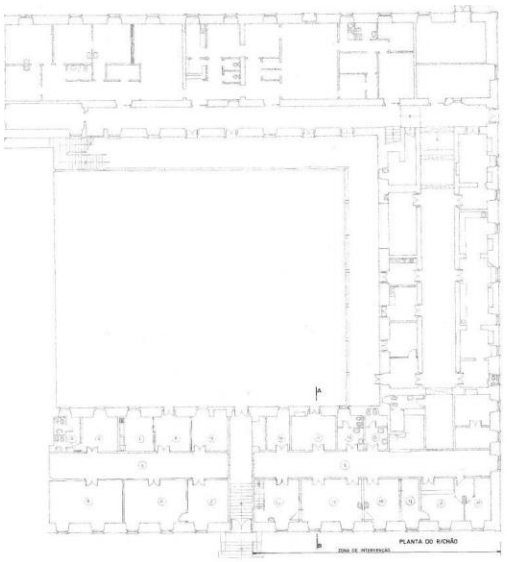
Planta de 1934

Piso 1

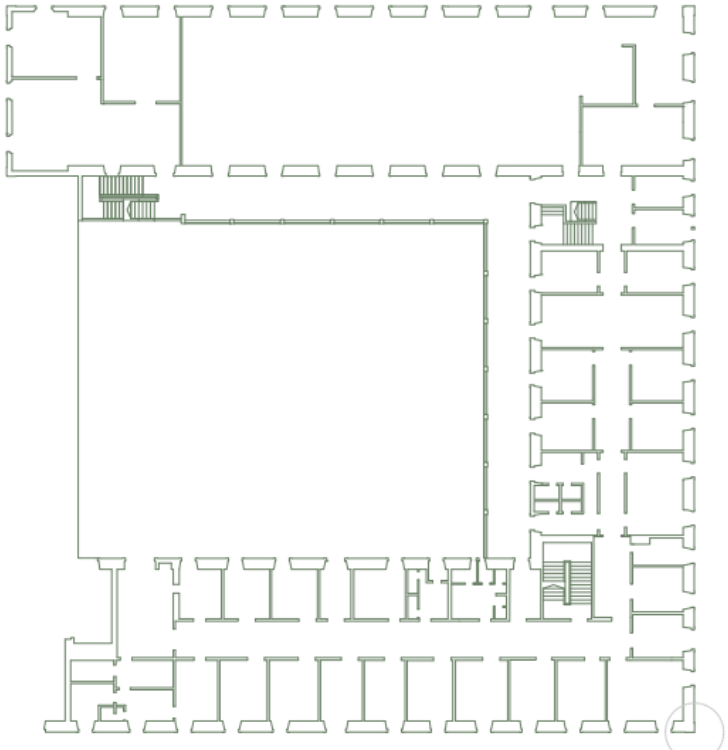


Planta de 1997

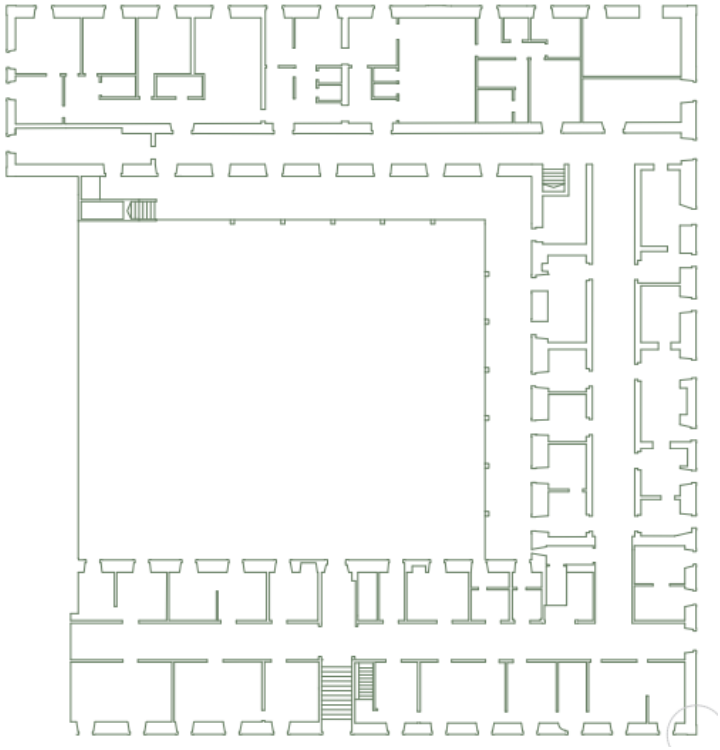




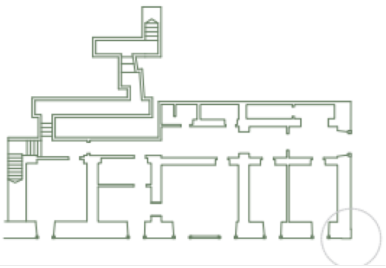
Piso 2



Piso 1

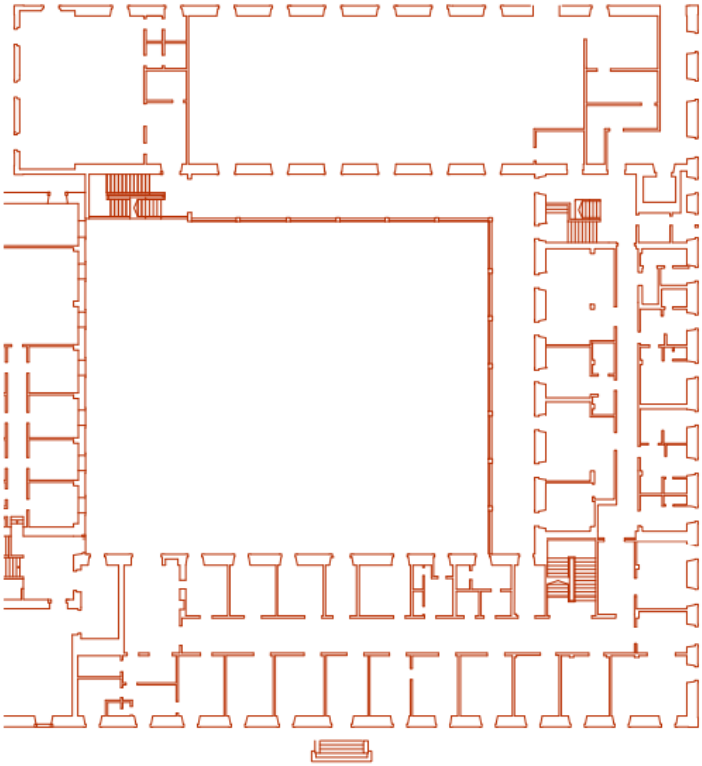


Piso 0

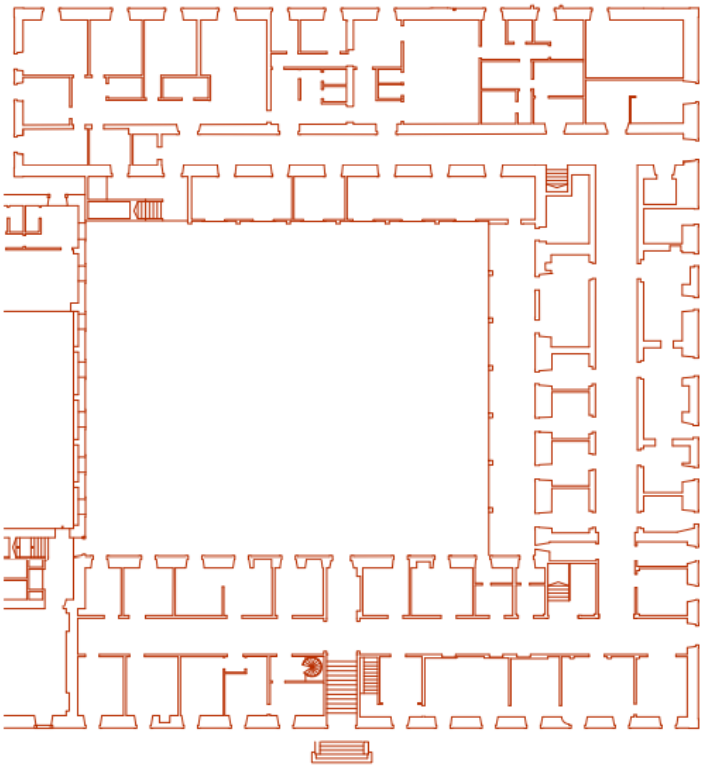


Planta de 2019

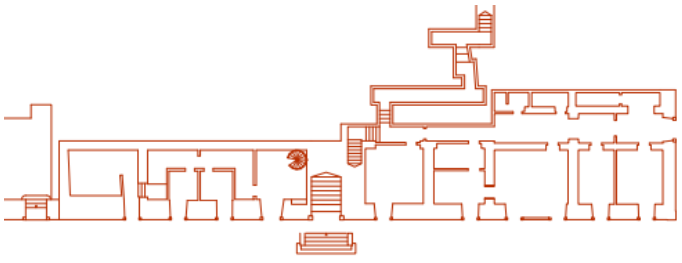
Piso 2



Piso 1

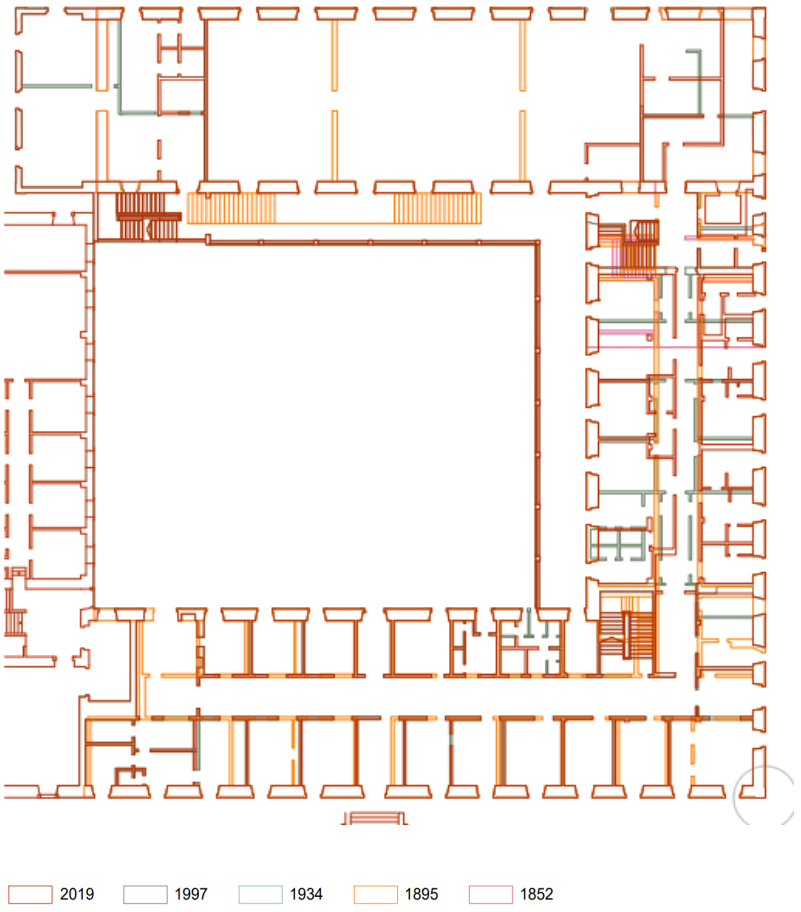


Piso 0

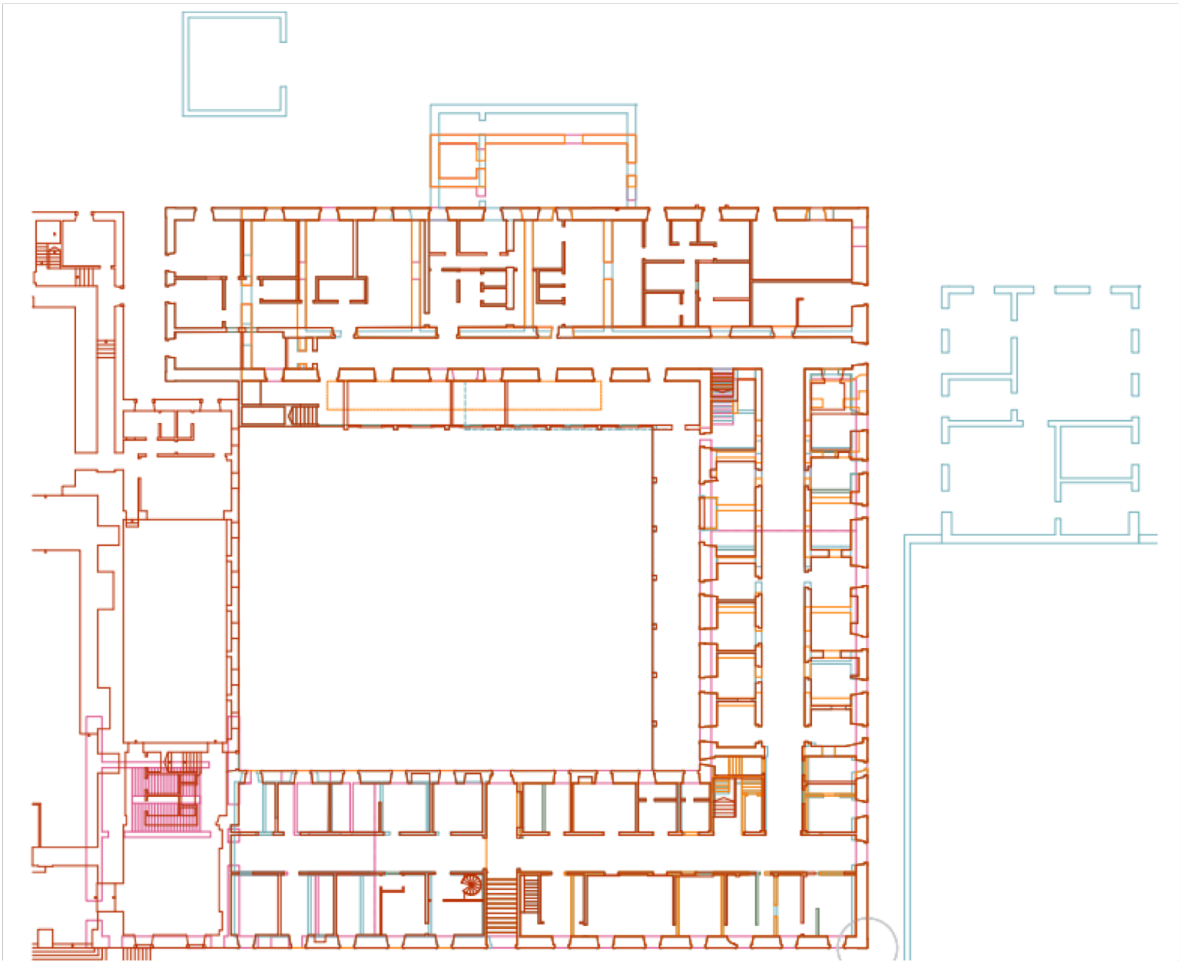


Sobreposição de Plantas Históricas (Palimpesesto)

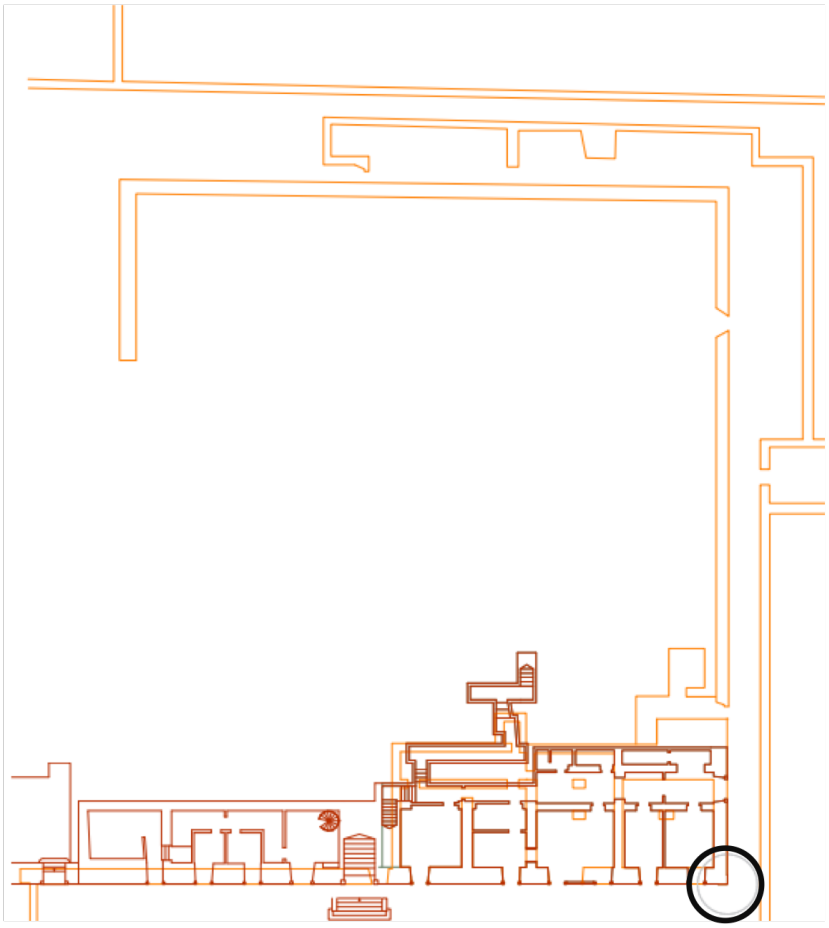
Piso 2



Piso 1



Piso 0



Anexo VI. Evolução Cronológica

Autora, 2021

Tabela de Evolução Cronológica

PISO	ALA	1852	1895	1934	1997	2019
PISO 0	SUL		Apenas o Lado mais a Este continha espaços interiores neste piso. Casa do Guarda à direita.		Existe apenas o lado Este. Existe agora um corredor sentido Este-Oeste que permite a comunicação entre compartimentos a Sul e uns pequenos compartimentos mais a Norte e ainda o acesso a um túnel de acesso ao pátio. Destruição de paredes/muros de suporte e construção de novo acesso (porta) a Este.	Já existe agora o lado Esquerdo da Cave. Construção de um novo acesso vertical (escadas em caracol) no compartimento à direita das Escadas Principais. Sem alterações no lado direito.
PISO 1	SUL	Na planta de 1852 apenas se percebe a existência do corredor central.	Escadas de acesso ao Largo Boa Hora a meio da Ala (localização atual) Corredor central (posição atual) Médico de Serviço, Secretaria, Gabinete do Diretor e Farmácia virados a Sul. Porteiro e Arrecadação virada para o Pátio. Acesso Vertical situado no canto do pátio.	Sem alterações	Alterações: Abertura de vãos (portas) entre compartimentos. Acrescento de Acesso vertical no compartimento a este das escadas principais.	Abertura de Nichos em algumas paredes extreriores. Construção de novas 5 paredes divisórias (Betão Armado).
	ESTE	Correor central e vão de escadas no canto Norte junto ao pátio.	Corredor central (posição atual). Vão maior virado para a rua, a eixo do centro da Ala. Nesta Ala situavam-se os Quartos para doentes isolados: pequenos compartimentos (com apenas 1 janela cada um).	Destruição de muitas das paredes que compartimentavam os espaços.	Voltam a ser fechados alguns compartimentos: construção de paredes divisórias. Abertura de vãos (portas) entre compartimentos.	Abertura/Rompimento de Nichos em algumas paredes extreriores. Construção de paredes novas: construção de um elevador a Nordeste desta Ala.
	NORTE	Corredor a Sul, junto ao pátio. A norte existiam 4 grandes espaços. E no topo Oeste existia um espaço comunicante com o fim do corredor.	Corredor situado lateralmentente a Sul. A Norte deste corredor existiam grandes espaços (Enfermaria, Autopsia, etc)	Sem alterações interiores. Alteração da Fachada a oeste: destruição do vão existente e abertura de 2 novos.	Alterações: Destruição de partes das paredes existentes e contrução de novas paredes para compartimentação do espaço. Destruição da fachada Oeste desta Ala. Acrescento e nova Fachada.	Sem grandes alterações interiores. Construção de umas porções de paredes divisórias.
			Edifício de Cozinha, adjacente ao lado Norte desta Ala.	Edifício de Cozinha alterado, ganhou dimensão.		Construção de salas Interiores no Pátio, por baixo da Galeria de Betão Armado. Tranformação dos vãos da Fachada que era Exterior e passou a Interior (janelas passam a portas)
PISO 2	SUL		Corredor central interrompido por um pequeno corredor ortogonal, a eixo deste Ala (com um vão em cada topo). Nos 2 lados do corredor existe uma sequência de pequenos compartimentos (a maioria com apenas 1 janela). Aqui existiam Quartos para doentes isolados.		Sem grandes alterações. Acrescento de paredes divisórias em alguns espaços. Destruição das escadas preexistentes e construção de umas novas, no mesmo lugar das anteriores, em betão Armado.	Sem grandes alterações. Destruição de porções de paredes divisórias (zona das Escadas e do Compartimento no canto Sudeste).
	ESTE	Correor central e vão de escadas no canto Norte junto ao pátio.	Corredor central ladeado por 2 grandes espaços contínuos, não compartimentados, ao longo do comprimento da Ala (Enfermarias). A Norte, 2 pequenos compartimenos e o acesso vertical.		Construção de Paredes em Betão Armado que compartimentam os 2 grandes espaços preexistentes. Algumas dessas paredes perlongam-se sobre o Corredor central. Construção de Escadas que comunicam com o novo piso acima, junto das Escadas existentes.	Muito Alterada. Destruição de paredes existentes, construção de paredes divisórias. Estreitamento do Corredor central com construção de paredes que criam novos compartimentos de acesso. Construção de Nova Estrutura de Pilares em Betão Armado. Construção do elevador a Nordeste desta Ala.
	NORTE	Ala sem qualquer compartimentação.	Não existe corredor. 3 grandes espaços.		Construção de paredes novas Betão Armado nos topos Este e Oeste desta Ala.	Sem grandes alterações interiores. Construção de 5 novas paredes divisórias. Fecho do vão mais a Oeste virado para o pátio. Construção de "Pontes" de Acesso ao Edifico Hospital Anos 70.
PISO 3	NORTE	Não existia.	Não existia.	Não existia.	1963- craição do 3º piso.	Sem alterações

Anexo VII. Análise de Espaços Interiores

Autora, 2021

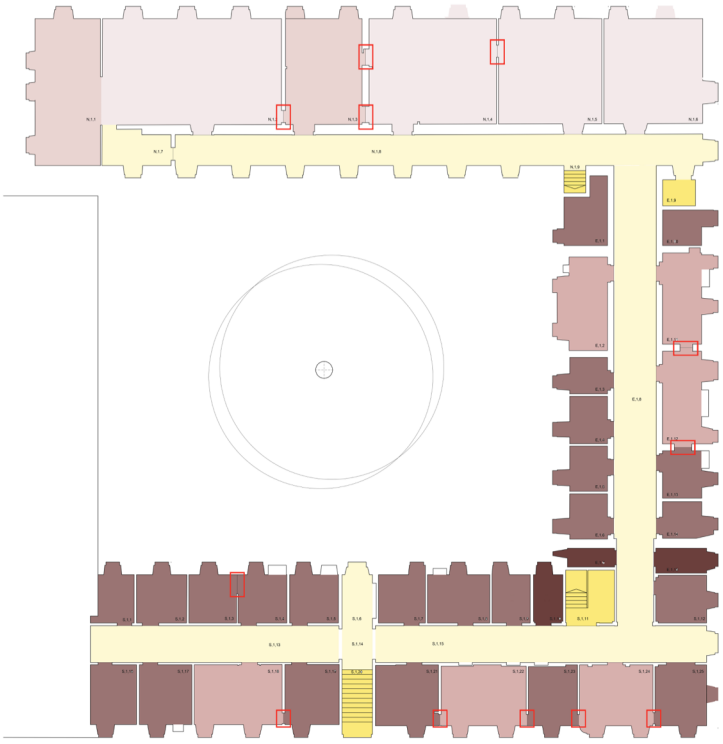
Legenda



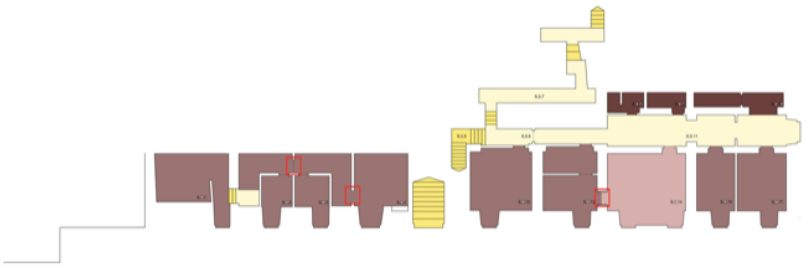
Piso 2



Piso 1



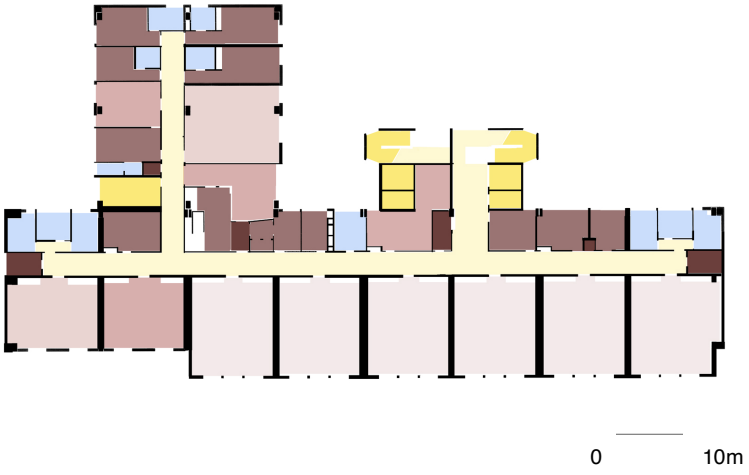
Piso 0



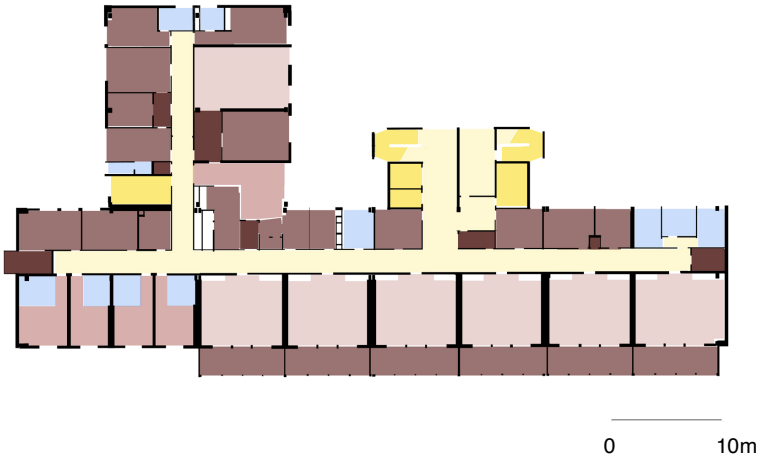
Análise Espaços Interiores do Edifício de 1970



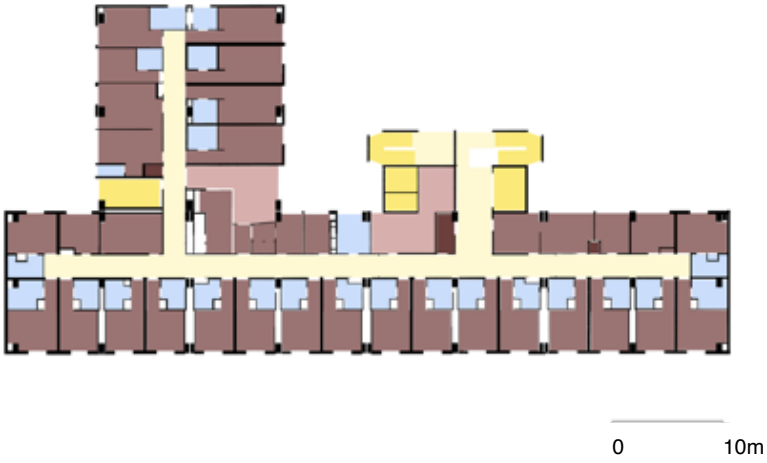
Piso 4-5



Piso 2-3



Piso 1 | 55.0



Piso 0 | 51.0



Tabela Analítica de Espaços Interiores

		Edifício Anos 70										
		Ala Sul					Ala Norte					
		Piso 1	Piso 2	Piso 3	Piso 4	Piso 5	Piso 1	Piso 2	Piso 3	Piso 4	Piso 5	Totais:
Área	Até 10 m2	2	2	5	5	5	__	1	1	1	3	25
	De 10 m2 a 20 m2	9	29	9	8	11	__	8	5	5	6	90
	De 20m2 a 30 m2	4	2	6	2	4	__	__	1	1	__	20
	Até 50 m2	1	__	__	1	6	__	__	1	1	1	11
	Mais de 50 m2	2	__	5	6	__	__	__	__	__	__	13
I.S.		3 púb. e 16 priv.	8	7	7	4 púb. e 4 priv.	__	7	5	5	3	69
Distribuição		Pequenos corredores de acesso.	Corredor central.				Corredor central.					
Comunicações Verticais		Comunicações Verticais anexadas a Norte da Ala Sul com 4 Elevadores e 2 vãos de Escadas.					Na Ala Norte: 1 vão de Escadas.					
Acesso à Rua		3 acessos	__	__	__	__	4 acessos	__	__	__	__	7

Anexo VIII. Teoria de Valor

Autora, 2021

Elemento: Parede

TIPO A TIPO B TIPO C TIPO D

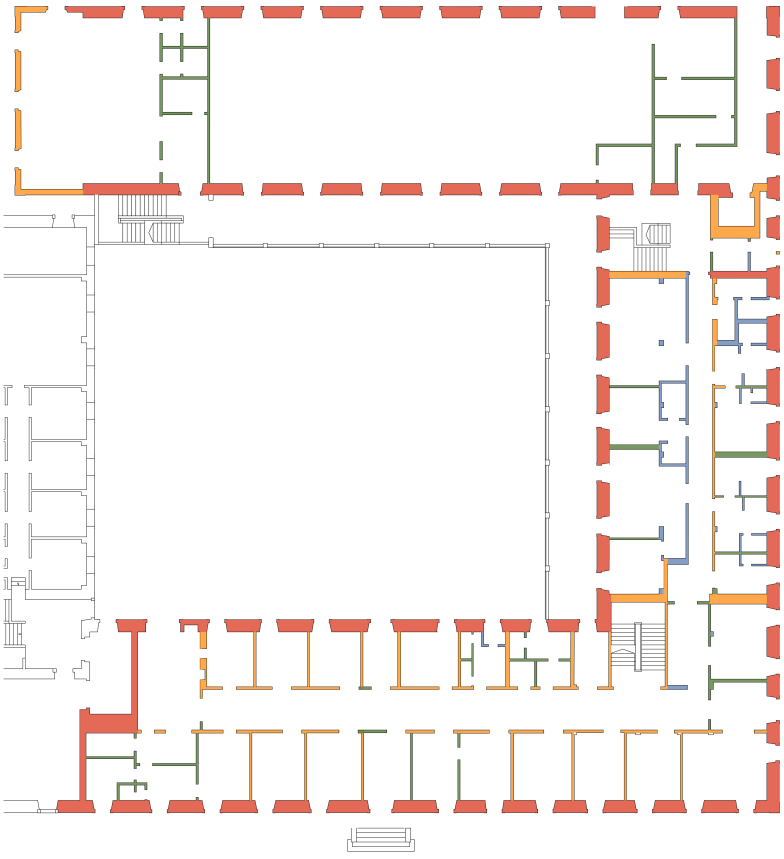
- Tipo A. Elementos com valor histórico, tipológico, morfológico, estético, material ou construtivo que devem ser preservados.

- Tipo B. Elementos com valor estético, material ou construtivo intrínseco, mas que necessitam de outro enquadramento para assegurar o seu lugar qualitativo no processo de reabilitação. Podem ser removidos, substituídos ou reenquadrados sempre que daí resulte um benefício explícito do ponto de vista qualitativo para o Projeto e para o Programa, nunca colocando em causa a leitura e qualidade total do objeto de intervenção nem a sua identidade.

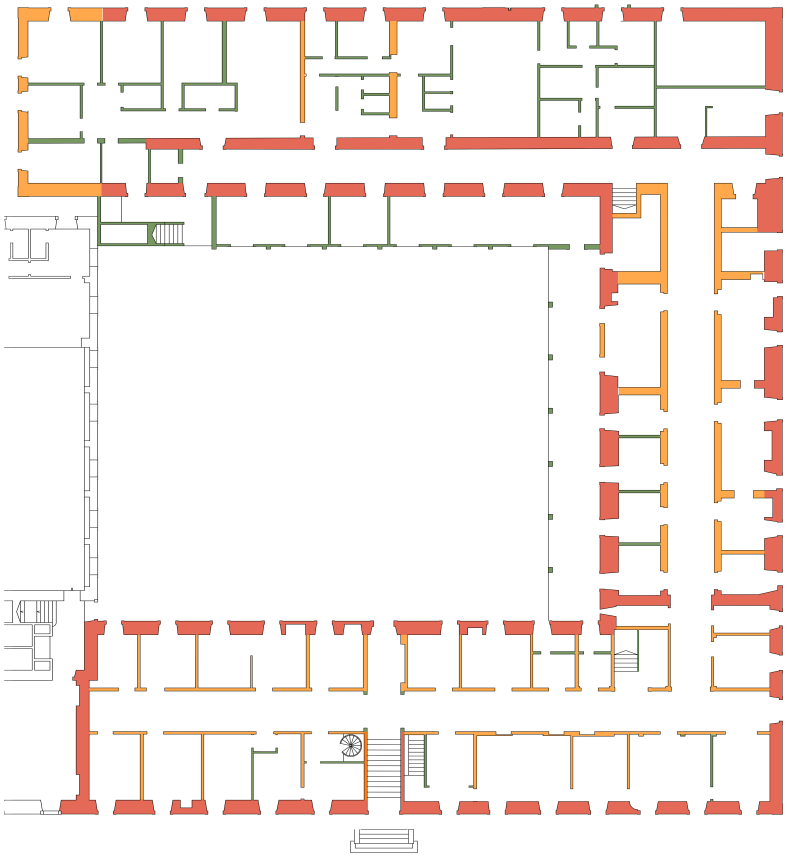
- Tipo C. Elementos sem valor patrimonial, material ou estético, podendo originar ações de demolição ou substituição.

- Tipo D. Elementos sem valor patrimonial, material ou estético e que colocam em causa a leitura e qualidade total do objeto, devendo originar ações de demolição.

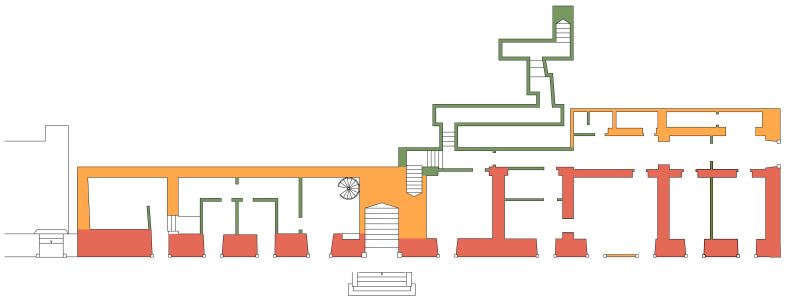
Piso 2



Piso 1



Piso 0

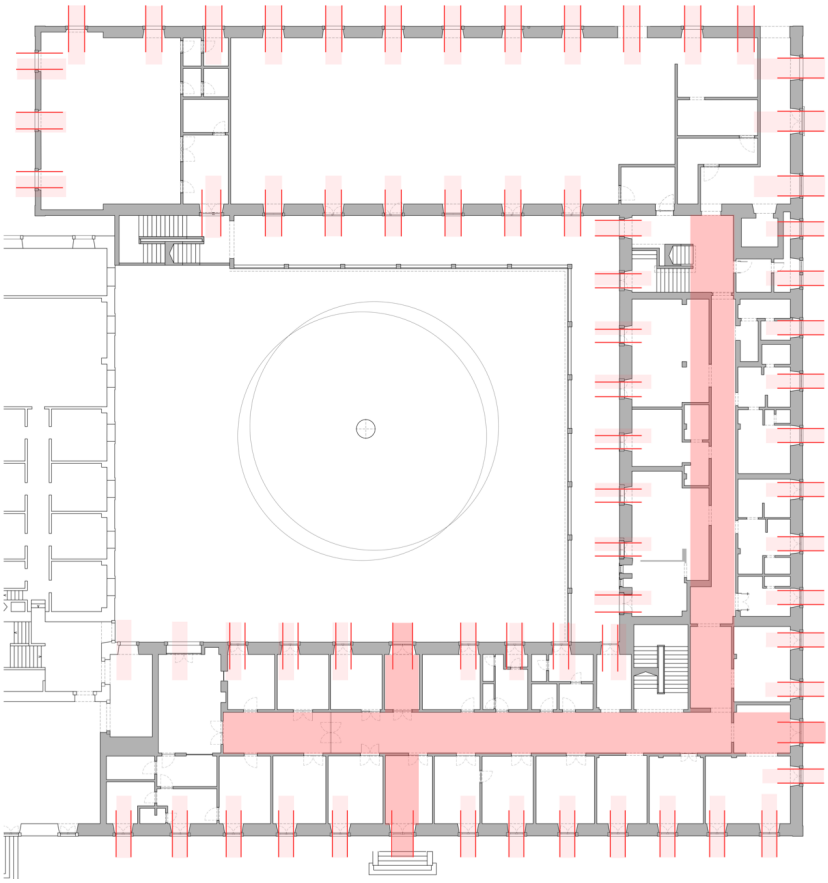


Ordem: Eixos e Influência dos Vãos

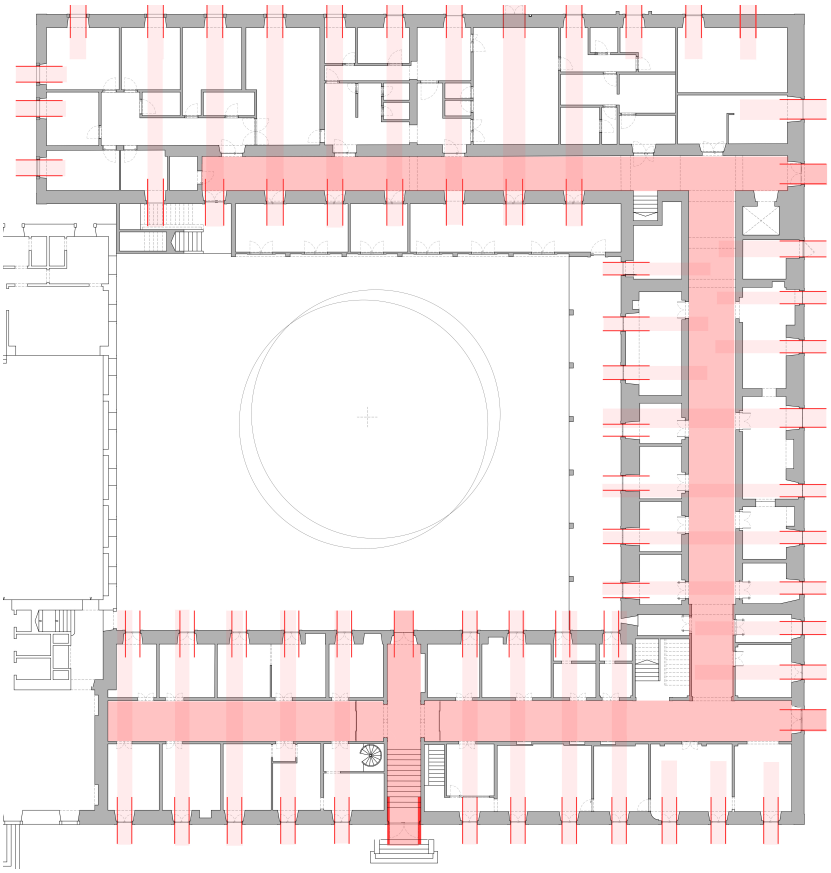
TIPO A TIPO B TIPO C TIPO D

SIST. DISTRIBUTIVO EIXOS RELAÇÃO ENTRE VÃOS

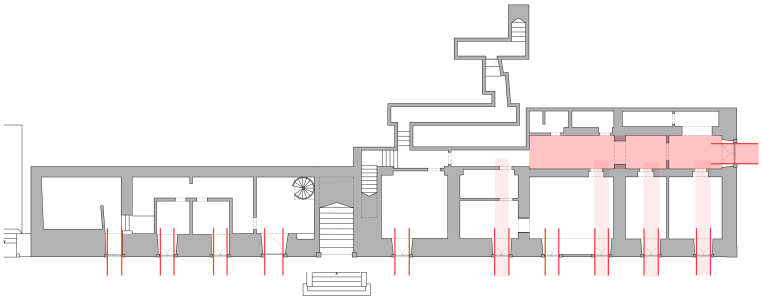
Piso 2



Piso 1



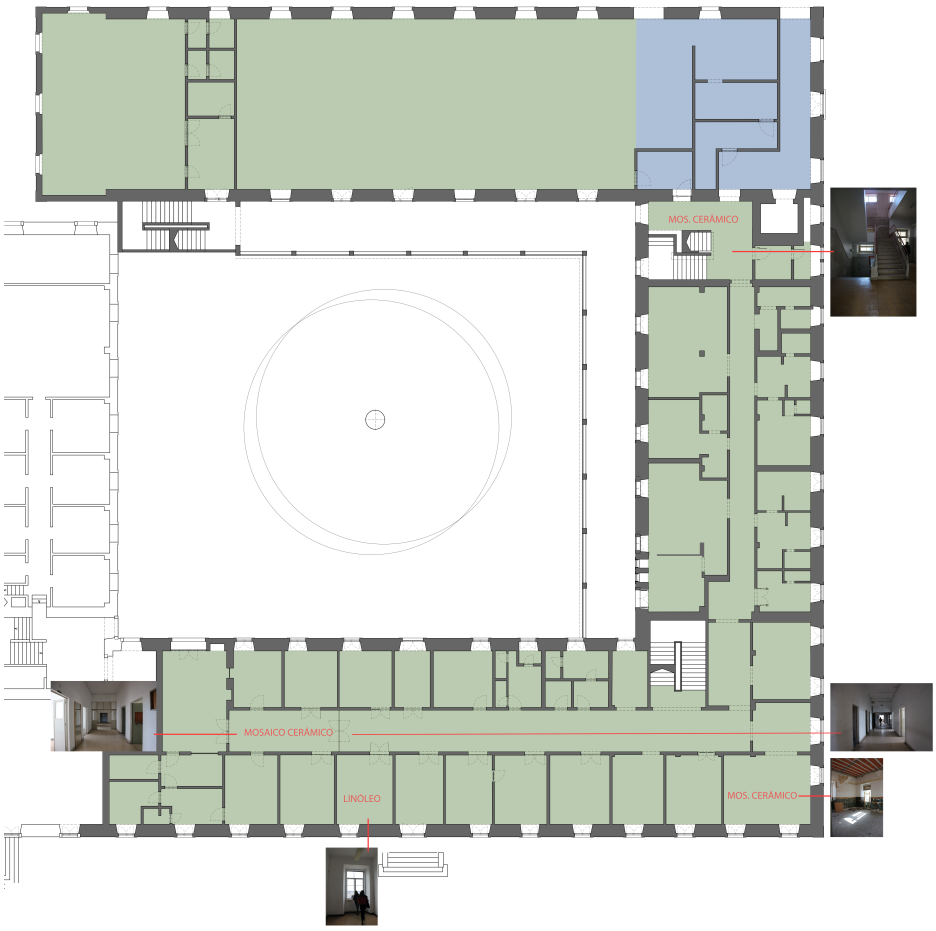
Piso 0



Elemento: Pavimento

TIPO A TIPO B TIPO C TIPO D

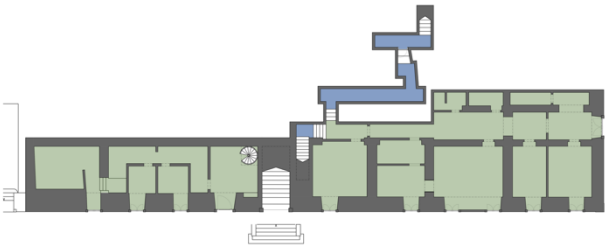
Piso 2



Piso 1

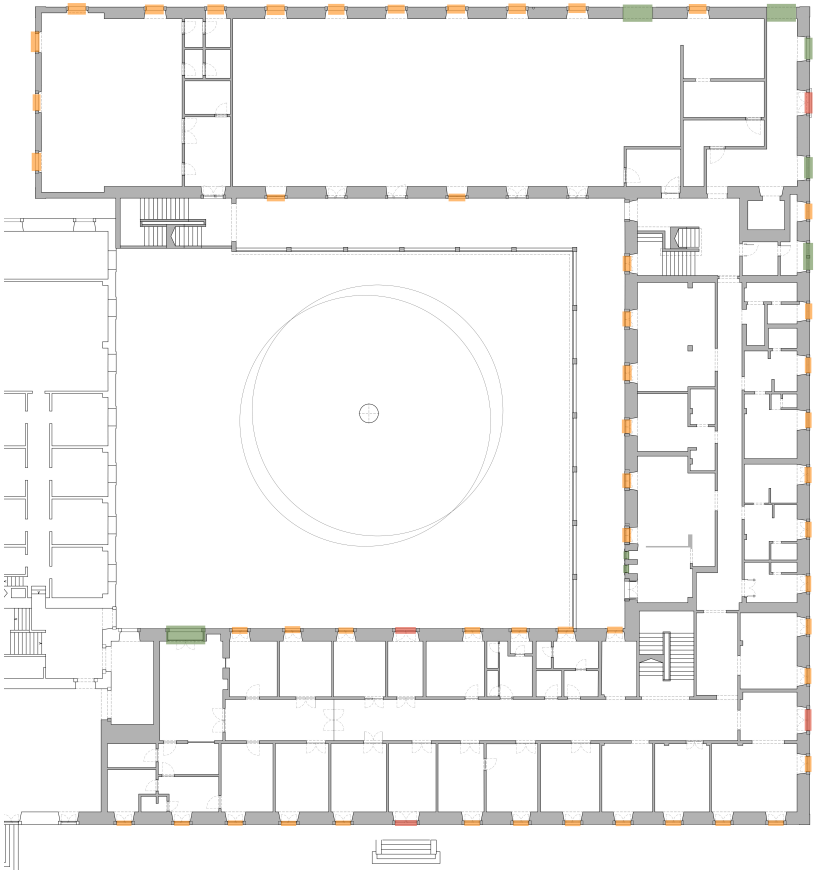


Piso 0

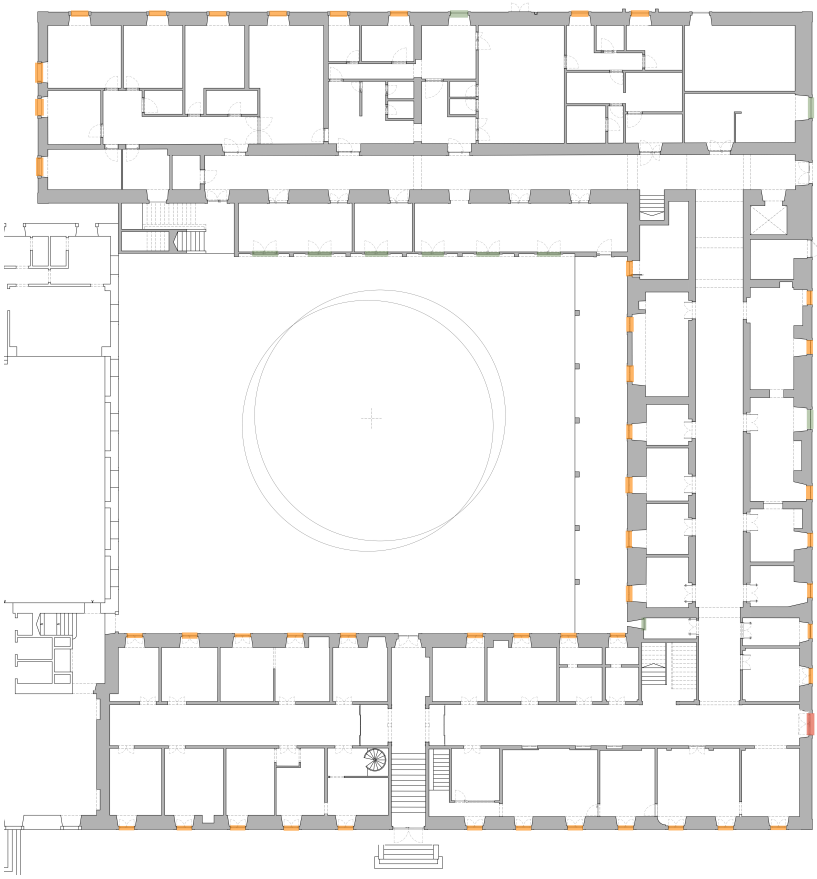


Vãos: Janelas

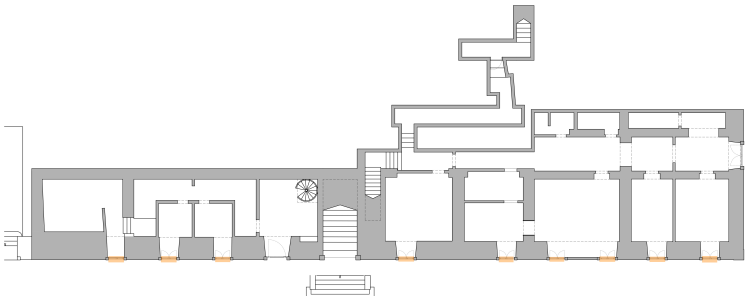
Piso 2



Piso 1

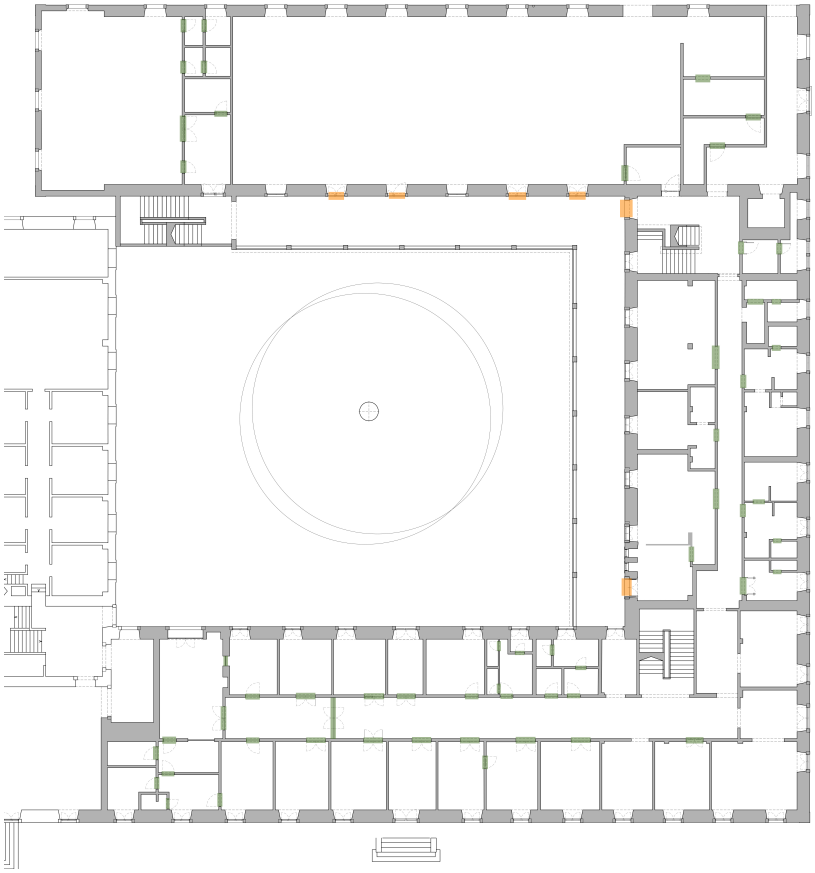


Piso 0

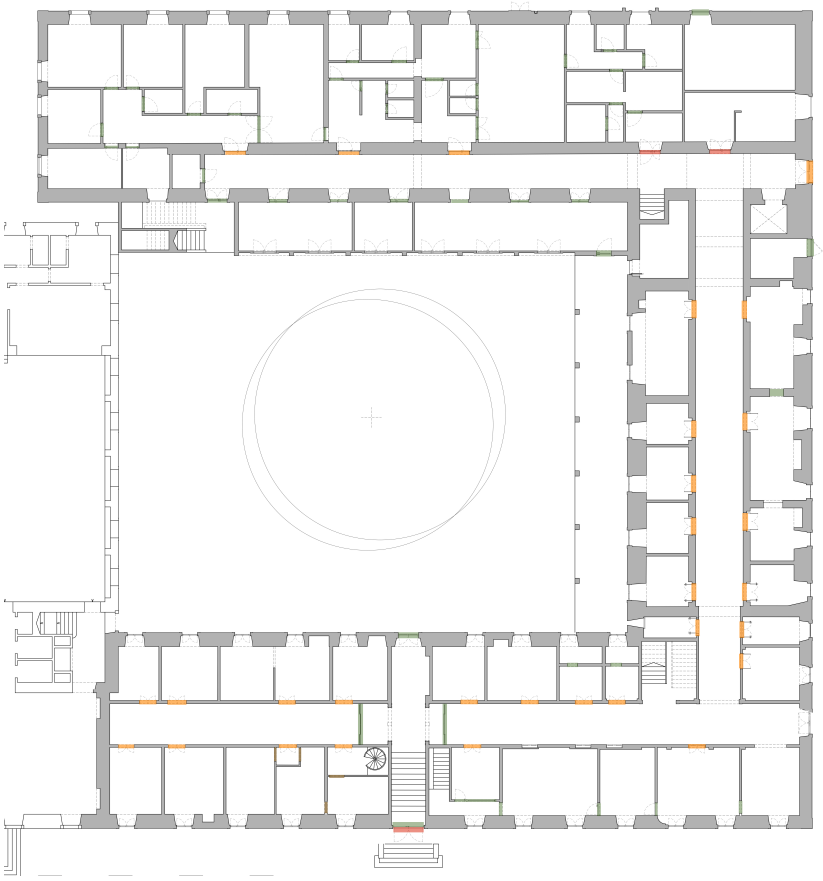


Vãos: Portas

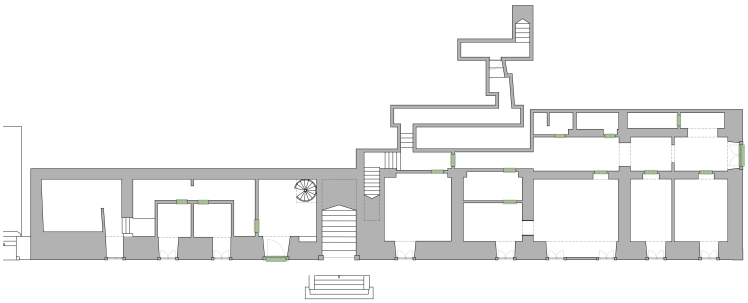
Piso 2



Piso 1



Piso 0



Anexo IX. Análise de Usos da Envolvente

1. Entrevistas a Associações:

Entrevista a Academia Recreativa da Ajuda – contacto com Diretor Jorge Pimenta e visita presencial ao espaço (12/04/2021)

1- Têm um espaço físico adequado, que acomode todas as vossas atividades?

"Sim, o nosso espaço é grande e tem condições. Temos espaço de cafetaria, com apoio de copa e zona de estar. Temos uma sala de jogos que funciona como zona de fumadores. Em relação aos espaços desportivos, existe uma Sala de Ginástica com um tapete de exercício e uma grande sala de espetáculos, com palco. Estes espaços são apoiados por I.S. e balneários. Na Cave há uma sala de refeições/sala de fados e no piso superior ficam a Sala de Arrumos, a Sala da Administração e a Sala de Reuniões."

"O estado de conservação destas instalações não é excelente, sofre de humidade, pelo que são necessárias constantes obras de manutenção e conservação."

2.As instalações têm espaço Exterior?

"Sim. Temos um Campo exterior para jogos de futebol e um terraço, que alugamos para jantares e festas."

3.Quais as faixas etárias dos participantes nas atividades?

"A Associação está aberta a todas as faixas etárias."

4. Se pudessem aumentar as vossas instalações, que outras valências/atividades acrescentariam?

"As nossas instalações serão demolidas no âmbito das obras do novo Projeto da Unidade de Execução da Zona da Quinta das Damas. Quando isso acontecer necessitaremos de um novo espaço, mas atendendo aos edifícios existentes nesta zona, não será possível termos as mesmas condições de espaço que aqui temos."

Entrevista a Academia de Música – contacto telefónico (18/03/2021)

1- Têm um espaço físico adequado, que acomode todas as vossas atividades?

"Sim. Para além de termos várias escolas distribuídas pela cidade, a nossa Sede na Av. Helen Keller tem 15 salas onde damos as aulas e workshops."

2. As instalações têm espaço Exterior?

"Não."

3.Quais as faixas etárias dos participantes nas atividades?

"Crianças e jovens até aos 18 anos."

4. Se pudessem aumentar as vossas instalações, que outras valências/atividades acrescentariam?

"Faz-nos falta um espaço exterior para podermos criar eventos, espetáculos de final de ano e também para atividades nos campos de verão."

Entrevista a Agrupamento 485 - Escuteiros da Ajuda – contacto eletrónico com Vitor Carvalho (12/04/2021)

1- Têm um espaço físico adequado, que acomode todas as vossas atividades?

"O espaço que o agrupamento utiliza é consideravelmente pequeno para as nossas necessidades."

Quantas salas têm disponíveis?

"O espaço alocado é uma antiga garagem, por isso só temos uma área comum (o espaço está dividido por cada uma das secções).
A única luz natural existente é quando abrimos a porta de entrada."

2-Quais as faixas etárias dos participantes nas atividades?

"O agrupamento divide-se em 5 grupos: Lobitos - 6 aos 10 anos | Exploradores - 10 aos 14 anos | Pioneiros - 14 aos 18 anos | Caminheiros - 18 aos 22 anos | Dirigentes - a partir dos 22 anos."

3- Se pudessem aumentar as vossas instalações, que outras valências/atividades acrescentariam?

"Adequação do espaço às necessidades de cada secção, de forma a permitir que estas possam desenvolver da melhor forma o seu trabalho, depois a criação de um espaço multiusos, que permitisse a realização das várias atividades específicas do agrupamento".

Entrevista a Casa da Cultura e do Bem-Estar – contacto telefónico com Isabel Ramos (18/03/2021)

1. Têm um espaço físico adequado, que acomode todas as vossas atividades?

"Sim. Temos 4 salas. Temos duas salas com aproximadamente 300 m^2, uma sala com 60m^2 e outra com 36m^2. "

2. Quais as faixas etárias dos participantes nas atividades?

"As nossas atividades abrangem idades dos 3 aos 100 anos, sendo que são mais frequentadas por população sénior e por crianças. Conseguimos dar resposta a todos os interessados nas atividades."

3. As instalações têm espaço Exterior?

"Temos um espaço exterior que é público, o Pátio do Bonfim."

"Para além disso utilizamos um Ginásio de 300m^2 para atividades desportivas, no antigo mercado do Peixe na Rua Coronel Pereira da Silva."

4. Se pudessem aumentar as vossas instalações, que outras valências/atividades acrescentariam?

"Mais espaço é sempre melhor. Faria falta termos umas salas para formações em regime pós-laboral, para os adultos que trabalham durante o dia poderem também participar."

Entrevista a Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco - contacto telefónico com direção (18/03/2021)

1. Têm um espaço físico adequado, que acomode todas as vossas atividades?

Sim. Temos 3 salas de pré-escolar e 2 salas polivalentes, uma delas usada como refeitório.

2. Quais as faixas etárias dos participantes nas atividades?

Bebés e Crianças.

3. As instalações têm espaço Exterior?

Sim, temos um pavilhão desportivo (5 x 17 m = 85 m^2) e um campo de futebol (do Rio Seco) 40m x 20m = 800 m^2

Utilizamos também um parque infantil exterior público.

4. Se pudessem aumentar as vossas instalações, que outras valências/atividades acrescentariam?

Precisaríamos de uma maior secretaria e um espaço interior para reunir pais e crianças.

2. Necessidades das Associações Próximas

Academia Recreativa da Ajuda

Valências Espaciais:

- Campo de futebol exterior _____ 40m x 20m = 800 m²
- Terraço exterior _____ 12m x 8m = 96 m²
- Espaço de Cafetaria_____ 7mx12m = 84 m²
- Sala de jogos _____ 5m x 4m = 20 m²
- Sala de Ginástica _____ 5m x 12m = 60 m²
- Sala de espetáculos com palco ____ 12m x17m = 200 m²
- Sala de refeições/sala de fados ____ 6m x 3m = 18 m²
- Sala de Arrumos _____ 2,5mx3m = 7 m²
- Sala da Administração _____ 5mx5m = 25 m²
- Sala de Reuniões _____ 5mx7m = 35 m²

Área Total Exterior = 896 m²
Área Total Interior = 450 m²

Problemas:

- Conflito entre jovens e séniores na utilização do espaço. As pessoas mais velhas não aceitam diferentes utilizações, devido à memória que têm desses espaços.
- Estas Instalações serão demolidas em contexto do projeto Unidade De Execução Da Zona Da Quinta Das Damas.

Necessidades, atendendo às demolições:

-Cafetaria com esplanada – interior 80 m² e exterior 90 m²
-Sala de convívio e jogos – 20 m²
-Sala de Espetáculos com palco – 200 m²
-Sala de Treino multiusos – 60 m²

Academia de Música

Valências Espaciais:

-15 Salas de ensino de instrumentos musicais __ cada sala aprox. 20 m² Área Total = 300m²

Necessidades:

- Espaço Exterior para apresentação de Espetáculos (anfiteatro) – 100m²

Agrupamento 485 - Escuteiros da Ajuda

Valências Espaciais:

-Garagem adjacente à Igreja da Boa Hora ____ 4,5mx15m= 68 m²
-Ala Paroquial da Igreja da Boa Hora _____ 7,2x15,7 = 115 m² Área Total = 180 m²

Necessidades:

- 5 salas de reunião – cada uma com aprox. 15m²
- Espaço multiusos – 100 m²

Casa da Cultura e do Bem-Estar

Valências Espaciais:
- Sala de Formações e Atividades:
  - 2 Salas_____ 15m x 20m = 2 x 300 m^2 = 600m^2
  - 1 sala mais pequena_____ 6 m x 6m = 36 m^2
  - sala _____ 12x5m = 60 m^2

  Área Total = aprx. 700 m^2
  - Utilizam um pavilhão adaptado_____ 20x15m = 300m^2

Necessidades:
-2 salas de formação para funcionar em horário pós-laboral – cada uma com aprox. 15m^2

Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco

Valências Espaciais:
- 3 salas pré-Escolar I cada uma com aprox. 20 m^2 = 60 m^2
- 2 salas Polivalentes I cada uma com aprox. 35 m^2 = 70 m^2.

Área Total = aprx. 130 m^2

Necessidades:
-Sala para eventos/espetáculos – 200 m^2

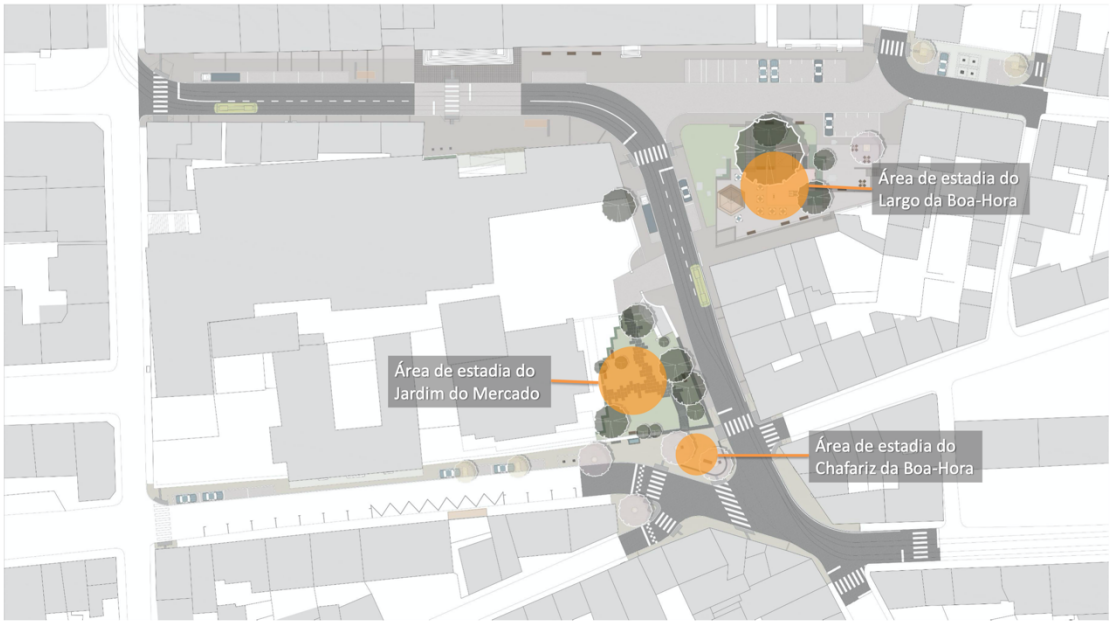
3. Tabela Resumo

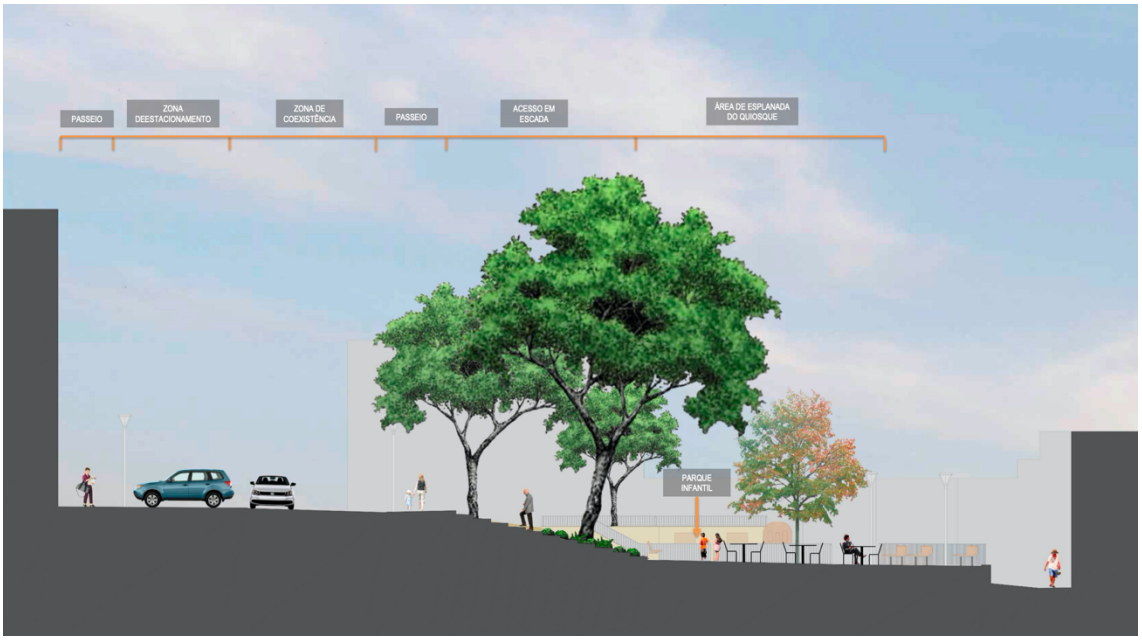
Abril 2021, Autora

NOME	Academia Recreativa da Ajuda	Academia de Música de Lisboa	Agrupamento 485 - Escuteiros da Ajuda	Casa da Cultura e do Bem-Estar	Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco
FOTOGRAFIA					
LOCALIZAÇÃO	R. de Dom Vasco 67	Av. Helen Keller, 15C	Antiga Garagem junto à Igreja Boa Hora	Calçada da Ajuda, 234, Pátio do Bonfim, porta 10	R. Dom João de Castro 86F
DIMENSÃO (m2)	500 m^2	300 m^2	180 m^2	700 m^2	130 m^2
Nº SALAS	Cafetaria, esplanada int e ext., sala de jogos, Sala de Ginástica e de espetáculos , sala de fados, salas de reuniões.	15 Salas de 20 m2	1 Espaço Único dividido 68 m2 e Salão Paroquial 115 m2	4 salas: 2 com 300 m2, 1 com 60 m2 e outra com 36 m2.	3 salas de pré-escolar e 2 salas polivalentes (onde fazem refeições)
Nº PARTICIPANTES	Poucos sócios mas muitos participantes nas atividades e eventos.	330 Alunos		180	50 idosos, 67 crianças
Lista de espera?	Não.	Não	Não	Não	Não
AIXAS ETÁRIAS PARTICIPANTE	jovens , adultos e idosos	crianças e jovens até aos 18 anos	crianças e Jovens	crianças e idosos	crianças e idosos
TEM ESPAÇO EXTERIOR?	Campo de futebol exterior 800 m2 e terraço com esplanada 96 m2.	Não	Não	pavilhão adaptado 300m2 , jardim botânico e Ginásio Rio Seco 85 m2	Pavilhão 85 m2 e Campo Ext. 800m2 e Parque Infantil.
ATIVIDADES	Convívio Karaté, Wrestling, Ginástica para Adultos, Zumba Fado e canto alentejano	Ensino de diversos instrumentos musicais, worshops e campos de verão	Atividades ao Ar livre e Ativ. No Interior: jogos, formações, reuniões	Ginástica, Ballet, Teatro, Formação Musical Tai Chi, Ioga, Acupunctura Explicações, Informática Artes Decorativas	Ativ. Tempos Livres Ativ. Gimno- Descportivas : Danças Tradicionais (Creche, Jardim de Infância, Escola Primária)
SE TIVESSEM OUTRO ESPAÇO DISPONIVEL QUE OUTRAS VALÊNCIAS ACRESCENTARIAM?	Estas Instalações serão demolidas. Necessidade de novas instalações para comodar atividades.	Se tivessem espaço Exterior poderiam ter aulas/audições ao ar livre, espetáculos de finais de ano e atividades exteriores no verão	5 Espaços de Reunião e 1 Espaço multiusos	Poderiam fazer atividades em horário pós laboral para os adultos.	Se tivessem mais espaço necessitariam de uma sala de grandes dimenões para reunir pais e crianças, para atividades lúdicas (para utilizar quando a metereologia não permite ir ao exterior).

Análise de Usos do Largo da Boa-Hora e envolvente

Programa “UMA PRAÇA EM CADA BAIRRO”





UNIDADE DE SAÚDE FAMILIAR (em construção) junto ao Mercado da Boa-Hora

In https://www.lisboa.pt/unidades-de-saude-familiar

Consultado a 15.05.2021



USF Ajuda - Calçada da Boa-Hora



UNIDADE DE EXECUÇÃO DA ZONA DA QUINTA DAS DAMAS E PÁTIO DO BONFIM NA ÁREA ENVOLVENTE AO PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

Projeto desenvolvido por Gonçalo Byrne 2020.

“o uso dominante será o uso **habitacional** (80%), sendo a restante superfície de pavimento (20%) afeta a um uso diferente.”



Mapa com sobreposições – realizado pela Autora

Anexo X. Análise de Casos de Estudo

Autora, 2021

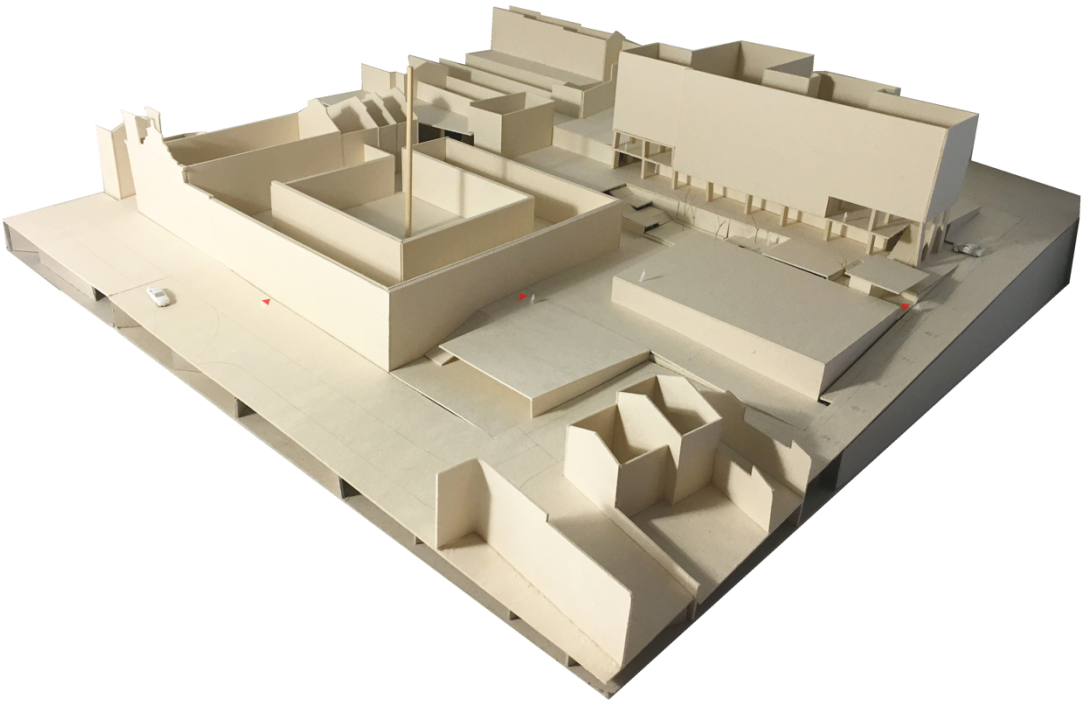
	Idea Store, Whitechapel, Londres		Convento de Santa Maria do Bouro, Amares, Portugal		Mosteiro de São Bento, Santo Tirso, Portugal		Castelvecchio, Verona, Itália	
	2004, Adjaye Associates, 1270 m²		1997, Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira, 7300 m²		2012, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, 2156,8 m2		1973, Carlo Scarpa	
	Edifício Público, Programa cultural e de ensino		Edifício de uso Privado, Reconversão do Convento em Pousada		Edifício Público: construção do Museu Internacional de Escultura Contemporânea e reabilitação do Museu Municipal Abade Pedrosa		Edifício Público, Museu	
PROGRAMA/FUNÇÃO								
Como se organiza o programa?	Núcleo central com Escadas, 2 Elevadores, I.S. e arrumação. Espaços de Bibliotecas centrais ao longo dos pisos. Espaço para crianças amplo no piso térreo. Espaços amplos para aulas de dança. Espaços de trabalho e salas de Aula compartimentados.		Espaços de Serviço no Piso da cave, Espaços Coletivos de Serviço (Restauração) e de Estar no Piso 1. Neste piso, os quartos da pousada distribuem-se pelas Alas a Oeste, formamando um U invertido. Já no piso 2 os quartos ocupam toda a extensão das Alas Conventuais.		Acesso aos dois Museus através de um Átrio comum, no piso térreo do novo edifício. Existe uma loja de acesso direto a esse átrio, uma cafetaria e também a zona de serviços (copa e I.S.) e de administração, mais privativa. No volume do Mosteiro de S.Bento, neste mesmo piso, encontram-se para além do apoio de I.S., uma sequência de espaços expositivos com vãos abertos a Sul. Já no piso inferior, semi-interrado, encontra-se uma sala expositiva polivalente (exposições temporárias e atividades performativas) e também 2 salas expositivas mais pequenas. Estes 3 espaços, apesar de localizados num volume semi enterrado, conseguem receber luz natural através de vãos abertos a Norte.		------	
Qual a relação/organização entre Espaços Coletivos e Privativos?	Espaços privativos ocupam o centro dos pisos e o espaço coletivo acontece em seu redor.		Espaços coletivos nos pisos com ligação direta à rua e ao Pátio Central, e os espaços privativos localizados nos pisos superiores.		O programa deste projeto, pelo seu uso de museu, contém um maior numero e área de espaços coletivos e públicos, em relação aos espaços mais privativos. Estes ultimos espaços mais privativos, de serviço e de I.S., encontram-se resguardados no topo Este do novo edifício, longe do acesso à rua, e também no edifício do Mosteiro, junto do acesso principal, dando assim apoio aos restantes espaços. No piso inferior, as I.S. localizam-se junto ao acesso vertical principal, lado oeste. Neste piso existe também um anexo onde se localiza uma sala tecnica (instalações mecânicas do edifício).		------	
Área dos espaços Coletivos?	1010+330+165+110+75+50 = 1740 m2 = 51,1%		824,8 m2 = 19,3%		668,2 m2 = 45,9%			
Área dos espaços Privativos?	165 m2 (I.S.) + (340+150+140+125+95+85) 935 m2 = 4,8% + 27,5%		103 m2 (I.S.) + 970 m2 = 2,4% + 22,7%		74,7 m2 (I.S.) + 243,8 m2 = 5,1% + 16,7%			
Área dos espaços de Circulação?	livre		2.366 m2 = 55,4%		467,9 m2 = 32,1%			
Área Total analisada?	3400 m2		4. 263,8 m2		1.454,6 m2			
Como são as áreas distributivas?	Sem corredores, circulação livre.		Nos 2 pisos inferiores a circulação faz-se através de corredores distributivos, pontuados por alguns átrios. Já no piso 1 a distribuição faz-se tanto pelo Claustro Exterior localizado no pátio central como pelos espaços interiores que têm ligação entre eles, existindo a tipologia de corredor apenas nas Alas dos Quartos a Oeste. No piso 2 a distribuição é feita em corredor, abrindo-se vãos sequenciados de acesso aos quartos. Os topos destes corredores alcançam as fachadas exteriores, pontuados por vãos.		No novo volume, as Áreas distributivas organizam-se de forma livre, onde o próprio átrio e loja correspondem à circulação, até que se chega a um corredor de distribuição. Do lado norte deste volume existe um corredor exterior com acessos verticais que ligam duas cotas do terreno. Já no Mosteiro, a circulação faz-se por um corredor que toca em cada topo da Ala. Este corredor, iluminado a Norte, permite o acesso à sequência de salas expositivas. Estas salas, de dimensões diferentes, têm ligações pontuais entre si e várias portas de acesso ao corredor, por vezes mais do que uma por sala.		------	
Como se fazem as transições Interior-Exterior?	Fachadas Envidraçadas com algumas tonalidades. Grandes Átrios de Entrada		As transições são feitas através da profundidade das paredes exteriores, sentida através dos vãos. Estas transições são acompanhadas pelas mudanças de materiais que aproximam o interior e o extreior. a pedra das cantarias dos vãos chega ao interior.		Sendo o novo edifício muito opaco, a transição interior-exterior com maior expressividade situa-se na zona do Átrio de Entrada. O espaço interior deste Átrio é recuado, recotado em relação à sua cobertura, formando uma zona exterior coberta, protegida. Nesse espaço tem-se ligação visual com o interior, devido à transparencia do vidro utilizado nesse recorte. A passagem para o interior faz-se através de uma ante-camara envidraçada, com portas do lado exterior e do lado interior, que nos recebe e prepara para a nova espacialidade. O restante edifício tem apenas vãos virados para o lado Norte. Alguns desses vãos tocam o teto e o pavimento, e outros são mais fimidos na sua abertura e localizados a uma cota elevada, não promovendo uma relação muito direta com a vida exterior. Para além disso, todos estes vãos estão virados para o corredor exterior, coformado pelo próprio edifício e por um muro de pedra exterior. Assim, recebem uma visão direta sobre a materialidade da pedra e recebem uma luz difusa.		------	
Como são os Acessos Verticais?	Bloco de Escadas e Elevadores central permite o acesso a todos os pisos. A escada lateral junto à parede exterior permite o acesso ao 2º e 3º pisos. A escada na fachada principal liga o 2º, 3º e 4º pisos.		Os acessos verticais contemplam escadas, elevadores e uma rampa. As escadas e os elevadores localizam-se nos topos das Alas conventuais, excepto na Ala Oeste, mais afastada do Pátio central, onde são localizados a eixo da mesma. Existem também escadas exteriores, junto à fachada Sul. A rampa liga a Ala sul à Ala Oeste, do piso da cave para o piso térreo.		Neste novo volume, os acessos verticais têm muita importância e expressão no espaço, pelo que não se encontram abraçados por paredes, mas sim pelo vazio. As referidas escadas, em conjunto com os elementos das guardas, muito opacas, desenham o próprio espaço e, apesar da sua rigidez material conferem-lhe dinamismo. Estes acessos localizam-se junto ao Átrio principal e também no topo oposto.		------	
Como se relaciona o programa com o Espaço Público?	As funções de comércio estão localizadas no piso térreo, acesso direto à rua. Zona infantil também no piso térreo mas resguardada em relação à rua. Nos restantes pisos os espaços mais sociais estão mais perto dos acessos e os espaços de trabalho e aprendizagem mais afastados.		Lado Norte: Os acesso principais no piso térreo acontecem num grande espaço público exterior, junto da escadaria da Igreja. Estes acessos ligam o exterior a dois átrios de entrada com a zona do auditório e show room. Na Fachada Sul o programa que se relaciona com o exterior é de caracter coletivo, de estadia. O programa da zona mais a Oeste não tem acessibilidade para a rua e al localizam-se as funções de restauração e serviços.		Este edifício não se abre muito à rua, no entando é possível analisar que as funções ativadoras do espaço público, isto é, a loja e a cafetaria, localizam-se no piso térreo, nas imediações do acesso principal ligado à rua. Os espaços de administração e os expositivos encontram-se resguardados e distribuídos pelo restante volume.		------	
Relação das funções com orientação solar?								
ASPETOS ARQUITETÓNICOS								
Quais os Sistemas/Elementos/Dispositivos de Transição bri-&007 Filtros/progressão/comunicação - (pórticos, claustros, degraus, vãos)	Átrios de grandes dimensões com alto pé direito.		Espessura das Paredes exteriores. Os vãos localizam-se do lado mais exterior, não à face, fazendo com que seja possível uma aproximação ao exterior ainda no interior. Para ajudar a esta sensação, os caixilhos encontram-se omitidos, encastrados nas pedras da cantaria. Claustro no Pátio sem cobertura. Sensação de resguardo, dada através da altura das paredes em relação à distancia entre elas, através do peso que a pedra transmite e também através do ritmo dos arcos.		Os dispositivos de transição no novo edifício são limitados, sendo o mais relevante a cobertura do Átrio de entrada que faz a recepção protegida dos visitantes do museu. Já no Mosteiro, os vãos das fachadas exteriores ganham habitabilidade pela espessura das suas paredes. No largo corredor a Norte, os vãos formam nichos de estadia, pela existência de nanoestadias, isto é, de bancos de pedra que contemplam a vista sobre o exterior e aproveitam a luz natural. A localização destes bancos no corredor acaba por transformar o caracter fugaz, de passagem, natural deste elemento arquitetónico, transformando-o num espaço de permanência e de usufruto das suas qualidades.		Este projeto de reabilitação é muito expressivo no que toca às alterações das transições interior-exterior e também das transições entre espaços interiores. Por exemplo na fachada Norte do pátio, a parede interior aos arcos do piso térreo foi destruída, de forma a dar lugar a uma nova pele. Esta nova pele é um plano secundário à fachada exterior, afastado desta, de forma a ficar em sombra e a tornar invisível, em incognita, o toque entre o novo e o antigo. É assim criada a ambiência desta transição, com uma multiplicidade de planos verticais e também horizontais. Estes últimos, que apoiam os envidraçados, escalam os grandes pórticos, de forma a melhor receber o visitante a entrar no espaço. Já em relação às transições interiores, este projeto abrange situações muito variadas, desde arcos, a portas, a passagens em vãos rectangulares ou até a passagem onde o plano da parede acaba e se abre um grande vazio. Estas passagens são enriquecidas pela espessura das paredes, pela altura das passagens e principalmente pelo desenho, textura e cor dos pavimentos e tetos, que dão pistas muito ricas sobre a mudança de condição espacial.		
Permeabilidade das Fachadas: porosidade (acessibilidade / sistemas de vistas)	Fachada muito porosa em sistema de vistas, totalmente envidraçada.		Fachadas pouco permeaveis. Pouco acessos e poucos vãos. Fachada Sul é a mais porosa, contém um ritmo de vãos continuo mas de dimensões pouco generosas.		Fachadas bastante porosas. "O alçaço Oeste, de dois pisos, exibe portas e janelas no piso superior, alinhadas por aberturas no piso térreo por meio de painéis de recorte serpentino. As janelas do andar superior, mais trabalhadas, apresentam frontões vazados e intermompidos, interior e exteriormente delimitados por trinhas contra-cuvadas. O alçado Este, mais modesto exibe janelas retangulares com frontões trifoliáceos, vazados, interrompidos por pilastras retangulares."		As fachadas exteriores deste edifício muralhado são muito pouco porosas, com um ritmo rígido. No entanto, as fachadas voltadas ao pátio têm uma variedade de vãos muito rica, sendo mais porosas. Engloba vãos de acesso em Arco, aparecendo tanto singularmente como em conjunto de 3 arcos. Já as janelas variam entre formas rectangulares simples e janelas ornamentadas de arcos bipartidos, aparecendo estas singularmente ou em conjuntos de 2, 3 ou 6 janelas, com e sem varandins.	
LINGUAGEM								
Que materialidades utiliza?	Vidro, madeira nos paviemntos interiores		Pedra Existente, vidro, metal, aço corten, madeira no interior, tinta de tom amarelo suave		Paredes de betão revestido pelo interior com gesso cartonado de alta densidade e na face exterior por sistema ETICS (lã mineral de alta densidade), revestido com reboco liso reforçado e pintado a branco. Também no exterior o embasamento é definido por um lambrim de granito. As paredes interiores são em tabicaria metálica de gesso cartonado de alta densidade e são protegidas, "na sua maioria, por um lambrim de Mármore nas zonas de público, ou por um rodapé em Mármore nas zonas expositivas. Nas zonas técnicas ou de serviço as paredes são protegidas por um lambrim de madeira até a altura da padeira das portas." Os pavimentos são revestidos a mármore e a madeira no Mosteiro. As caixilharias são em madeira com vidro duplo. Mobiliário expositivos em madeira.		Ferro, vidro, cobre, betão, pedra	
Como se relacionam as materialidades?	Por contraste		No interior os materiais relacionam-se de forma natural, onde são visíveis as expressivas texturas de cada um, da madeira e da pedra. O contraste mais forte ocorre entre os tons suaves com o teto de aço corten. No exterior a leitura das cantarias dos vãos tem realce pela relação com o vidro, ligeiramnete recuado, provocando uma sombra.		No novo edifício as materialidades relacionam-se sem contraste, sendo muito claras e apenas expressivas na textura visual do mármore. Já no Mosteiro, as materialidades são mais ricas no seu contraste de texturas, desde a rugosidade da pedra aos veios visíveis da madeira que contrastam com os planos lisos das paredes revestidas a reboco branco.		Nesta intervenção, as materialidades interagem de forma singular, em que cada material tem grande presença no espaço. No interior, as vigas de ferro, de tom escuro, contrastam com o tom claro e textura rugosa e irregular das paredes. No exterior, junto à estátua de Cangrande, as materialidades são desvendadas, sendo separadas as várias camadas de cobertura, dando a cada camada maior importância.	
Como é a ambiência?	Ambiência de coloração intensa, vibrante (tonalidades dadas pelos vidros e seu reflexos)				A ambiência interior do novo edifício é bastante fria, robusta, de tom claro. Isto deve-se à austeridade na utilização de materiais como a pedra mármore e do reboco branco, sem variedade cromática. No mosteiro o ambiente interior é quente e mais convidativo à permanência, pelo calor que a pedra granítica e a madeira transmitem.		A ambiência interior é bastante rica em detalhes, prendendo o olhar do visitante para certos aspetos arquitetónicos que habitualmente não têm qualquer impacto no espaço. Estes detalhes são visíveis nos pavimentos e tetos, que se separam dos elementos verticais, dando ênfase a cada elemento e à sua condição. Os elementos horizontais destacam-se também pelos seus tons mais escuros, trazendo uma ambiência mais confortável, mais terena, mais horizontal.	
Como é feita a entrada de luz?	Entrada de luz difusa, permanente e continua. Luz com intensidade cromática.				No novo volume a entrada de luz faz-se pelo Átrio envidraçado e pelos vãos virados a Norte. No mosteiros são os vãos que contornam todo o edifício rectangular que permitem a entrada de luz natural.			
Espacialidades?	Duplos pés direitos nas zonas de Acesso Vertical, luz com cromatismo				As espacialidades no novo edifício são exploradas através da presença dos vãos de escadas e pela plasticidade das suas guardas. Também a diversidade de pés direitos requerida por esses acessos, promove uma maior riqueza espacial.			
PROCESSOS CONSTRUTIVOS								
Quais os materiais constituintes?	Vidro e metal		pedra existente, reboco pintado		Betão Armado, Gesso Cartonado, Reboco, Granito, Mármore, madeira nos pavimentos e nos caixilhos e vidro.			
Como é feita a Estrutura?	Estrutura metálica		?		Paredes do novo edifício com estrutura metálica. Mosteiro de alvenaria de Granito.			
Como é feita a Cobertura?	Plana		Cobertura plana sem remate visível, sensação de ruina		Novo Edifício: Cobertura plana com revestimento vegetal de baixo perfil (cor semelhante à telha). Mosteiro: telhado de duas águas, em telha cerâmica, suportada por uma estrutura de madeira de castanho.			
INTERVIR NO PATRIMÓNIO								
Quais as relações entre preexistencia e Espaço Público?	----				O Mosteiro tem uma relação indireta com a Rua Unisco Godiniz (a poente), devido ao desnível entre a sua cota de soleira e a cota da rua, pelo que a criação do novo edifício, de relação direta e aberta à rua resolve esse desnível e cria o acesso a ambos os edifícios. Para além disso, o novo volume define também o espaço exterior, criando um pequeno largo de recepção, pavimentado, entre a rua e o edifício, e também um jardim arborizado a Sul. "o Novo Museu desenvolve-se paralelamente ao muro existente a Norte, libertando a Sul a zona de passeio que confronta com a Rua Unisco Godiniz."		----	
Quais as relações entre preexistencia e Novo edificado?	----				"O novo edifício encontrou o limite inferior da cornija do Mosteiro como a sua cota máxima, de modo a não perturbar nem a sobrepor-se a este edifício histórico com o qual terá que estabelecer uma relação de continuidade física. Esta ligação é feita através de um "braço" que parte do volume principal. Para esta ligação se realizar, será demolido o anexo al existente que, a nosso ver, não dignifica a imagem do Mosteiro de S. Bento." "		Neste projeto não foi acrescentado novo edificado. Foi utilizado o meio inverso, o da destruição, como ato interventivo. A destruição teve obviamente fundamento, na medida em que a sua presença desvirtuava a preexistência. Scarpa destrói um vão de escadas da época da ocupação francesa, não porque quis apagar essa memória, mas sim porque esse elemento desvirtuava um outro elemento muito mais importante, tanto ideologicamente como materialmente, que correspondia a uma parede original da ideologia comunista. Em termos simbólicos, esta parede representa o poder da liberdade individual, contrastando com a opressão Fascista que se viveu nesta cidade. Ao espaço criado pela destruição destas escadas, Scarpa expõe a estátua de Cangrande, um dos maiores lords de Verona, honrando-o e criticando-o ao mesmo tempo. Honrando-o pela sua posição central, mas retirando-lhe importancia pela visão que o visitante tem sobre a estátua, chegando a um patamar de confronto onde o plano de fundo é a parede Comuna.	
Como se articulam os materiais (originais e novos)?	----				Os materiais novos da intervenção no corpo do Mosteiro articulam-se de forma muito natural com os materiais preexistentes. ("O edifício do Mosteiro, de alvenaria de granito, apresenta os paramentos rebocados com uma argamassa de saibro, pintados a branco, mantendo-se o granito aparente nos elementos estruturantes do edifício, pilares, fenestrações, embalamentos.")		Nesta intervenção, os novos materiais e elementos resultam de uma visão crítica sobre a preexistência e sobre a sua história. Tomando como exemplo os novos planos secundários no tardoz dos arcos da fachada exterior, podemos perceber que a sua tonalidade escura e pesada, do ferro e do vidro em sombra, acaba por retirar importância visual aos respetivos arcos e janelas góticas. Este ato de enfatisar o novo e não o antigo tem a sua razão de ser devido ao facto de estes vãos góticos não serem originais, mas sim um acrescento do século XX. A presença dos vãos góticos consistia numa falsa historicidade, que Scarpa atenua e deixa em aviso. Para além desta atitude objetiva por detrás de cada novo elemento, existe também uma estética expressiva e ao mesmo tempo harmoniosa no gesto interventivo.	
Qual a atitude? (grau de intrusividade, reversibilidade)	----				Baixa intrusividade, clara leitura. São usadas estruturas amovíveis nos auditórios, de modo a serem flexíveis na sua utilização atual mas também passíveis de alterações funcionais.		Baixo grau de reversibilidade, na medida em que ao destruir elementos não será possível reverter a sua condição. Intrusividade média. No interior são acrescentados elementos de caracter permanente mas que mesmo assim são passíveis de ser retirados sem que se destrua o original.	

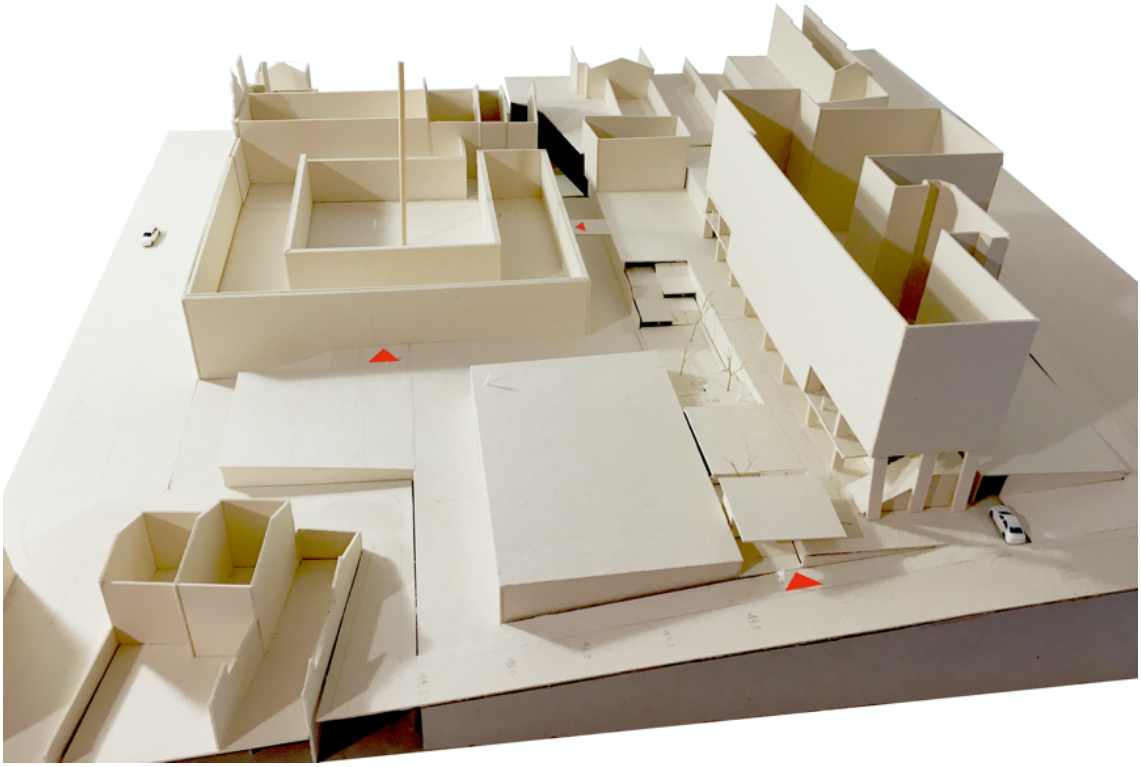
Anexo XI. Maquetes

Autora, 2021/ 22

Maquete de Estudo

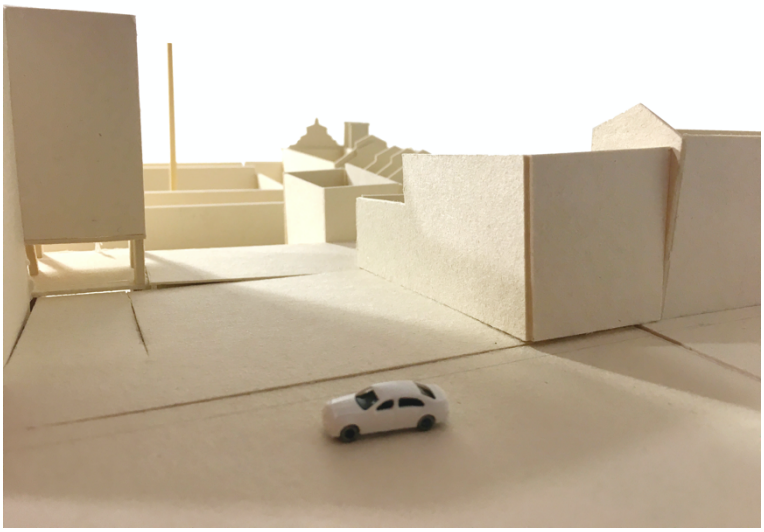
Escala 1:200





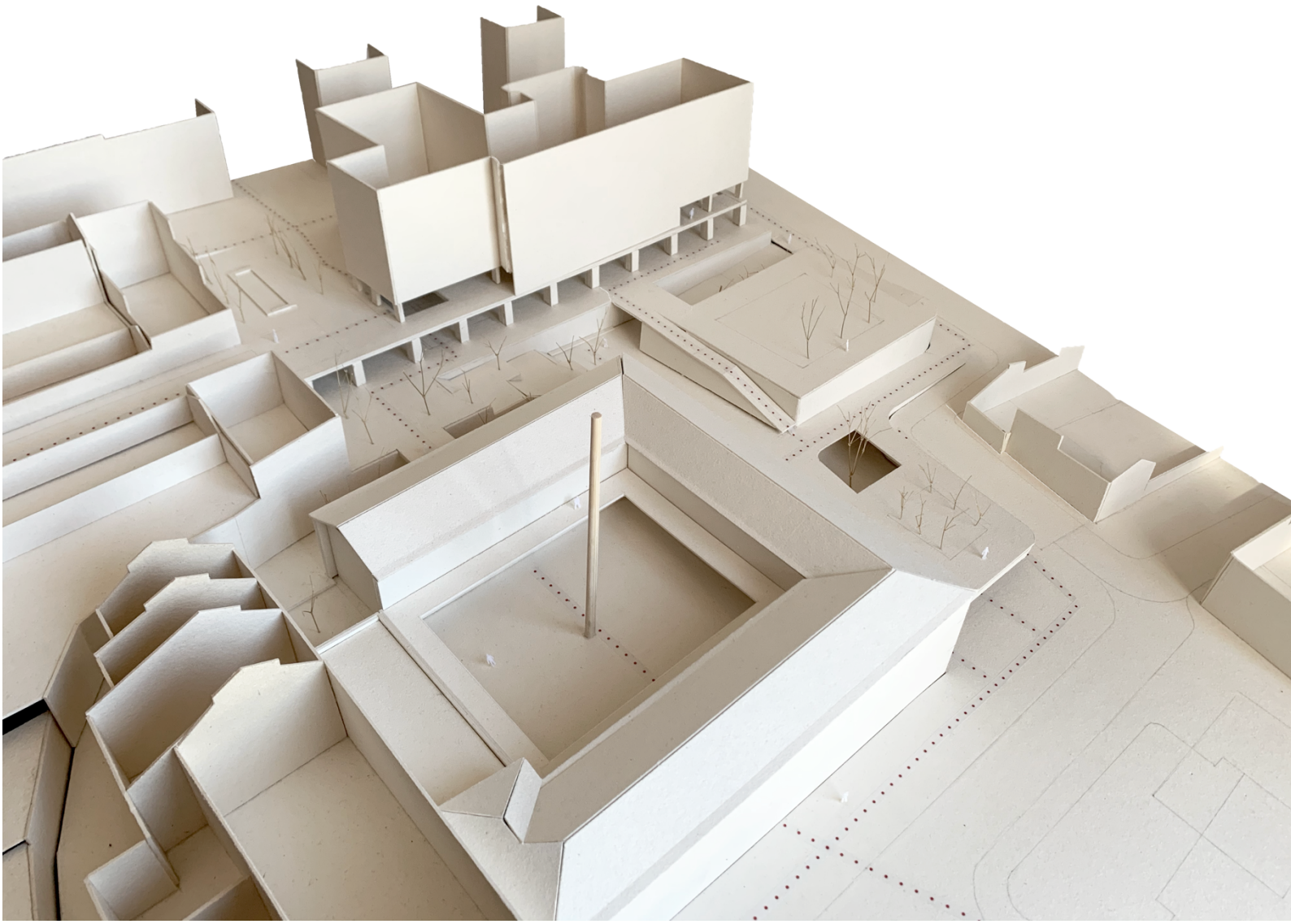


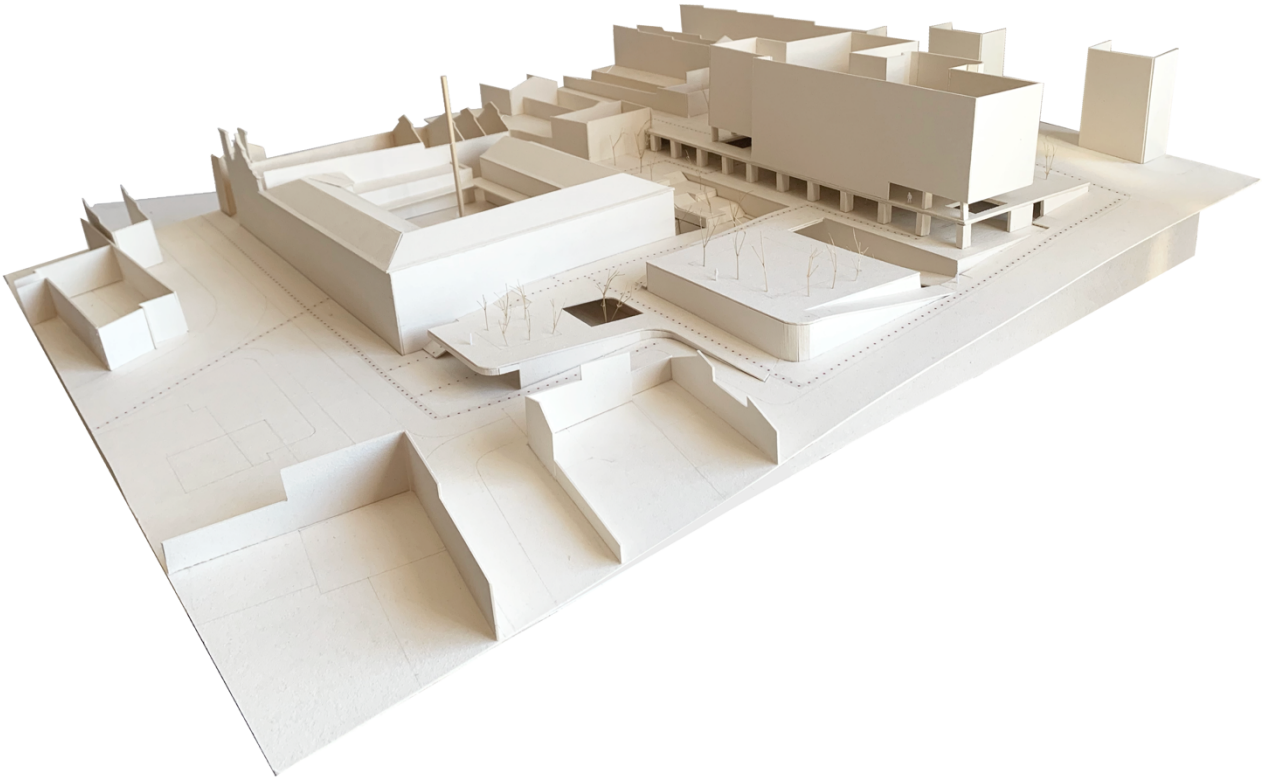


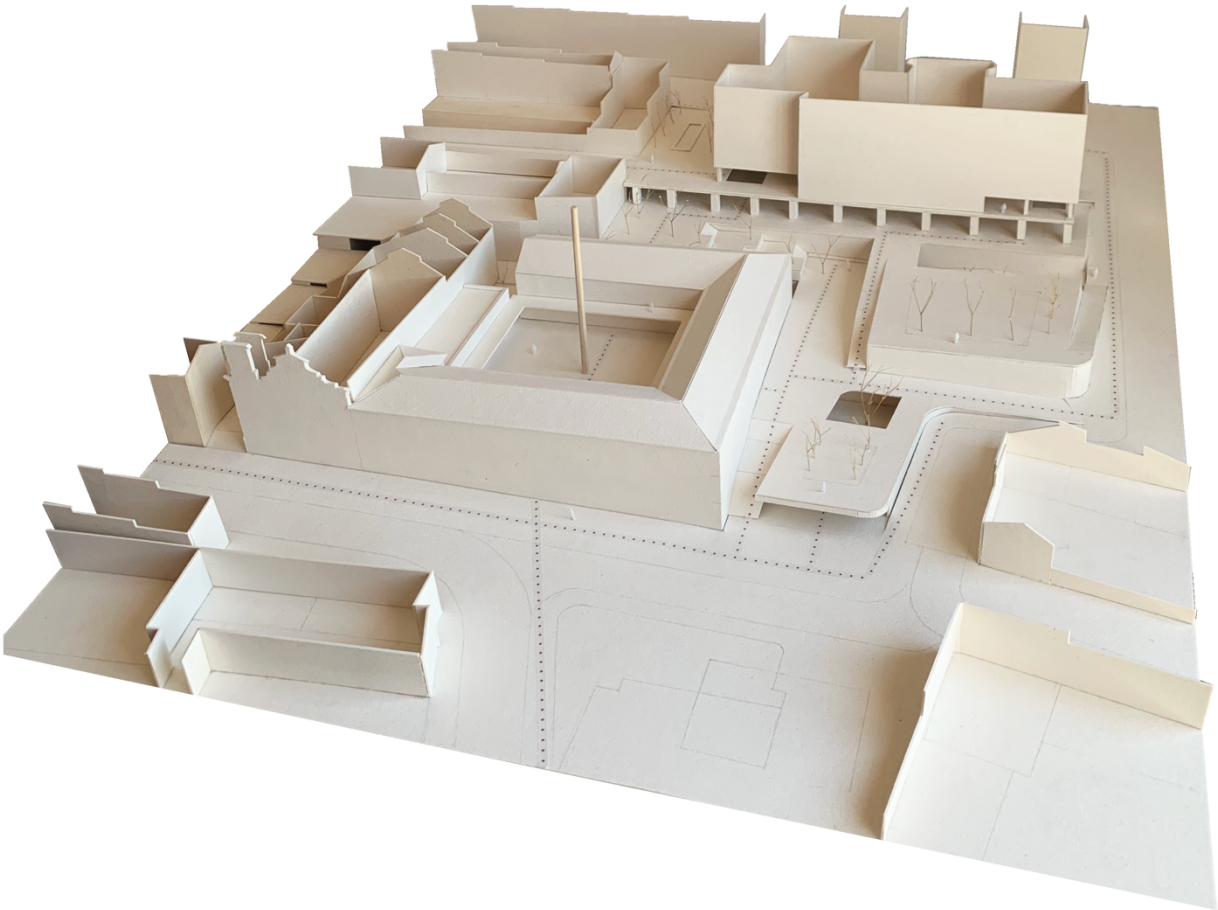


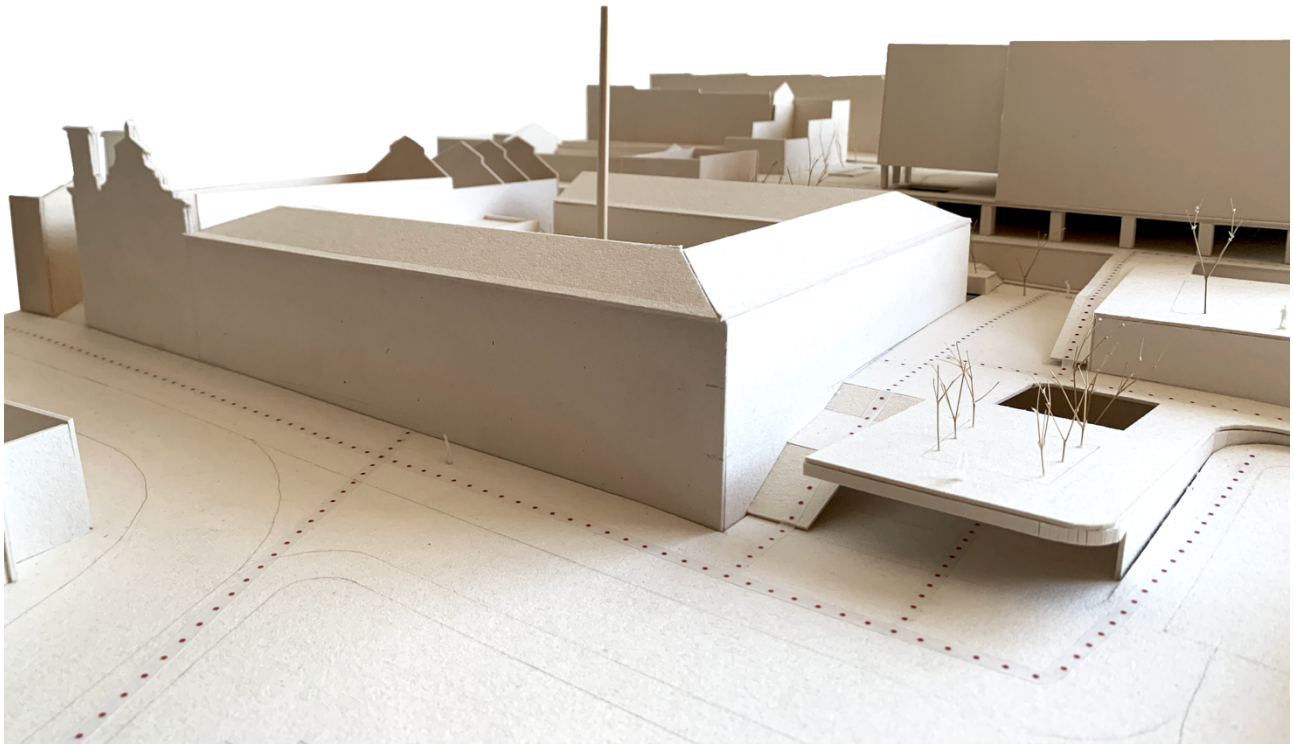
Maquete Final 1:200

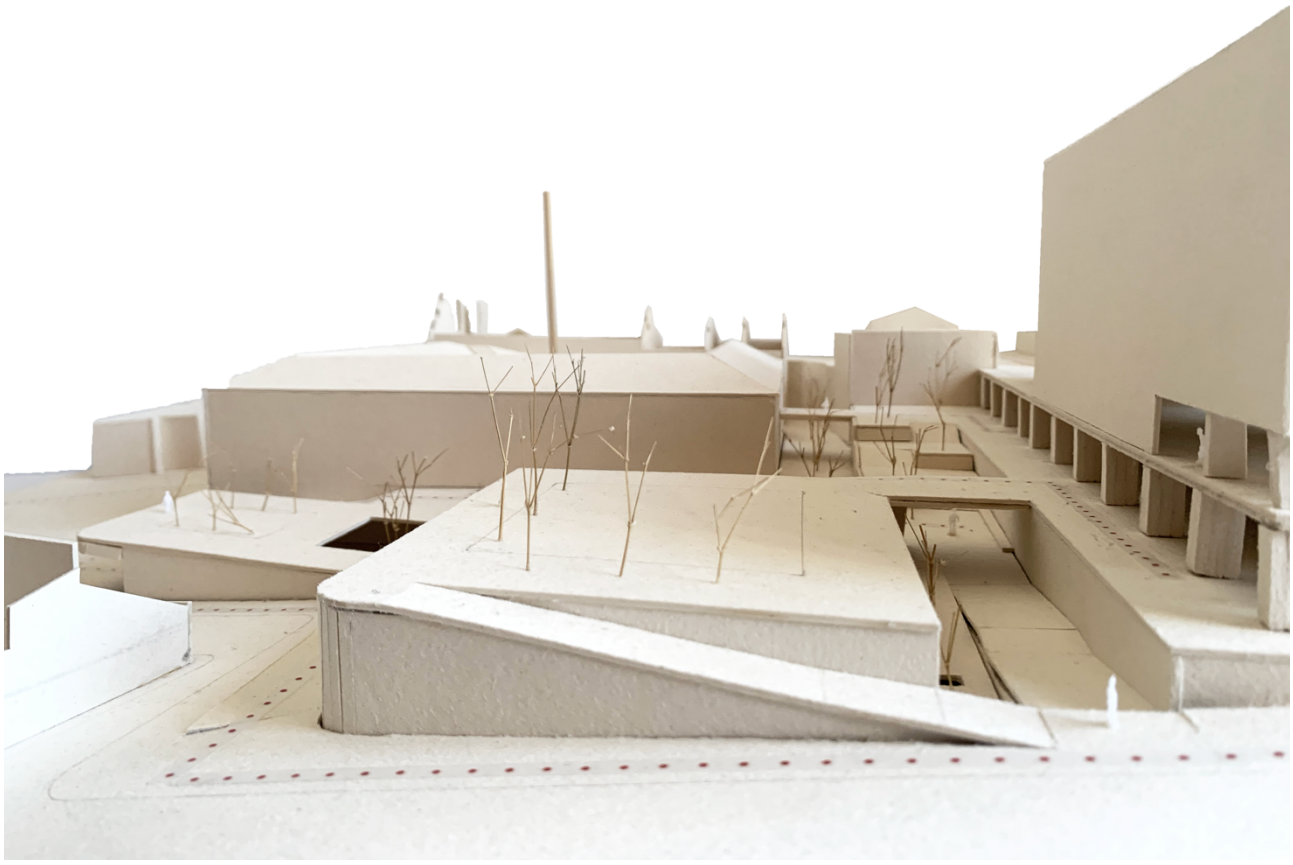
Autora, Janeiro 2022

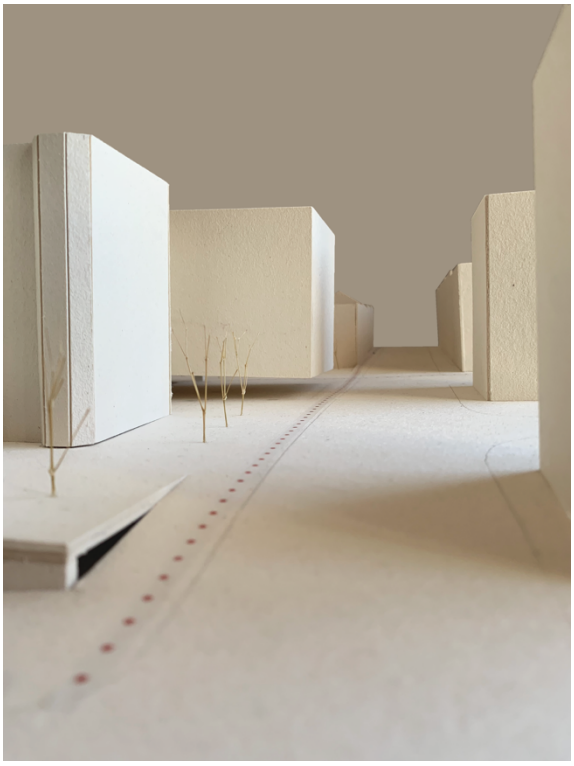


















Maquete 1:25

Autora, Janeiro 2022





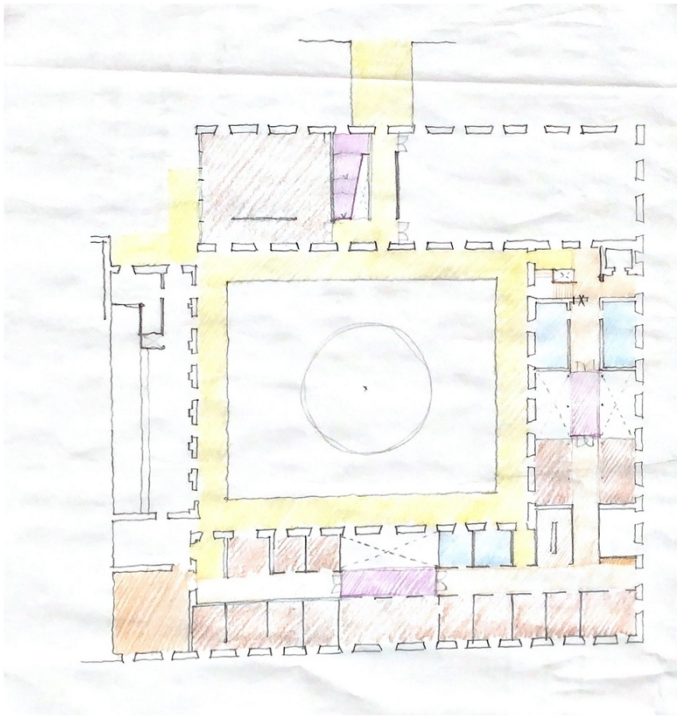


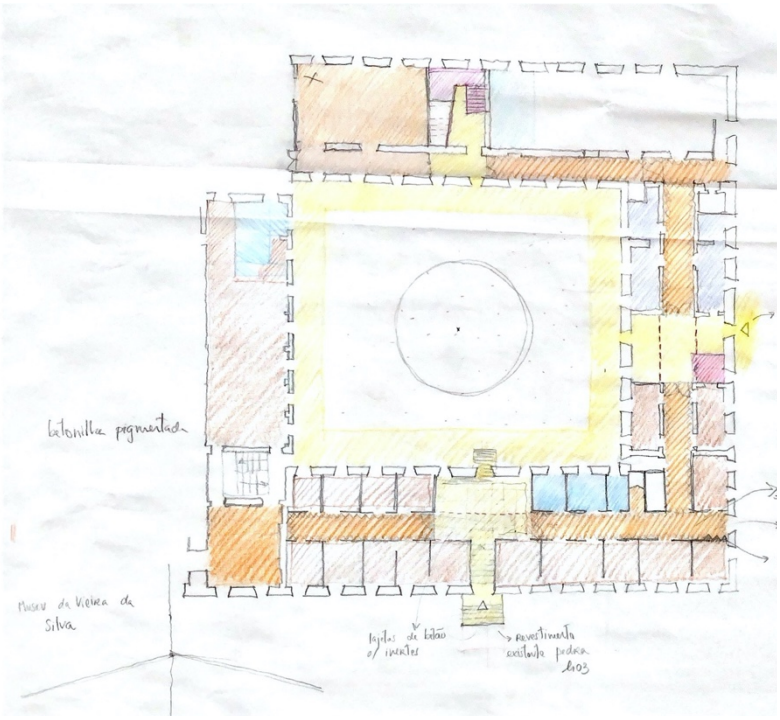




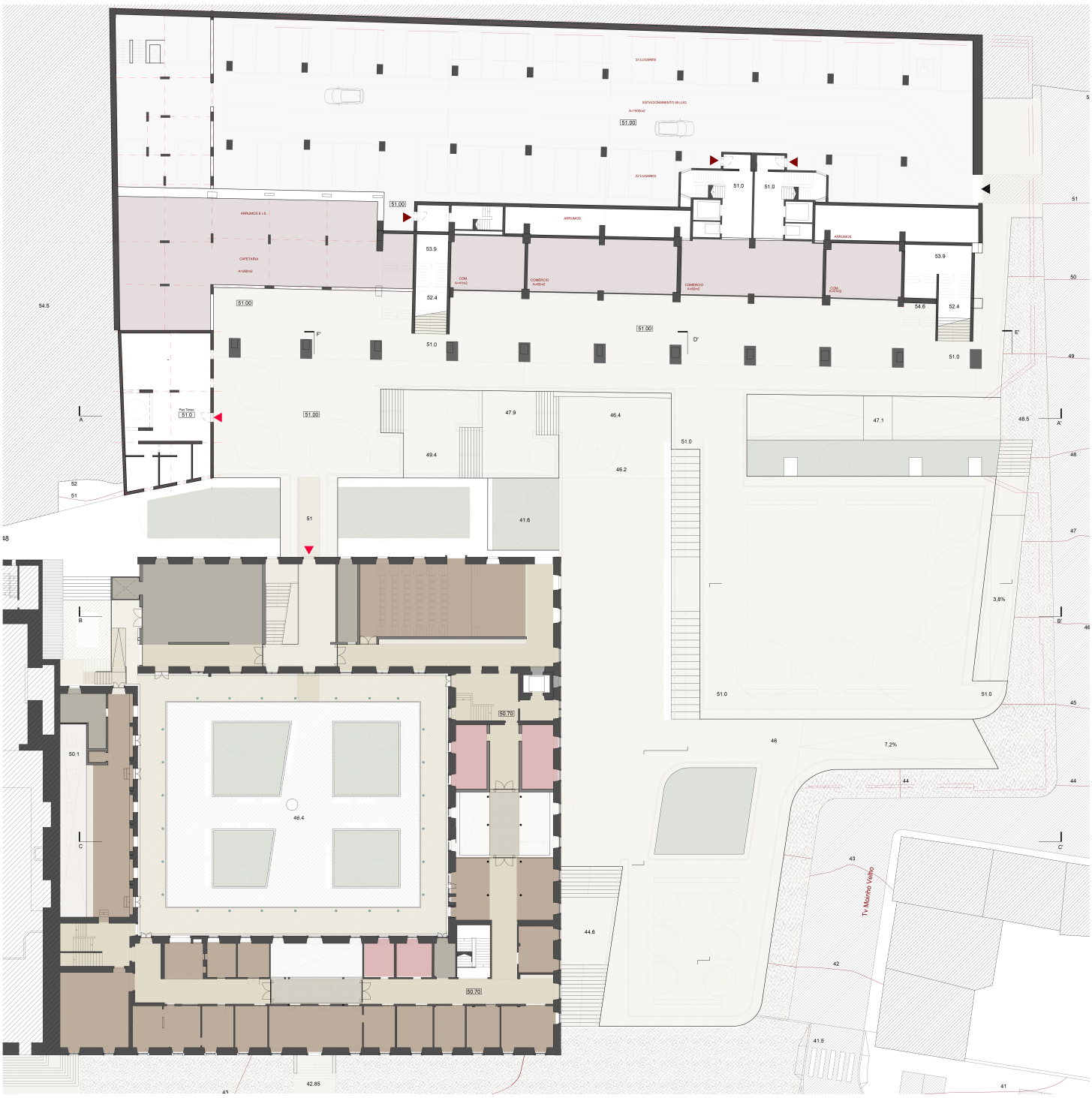
Anexo XII. Materialidades

Estudo Pavimentos





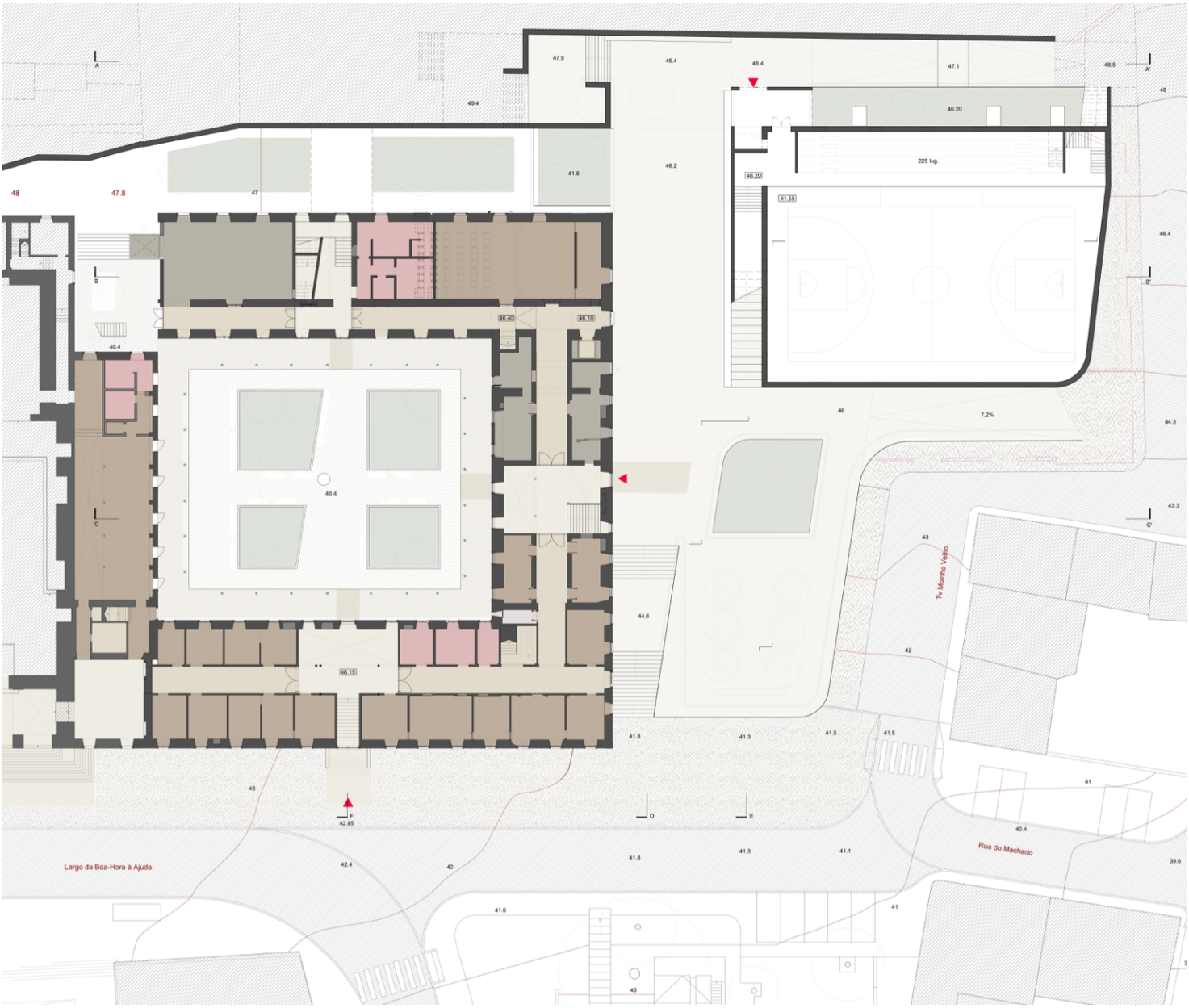
Piso 2 | 50.7



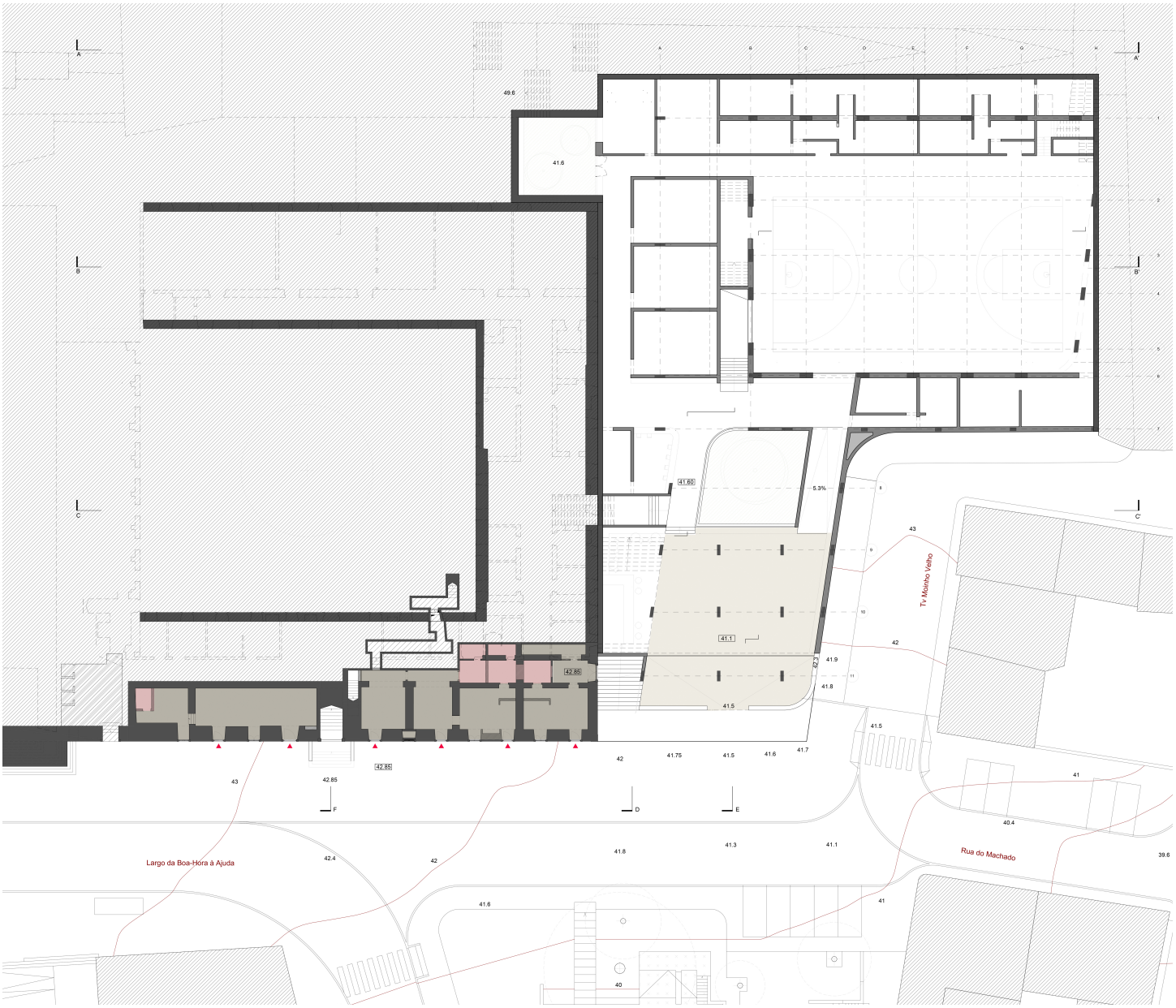
Legenda Materiais:

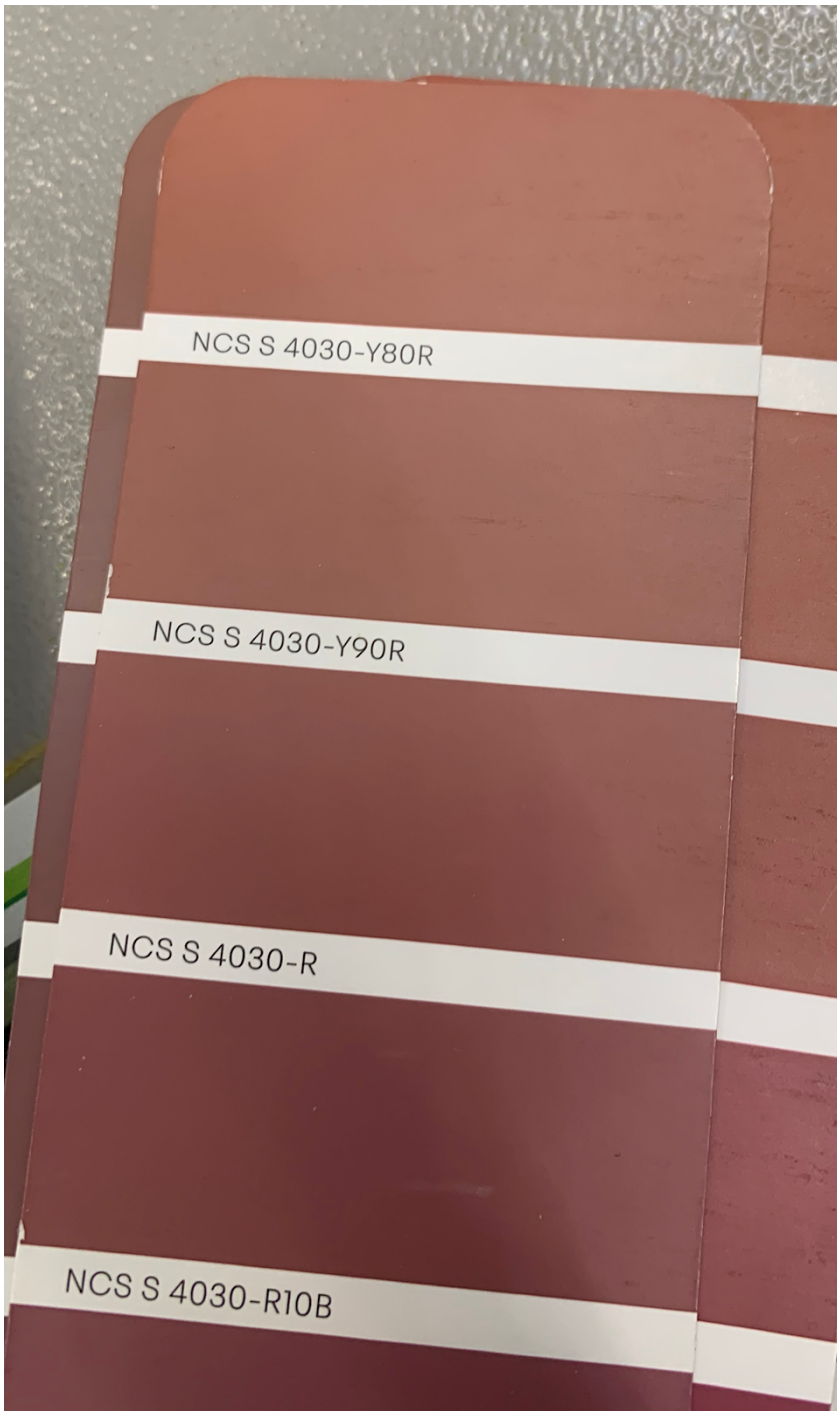
- Zona Ajardinada
- Asfalto
- Betão com inertes
- Calçada
- Pedra Lioz
- Pedra Lioz
- Pavimento Autonivelante / Epoxi | cor Branco histórico (S-0502-Y)
- Soalho de Madeira de Carvalho | cor natural
- Pavimento Autonivelante / Epoxi | cor beje escuro
- Mosaico Hidráulico | cor Sangue de Boi (S 5020-Y70R)

Piso 1 | 46.15


Largo da Boa-Hora à Ajuda
Tv Moinho Velho
Rua do Machado
225 lug.

Piso 0 | 42.85


Largo da Boa-Hora à Ajuda
Tr. Moinho Velho
Rua do Machado
42.85
41.60
41.1
5.3%


NCS S 4030-Y80R
NCS S 4030-Y90R
NCS S 4030-R
NCS S 4030-R10B

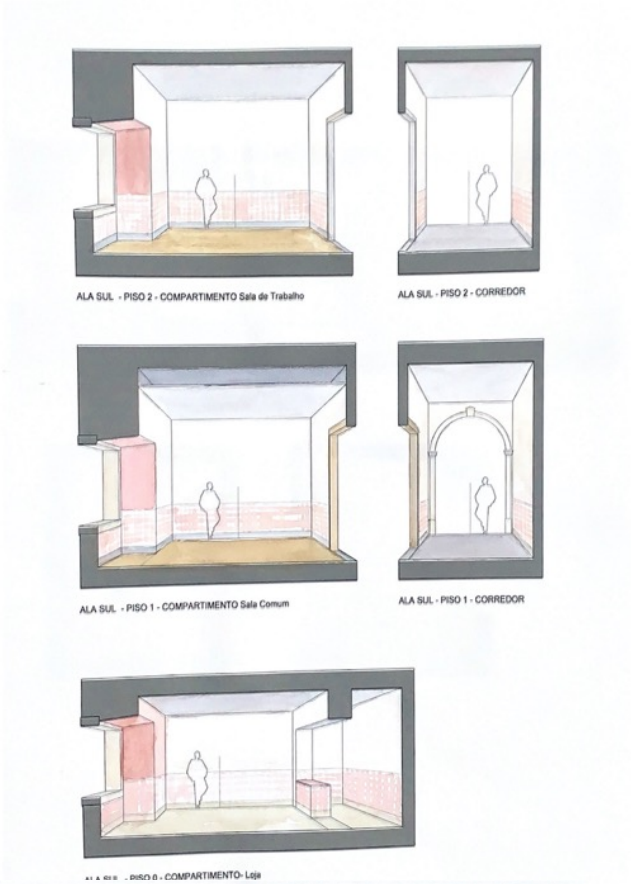
Anexo XIII. Ambientes

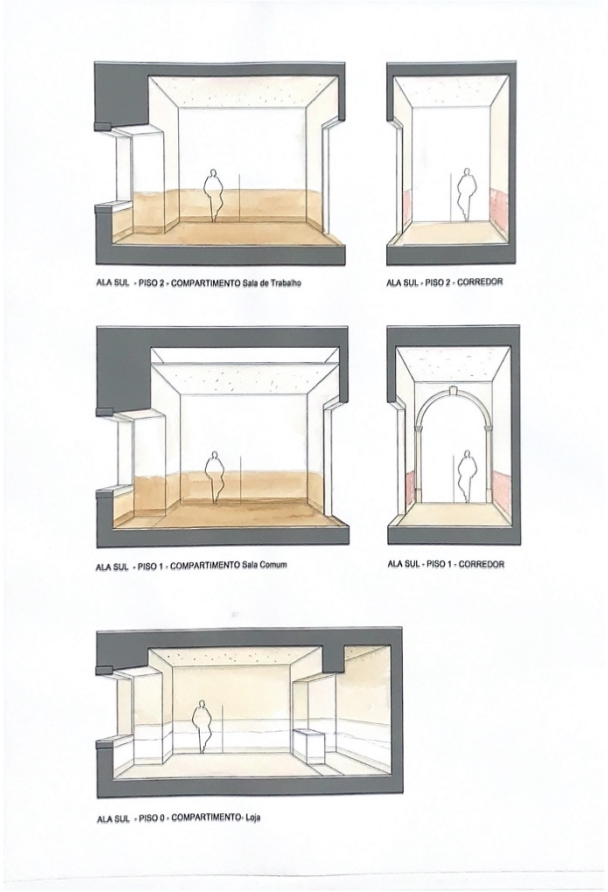
Estudos Cromáticos e Materiais

Aguarela sobre papel

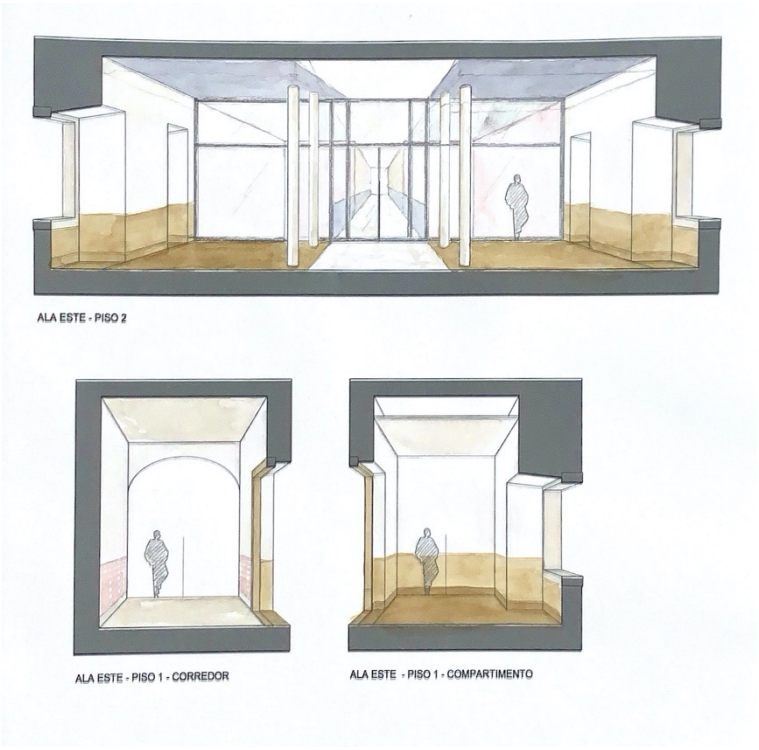
Autora, 2021

Compartimentos e Corredores Ala Sul





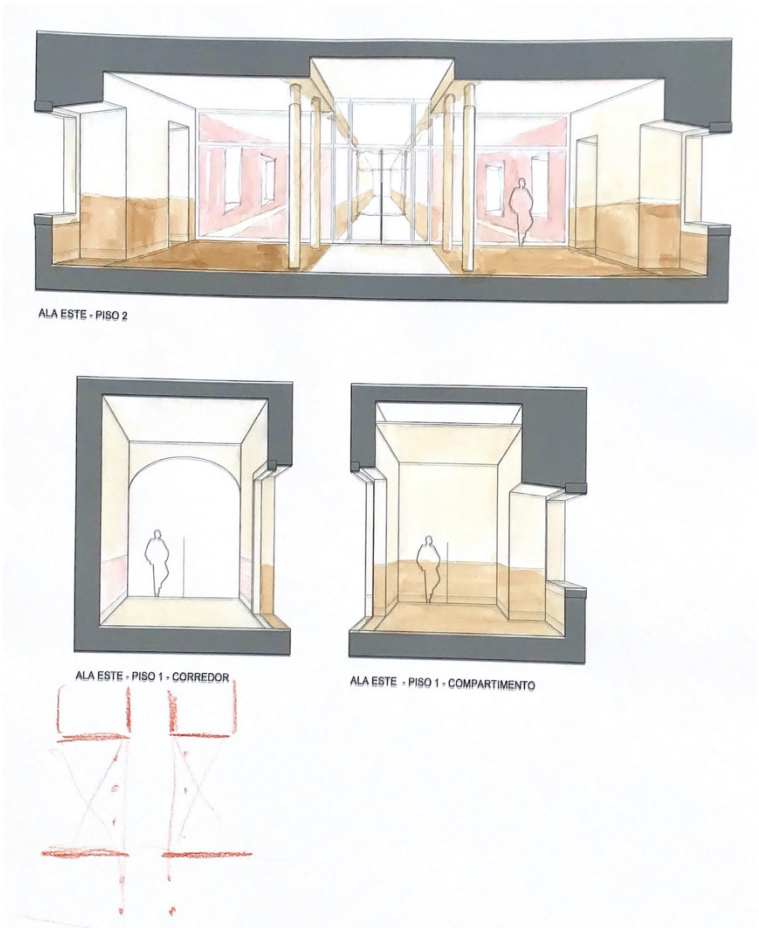
Compartimentos e Corredores Ala Este



ALA ESTE - PISO 2

ALA ESTE - PISO 1 - CORREDOR

ALA ESTE - PISO 1 - COMPARTIMENTO

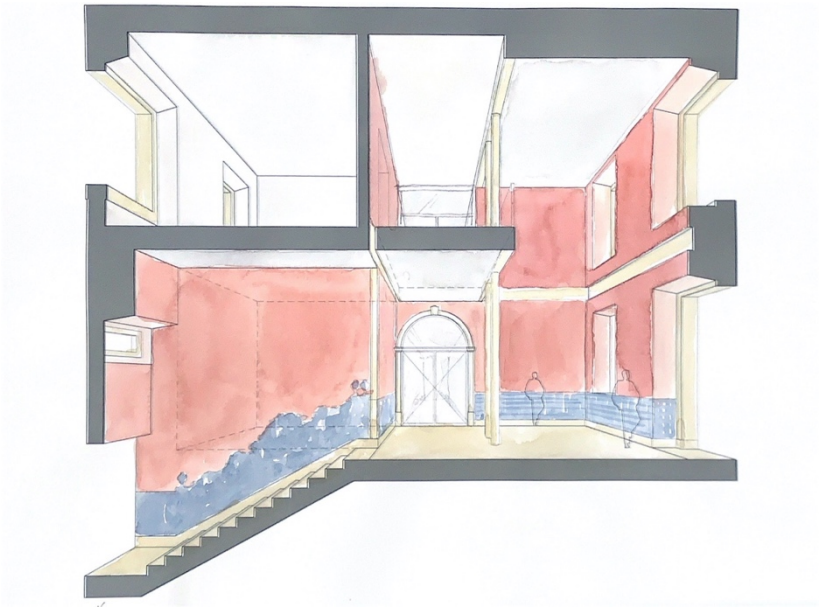


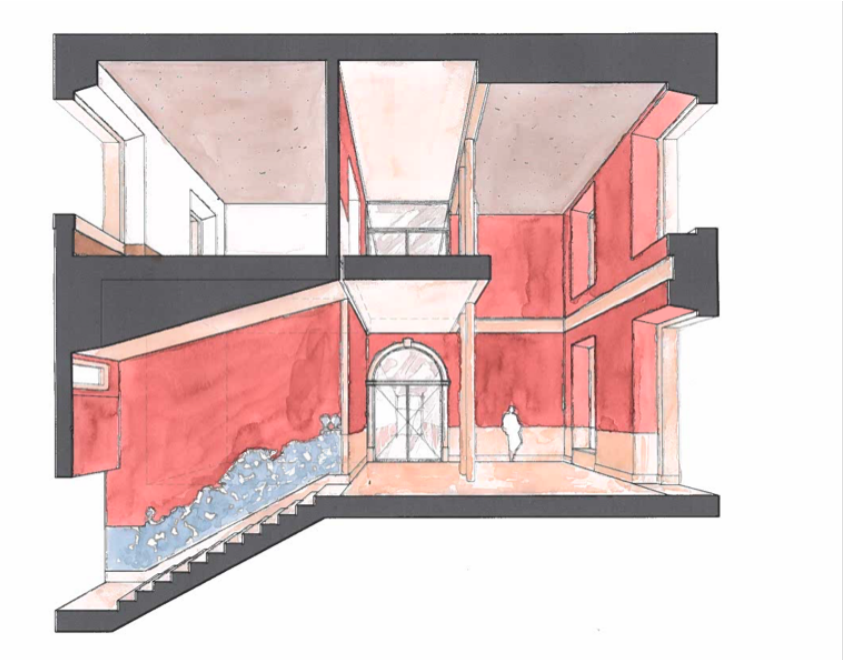
ALA ESTE - PISO 2

ALA ESTE - PISO 1 - CORREDOR

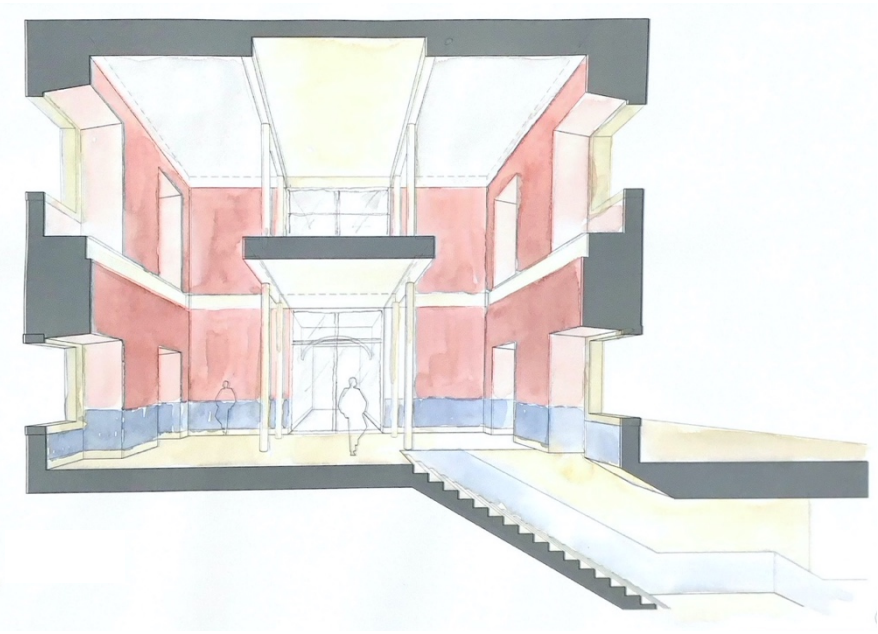
ALA ESTE - PISO 1 - COMPARTIMENTO

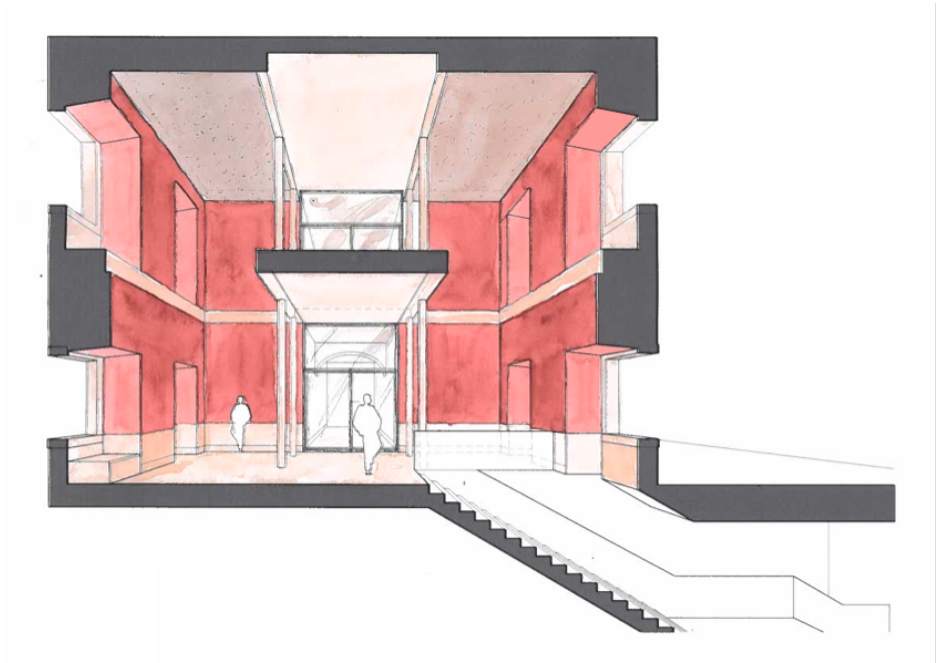
Átrio Sul



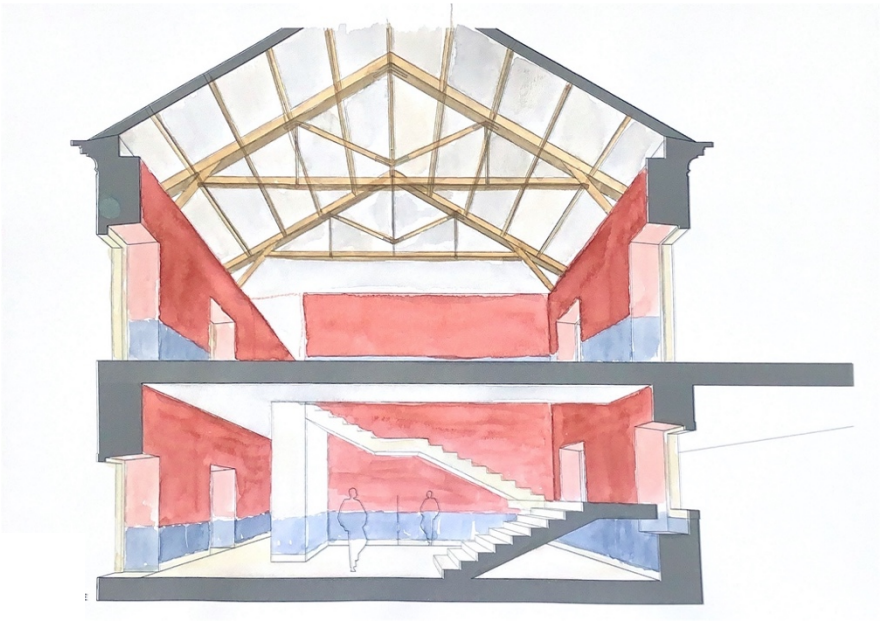


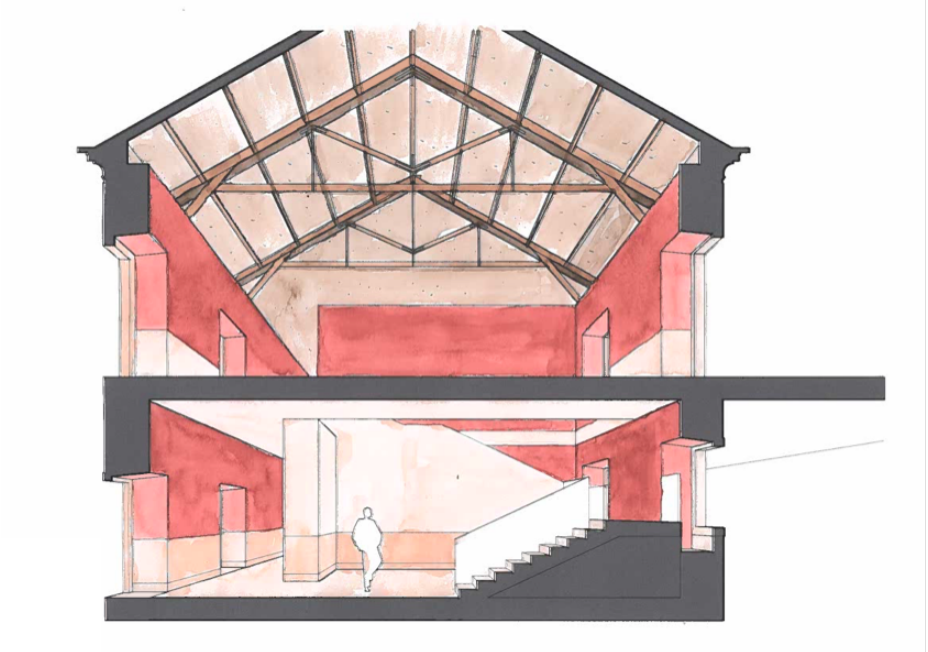
Átrio Este





Átrio Norte



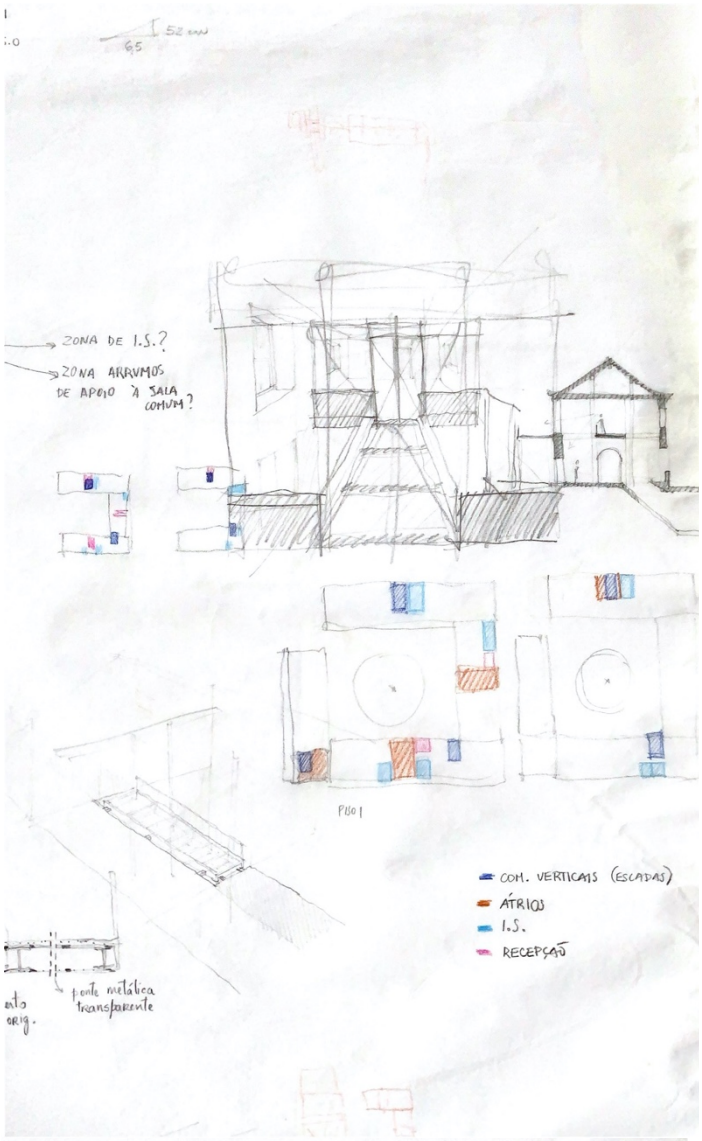


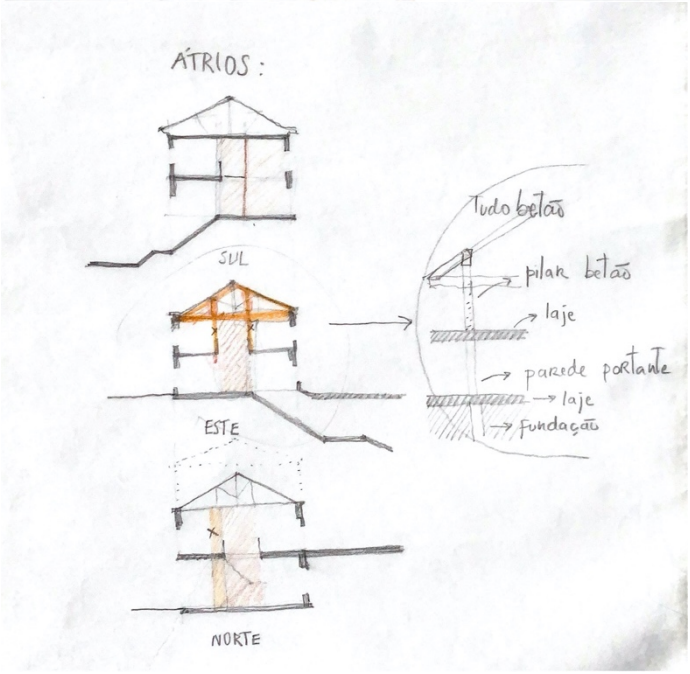
Auditório

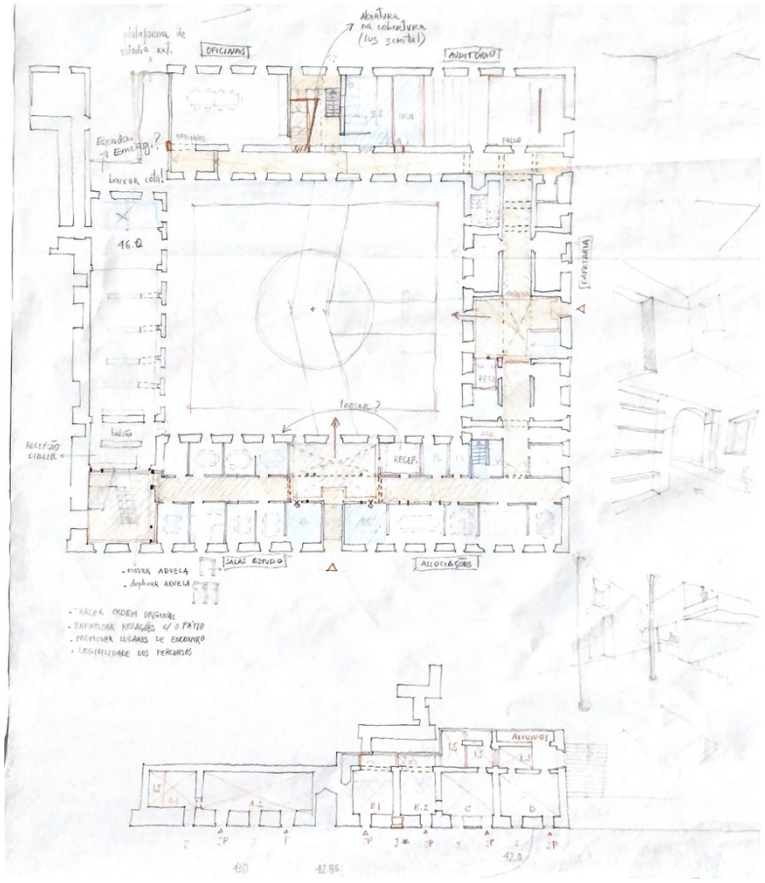


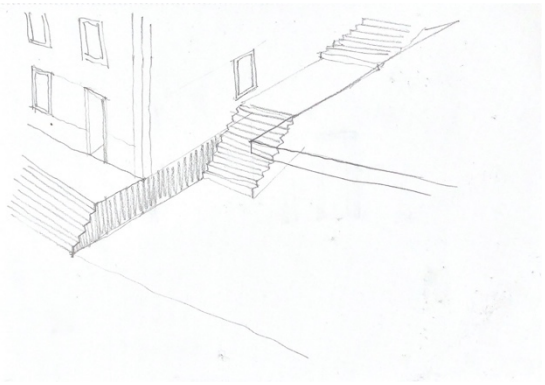


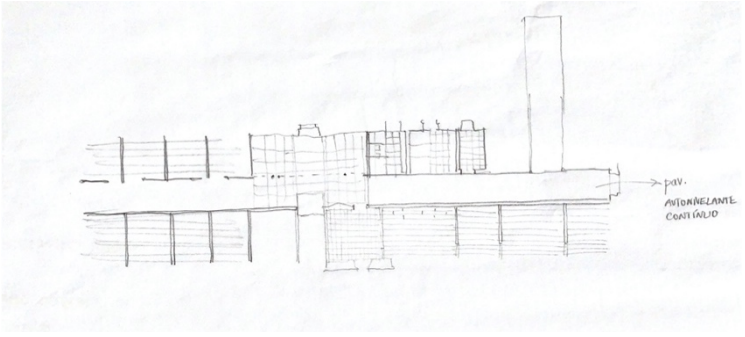
Anexo XIV. Processo

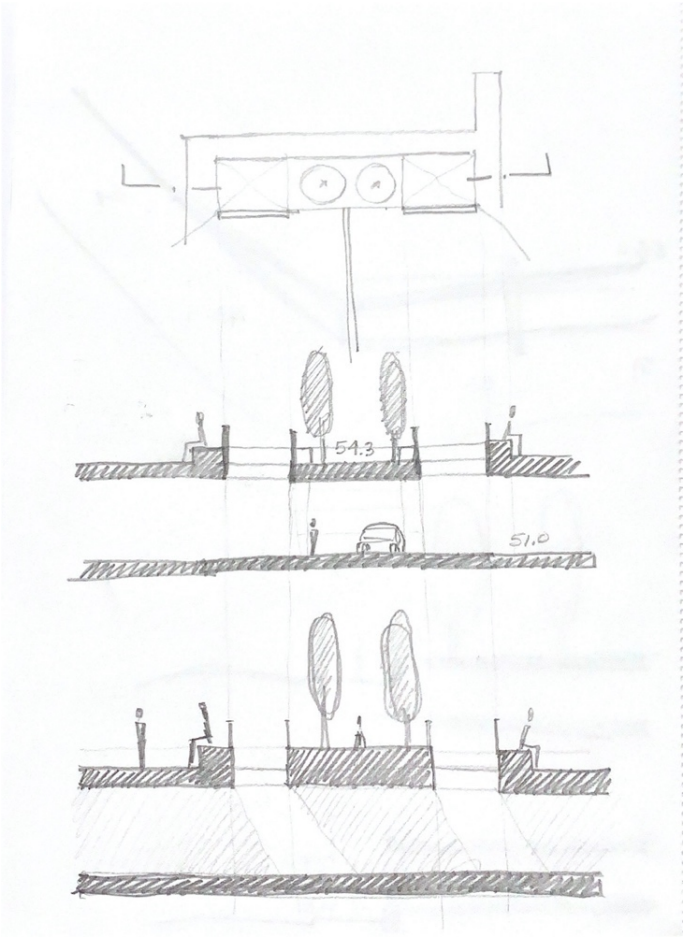

ZONA DE I.S.?
ZONA ARRUMOS DE APOIO À SALA COMUM?
PISO 1
COM. VERTICAIS (ESCADAS)
ÁTRIOS
I.S.
RECEPÇÃO
ponte metálica transparente

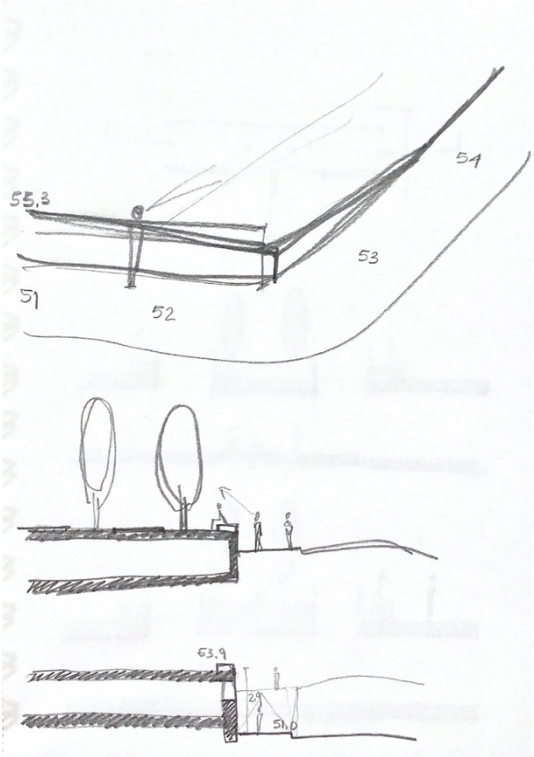

ÁTRIOS:
SUL
ESTE
NORTE
Tudo betão
pilar betão
laje
parede portante
laje
fundação

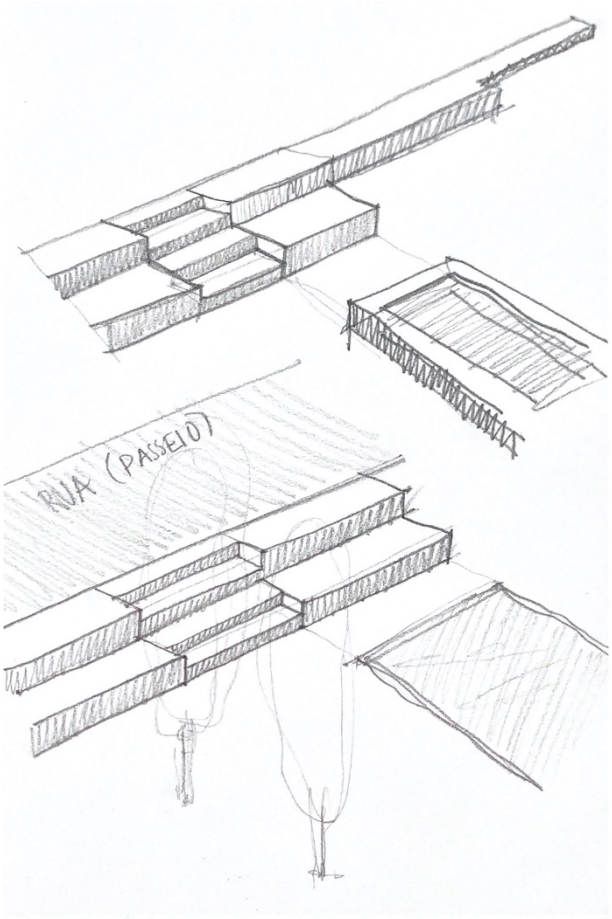

OFICINAS
AUDITÓRIO
CAFETARIA
RECEP.
SALAS ESTUDO
ASSOCIAÇÕES
ARQUIVOS

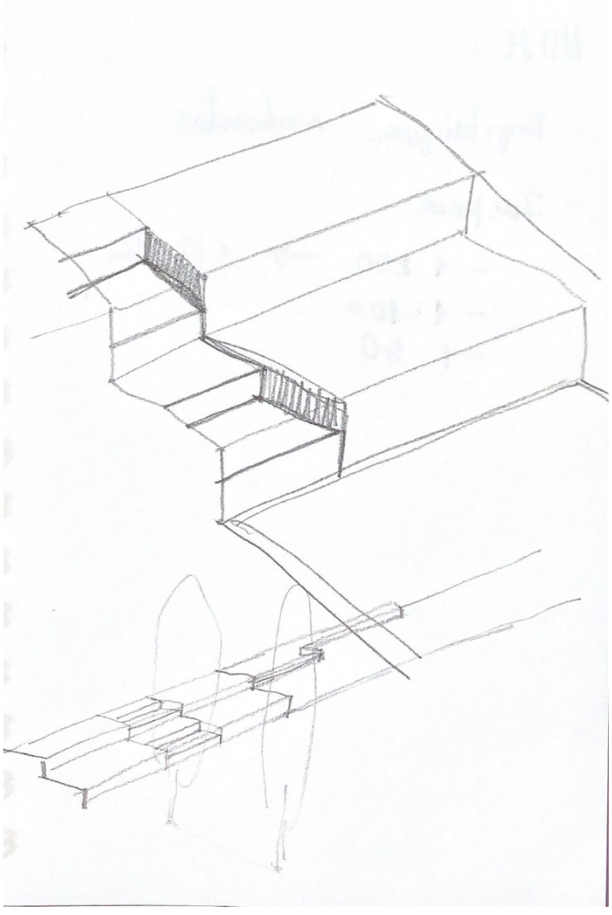



pav.
AUTONIVELANTE
CONTÍNUO

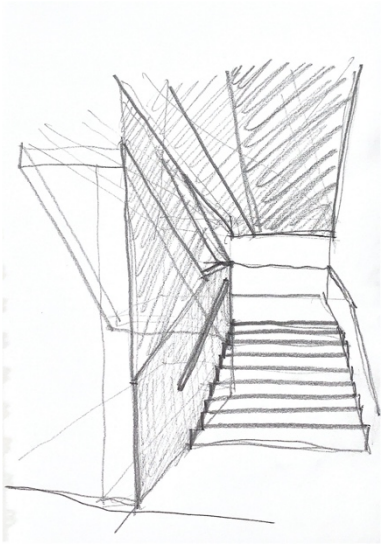

54.3
51.0

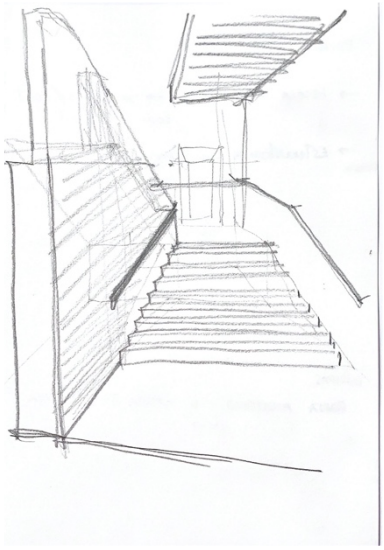

55.3
54
53
51
52
63.9
29
51.0

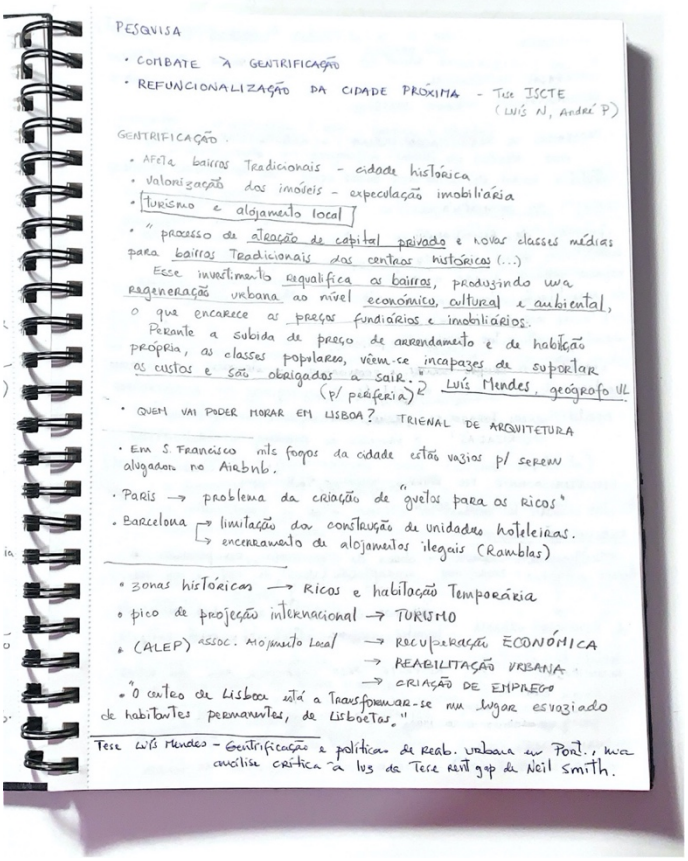

RUA (PASSEIO)











PESQUISA

- COMBATE À GENTRIFICAÇÃO
- REFUNCIONALIZAÇÃO DA CIDADE PRÓXIMA - Tese ISCTE (LUÍS N, André P)

GENTRIFICAÇÃO

- AFETA bairros Tradicionais - cidade histórica
- valorização dos imóveis - expeculação imobiliária
- Turismo e alojamento local
- " processo de atração de capital privado e novas classes médias para bairros Tradicionais dos centros históricos (...)
  Esse investimento requalifica os bairros, produzindo uma regeneração urbana ao nível económico, cultural e ambiental, o que encarece os preços fundiários e imobiliários.
  Perante a subida de preço de arrendamento e de habitação própria, as classes populares, vêem-se incapazes de suportar os custos e são obrigados a sair." (p/ periferia) Luís Mendes, geógrafo UL
- QUEM VAI PODER MORAR EM LISBOA? TRIENAL DE ARQUITETURA
- Em S. Francisco mil fogos da cidade estão vazios p/ serem alugados no Airbnb.
- Paris → problema da criação de "guetos para os ricos"
- Barcelona → limitação da construção de unidades hoteleiras.
  → encerramento de alojamentos ilegais (Ramblas)

- zonas históricas → ricos e habitação Temporária
- pico de projeção internacional → TURISMO
- (ALEP) assoc. Alojamento Local → RECUPERAÇÃO ECONÓMICA
  → REABILITAÇÃO URBANA
  → CRIAÇÃO DE EMPREGO
- "O centro de Lisboa está a transformar-se num lugar esvaziado de habitantes permanentes, de Lisboetas."

Tese Luís Mendes - Gentrificação e políticas de reab. urbana em Port., uma análise crítica à luz da Tese rent gap de Neil Smith.

GENTRIFICAÇÃO (Gentrificação e políticas de reab. urbana em Port.) LUÍS MENDES

↓

- SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL
- DESENVOLVIMENTO URBANO DESIGUAL

- PROGRAMAS DE REABILITAÇÃO URBANA → REQUALIFICAR EDIFÍCIOS
  ↓ ATRAÇÃO DE CAPITAIS PRIVADOS
  ↓ NOVAS CLASSES MÉDIAS/ALTAS
  ↓ AUMENTO VALORES IMOBILIÁRIOS
  ↓ DESALOJAMENTO
  ↓ FRAGMENTAÇÃO URBANA e DIVISÃO SOCIAL

CONCEITO DE GENTRIFICAÇÃO

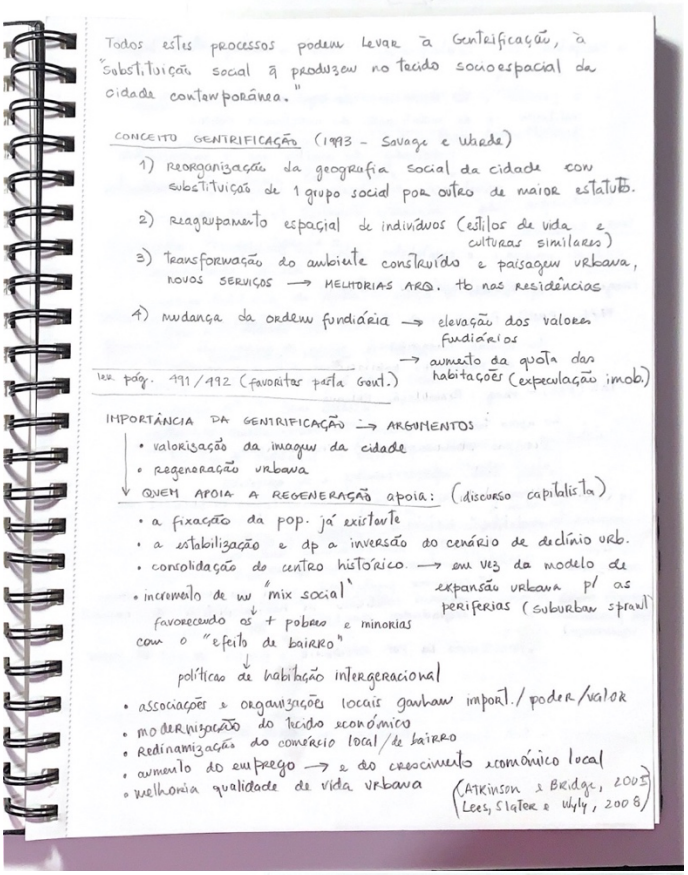
- "processo de recomposição e substituição social reificado no espaço urbano, ligado a ações de reabilitação urbana das habitações nos centros históricos, mediante investimentos públicos ou privados"
- chegada de grupos sociais e económicos + elevados a áreas centrais desvalorizadas da cidade.
- Efeito: áreas tornam-se social, económica e ambientalmente VALORIZADAS! → processo de filtering up (Hall, 1998)
- ENBURGUESAMENTO DOS BAIRROS HISTÓRICOS/TRADICIONAIS (Pacione, 2001)
  ↳ SUBSTITUIÇÃO SOCIAL

REABILITAÇÃO URBANA

- Transformação urbana → obras de conservação, recuperação e readaptação (usos) de edif. e esp. urb.
  ↓ objetivo:
  - melhorar condições de uso e habitabilidade
  - manter esquema estrutural e aspeto exterior
  ↓ RESPEITO PELO CARÁCTER ARQ. dos EDIF.
  \+ ESTRATÉGIA DE CARÁCTER SOCIAL, REVITALIZAÇÃO SOCIAL e ECONÓMICA

≠ de RENOVAÇÃO URBANA → demolições e reconstruções ↳ em elementos urbanos sem valor

≠ REQUALIFICAÇÃO URB. (alterar a função/uso) → dar resposta às exigências de Época



Todos estes processos podem levar à Gentrificação, à "substituição social à produzem no tecido socioespacial da cidade contemporânea."

CONCEITO GENTRIFICAÇÃO (1993 - Savage e Warde)

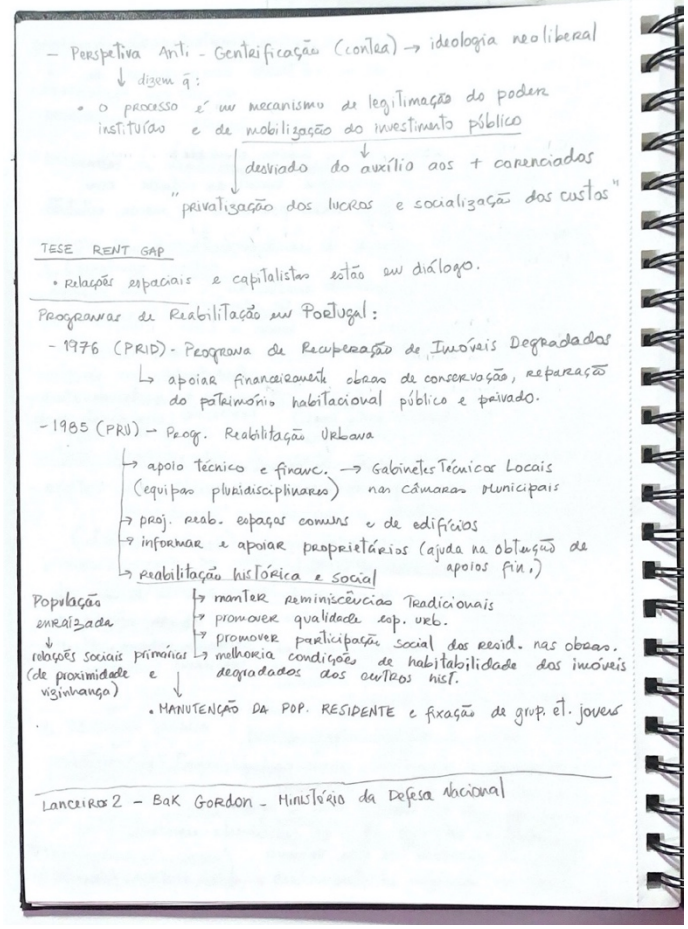
1) Reorganização da geografia social da cidade com substituição de 1 grupo social por outro de maior estatuto.
2) Reagrupamento espacial de indivíduos (estilos de vida e culturas similares)
3) Transformação do ambiente construído e paisagem urbana, novos serviços → melhorias arq. tb nas residências
4) mudança da ordem fundiária → elevação dos valores fundiários
→ aumento da quota das habitações (especulação imob.)

ler pág. 191/192 (favoritar pasta Geut.)

IMPORTÂNCIA DA GENTRIFICAÇÃO → ARGUMENTOS
- valorização da imagem da cidade
- regeneração urbana

QUEM APOIA A REGENERAÇÃO apoia: (discurso capitalista)
- a fixação da pop. já existente
- a estabilização e dp a inversão do cenário de declínio urb.
- consolidação do centro histórico → em vez do modelo de expansão urbana p/ as periferias (suburban sprawl)
- incremento de um "mix social" favorecendo os + pobres e minorias com o "efeito de bairro"
↓ políticas de habitação intergeracional
- associações e organizações locais ganham import./poder/valor
- modernização do tecido económico
- redinamização do comércio local/de bairro
- aumento do emprego → e do crescimento económico local
- melhoria qualidade de vida urbana

(Atkinson & Bridge, 2005; Lees, Slater & Wyly, 2008)



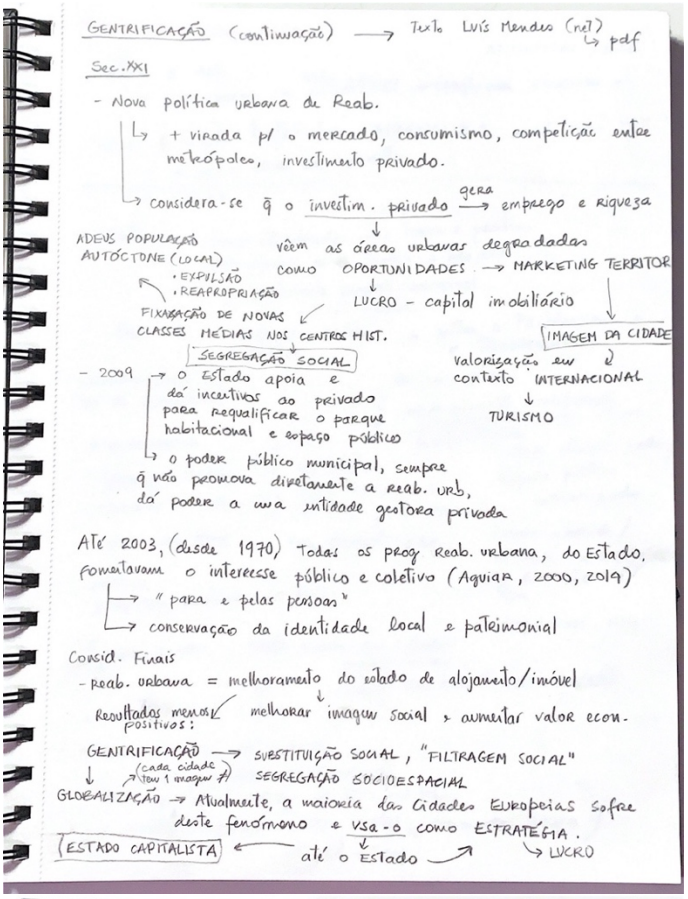
- Perspetiva Anti-Gentrificação (contra) → ideologia neoliberal
↓ dizem q:
- o processo é um mecanismo de legitimação do poder instituído e de mobilização do investimento público
↓ desviado do auxílio aos + carenciados
"privatização dos lucros e socialização dos custos"

TESE RENT GAP
- Relações espaciais e capitalistas estão em diálogo.

Programas de Reabilitação em Portugal:
- 1976 (PRID) - Programa de Recuperação de Imóveis Degradados
↳ apoiar financeiramente obras de conservação, reparação do património habitacional público e privado.
- 1985 (PRU) - Prog. Reabilitação Urbana
↳ apoio técnico e financ. → Gabinetes Técnicos Locais (equipas pluridisciplinares) nas câmaras municipais
↳ proj. reab. espaços comuns e de edifícios
↳ informar e apoiar proprietários (ajuda na obtenção de apoios fin.)
↳ Reabilitação histórica e social

População enraizada
↓
relações sociais primárias (de proximidade e vizinhança)
↳ manter reminiscências tradicionais
↳ promover qualidade esp. urb.
↳ promover participação social dos resid. nas obras.
↳ melhoria condições de habitabilidade dos imóveis degradados dos centros hist.
↓
• MANUTENÇÃO DA POP. RESIDENTE e fixação de grup. et. jovens

Lanceiros 2 - Bak Gordon - Ministério da Defesa Nacional



GENTRIFICAÇÃO (continuação) → Texto Luís Mendes (no1) ↳ pdf

Séc. XXI

- Nova política urbana de Reab.
  - ↳ + virada p/ o mercado, consumismo, competição entre metrópoles, investimento privado.
  - ↳ considera-se q o investim. privado gera → emprego e riqueza

ADEUS POPULAÇÃO AUTÓCTONE (LOCAL)
- EXPULSÃO
- REAPROPRIAÇÃO

vêem as áreas urbanas degradadas como OPORTUNIDADES → MARKETING TERRITOR
↓
LUCRO - capital imobiliário

FIXAÇÃO DE NOVAS CLASSES MÉDIAS NOS CENTROS HIST.

SEGREGAÇÃO SOCIAL

IMAGEM DA CIDADE
valorização em contexto INTERNACIONAL
↓
TURISMO

- 2009 → o Estado apoia e dá incentivos ao privado para requalificar o parque habitacional e espaço público
  - ↳ o poder público municipal, sempre q não promova diretamente a reab. urb, dá poder a uma entidade gestora privada

Até 2003, (desde 1970) Todas os prog. reab. urbana, do Estado, fomentavam o interesse público e coletivo (Aguiar, 2000, 2019)
- → "para e pelas pessoas"
- → conservação da identidade local e patrimonial

Consid. Finais
- reab. urbana = melhoramento do estado de alojamento/imóvel
  - Resultados menos positivos: melhorar imagem social ≠ aumentar valor econ.

GENTRIFICAÇÃO → SUBSTITUIÇÃO SOCIAL, "FILTRAGEM SOCIAL"
↓ (cada cidade tem 1 imagem ≠) SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL
GLOBALIZAÇÃO → Atualmente, a maioria das cidades Europeias sofre deste fenómeno e usa-o como ESTRATÉGIA.

ESTADO CAPITALISTA ← até o Estado → ↳ LUCRO

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, Fernando Távora

Capítulo 2 - O Homem contemporâneo e a Org. do seu Espaço

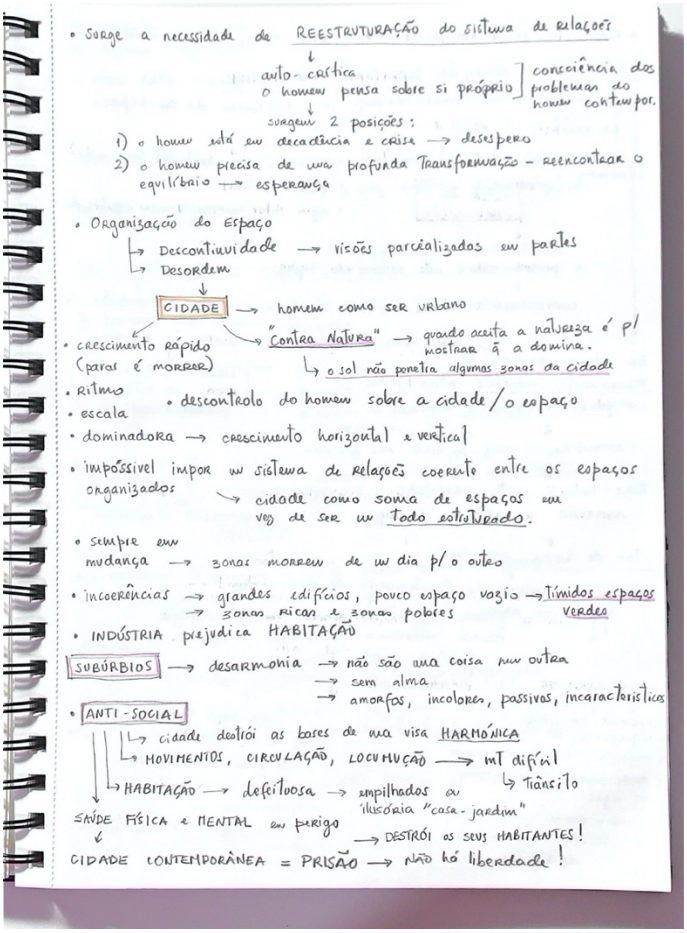
- Generalização da cultura Europeia → processo de Globalização / Universalização da cultura Europeia
- Grécia → Roma → EUROPA
  - Generaliza-se o mundo material + rápido q o mundo espiritual, dos valores. → existem ainda valores culturais autóctones - ainda não há uma uniformidade cultural
    - ↳ automóvel, barragem, a vacina, o avião
    - ↳ já a religião é + difícil de se alterar

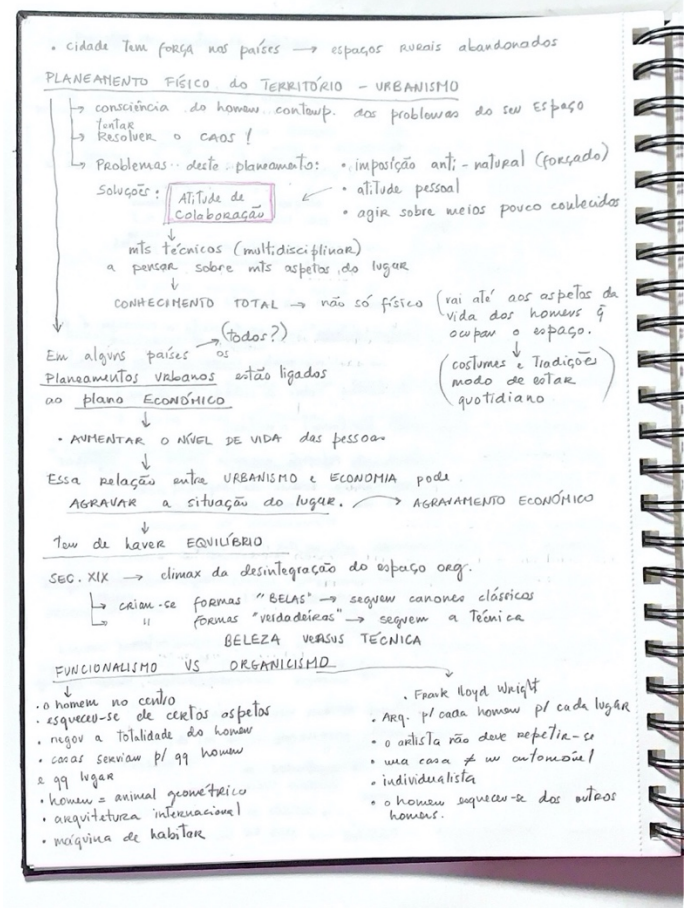
- Europa → criação e divulgação da cultura (q parece satisfazer melhor as necessidades do homem)
- EUA → agarra cultura Europeia
  - → liberdade política e bem-estar económico
  - ↳ Acaba por influenciar a própria Europa e Mundo

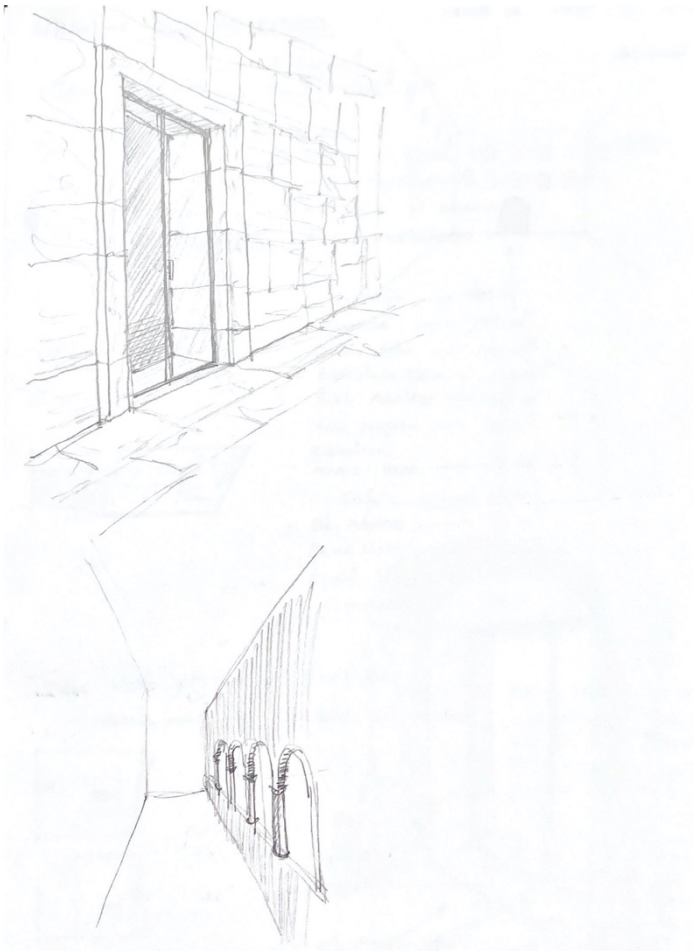
→ Evolução do homem
- ↳ permanente acumulação de experiência
- → domínio progressivo da inteligência → Renascimento
- → valorização do homem
- → procura de conhecimento
- ↳ surge a técnica → aplicação do conhecim. científico
  - ↳ máquina → o homem deixa de pensar sobre as consequências das descobertas

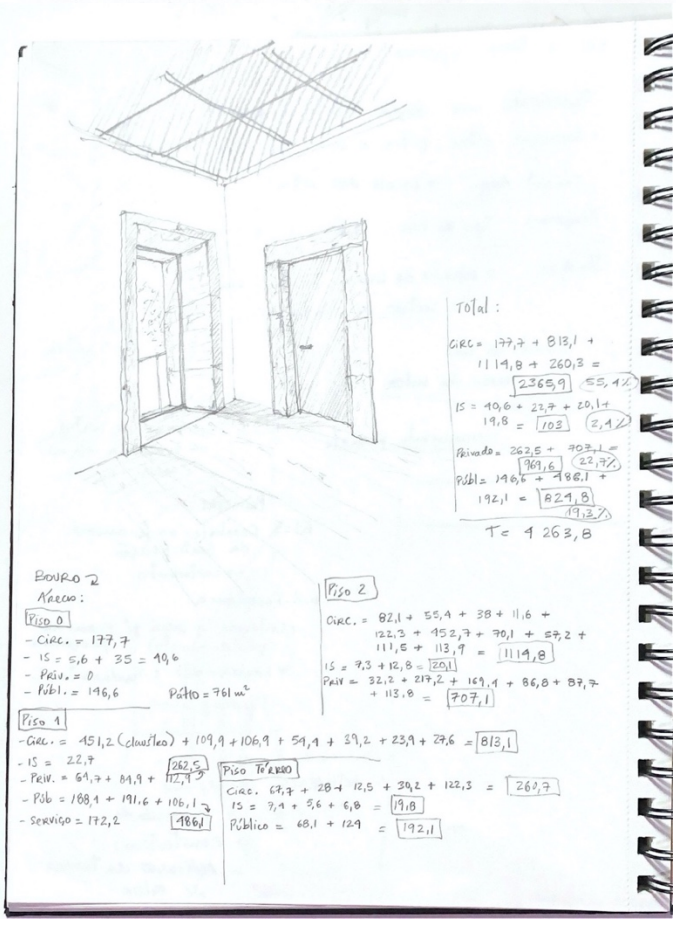
DESCONTINUIDADE
↓
o homem passa a ver as coisas como soma de partes e não como um todo (espírito analítico)

deslumbramento pela Tecnologia
↓
esquece-se de si próprio
↓
obra q "tudo é possível"
↓
o homem é ultrapassado pelas próprias criações
- → vítima
- → vive em função delas.
- ↳ condiciona-o


• Surge a necessidade de REESTRUTURAÇÃO do sistema de relações
auto-crítica
o homem pensa sobre si próprio
consciência dos problemas do homem contemp.
surgem 2 posições:
1) o homem está em decadência e crise → desespero
2) o homem precisa de uma profunda Transformação - reencontrar o equilíbrio → esperança
• Organização do Espaço
Descontinuidade → visões parcializadas em partes
Desordem
CIDADE → homem como ser urbano
• crescimento rápido (parar é morrer)
"Contra Natura" → quando aceita a natureza é p/ mostrar q a domina.
↳ o sol não penetra algumas zonas da cidade
• Ritmo
• escala
• descontrolo do homem sobre a cidade / o espaço
• dominadora → crescimento horizontal e vertical
• impossível impor um sistema de relações coerente entre os espaços organizados → cidade como soma de espaços em vez de ser um todo estruturado.
• sempre em mudança → zonas morrem de um dia p/ o outro
• incoerências → grandes edifícios, pouco espaço vazio → Tímidos espaços verdes
→ zonas ricas e zonas pobres
• INDÚSTRIA prejudica HABITAÇÃO
SUBÚRBIOS → desarmonia → não são uma coisa nem outra
→ sem alma
→ amorfos, incolores, passivos, incaracterísticos
• ANTI-SOCIAL
↳ cidade destrói as bases de uma vida HARMÓNICA
↳ MOVIMENTOS, CIRCULAÇÃO, LOCOMUÇÃO → mt difícil
↳ HABITAÇÃO → defeituosa → empilhados ou ilusória "casa-jardim"
↳ Trânsito
SAÚDE FÍSICA e MENTAL em perigo → DESTRÓI os seus HABITANTES!
CIDADE CONTEMPORÂNEA = PRISÃO → NÃO há liberdade!


• cidade tem força nos países → espaços rurais abandonados
PLANEAMENTO FÍSICO do TERRITÓRIO - URBANISMO
↳ consciência do homem contemp. dos problemas do seu Espaço
↳ tentar Resolver o CAOS!
↳ Problemas deste planeamento: • imposição anti-natural (forçado)
Soluções: Atitude de Colaboração
• atitude pessoal
• agir sobre meios pouco conhecidos
mts técnicos (multidisciplinar) a pensar sobre mts aspetos do lugar
CONHECIMENTO TOTAL → não só físico (vai até aos aspetos da vida dos homens q ocupam o espaço.
(costumes e Tradições modo de estar quotidiano)
Em alguns países (todos?) os Planeamentos urbanos estão ligados ao plano ECONÓMICO
• AUMENTAR O NÍVEL DE VIDA das pessoas
Essa relação entre URBANISMO e ECONOMIA pode AGRAVAR a situação do lugar. → AGRAVAMENTO ECONÓMICO
Tem de haver EQUILÍBRIO
SEC. XIX → climax da desintegração do espaço org.
↳ criam-se FORMAS "BELAS" → seguem cânones clássicos
FORMAS "verdadeiras" → seguem a Técnica
BELEZA VERSUS TÉCNICA
FUNCIONALISMO VS ORGANICISMO
• o homem no centro
• esqueceu-se de certos aspetos
• negou a totalidade do homem
• casas serviam p/ qq homem e qq lugar
• homem = animal geométrico
• arquitetura internacional
• máquina de habitar
• Frank Lloyd Wright
• Arq. p/ cada homem p/ cada lugar
• o artista não deve repetir-se
• uma casa ≠ um automóvel
• individualista
• o homem esqueceu-se dos outros homens.





Total:

CIRC = 177,7 + 813,1 + 1114,8 + 260,3 = $\boxed{2365,9}$ 55,4%

IS = 40,6 + 22,7 + 20,1 + 19,8 = $\boxed{103}$ 2,4%

Privado = 262,5 + 707,1 = $\boxed{969,6}$ 22,7%

Públ = 146,6 + 486,1 + 192,1 = $\boxed{824,8}$ 19,3%

T = 4 263,8

BOURO

Áreas:

$\boxed{\text{Piso 0}}$

- Circ. = 177,7
- IS = 5,6 + 35 = 40,6
- Priv. = 0
- Públ. = 146,6 Pátio = 761 m²

$\boxed{\text{Piso 1}}$

- Circ. = 451,2 (claustro) + 109,9 + 106,9 + 54,4 + 39,2 + 23,9 + 27,6 = $\boxed{813,1}$
- IS = 22,7
- Priv. = 64,7 + 84,9 + 112,9 $\boxed{262,5}$
- Púb = 188,4 + 191,6 + 106,1 $\boxed{486,1}$
- Serviço = 172,2

$\boxed{\text{Piso 2}}$

Circ. = 82,1 + 55,4 + 38 + 11,6 + 122,3 + 452,7 + 70,1 + 57,2 + 111,5 + 113,9 = $\boxed{1114,8}$

IS = 7,3 + 12,8 = $\boxed{20,1}$

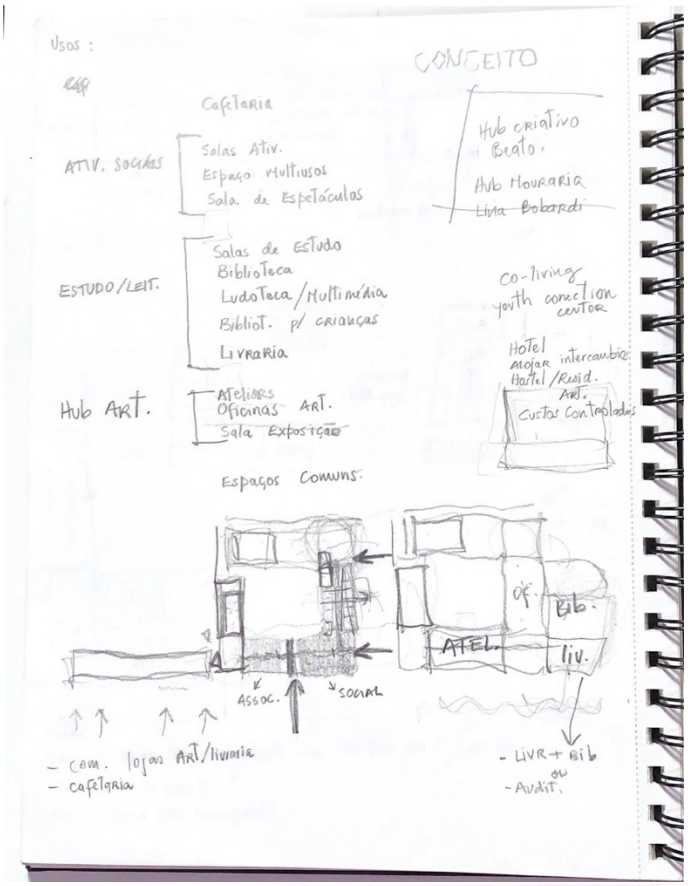
Priv = 32,2 + 217,2 + 169,4 + 86,8 + 87,7 + 113,8 = $\boxed{707,1}$

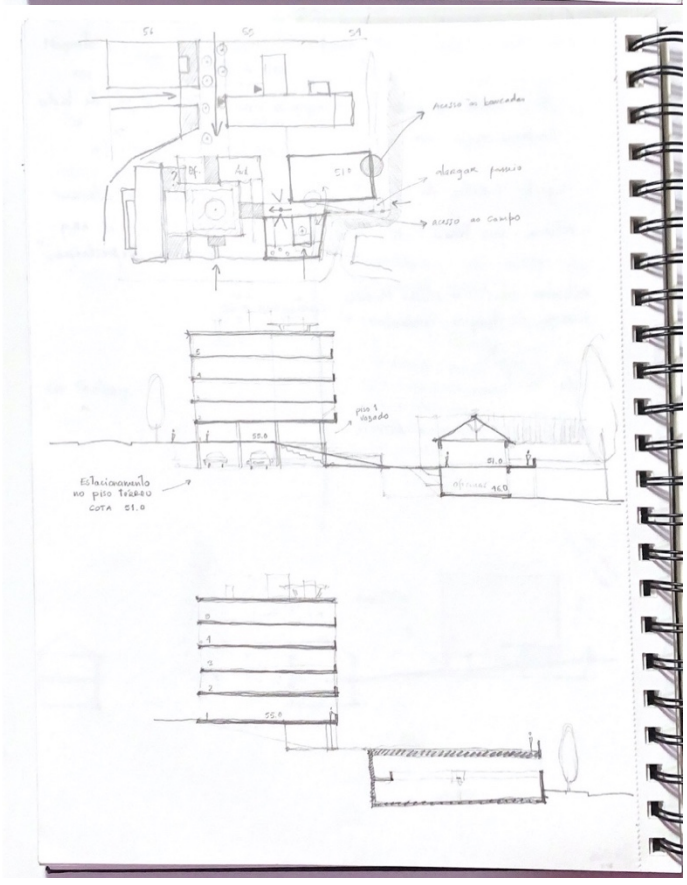
$\boxed{\text{Piso Térreo}}$

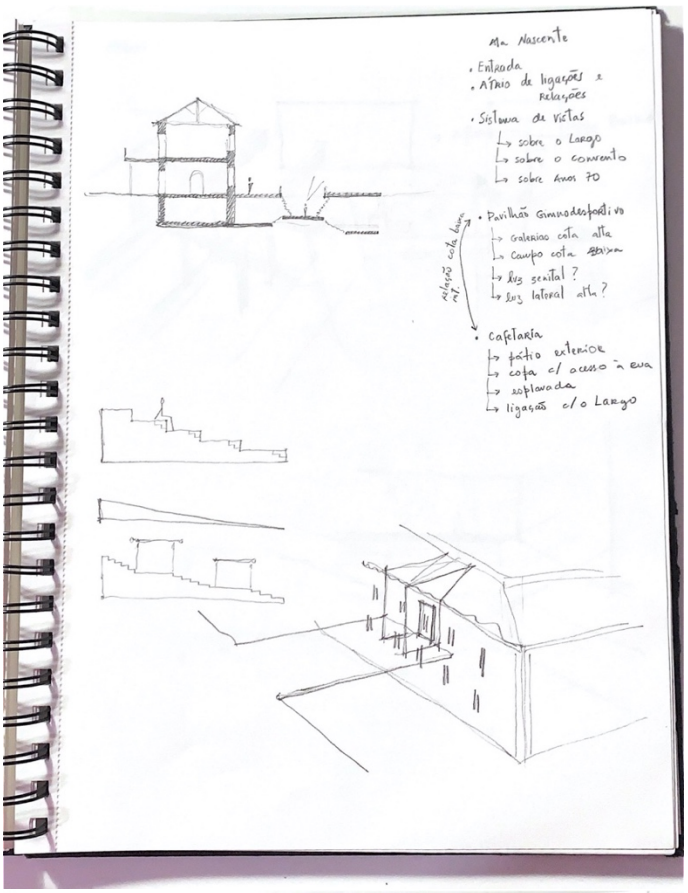
Circ. 67,7 + 28 + 12,5 + 30,2 + 122,3 = $\boxed{260,7}$

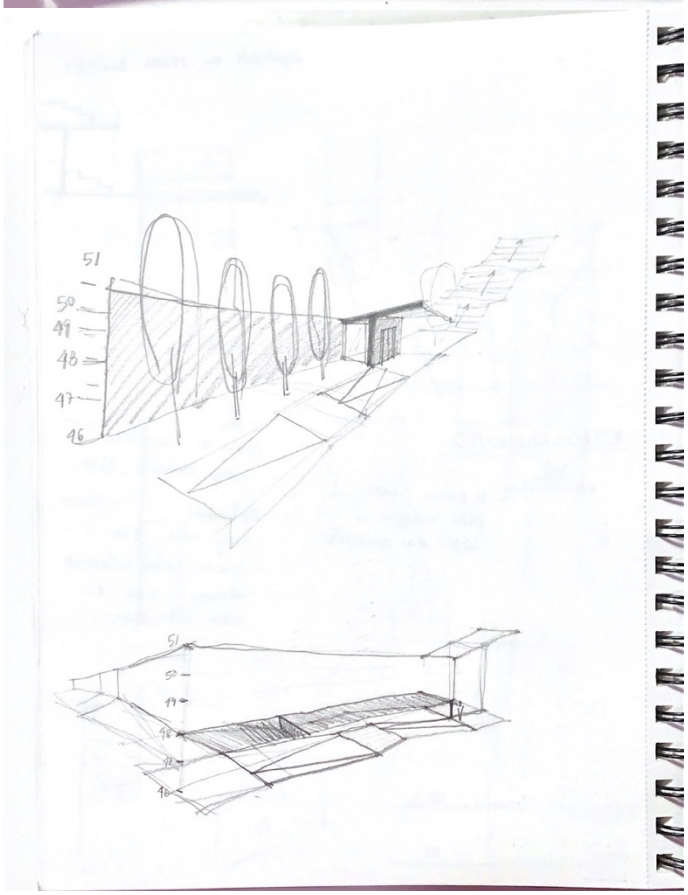
IS = 7,4 + 5,6 + 6,8 = $\boxed{19,8}$

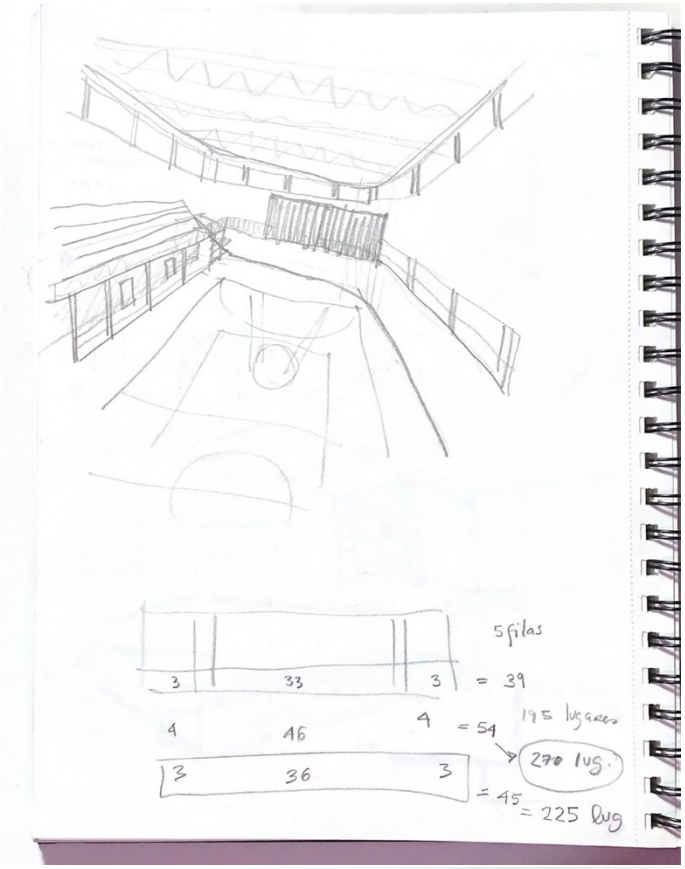
Público = 68,1 + 124 = $\boxed{192,1}$

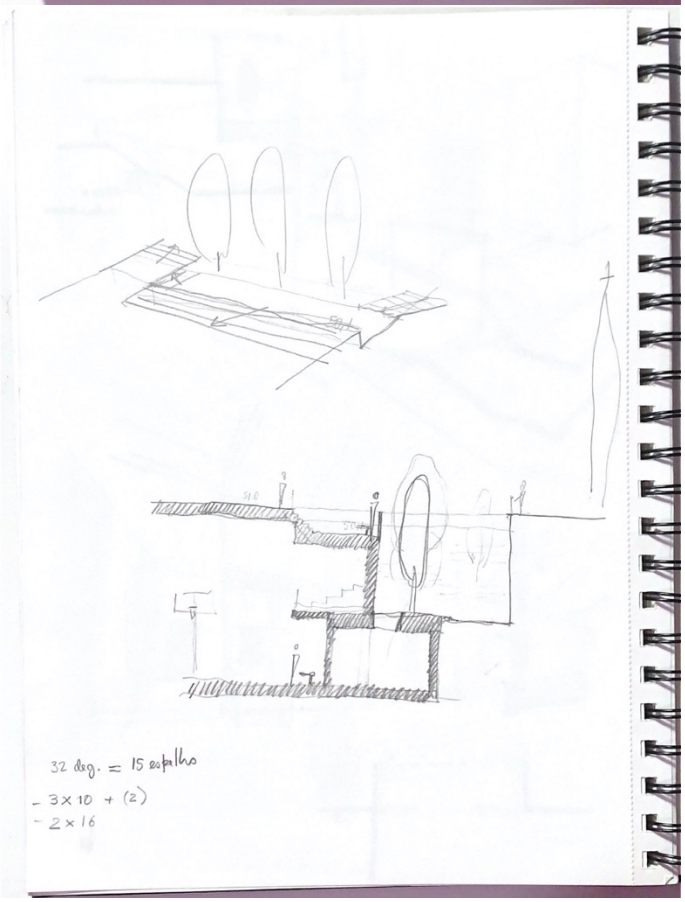

Usos :
CONCEITO
Cafetaria
ATIV. SOCIAIS
Salas Ativ.
Espaço Multiusos
Sala de Espetáculos
Hub criativo Beato.
Hub Mouraria
Lima Bobardi
ESTUDO/LEIT.
Salas de Estudo
BiblioTeca
LudoTeca/Multimédia
Bibliot. p/ crianças
Livraria
co-living
youth conection center
Hotel
Alojar intercambio
Hostel/Resid.
Hub ART.
Ateliers
Oficinas ART.
Sala Exposição
Custos Controlados
Espaços Comuns:
Of.
Bib.
ATEL.
liv.
ASSOC.
SOCIAL
- com. loja ART/livraria
- cafetaria
- LIVR + Bib
- AUDIT.

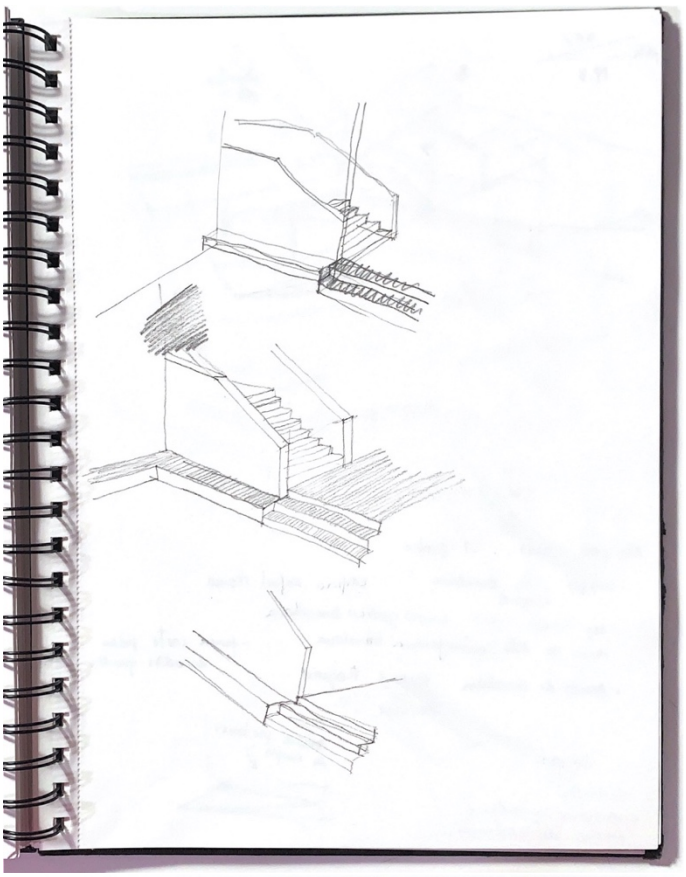

Acesso ao bairro alto
alargar passeio
Acesso ao Campo
piso 1 usado
Estacionamento no piso térreo cota 51.0

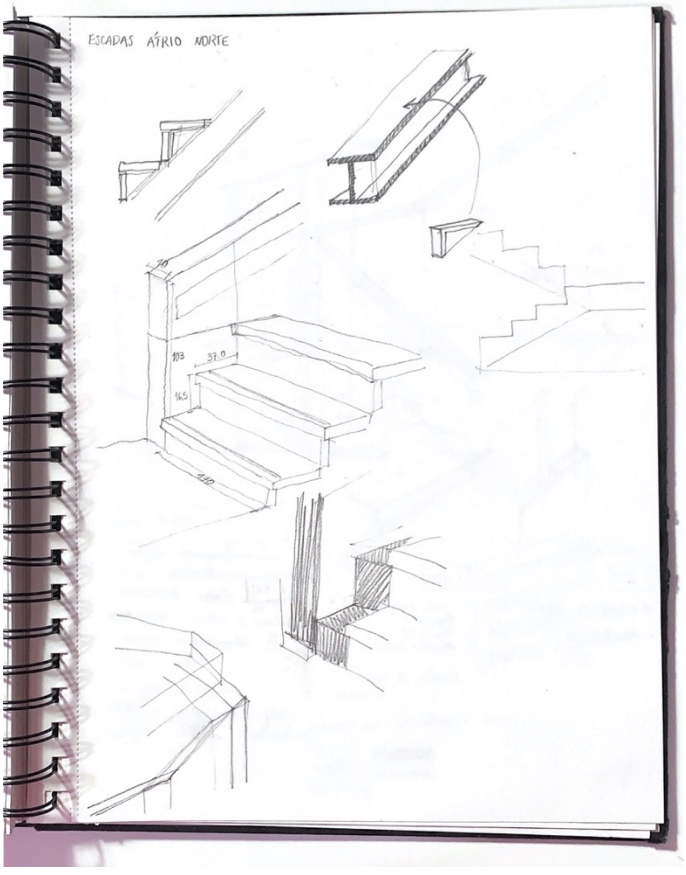

Ma Nascente
• Entrada
• Átrio de ligações e relações
• Sistema de vistas
↳ sobre o Largo
↳ sobre o convento
↳ sobre Anos 70
• Pavilhão Gimnodesportivo
↳ galerias cota alta
↳ campo cota baixa
↳ luz zenital ?
↳ luz lateral alta ?
• Cafetaria
↳ pátio exterior
↳ cota c/ acesso à rua
↳ soalheada
↳ ligação c/ o Largo

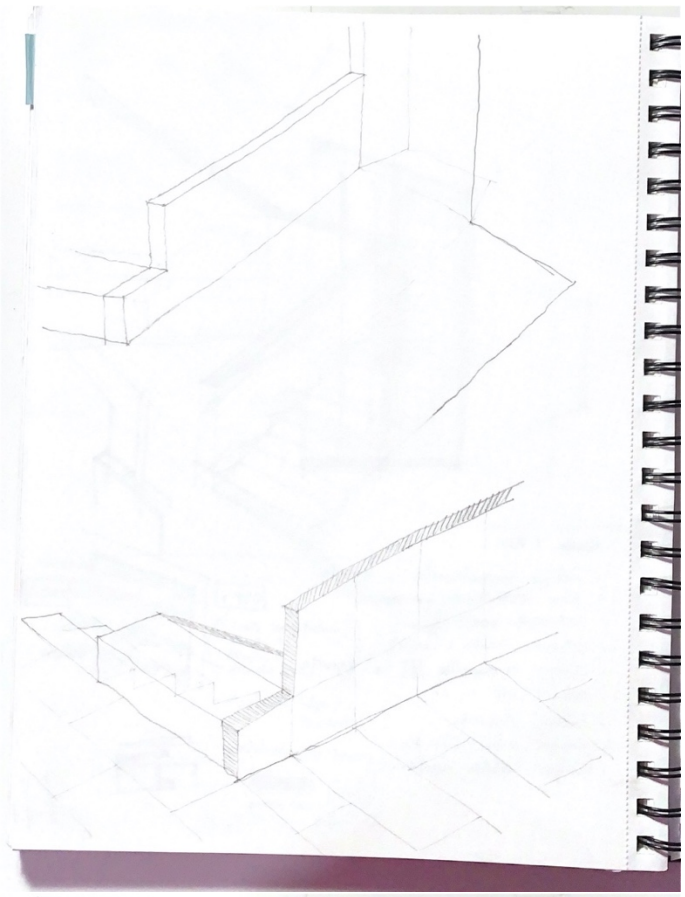

51
50
49
48
47
46

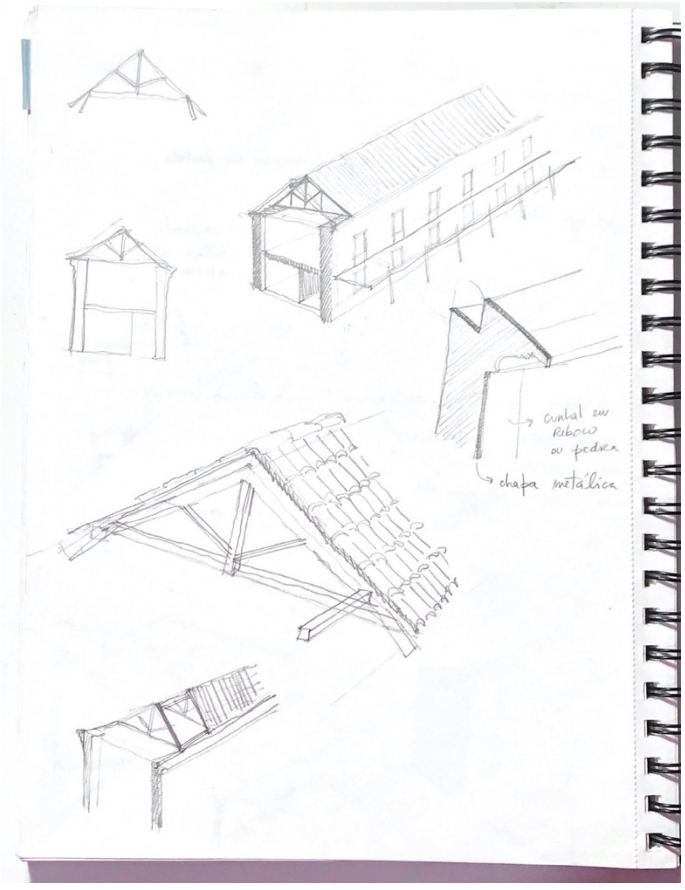

5 filas
3
33
3
= 39
4
46
4
= 54
195 lugares
270 lug.
3
36
3
= 45
= 225 lug

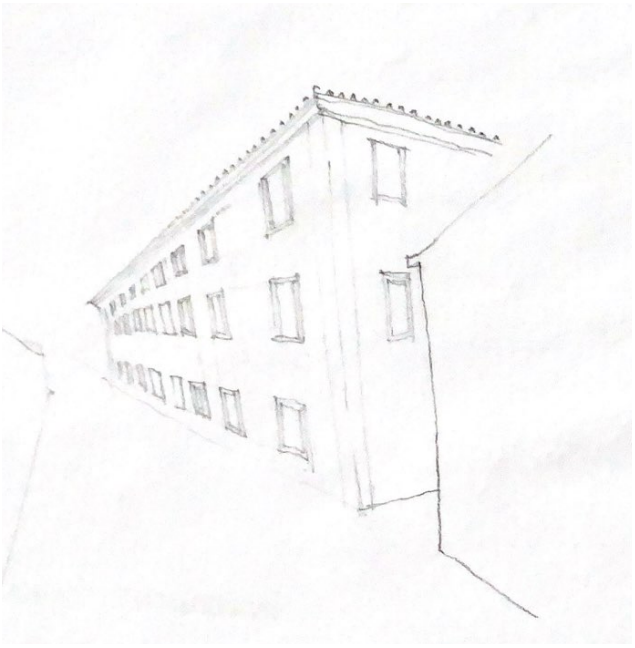

32 deg. = 15 espelho
- 3 x 10 + (2)
- 2 x 16

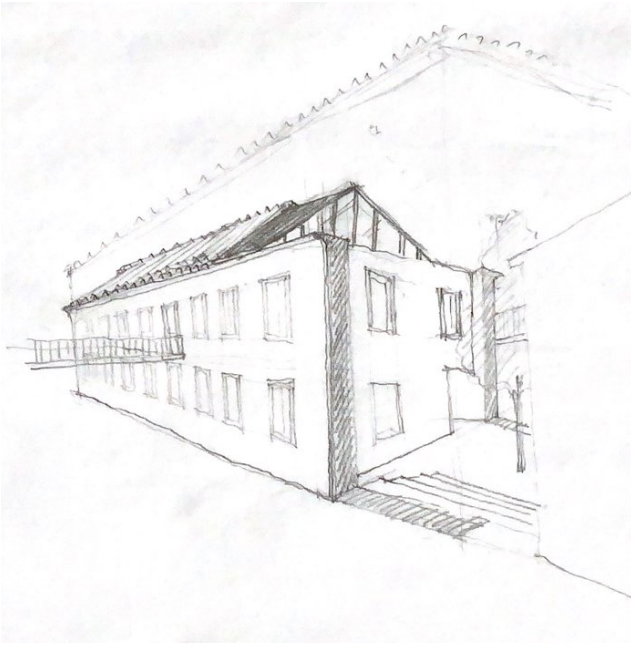


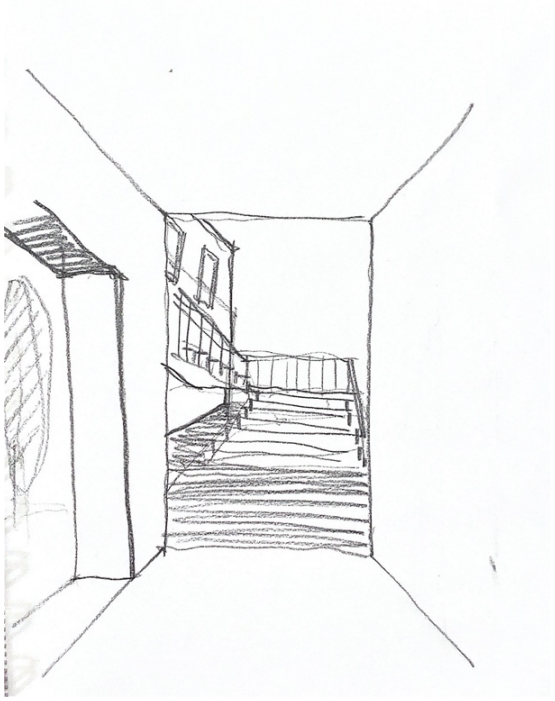

ESCADAS ÁTRIO NORTE

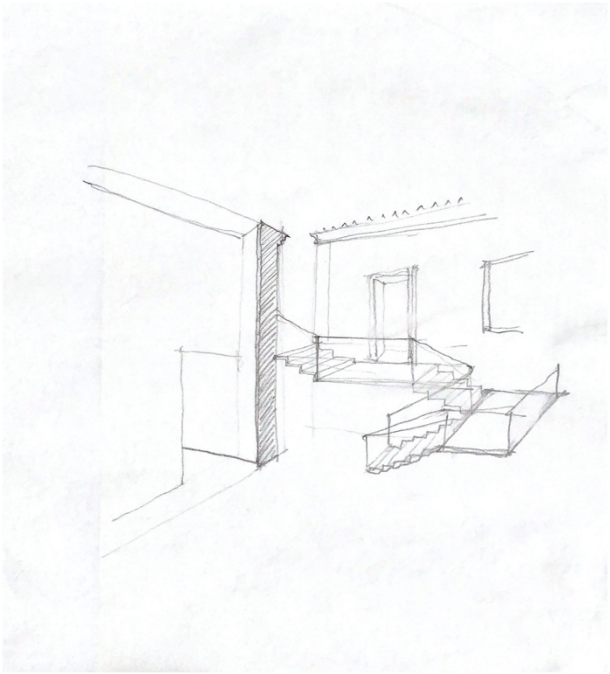


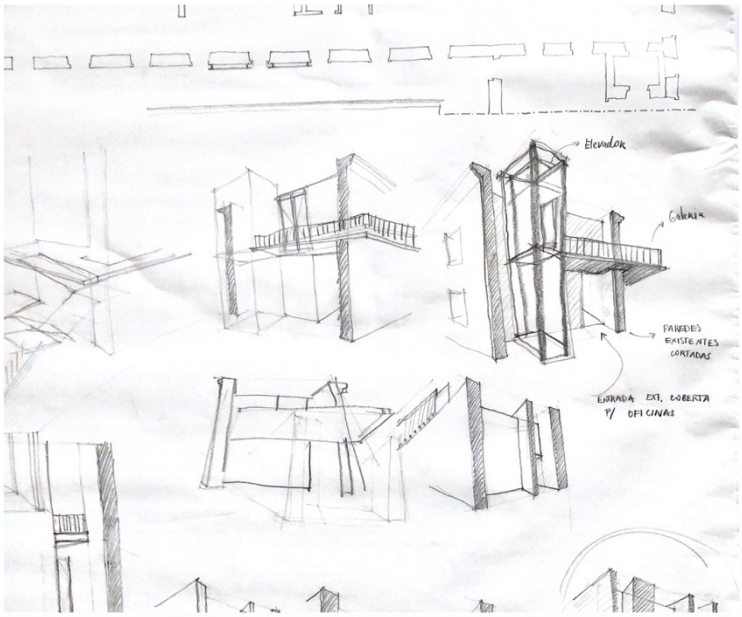

cantal em
ribeiro
ou pedra
chapa metálica

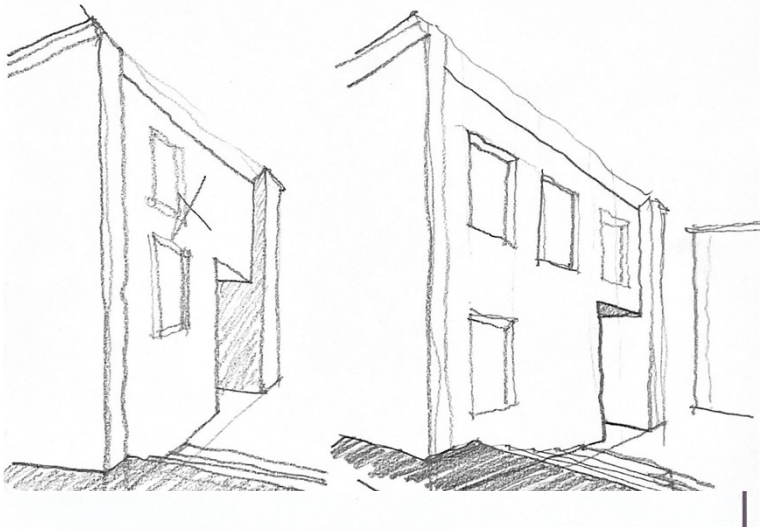


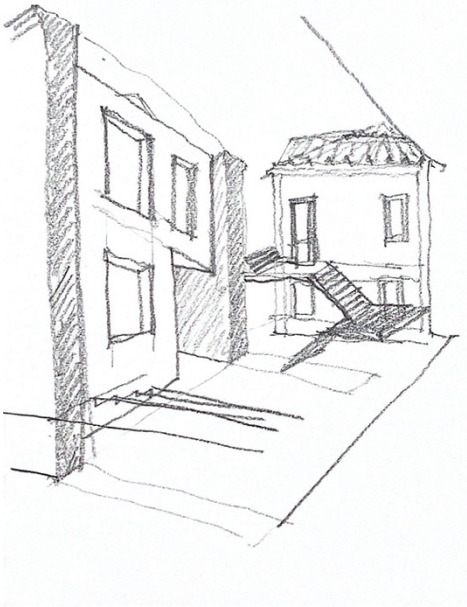


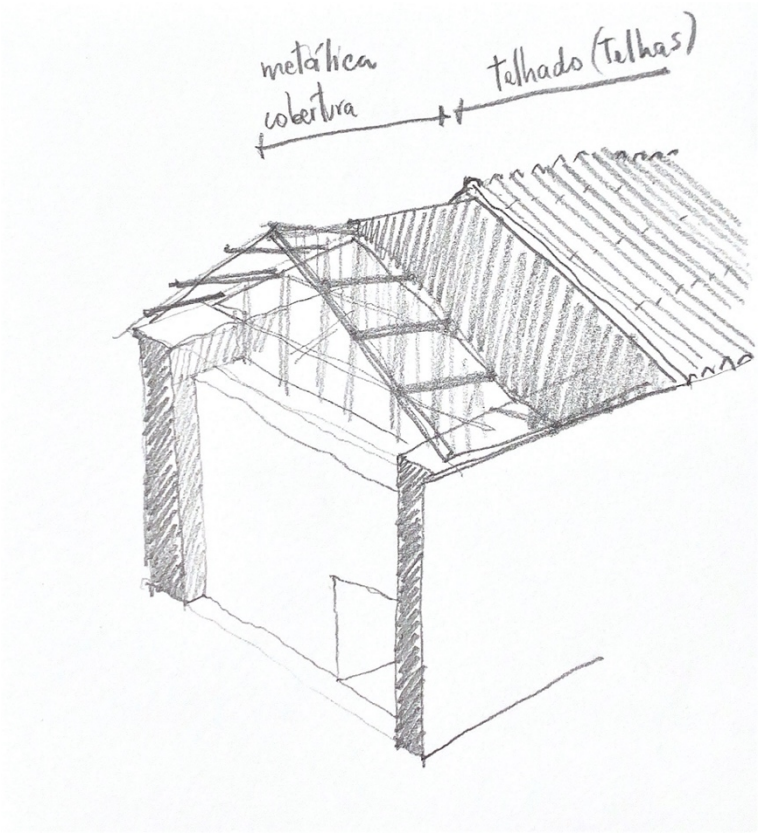


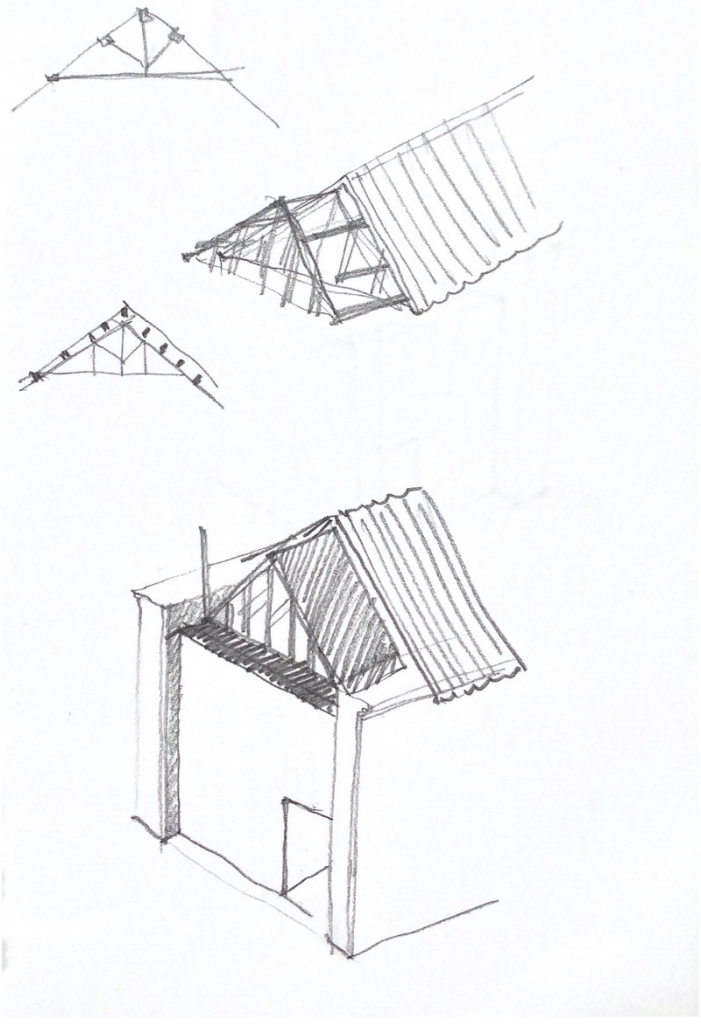


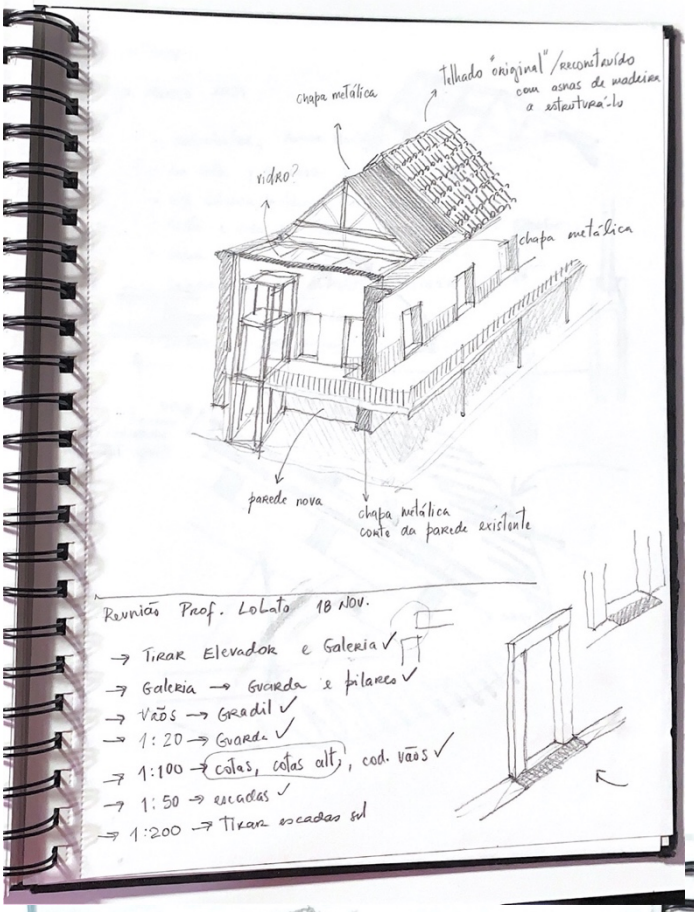

Elevador
Galeria
PAREDES EXISTENTES CORTADAS
ENTRADA EXT. COBERTA P/ OFICINAS

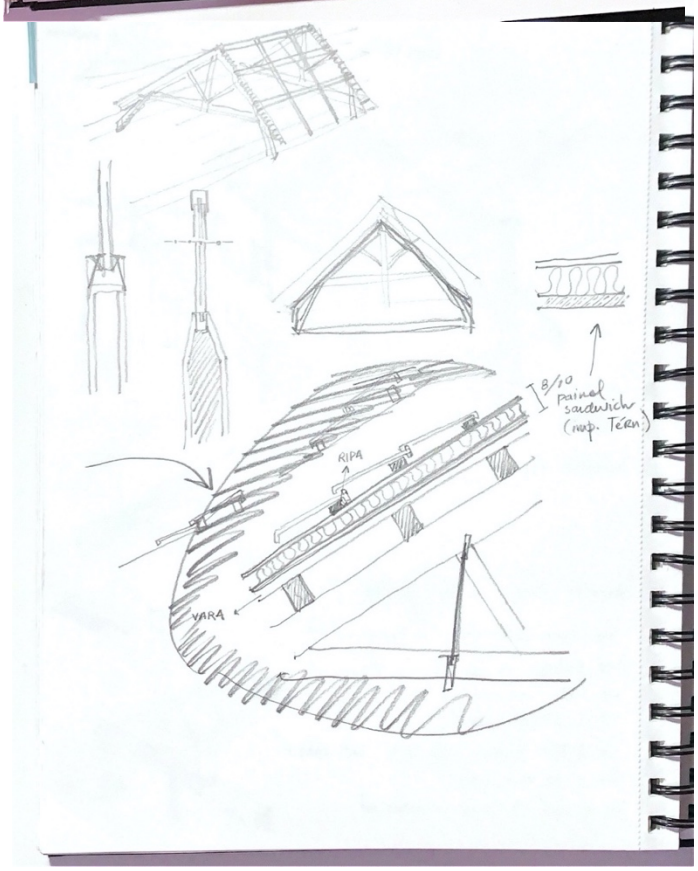


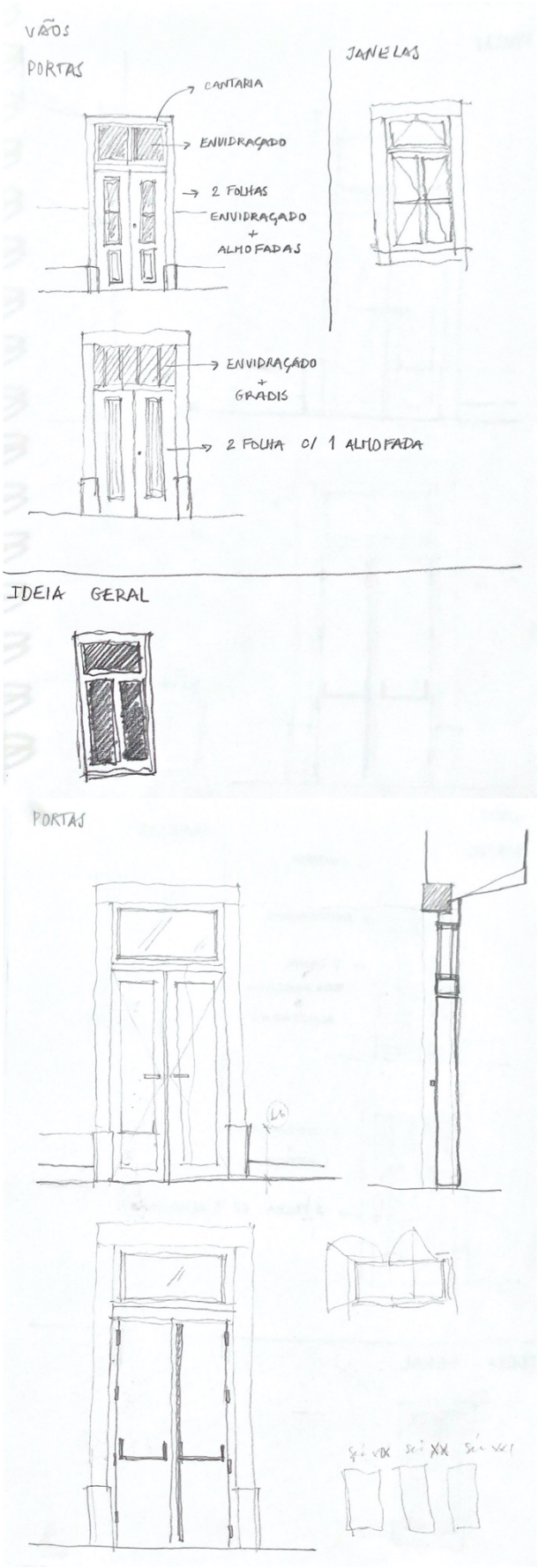



metálica
cobertura
telhado (Telhas)




chapa metálica
telhado "original"/reconstruído com asnas de madeira a estruturá-lo
vidro?
chapa metálica
parede nova
chapa metálica corte da parede existente
Reunião Prof. LoLato 18 NOV.
→ TIRAR Elevador e Galeria ✓
→ Galeria → Guarda e pilares ✓
→ VÃOS → Gradil ✓
→ 1:20 → Guarda ✓
→ 1:100 → cotas, cotas alt, cod. vãos ✓
→ 1:50 → escadas ✓
→ 1:200 → Tirar escadas sul


8/10
painel sanduíche (esp. TBC)
RIPA
VARA


VÃOS
PORTAS
CANTARIA
ENVIDRAÇADO
2 FOLHAS
ENVIDRAÇADO
+
ALMOFADAS
JANELAS
ENVIDRAÇADO
+
GRADIS
2 FOLHA C/ 1 ALMOFADA
IDEIA GERAL
PORTAS

Anexo XV. Peças Desenhadas

Painéis de Seminário, 2021
Painéis Finais, Janeiro 2022

VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CONVENTUAL

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

RECONVERSÃO EM EQUIPAMENTO SOCIAL E CULTURAL

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

REABILITAÇÃO I PATRIMÓNIO CONVENTUAL I REFUNCIONALIZAÇÃO I INTEGRAÇÃO I SUSTENTABILIDADE

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

SOFIA LUÍS PINHEIRO
MIINT 5º B , Nº 20161174

SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO

OBJETIVOS:

01. **Abrir** este Lugar e este Edificado à Cidade: permeabilidade entre o espaço exterior, da antiga Cerca e Pátio, e o Espaço Público.

02. **Desenvolver** uma proposta funcional que responda às necessidades da população autóctone e que transforme o edifício num local dinamisador, cultural e social.

03. **Oferecer** o edifício ao uso público (local de encontro e de estadia), ao uso associativo (Associações e Clubes Recreativos, Grupo de Escuteiros) e ao uso cultural e artístico (biblioteca, espaços de estudo, ateliers e oficinas).

04. **Compreender** a evolução histórica do edifício, **identificar** valores inerentes aos seus elementos arquitetónicos, de forma a tomar decisões (conservação, reutilização, substituição, construção e demolição) conscientes e sustentadas, de forma a **promover** a leitura e qualidade total do objeto.

06. **Intervir** com uma atitude de honestidade e clareza, exibindo contemporaneidade, material e formal, que não se confunda com as preexistências.

07. **Formular** uma proposta de novo edificado, adjacente ao Convento, que lhe acrescente valor e promova uma maior utilização do Largo da Boa-Hora pela comunidade.

CONCEITOS TEÓRICOS:

REABILITAÇÃO:

O conceito tem por base ações de **renovação** e **regeneração** e tem como objetivo a proteção do **Património,** tendo como maior preocupação a manutenção da **Autenticidade** do Edificado.
Teorias e Cartas: Primeira metade do seculo XIX:
-"Restauro Arqueológico", Itália (Valadier e Stern): cópia essencializada por **"anastilosis"**, diferenciação material.
-"Restauro Estilístico", França (Viollet-le-Duc) aceita a **"mimese"**: conservação da imagem simbólica da arquitetura.
Finais do século XIX
-"Conservação Estrita", Inglaterra (defendido por Ruskin): preservação da **matéria original** dos Monumentos.
-"Restauro Filológico" (Camilo Boito) defendida a baixa **intrusividade**.
-"Restauro Histórico"(Luca Beltrami) revela menor rigor ético, permite **restituições** integrais.
Século XX:
-"Carta Internacional do Restauro", (Atenas, 1931): **adequação funcional** à tipologia do objeto a intervir.
- Carta de Atenas, de 1933 (Le Corbusier) aceita a **destruição** de acrescentos em torno do edifício patrimonial.
- Cesar Brandi - Restauro como **disciplina projetual**: processo metodológico, crítico, científico e interdisciplinar
-"Declaração de Amesterdão" de 1975, surge o termo "Reabilitação": recuperação dos valores **preexistentes** e também a sua **adaptação** às exigências atuais de habitabilidade e/ou a um novo uso (ICOMOS, 2003).
-Vários campos de ação: **Consolidação**, **Estabilização**, **Manutenção, Conservação**, **Restauro**, **Reabilitação**, **Revitalização**.

PATRIMÓNIO CONVENTUAL:

A Noção de **Património** originalmente estava ligada ao conceito de **Monumento**, que via os bens feitos pelo Homem como testemunhos a serem preservados. O conceito evoluiu e passou a abranger não só os bens construídos como também os bens móveis, imateriais/intangíveis e naturais (os sítios, urbanos ou rurais, os costumes e tradições).
Em 1987, é ampliado o conceito de Património para **Artefacto Histórico**, passando a estar abrangidos outros atributos de natureza estética, cultural, ambiental, social, científica, artística, documental, religiosa, espiritual, entre outros (DGPC).
O **Património Conventua**l: **herança tipológica** ligada às exigências funcionais da vida religiosa em comunidade. Estes edifícios funcionavam como epicentros da vida religiosa, civil e cultural, contemplando uma relação direta com a natureza, através dos pátios centrais, das hortas e pomares, que lhes proporcionava a auto-subsistência (Bajanca, 2014).

REFUNCIONALIZAÇÃO:

Adaptação de um objeto preexistente a um **novo uso**, de forma a ser regenerado e devolvido à cidade.
Visa resolver a problemática da falta de **adaptabilidade** dos edifícios antigos às exigências da contemporaneidade.
Esta estratégia projetual deve promover **novas vivências** ao espaço, de forma a que seja possível **reabitá-lo.** A nova função deve estar espelhada no objeto arquitetónico, de forma a indiciar ao Homem o modo de estar adequado. A adequação da nova função ao espírito do lugar e ao objeto propriamente dito deve ser tida em conta, de forma a não entrar em conflito com a memória que recai sobre esse objeto.

INTEGRAÇÃO:

O Papel da **Integraçao Social** na qualidade de vida e no bem-estar individual: Maslow identifica a integração social como uma das componentes mais central e mais importantes da pirâmide das necessidades humanas, acompanhadas da auto-estima e do respeito pelo outro.
Sendo que a população da **Freguesia da Ajuda** sofre de alguns **problemas sociais** ligados à desagregação, pobreza, envelhecimento, baixa escolaridade e desemprego, é importante promover **valores culturais e sociais**, que promovam o sentimento de pertença na comunidade. Isto desencadeará um melhoramento dos comportamentos individuais, de entre-ajuda, e aumentará o bem estar comum.

SUSTENTABILIDADE:

O conceito de sustentabilidade engloba 3 dimensões: ambiental, social e económica.
Dimensão Ambiental:
A construção envolve: poluição e resíduos, utilização de recursos, matérias-primas e de energia não renovável, aumento do buraco na camada do Ozono, aumento do nível das águas e aquecimento global.
A adaptação do edificado preexistente permite: conservação de solo não construído, reutilização de materiais existentes em obra, poupança energética na construção e transporte e, ainda, a redução de resíduos.
Dimensão Social: manutenção da memória coletiva da cidade.
Dimensão económica: reutilização material permite reduzir custos.

GENTRIFICAÇÃO:

REQUALIFICAÇÃO URBANA

MELHORIA NA HABITABILIDADE E QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO	AUMENTO DOS VALORES IMOBILIÁRIOS
MELHORIA DA IMAGEM DA CIDADE	SAÍDA DAS CLASSES POPULARES- REALOJAMENTO NA PERIFERIA
ATRAÇÃO DE CAPITAL PRIVADO E ATRAÇÃO TURÍSTICA	SUBSTITUIÇÃO SOCIAL - COM MAIOR PODER SOCIAL E ECONÓMICO
CRIAÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO	PERDA DE IDENTIDADE LOCAL (RELAÇÕES DE VIZINHANÇA, COSTUMES E TRADIÇÕES, COMÉRCIO LOCAL)
REGENERAÇÃO ECONÓMICA, CULTURAL E AMBIENTAL.	VIVÊNCIA TURÍSTICA: EXCESSO DE MOVIMENTO, HOTÉIS, AL. LOJAS.

ESTUDO DAS ASSOCIAÇÕES LOCAIS:

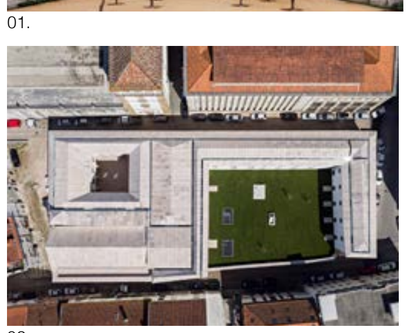
Nome da Associação	Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco	Academia de Música de Lisboa	Casa da Cultura e do Bem-Estar	Grupo de Escuteiros da Ajuda
Público Alvo	Crianças e Idosos	Crianças	Crianças e Idosos	Crianças, Jovens
Atividades	Ativ. Tempos Livres e Gimno -desportivas	Ensino de instrumentos musicais, worshops e campos de verão	Formações culturais, artísticas, musicais, desportivas e de bem-estar.	Atividades culturais, espirituais e desportivas.
Carências Espaciais	Espaço para apresentações e atividades lúdicas.	Espaço Exterior para apresentação de espetáculos.	Salas para formações com horário pós-laboral.	4 Salas para reunir grupos


Fotografia de 1943 Convento da Boa Hora CML


Fotografia de 2019 Convento da Boa Hora Mariana Sousa


Mapa Noli - versão Freguesia da Ajuda (Raio de Influência do Convento da Boa-Hora)


01.


02.


03.


04.


05.

ESTRUTURA DO DOCUMENTO::

Resumo
Abstract
Índice De Figuras
Índice De Tabelas
Siglas e Acrónimos
1. Introdução
1.1. Enquadramento Tema e Objeto de Trabalho
1.2. Motivação
1.3. Objetivos
1.4. Metodologia
1.5. Delimitação da área de estudo
1.6. Estrutura
2. O Território
2.1. Lugar na Cidade
2.2. O Espírito do Lugar
2.3. Caracterização da População da Freguesia
2.4. Fenómeno da Gentrificação na Cidade e na Freguesia
3. O Objeto
3.1. Património Conventual:
3.1.1. Ordens Religiosas
3.1.2. Organização do Espaço Conventual
3.2. Convento da Boa-Hora à Ajuda
3.2.1. História do edifício
3.2.2. Identificação dos valores inerentes ao Edifício
4. Fundamentação Teórica
4.1. Princípios de Intervenção no Património
4.2 Reabitar (Humanização do Espaço)
4..2.1. Espaço Público como lugar de encontro
4.2.2. Refuncionalização da cidade próxima
4.2.3. Processo de Gentrificação
4.3. Posicionamento perante as Estratégias Interventivas
5. Casos de Estudo
5.1. Convento de Santa Maria do Bouro
5.2. Reabilitação do Colégio Da Trindade .
5.3. Mosteiro de São Bento
5.4. Reabilitação do Castelvecchio
5.5. Idea Store, Whitechapel
6. Proposta
6.1. Premissas
6.1.1.A Sustentabilidade como Estratégia de Reabilitação
6.1.2.Integração Social
6.1.3. Combate ao Fenómeno da Gentrificação
6.2. Proposta Programática
6.2.1. Fundamentação
6.2.2. Caracterização do Programa
6.3. Proposta Arquitetónica
6.3.1. Caracterização Espacial
6.3.2. Componente Arquitetónica
6.3.3. Materialidades e Ambiência
6.3.5. Aspetos Construtivos
7. Considerações Finais
7.1. Síntese Crítica entre Problema e Problemática
Referências Bibliográficas
Anexos

NÚMERO DE PALAVRAS:
REABILITAÇÃO: 1093 | PATRIMÓNIO CONVENTUAL: = 570 | REFUNCIONALIZAÇÃO: 398
INTEGRAÇÃO: 338 | SUSTENTABILIDADE: 230 | GENTRIFICAÇÃO: 408
TOTAL: 4030 PALAVRAS

CASOS DE ESTUDO-ANÁLISE:



Caso de Estudo	01. Convento de Santa Maria do Bouro - Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira.	02. Reabilitação do Colégio Da Trindade - Manuel e Francisco Aires Mateus.	03. Mosteiro de São Bento - Siza Vieira e Souto de Moura.	04. Reabilitação do Castelvecchio - Carlo Scarpa.	05. Idea Store, Whitechapel - Adjaye Associates.
Área dos espaços Coletivos?	824,8 m2 = 19,3%	690,2 m2 = 28,2%	668,2 m2 = 45,9%		1740 m2 = 51,1%
Área dos espaços Privativos?	1073 m2 = 25,1%	789,1 m2 =32,2%	318,5 m2 = 21,8%		1100 m2 = 32,3%
Área dos espaços de Circulação?	2366 m2 = 55,4%	944,4 m2 =38,6%	467,9 m2 = 32,1%		
Organização distributiva	Corredores de circulação.	Corredores de circulação.	Livre e por corredor.	Passagem entre compartimentos.	Sem corredores, circulação livre.
Transições	Espessura das Paredes exteriores.	Paredes espessadas -habitabilidade. (duplos pés direitos e entrada de luz zenital)	Átrio recuado:espaço exterior coberto. No Mosteiro, vãos profundos com narniora-deiras.	Nos acessos exteriores existe uma pele secundária em sombra, de linguagem contemporânea.	Fachadas Envidraçadas. Grandes Átrios de Entrada
Purosidade das Fachadas	Fachadas pouco permeaveis. Poucos acessos e poucos vãos.	Fachadas pouco porosas e pouco permeaveis. Vãos fechados, tendo sido deixada a cantaria de pedra.	Fachadas bastante porosas.	Exterior pouco puroso. Fachadas do pátio com vãos muito diverificados.	Fachada muito porosa em sistema de vistas, totalmente envidraçada.
Materialidades	Pedra Existente, vidro, aço corten, madeira no	Reboco pintado a branco, vidro, pedra lioz nos pavi-	Betão, Madeira, Granito e Mármore.	Ferro, Vidro, Cobre, Betão, Pedra	Vidro, madeira nos paviemntos

BIBLIOGRAFIA

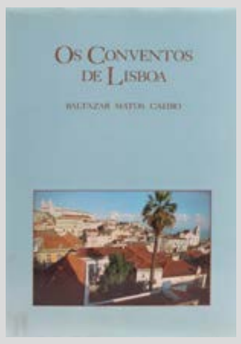
1. CAEIRO, MATOS (1989) OS CONVENTOS DE LISBOA. SACAVÉM, DISTRI EDITORA. | **2.** VAZ, PEDRO (2019) EDIFICAR O PATRIMÓNIO: PESSOAS E PARADIGMAS NA CONSERVAÇÃO E RESTAURO. LISBOA, EDIÇÕES 70. | **3.** CHOAY, FRANÇOISE (2009) AS QUESTÕES DO PATRIMÓNIO: ANTOLOGIA PARA UM COMBATE. LISBOA, EDIÇÕES 70. | **4.** TÁVORA, FERNANDO (2015) DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO. PORTO, FAUP PUBLICAÇÕES. 5.ROSSI, ALDO (2016) A ARQUITETURA DA CIDADE. LISBOA, EDIÇÕES 70. | **5.**ROSSI, ALDO (2016) A ARQUITETURA DA CIDADE. LISBOA, EDIÇÕES 70. | **6**. CULLEN, GORDON (2020) PAISAGEM URBANA. LISBOA, EDIÇÕES 70. | **7.** GEHL, JAN (2011) LIFE BETWEEN BUILDINGS. WASHINGTON, ISLAND PRESS. | **8.** MONTEYS, XAVIER (2019) LA CALLE Y LA CASA, URBANISMO DE INTERIORES. BARCELONA, EDITORIAL GUSTAVO GILI. | **9.** MONTEYS, XAVIER (2011) REHABITAR. MADRID, EDITORIAL MINISTERIO DE FOMENTO.

TIPOLOGIA CONVENTUAL

INTERVIR NO PATRIMÓNIO

INTERVIR NA CIDADE

REABILITAR E REABITAR



1.



2.



3.



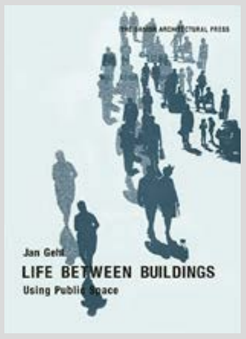
4.



5.



6.



7.



8.



9.

VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CONVENTUAL

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

RECONVERSÃO EM EQUIPAMENTO SOCIAL E CULTURAL

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

REABILITAÇÃO I PATRIMÓNIO CONVENTUAL I REFUNCIONALIZAÇÃO I INTEGRAÇÃO I SUSTENTABILIDADE

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

SOFIA LUÍS PINHEIRO

MIINT 5º B , Nº 20161174

SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO



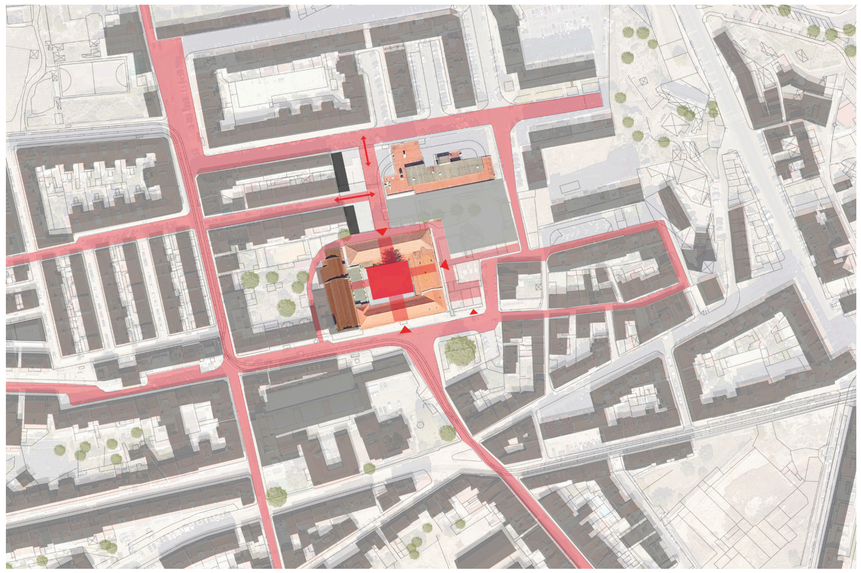
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - IMAGEM AÉREA GOOGLE EARTH
ESC. 1: 5000



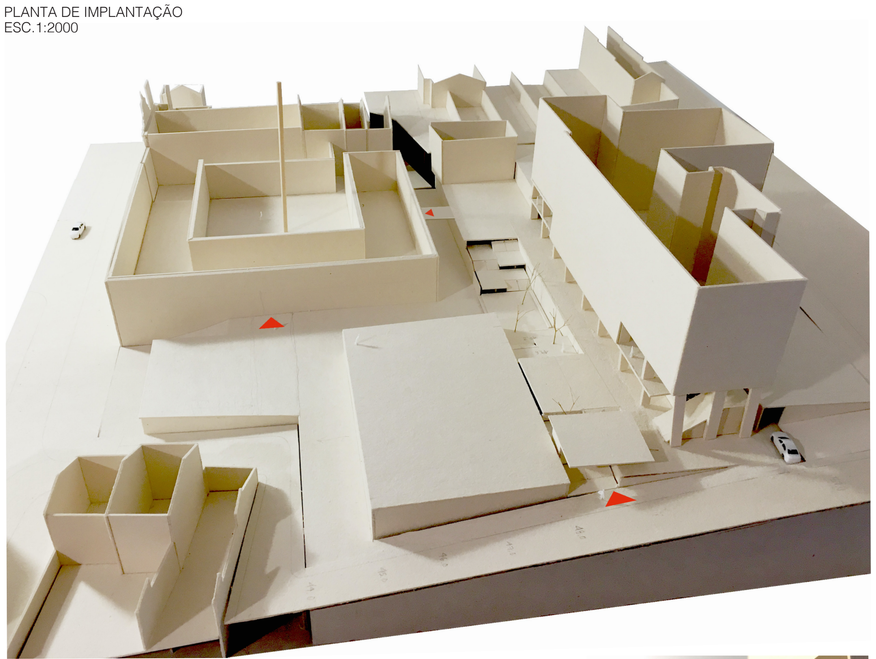




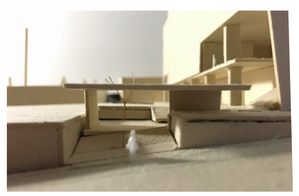

FOTOGRAFIAS DO LOCAL E RESPETIVA ENVOLVENTE



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESC.1:2000



FOTOGRAFIAS DA MAQUETE DE ESTUDO
SETAS VERMELHAS ASSINALAM OS ACESSOS
ESC.1:200



Memória Descritiva:

A presente proposta de reabilitação do Convento da Boa Hora assenta em princípios de unidade, quer a nível espacial e urbano, como a nível social e cultural.
O planeamento urbano da envolvente próxima pretende quebrar as barreiras físicas preexistentes interligando as ruas adjacentes à cerca, promover a abertura do conjunto ao espaço público e melhorar o dinamismo do Largo da Boa Hora.

Em termos programáticos, este projeto segue a mesma lógica de abertura para com a comunidade, sendo proposta a transformação do Convento em Centro Comunitário, Social e Cultural.

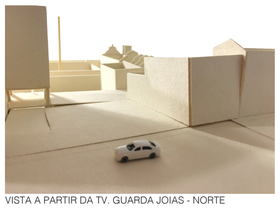
A intervenção no próprio edifício terá em conta a promoção de um novo dinamisco do seu pátio interior e o espaço público. A partir desta premissa será explorada a permeabilidade do edifício, através dda criação de átrios de entrada nas três Alas do Edifiício. Este processo interventivo pretende transformar este espaço exterior, circunscrito pelo Convento, numa âncora dinamizadora da comunidade, passando a ser um local de encontro que promova a socialização e interação humana.

Do lado Este do Convento, será proposta a construção de dois novos volumes, um enterrado, ao nível do Largo e outro semi-enterrado, que fará referencia visual ao muro preexistente.

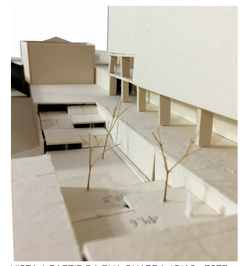
Será também objeto de intervenção, a um nível menos profundo, o edifício construído nos anos 70, localizado a Norte do Convento. Em termos funcionais passará a albergar um programa habitacioal nos pisos superiores e comercial, no piso térreo. Para além disso, será transformado o piso térreo atual num piso semi enterrado, com estacionamento, que promoverá a ligação direta com a Tv. Guarda Joias e será vazado o atual primeiro piso, que passará a ser o piso de transição entre as duas cotas.



VISTA A PARTIR DO EDIFÍCIO DOS ANOS 70



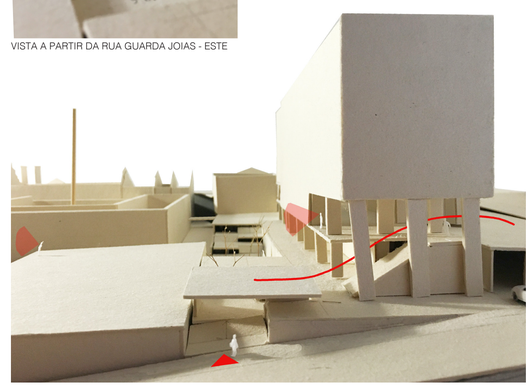
VISTA A PARTIR DA TV. GUARDA JOIAS - NORTE



VISTA A PARTIR DA RUA GUARDA JOIAS - ESTE



VISTA A PARTIR DO LARGO BOA HORA - SUL



VISTA A PARTIR DA RUA GUARDA JOIAS - ESTE (ENTRADA E PERMEABILIDADE ENTRE COTAS)

VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CONVENTUAL

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

RECONVERSÃO EM EQUIPAMENTO SOCIAL E CULTURAL

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

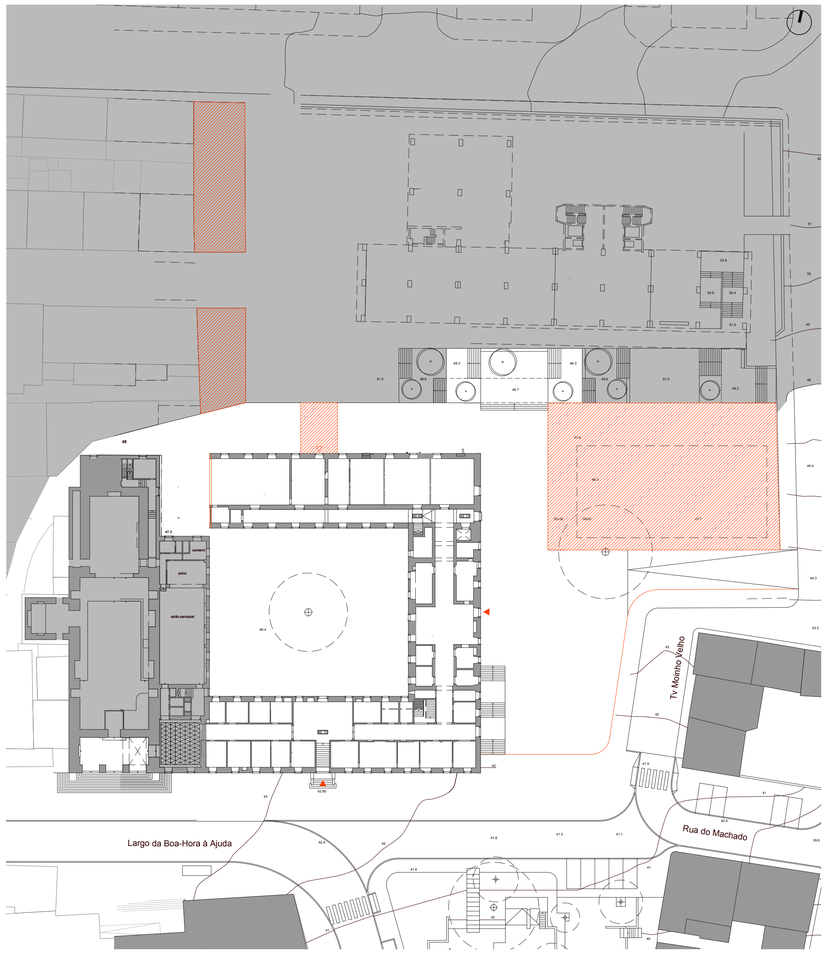
REABILITAÇÃO I PATRIMÓNIO CONVENTUAL I REFUNCIONALIZAÇÃO I INTEGRAÇÃO I SUSTENTABILIDADE

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

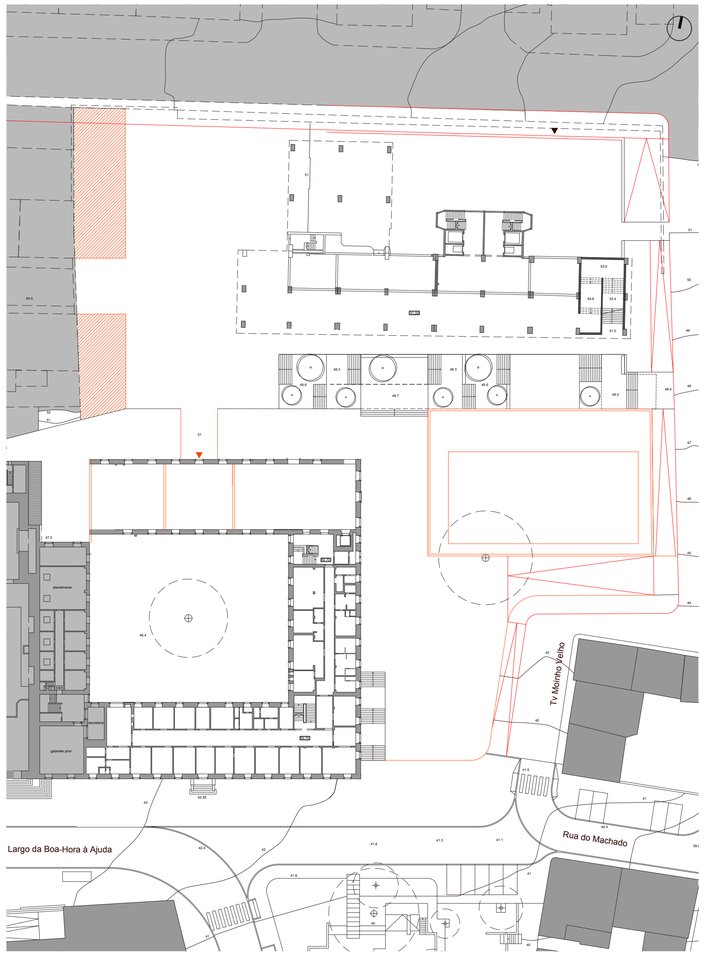
SOFIA LUÍS PINHEIRO

MIINT 5º B , Nº 20161174

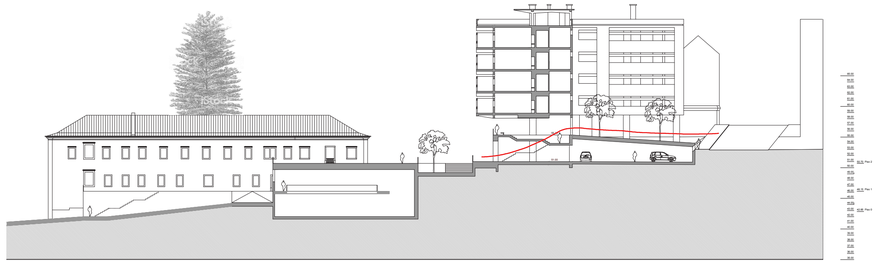
SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO



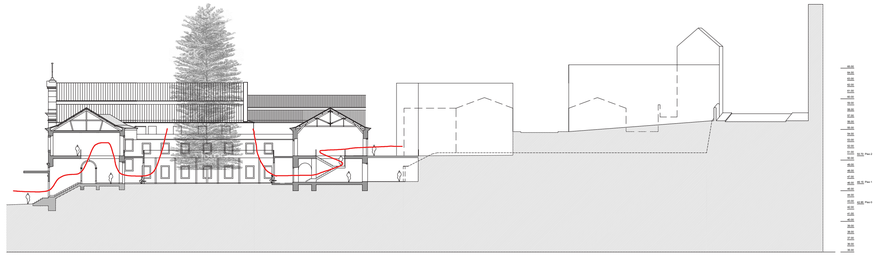
PLANTA PISO 1 - COTA 46
ESC.1:500



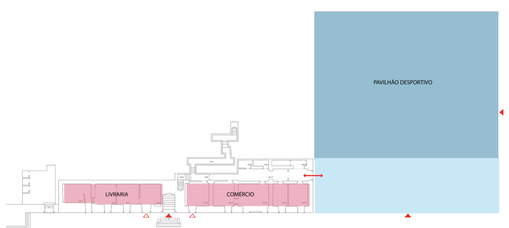
PLANTA PISO 2 - COTA 52
ESC.1:500



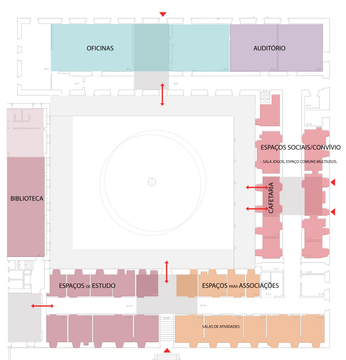
CORTE ESQUEMÁTICO
ESC.1:500



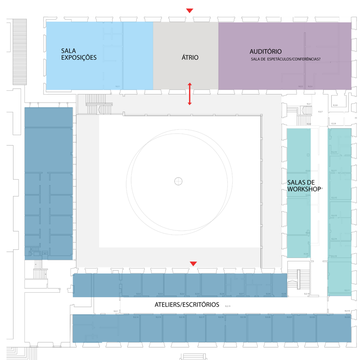
CORTE ESQUEMÁTICO
ESC.1:500



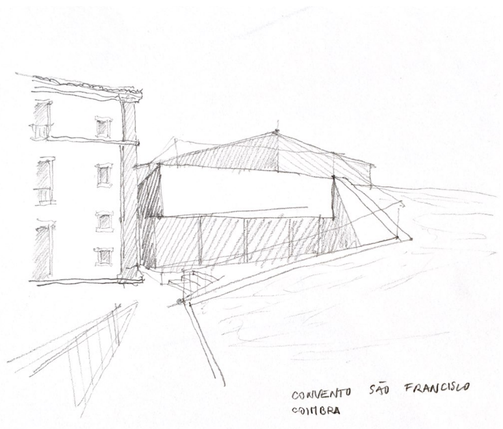
ORGANIGRAMA FUNCIONAL - PISO 0
ESC.1:500



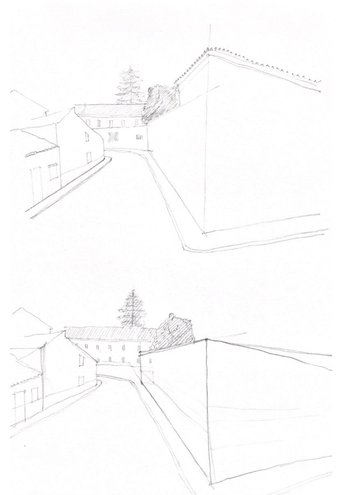
ORGANIGRAMA FUNCIONAL - PISO 1
ESC.1:500



ORGANIGRAMA FUNCIONAL - PISO 2
ESC.1:500



PERSPETIVA DE INSPIRAÇÃO - REABILITAÇÃO CONVENTO SÃO FRANCISCO
TOQUE DO VOLUME NOME COM A PREEXISTÊCIA



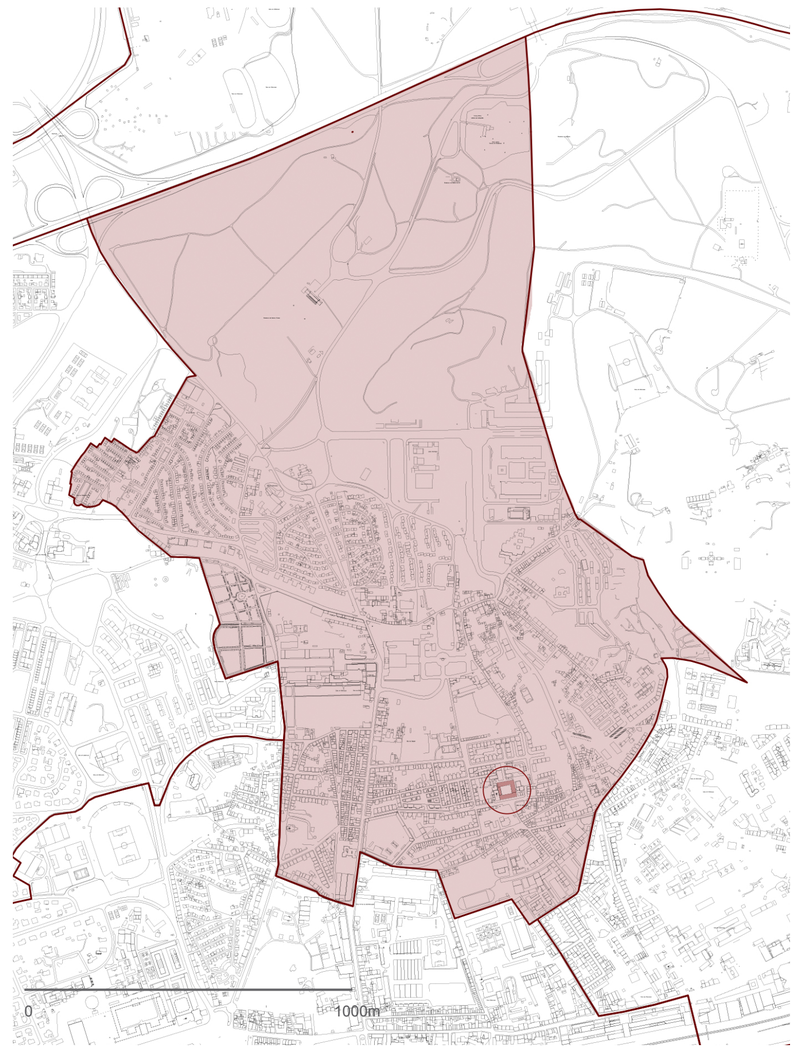
Vista Tv. Moinho Velho (1-existente,) 2-proposta

Esquema de Painéis
Formato A1 ao Alto

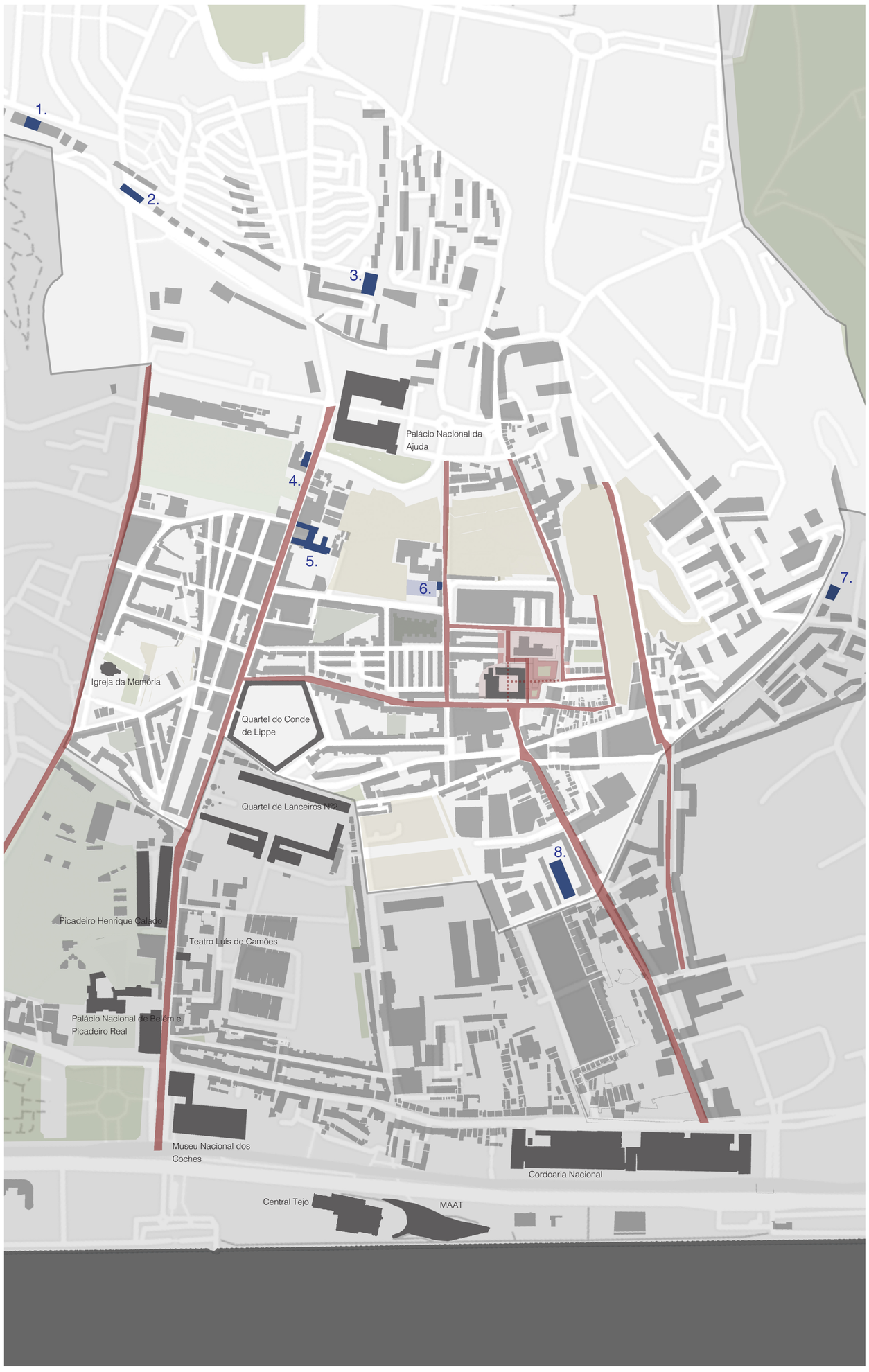
Território 1:20000 1:5000 1	Estratégia Urbana 1:500 3	Planta piso 0	cota 42.85 1:200 5	Planta piso 1	cota 46.15 1:200 7	Planta piso 2	cota 50.7 1:200 9	Planta	cota 56.0 1:200 11	Planta cobertura 1:200 13	Ambientes Interiores Perspectivas 15	Materialidades Amostras físicas 17
Tema Abertura à Cidade: Mapa Noli Associações Locais Casos de Estudo 2	Objeto Proposta Programática 4	Cortes 1:200 6	Cortes 1:200 8	Cortes 1:200 10	Cortes 1:200 12	Plantas e Cortes Ala Norte 1:100 14	Átrio Norte 1:50 16	Vão Ala Norte 1:10 18



Fotografia Aérea, Google Maps, 2021



Planta Freguesia da Ajuda



Planta de Localização, Vias Estruturantes, Edifícios Singulares e Associações Locais

Escala 1:5000



2021 | Largo da Boa-Hora e Calçada da Boa-Hora



2021 | Travessa da Boa-Hora

Espaços de Encontro, Convívio e Associações Locais

1. | Academia de Música de Lisboa
2. | Academia da Juventude e Universidade Sénior
3. | Associação de Atividades Sociais Bairro 2 de Maio
4. | Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Ajuda
5. | Casa da Cultura e do Bem Estar
6. | Academia Recreativa da Ajuda
7. | Centro Cultural e Recreativo Crianças do Cruzeiro e Rio Seco
8. | RESTART

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA
UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

TERRITÓRIO
Fotografia Aérea, Planta Freguesia da Ajuda e Planta de Localização



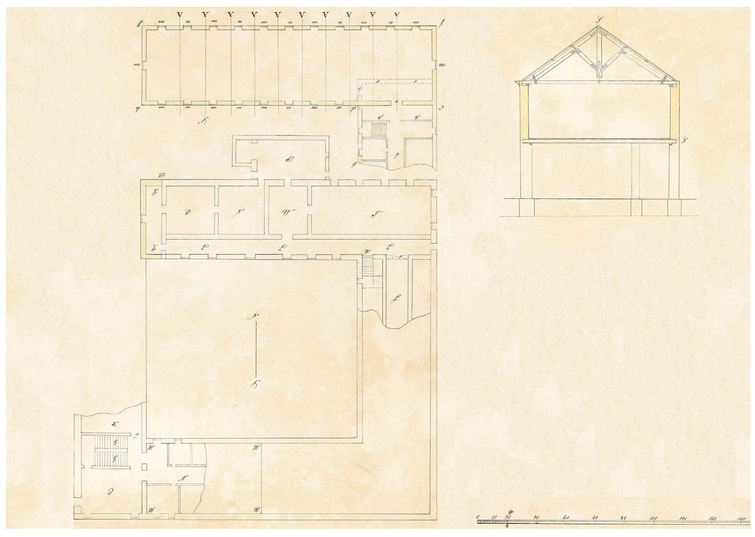
1833 | Fachada Sul da Igreja e Convento da Boa-Hora à Ajuda



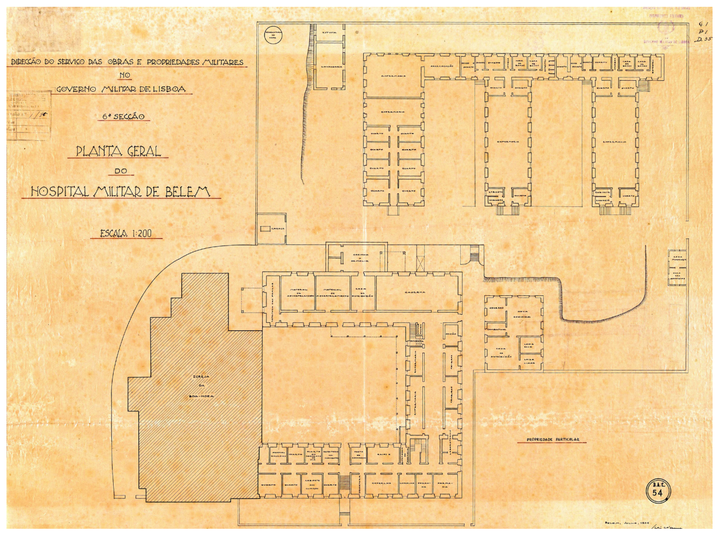
Fotografia Histórica 1943, Fachada Sul da Igreja e Convento da Boa-Hora à Ajuda



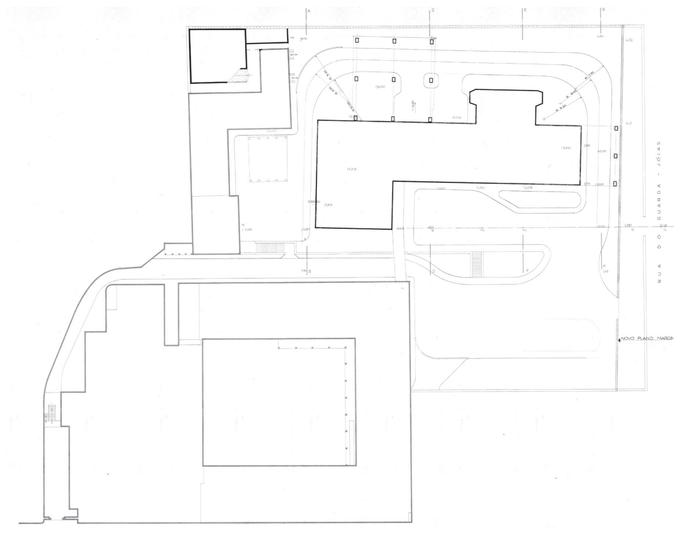
1970 | entrada Sul do Hospital e novo bloco do Hospital Militar



1852 | Instalação do Hospital Regimental de Infantaria nº1 - Projeto para construção de piso adicional na Ala Norte



1934 | Hospital Militar de Belém - a Norte são construídos pavilhões para enfermarias



1970 | Construção de novo edifício em altura no lugar das enfermarias



2021 | vista sobre Alas Norte e Este (desde bloco dos anos 1970)



2021 | Pátio com araucária (plantada entre 1850 e 1880, aproximadamente)

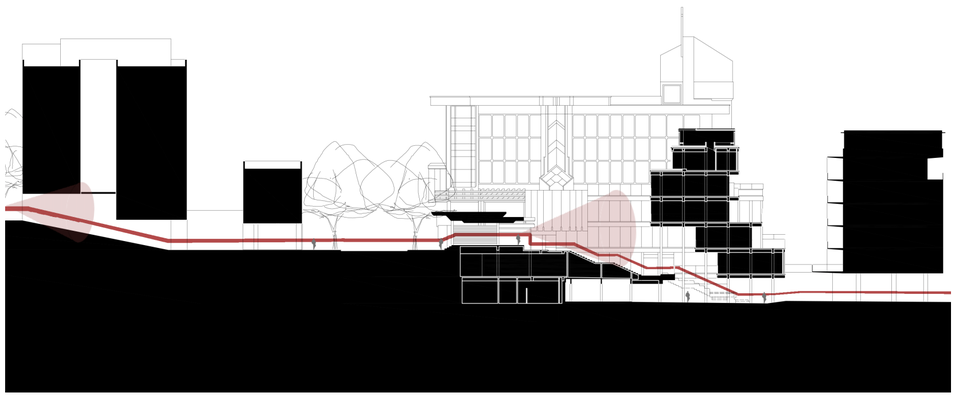




2021 | Ala Norte - 3º piso acrescentado em 1970 e patologias estruturais associadas

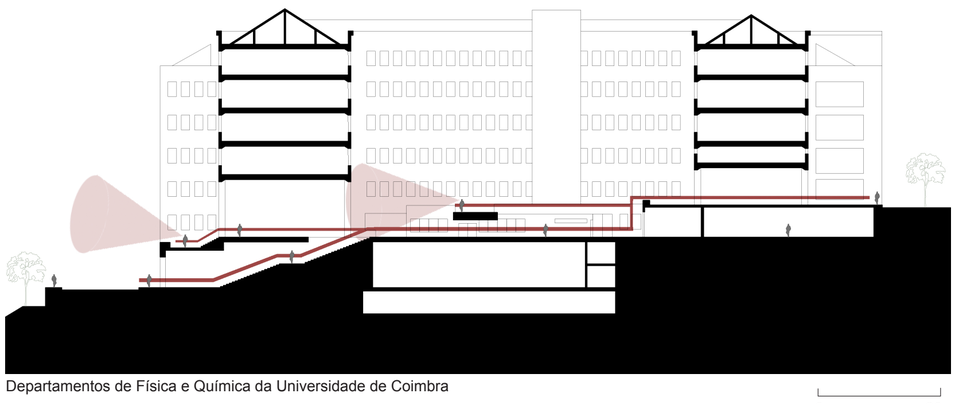


Planta de “Noli” da Freguesia da Ajuda
Espaço Público



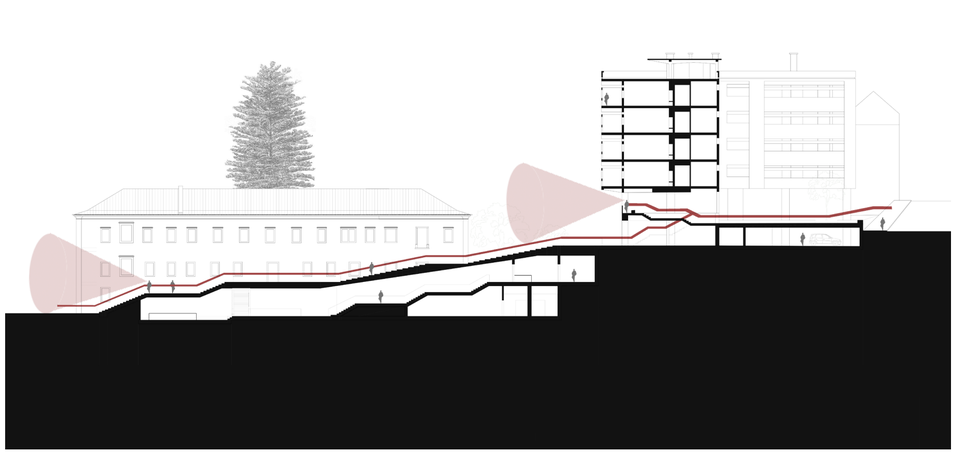
Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa
Projeto e obra dos Arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-1970





Departamentos de Física e Química da Universidade de Coimbra





Proposta de vazamento parcial do 1º piso do Edifício de 1970
(cerca do Convento da Boa-Hora)



PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

TEMA

Mapa Noli Freguesia da Ajuda Esc. 1:5000

Casos de Estudo: Conceitos de Permeabilidade e Abertura à Cidade

02

COTA 55.0

COTA 51.0

COTA 46.0

Tv Florindas

Tv Guarda Joias

Novos edifícios de remate das empenas cegas

Ligação direta entre Travessa do Guarda Jóias e território interior da cerca (demolição do muro)

R Jose Osorio de Oliveira

R Guarda Joias

55

45

Tv Nova D Vasco

Ligação da Travessa Nova de Dom Vasco, atualmente sem saída, com o território interior à cerca I acesso ao piso 1 Edifício de 1970 (55.0); Repavimentação em calçada portuguesa.

Rua D Vasco

Comunicações verticais (55.0-51.0) atravessamento urbano

Tv Ventuzas

Estacionamento enterrado (51.0)

Acesso (51.0) atravessamento até ao Convento

Novos edifícios de remate das empenas cegas

Percurso pedonal reinterpretação Vale do Rio Seco

45

40

50

Construção nova I plataformas percorríveis de estadia e contemplação (46.2 I 51.0)

Tv Moinho Velho

Tv Machado

Escadinhas Miradoi

Tv Alecrim

Tv Glesia

Lg Boa-Hora a Ajuda

R Machado

R Mirador

Tv Mirador

Tv Alianca

R Nova do Calhariz

R Aliança Operaria

R Quarteis

Calçada Boa-Hora

25

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

ESTRATÉGIA URBANA I 1:500

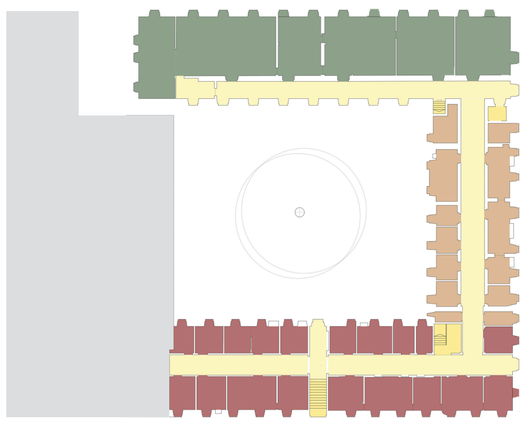
Planta Híbrida | cotas 55.0 | 51.0 | 46.0

03


Travessa Nova de Dom Vasco, 2021

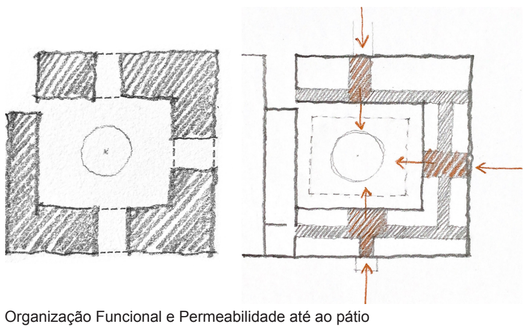
CERZIR A CIDADE

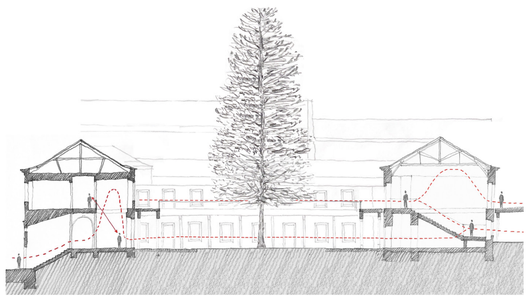
1. Demolição do muro correspondente à Antiga Cerca Conventual (e edificado adjacente, considerado espúrio),
2. Ligação da Travessa Nova de Dom Vasco (atualmente sem saída) e Travessa do Guarda Jóias à plataforma 55.0 e ao 1º piso do Edifício de 1970.
3. Acesso ao Complexo a partir da Rua do Guarda Jóias, à cota 51.0, permitindo o atravessamento até ao Convento.
4. Vazamento parcial do primeiro piso do Edifício de 1970 de forma a permitir o atravessamento urbano e criação de espaço de contemplação da vista sobre o Rio Tejo.
5. Criação de um acesso a eixo da Ala Norte que liga a plataforma 51.0 ao 2º piso do Convento.
6. Criação de um novo edificado que faz a articulação entre cotas, criando plataformas percorríveis com espaços verdes.

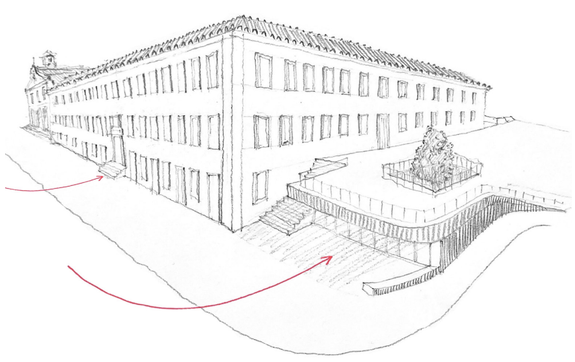

Esquematização da “Teoria de Valor”


Asnas existentes, Ala Norte


Reformulação da Ala Norte


Organização Funcional e Permeabilidade até ao pátio


Átrios Sul e Norte, permeabilidade do pátio


Perspetiva do Largo da Boa-Hora

O PROGRAMA COMO PROPOSTA

O programa foi formulado considerando as necessidades detectadas no conjunto da Freguesia (em termos de locais de suporte a comunidades e entidades associativas) e foi alocado ao edifício considerando as potencialidades dos espaços existentes e a “Teoria de Valor”.

Esta “Teoria de Valor” expressa-se sinteticamente da seguinte forma:
- Ala Sul: apresenta a estrutura pombalina original.
- Ala Este: paredes exteriores originais mas apresenta variações espaciais.
- Ala Norte: contém espaços amplos afastados da ordem tipológica Conventual, mas apresenta elementos notáveis (asnas).

Abraçando um programa público, procurou-se transformar o Convento num centro cultural e social, funcionando na cidade como uma âncora de encontro.

No piso térreo, os usos comerciais procuram contribuir para a activação do Largo da Boa-Hora.

Ao nível do pátio, procurou-se que os usos activassem o pátio e a plataforma a nascente. A Norte, uma Ala com espaços de maior escala, localizam-se oficinas e um auditório com funcionamento e acesso autónomo. A Nascente, uma cafetaria que se expande até ao exterior. Na Ala Sul, espaços de uso associativo e de estudo ocupam os compartimentos existentes e mais originais. A Poente, é aproveitada a área pouco compartimentada para acomodar a biblioteca.

No piso superior, é dada uma continuidade funcional verticalmente, sendo que os compartimentos existentes a Sul e a Nascente passam a acomodar espaços de trabalho, e as oficinas a Norte dão lugar a um espaço expositivo.

REPOR A UNIDADE E A ESCALA DO CONJUNTO

Piso 2 | cota 50.70

- Substituição da Galeria actual por uma nova galeria que faz a comunicação exterior das 4 Alas do Convento, conferindo-lhes unidade.
- Demolição do 3º piso e do topo Oeste da Ala Norte, repondo a escala do Século XIX e criando um novo acesso (exterior) ao pátio.



ATRAVESSAR O PÁTIO, PERCORRER A CIDADE

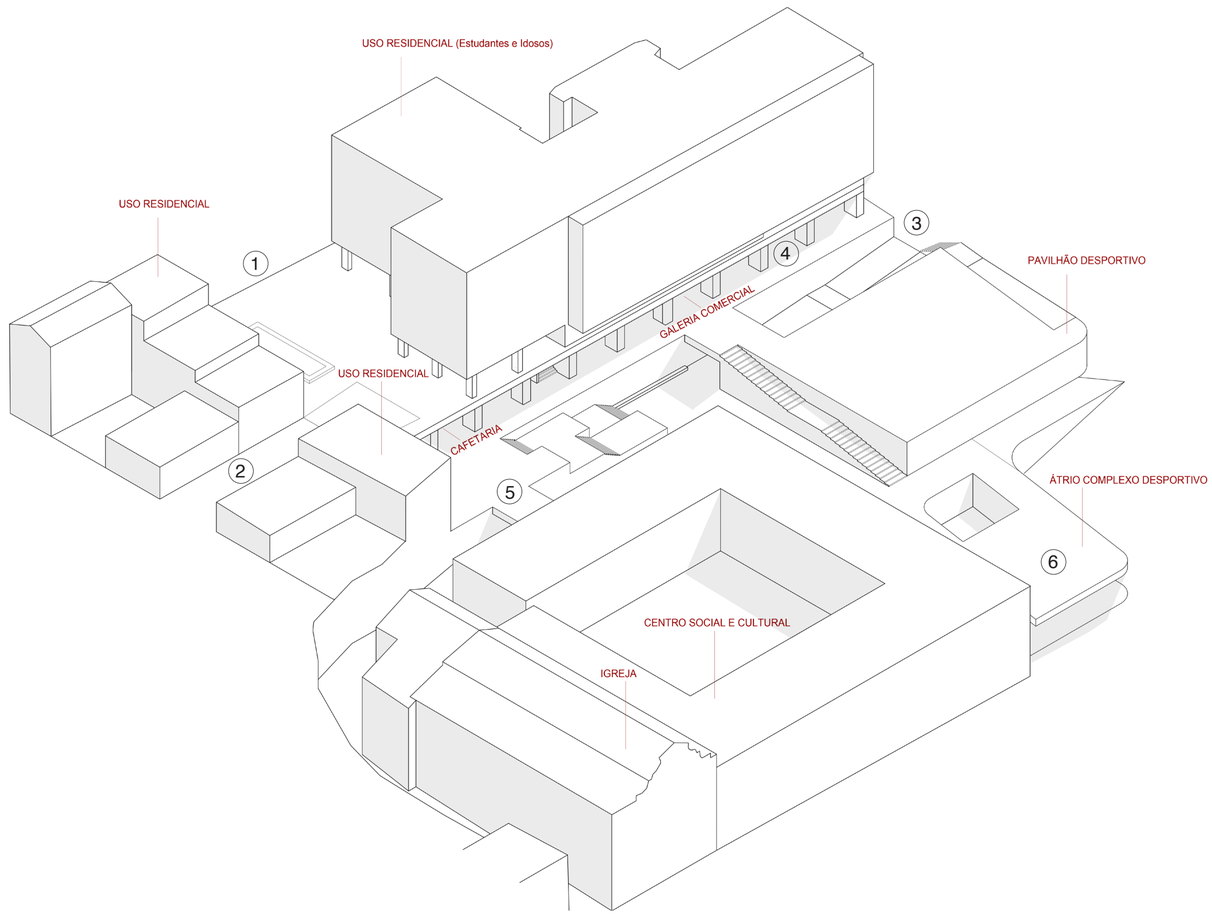
Piso 1 | cota 46.15

- Transformação do pátio numa âncora social e comunitária (local de encontro, de passagem e estadia).
- Os novos Átrios propostos proporcionam a ligação direta do espaço exterior público ao pátio a partir de Nascente, Norte e Sul. Estes Átrios, como dispositivos de transição, exploram a articulação de cotas, a partir de comunicações verticais, proporcionando relações visuais entre os vários níveis e o exterior (incluindo ligação visual com a Araucária centenária).

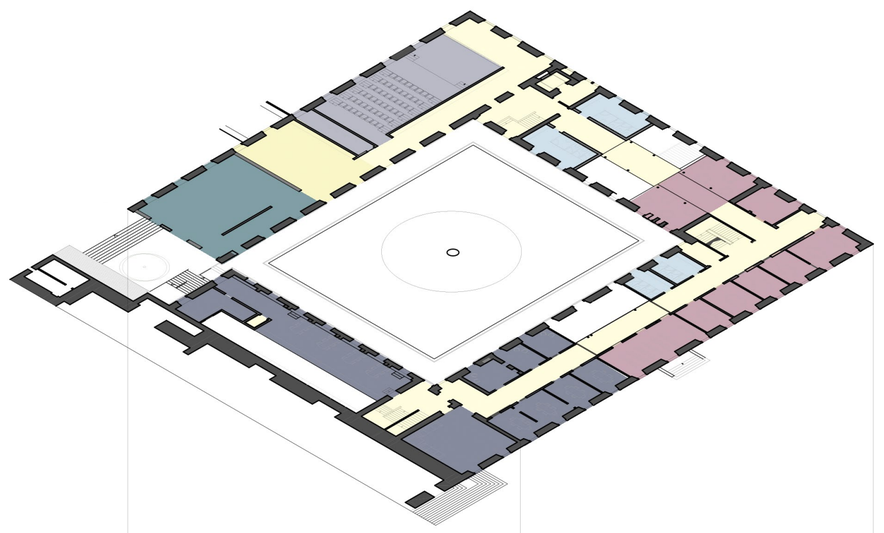
ATRAIR PESSOAS, FOMENTAR A ESTADIA

Piso 0 | cota 42.85

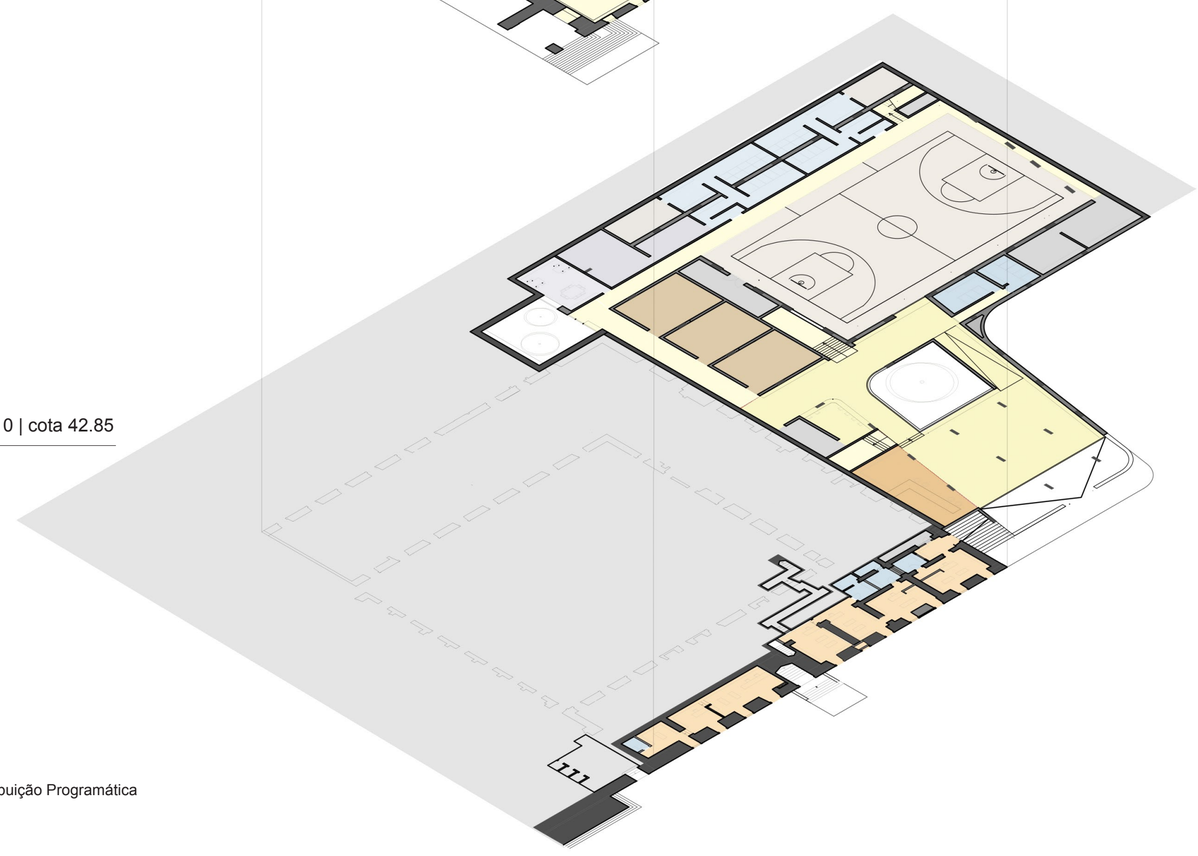
- O Largo da Boa-Hora torna-se atrativo não só através dos novos usos propostos (para o Convento e edifício adjacente) mas também através da criação de um Átrio (exterior e interior) que acolhe e permite a permanência.
- A construção de estacionamento enterrado permite libertar o Largo da Boa-Hora da ocupação automóvel, tornando-o mais aprazível.











Distribuição Programática

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA
UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

PROPOSTA PROGRAMÁTICA
Esquema Axonométrico da Proposta Programática
Distribuição Programática

COMPARTIMENTAÇÃO

Piso 0
Ala Sul

S.0,1	I.S. 1
S.0,2	Loja A
S.0,3	Loja B
S.0,4	Loja C
S.0,5	Loja D
S.0,6	Vestiário - Loja D
S.0,7	I.S. - 2
S.0,8	Loja E
S.0,9	Vestiário - Loja E
S.0,10	I.S. - 3
S.0,11	Arrumos
S.0,12	I.S. - 4
S.0,13	Loja F - a
S.0,14	Loja F - b

Pavilhão Desportivo

Pv, 0, 1	Sala Reuniões
Pv, 0, 2	Enfermaria
Pv, 0, 3	Sala de Equipa 1
Pv, 0, 4	Gabinete Médico
Pv, 0, 5	Balneário 1
Pv, 0, 6	Balneário 2
Pv, 0, 7	Sala de Equipa 2
Pv, 0, 8	Arrumos
Pv, 0, 9	Pátio 1
Pv, 0, 10	Zona de Circulação
Pv, 0, 11	Ginásio 3
Pv, 0, 12	Ginásio 2
Pv, 0, 13	Ginásio 1
Pv, 0, 14	Arrumos
Pv, 0, 15	Campo Desportivo
Pv, 0, 16	Zona de Circulação
Pv, 0, 17	Corredor de Serviço
Pv, 0, 18	I.S. Masc.
Pv, 0, 19	I.S. Fem.
Pv, 0, 20	Arrumos
Pv, 0, 21	Arrumos
Pv, 0, 22	Recepção
Pv, 0, 23	Balcão de Recepção
Pv, 0, 24	Pátio 2
Pv, 0, 25	Bar
Pv, 0, 26	Átrio Interior
Pv, 0, 27	Átrio Exterior

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

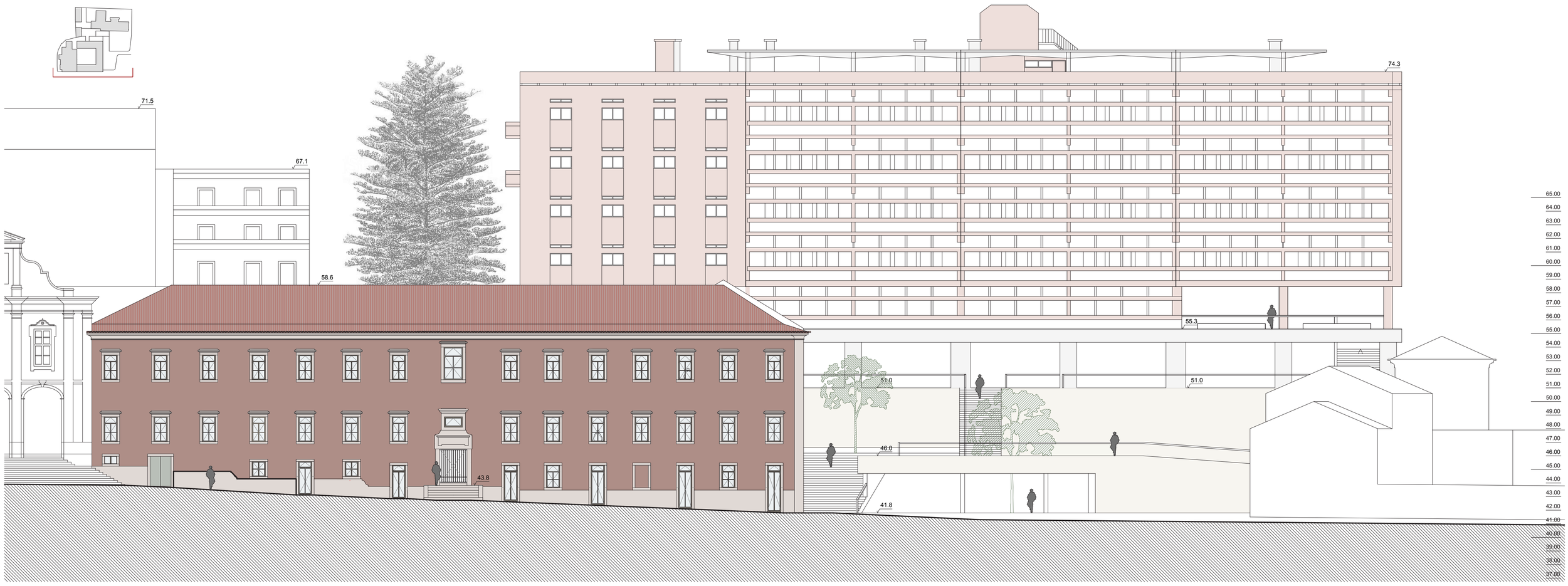
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

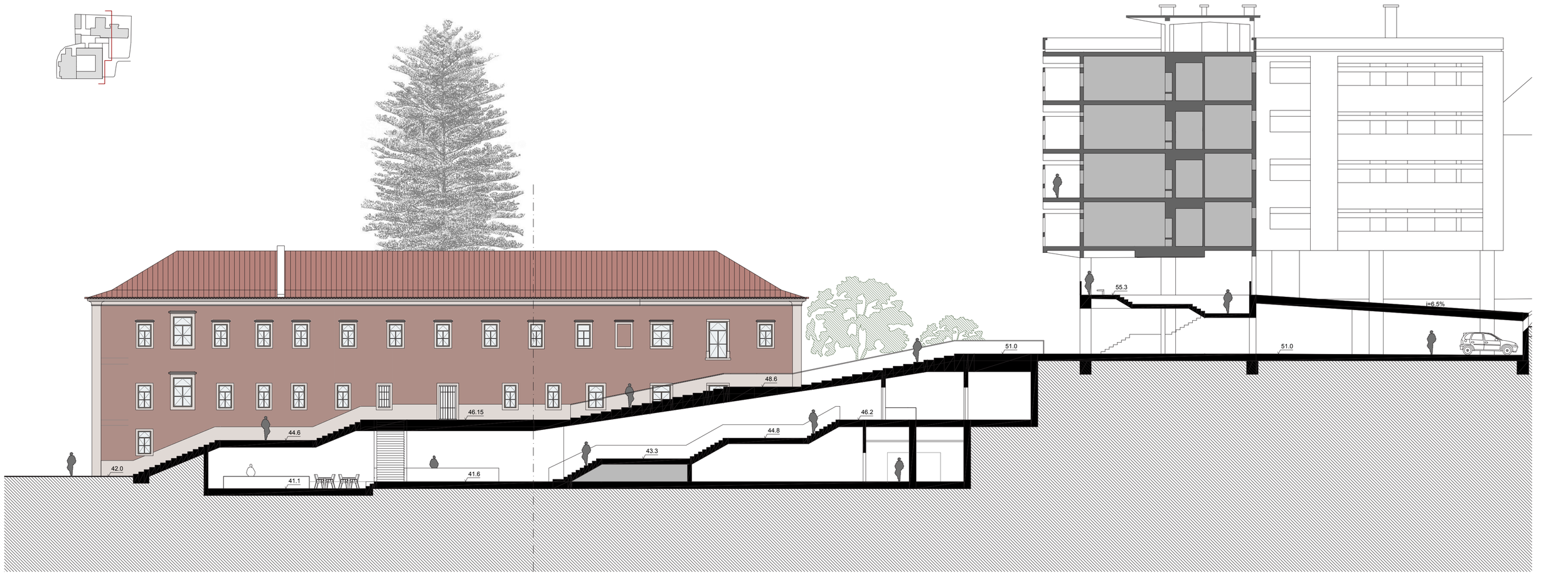
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

PLANTA PISO 0 | COTA 42.85 | 1:200



CORTE A



CORTE E

Comunicação Vertical - Ligação entre cotas 42.00 e 51.00

Recepção do Pavilhão Desportivo

Acesso Pav. Desp.

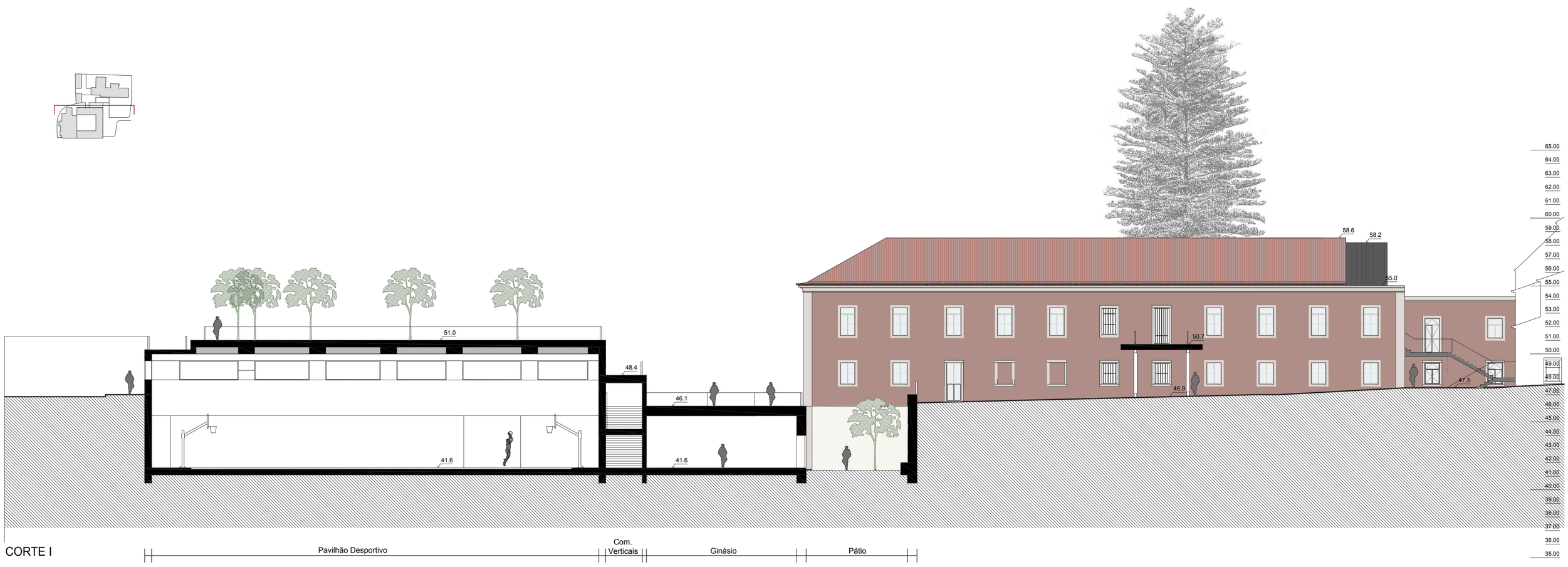
Acesso Piso 1

Bar

Recepção

Arrumos

Salas de Apoio



CORTE I

Pavilhão Desportivo

Com. Verticais

Ginásio

Pátio

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

CORTES-ALÇADOS 1:200
Corte A I Corte E I Corte I

06

COMPARTIMENTAÇÃO

Piso 1

Ala Oeste

O,1,1	Espaço de Leitura
O,1,2	I.S. Fem.
O,1,3	I.S. Masc.
O,1,4	Zona de Circulação - Acesso Elevador
O,1,5	Biblioteca
O,1,6	Zona de Circulação
O,1,7	Zona de Circulação
O,1,8	Átrio Oeste

Ala Sul

S,1,1	Sala de Estudo - Individual ou grupo
S,1,2	Sala de Estudo - Individual ou grupo
S,1,3	Sala de Estudo - Individual ou grupo
S,1,4	Sala de Estudo - Individual ou grupo
S,1,5	I.S.
S,1,6	I.S.
S,1,7	I.S. Mob. Red.
S,1,8	Arrumos
S,1,9	Zona de Circulação
S,1,10	Sala Associações Locais
S,1,11	Zona de Circulação
S,1,12	Átrio Sul
S,1,13	Zona de Circulação
S,1,14	Sala de Estudo Coletivo
S,1,15	Sala de Estudo Coletivo
S,1,16	Sala de Estudo Coletivo
S,1,17	Sala de Estudo Coletivo
S,1,18	Sala de Estudo Coletivo
S,1,19	Sala Associações Locais
S,1,20	Sala Associações Locais
S,1,21	Sala Associações Locais
S,1,22	Sala Associações Locais
S,1,23	Sala Associações Locais

Ala Este

E,1,1	Bengaleiro Auditório
E,1,2	Sala Cafetaria
E,1,3	Sala Associações Locais
E,1,4	Corredor de Circulação
E,1,5	Átrio Este
E,1,6	Corredor de Circulação
E,1,7	Copa Cafetaria
E,1,8	Serviço Cafetaria
E,1,9	Recepção
E,1,10	Sala Associações Locais

Ala Norte

N,1,1	Oficinas
N,1,2	Arrumos
N,1,3	Átrio Norte
N,1,4	I.S.
N,1,5	I.S. Mob. Red.
N,1,6	I.S.
N,1,7	Plateia Auditório
N,1,8	Palco
N,1,9	Backstage
N,1,10	Corredor de Circulação
N,1,11	Átrio Norte
N,1,12	Corredor de Circulação

Pavilhão Desportivo

Pv,1,1	Átrio de Entrada Norte
Pv,1,2	Recepção
Pv,1,3	Zona de Circulação
Pv,1,4	Bancadas
Pv,1,5	Galeria

Tv Moinho Velho

Rua do Machado

Largo da Boa-Hora à Ajuda

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

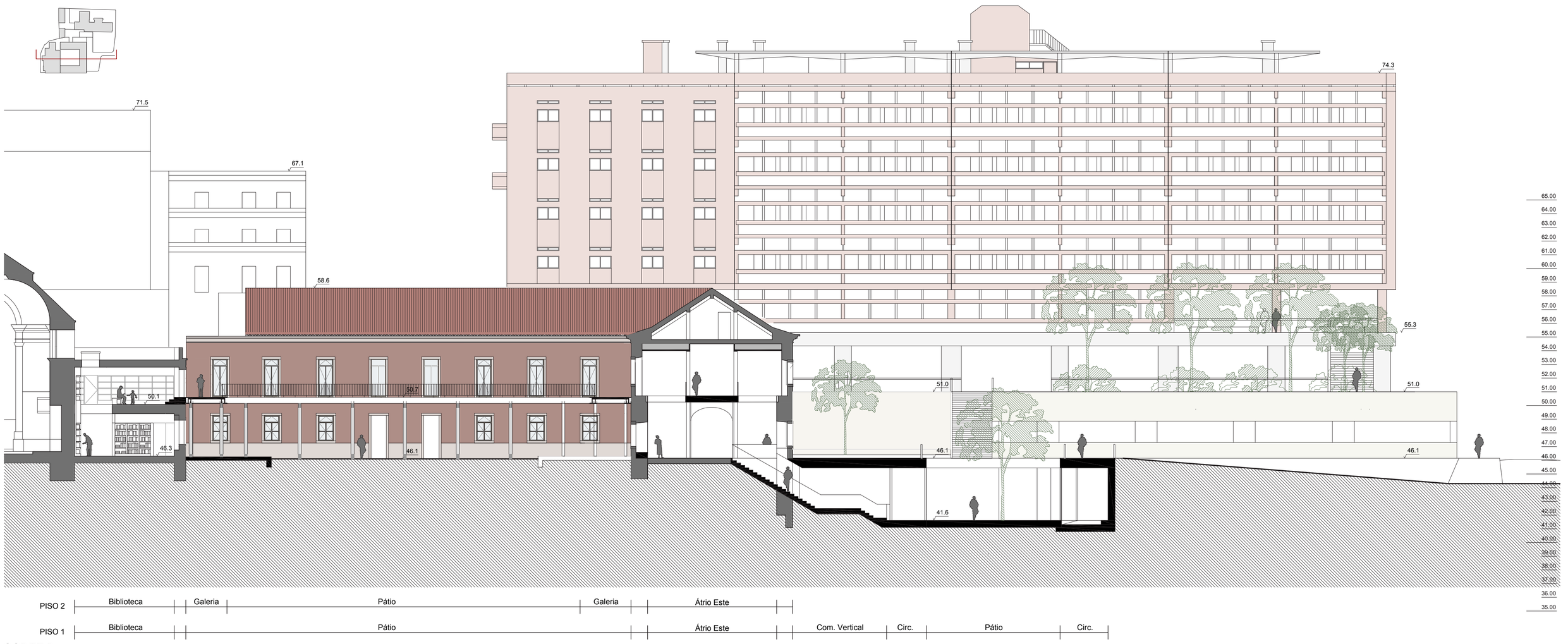
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

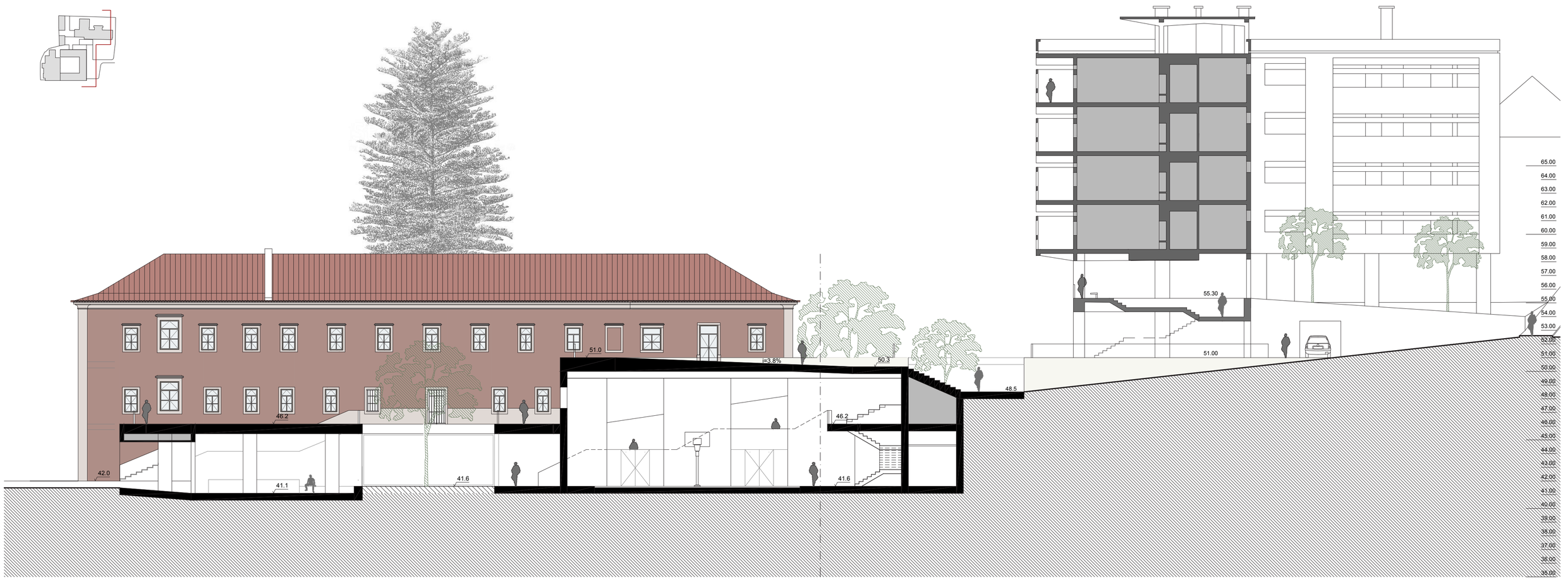
PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

PLANTA PISO 1 | COTA 46.15 | 1:200



PISO 2	Biblioteca	Galeria	Pátio	Galeria	Átrio Este				
PISO 1	Biblioteca	Pátio			Átrio Este	Com. Vertical	Circ.	Pátio	Circ.

CORTE B



Átrio Ext.	Bar	Pátio Exterior	Zona Circulação	Pavilhão Desportivo		Acesso a Galeria	Sala de Apoio

CORTE F



PISO 2	Esp. Trabalho	Corredor	Esp. Trabalho	Galeria			Galeria	Biblioteca
PISO 1	Cafetaria	Corredor	Cafetaria	Pátio				Biblioteca

CORTE J

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

CORTES-ALÇADOS 1:200
Corte B I Corte F I Corte J

COMPARTIMENTAÇÃO

Piso 2

Ala Oeste

O,2,1	Depósito de Livros
O,2,2	Espaço de Biblioteca
O,2,3	Átrio de Chegada
O,2,4	Espaço de Leitura

Ala Sul

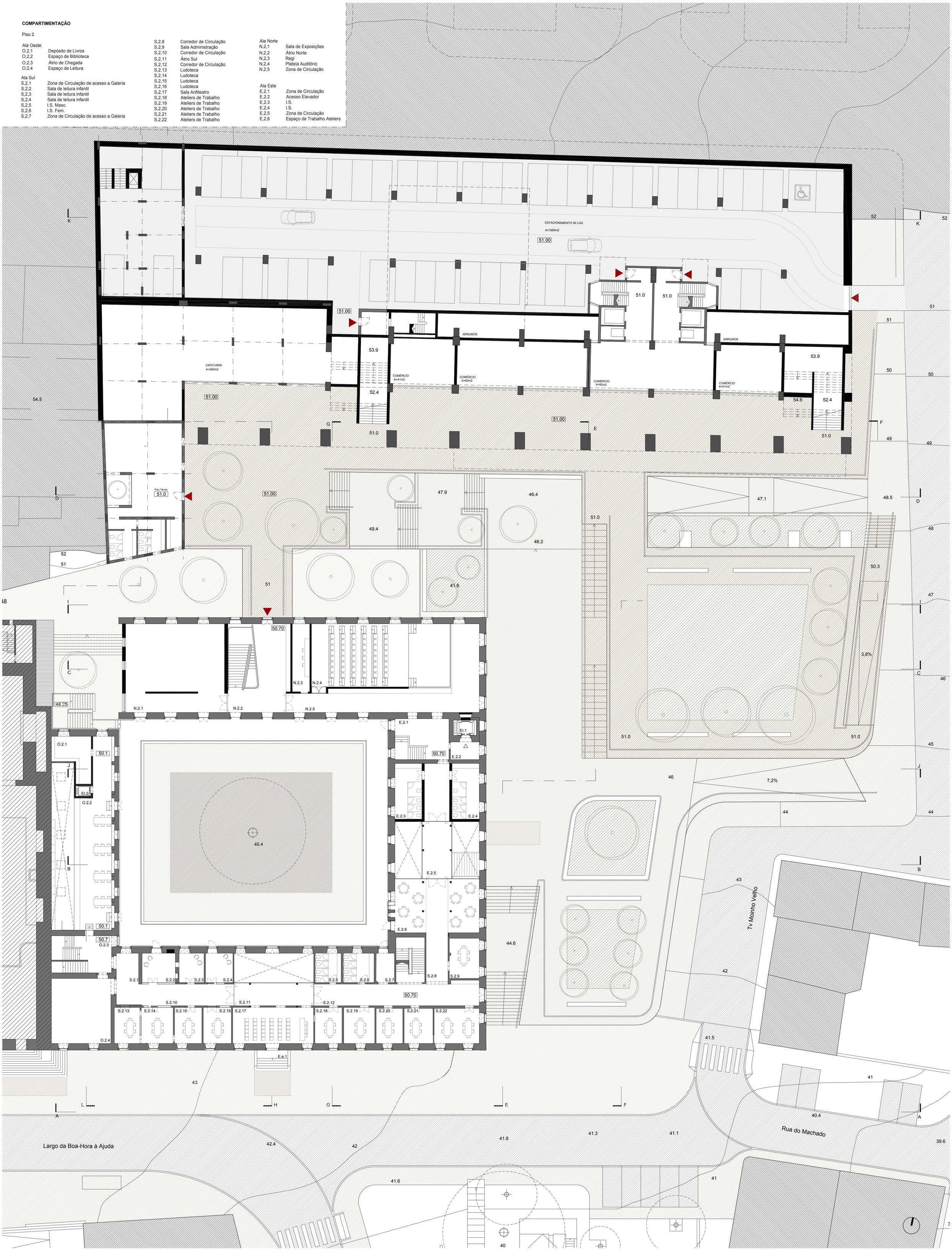
S,2,1	Zona de Circulação de acesso a Galeria
S,2,2	Sala de leitura infantil
S,2,3	Sala de leitura infantil
S,2,4	Sala de leitura infantil
S,2,5	I.S. Masc.
S,2,6	I.S. Fem.
S,2,7	Zona de Circulação de acesso a Galeria
S,2,8	Corredor de Circulação
S,2,9	Sala Administração
S,2,10	Corredor de Circulação
S,2,11	Átrio Sul
S,2,12	Corredor de Circulação
S,2,13	Ludoteca
S,2,14	Ludoteca
S,2,15	Ludoteca
S,2,16	Ludoteca
S,2,17	Sala Anfiteatro
S,2,18	Ateliers de Trabalho
S,2,19	Ateliers de Trabalho
S,2,20	Ateliers de Trabalho
S,2,21	Ateliers de Trabalho
S,2,22	Ateliers de Trabalho

Ala Norte

N,2,1	Sala de Exposições
N,2,2	Átrio Norte
N,2,3	Regi
N,2,4	Plateia Auditório
N,2,5	Zona de Circulação

Ala Este

E,2,1	Zona de Circulação
E,2,2	Acesso Elevador
E,2,3	I.S.
E,2,4	I.S.
E,2,5	Zona de Circulação
E,2,6	Espaço de Trabalho Ateliers



PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

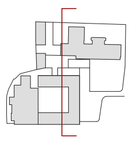
PLANTA PISO 1 I COTA 46.15 I 1:200

09



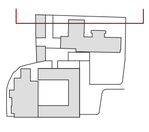
CORTE C

PISO 2	Galeria	Sala de Exposições	Átrio Norte	Plateia	Palco	
PISO 1		Oficinas	Com. Vertical	Palco		
PISO 0	Circ.	Ginásio 2	C. Vertical	Campo Desportivo		



CORTE G

PISO 2	Circulação	Galeria	Pátio	Galeria	I.S.	Circulação	Atelier	
PISO 1	Auditório	Circulação	Pátio	Claustro	I.S.	Circulação	Sala Atividades Assoc.	



CORTE K

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

CORTES-ALÇADOS 1:200
Corte C I Corte G I Corte K

Tv. Nova D. Vasco

Piso 1
54.65

Piso 1 e Térreo
54.65

54.50

Tv Moinho Velho

Rua do Machado

Largo da Boa-Hora à Ajuda

i=6%

i=9.8%

i=8.7%

7,2%

3,8%

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA
UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

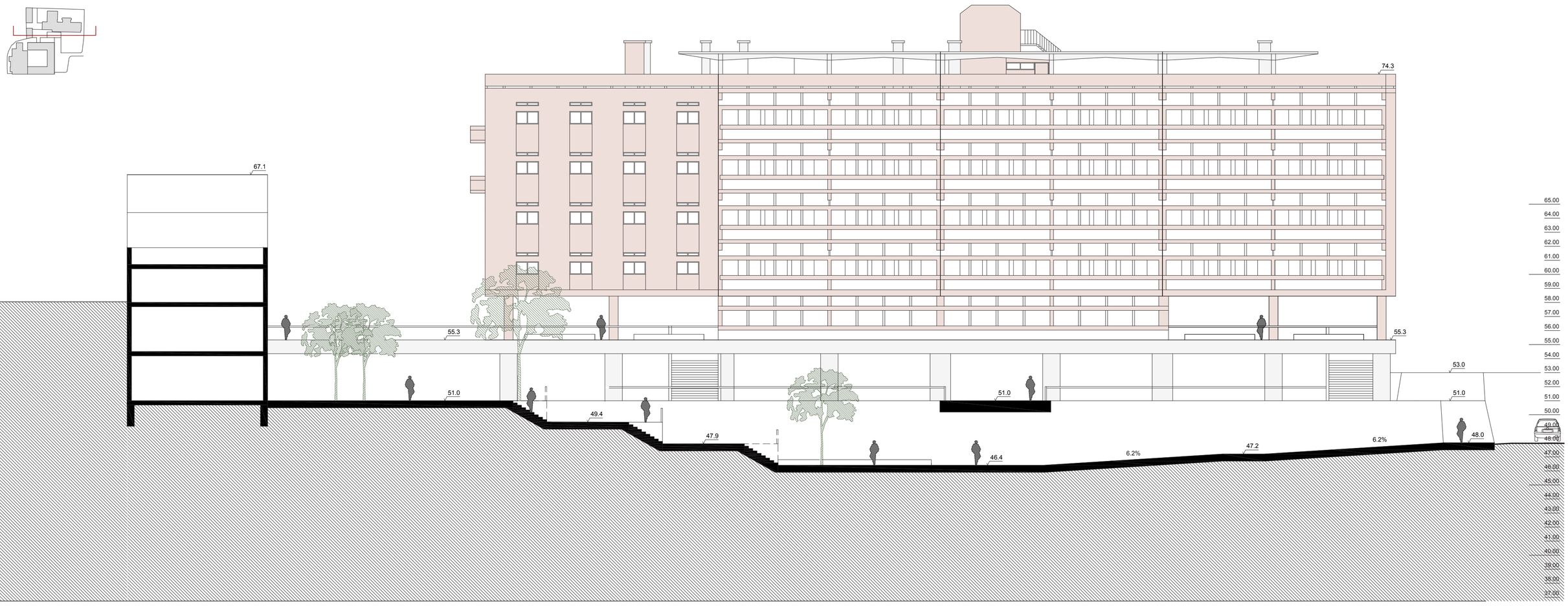
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

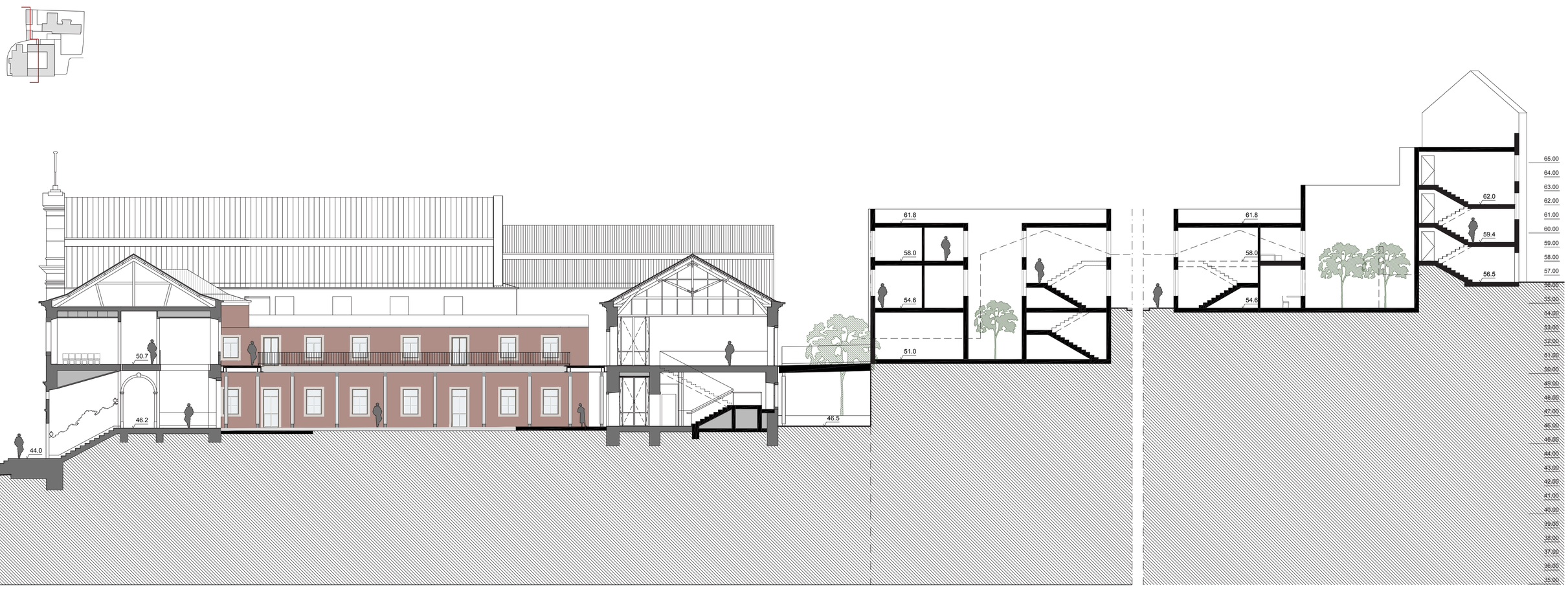
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

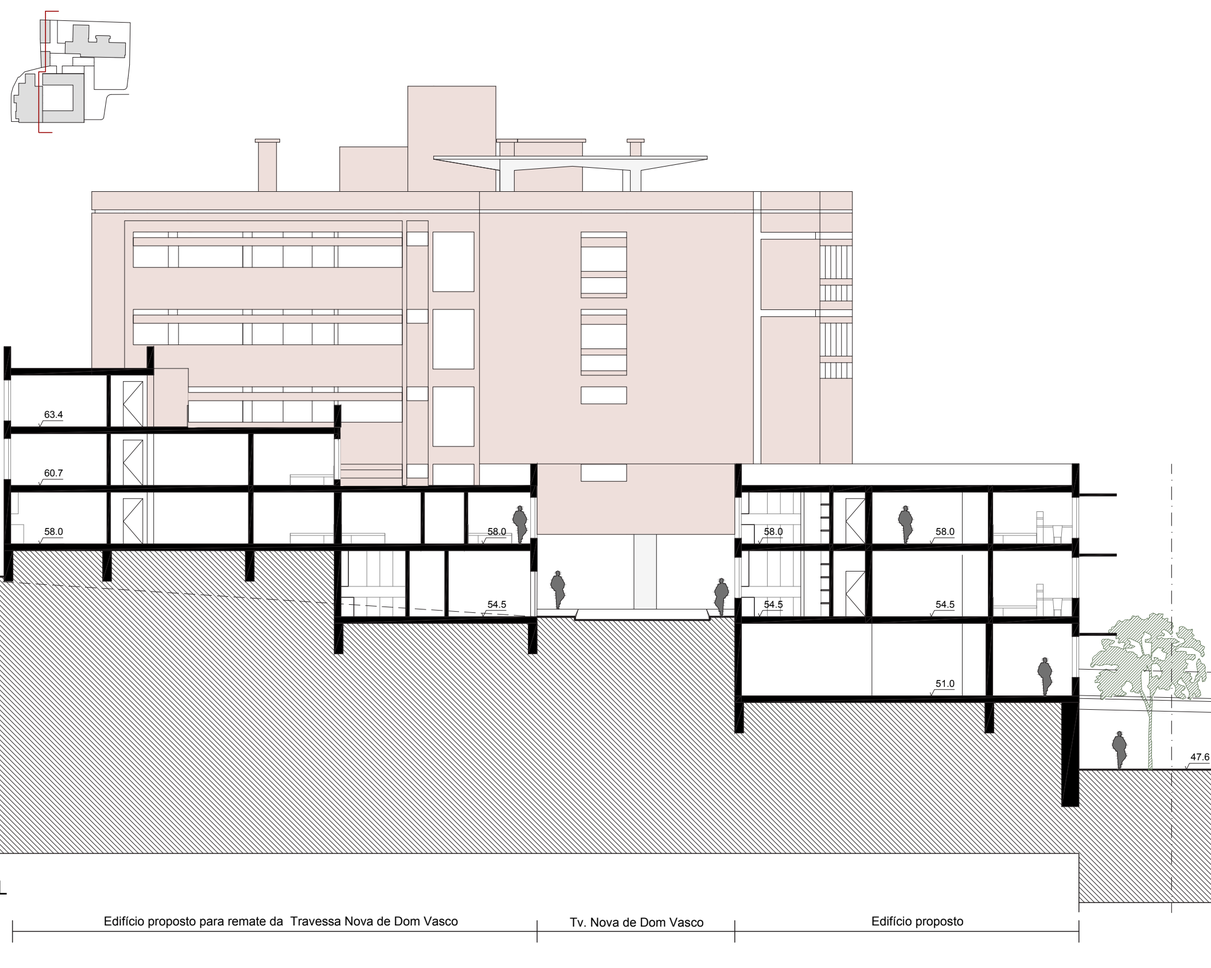
PLANTA I COTA 56.00 I 1:200



CORTE D



CORTE H





CORTE L

Edifício proposto para remate da Travessa Nova de Dom Vasco | Tv. Nova de Dom Vasco | Edifício proposto

PISO 2: Biblioteca | Circ. | Espaço de Leitura

PISO 1: Circ. | Circulação

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

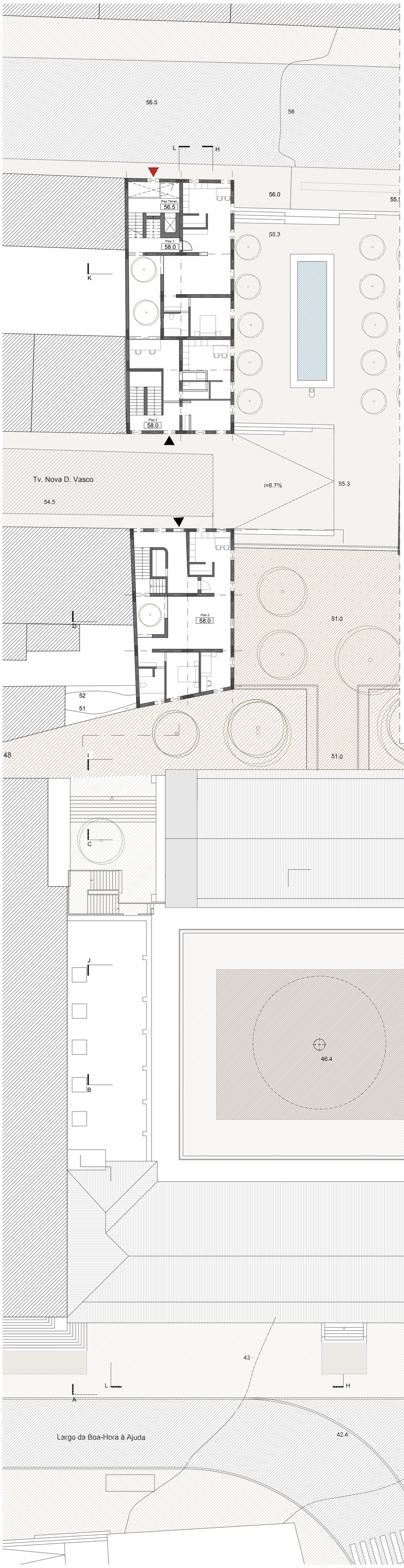
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

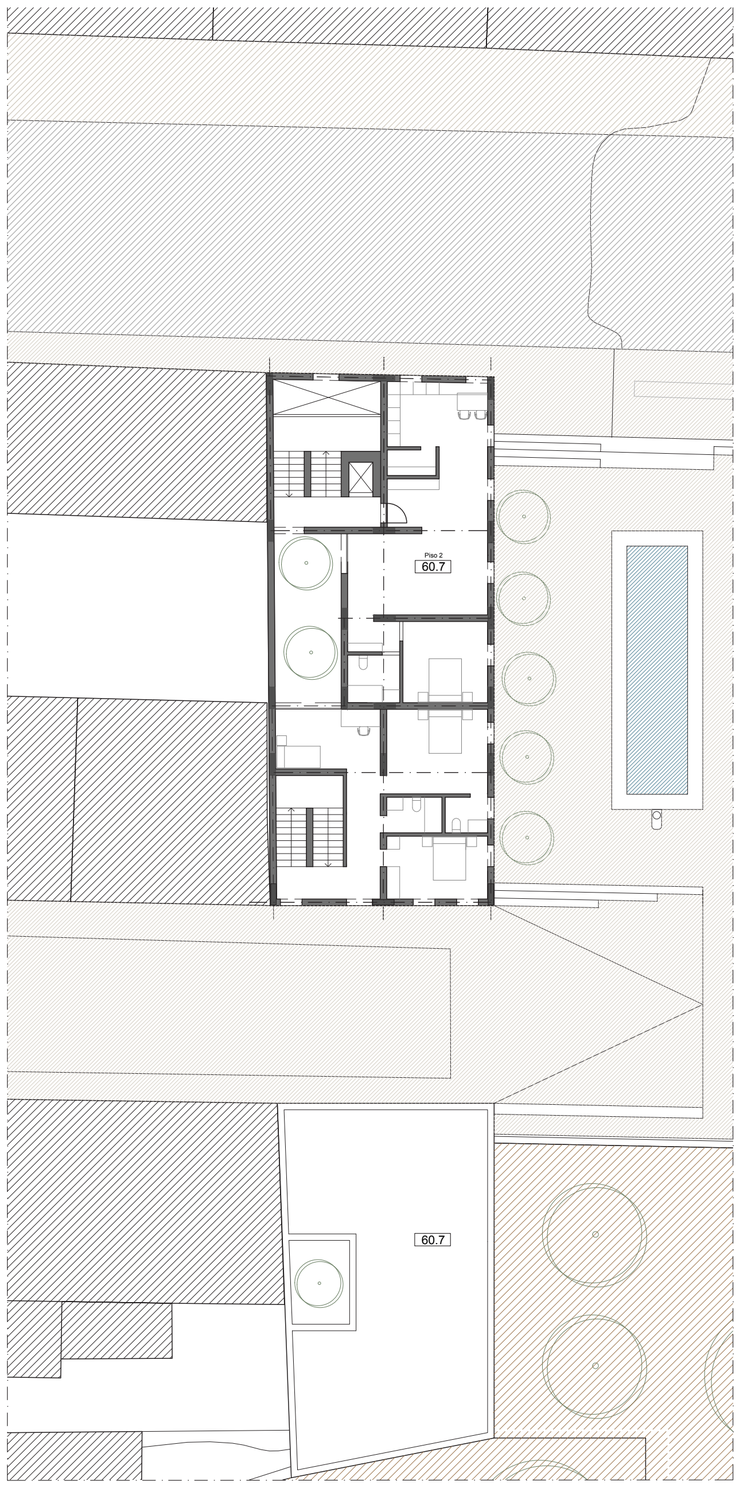
ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

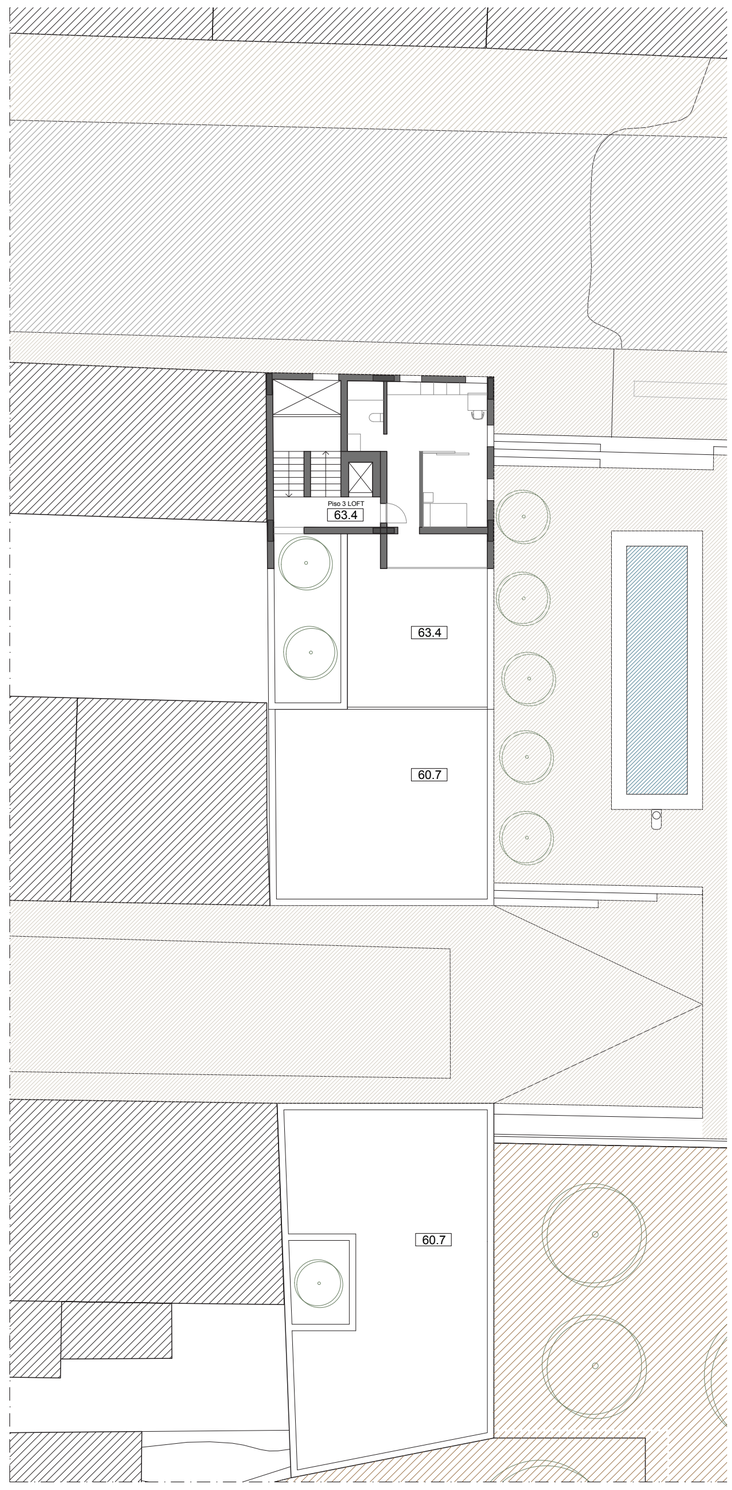
PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

CORTES-ALÇADOS 1:200
Corte D I Corte H I Corte L

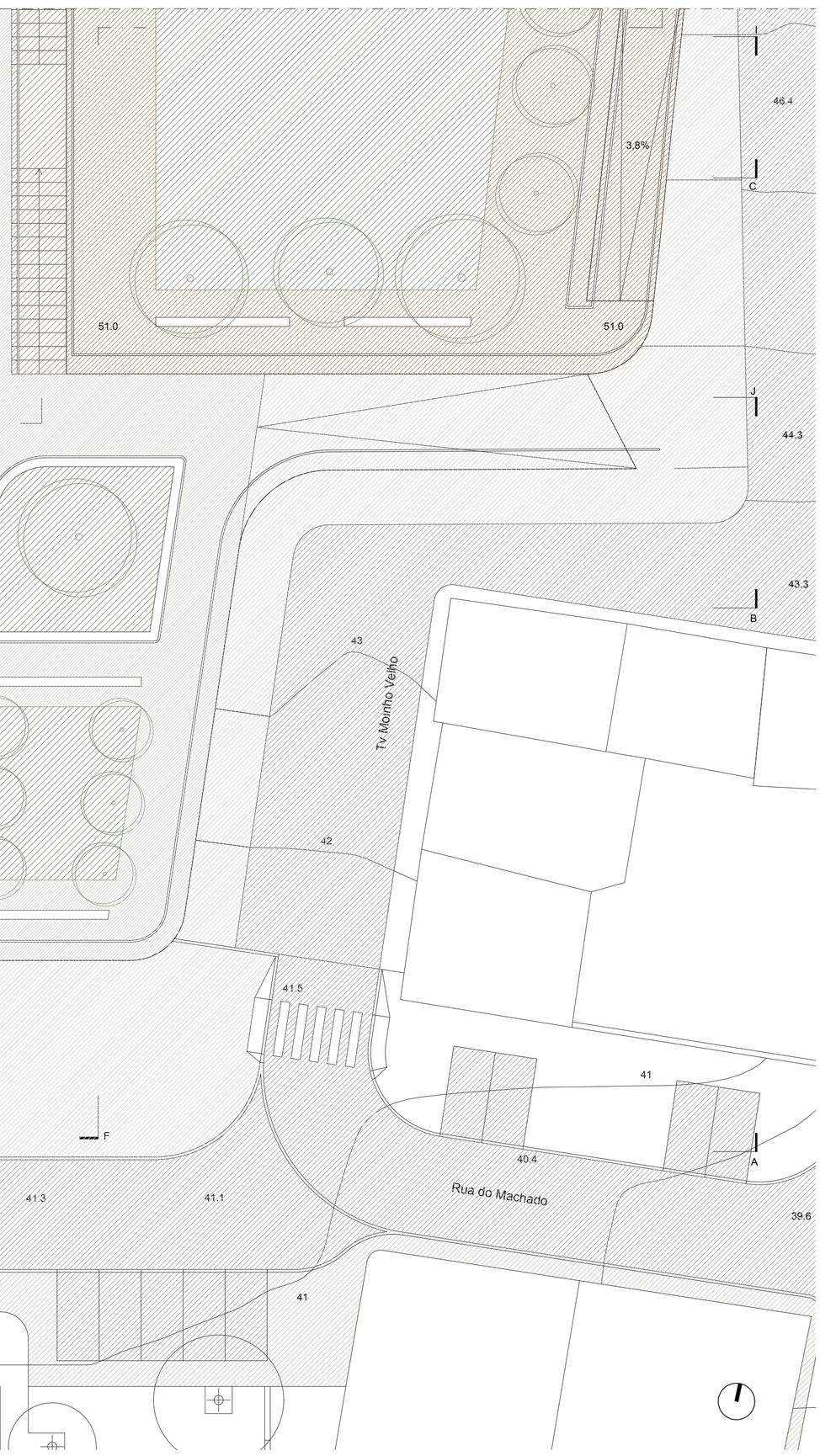




PLANTA PARCIAL COTA 62.00



PLANTA PARCIAL COTA 64.00



PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

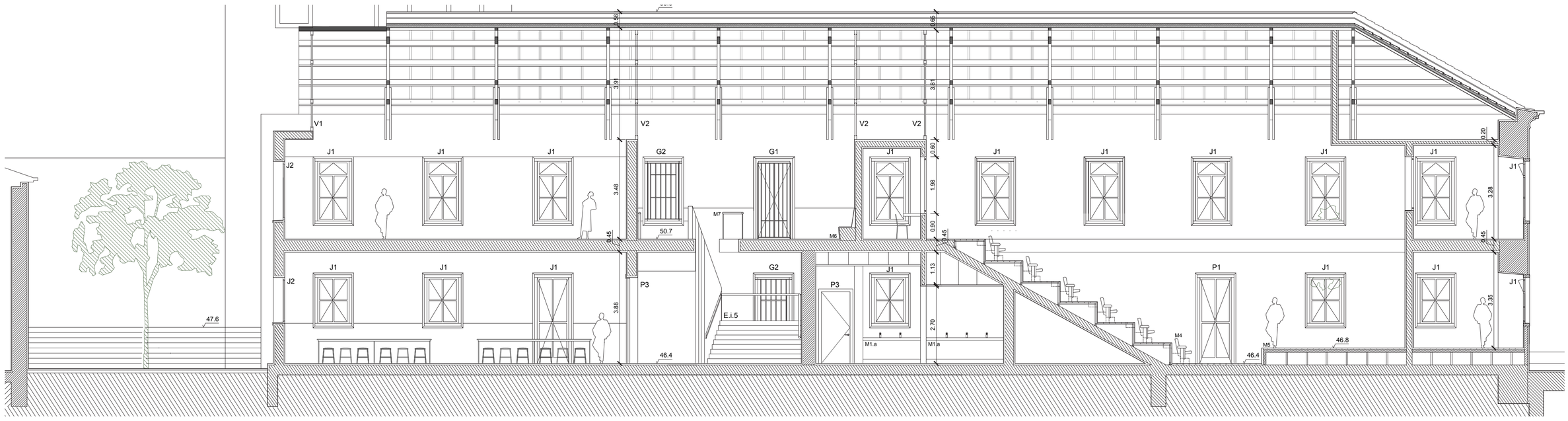
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

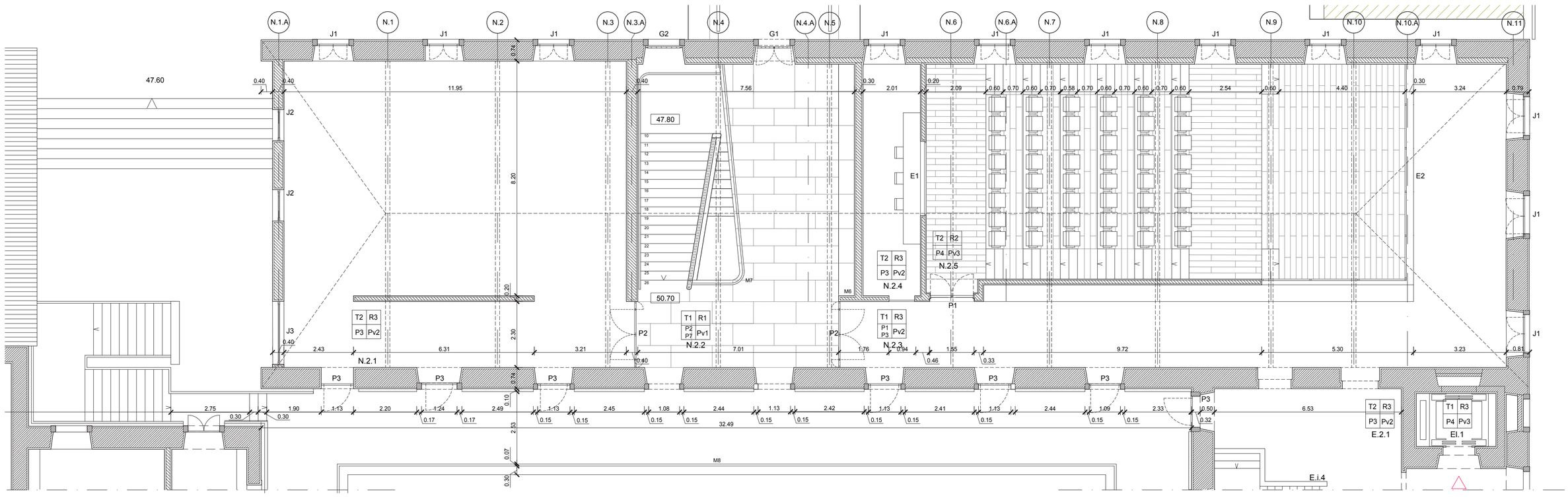
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

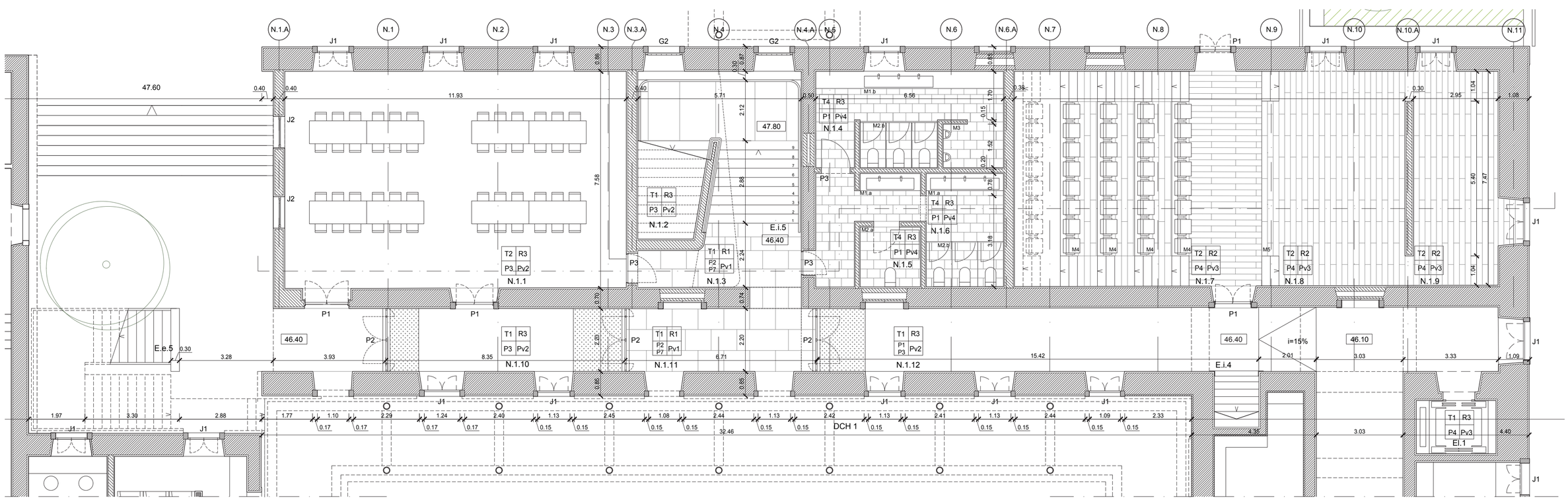
PLANTA DE COBERTURA | COTA 60.00 | 62.00 | 64.00 | 1:200



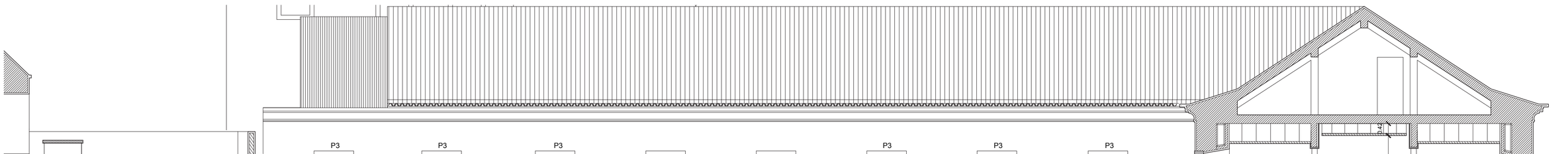
CORTE LONGITUDINAL | ALA NORTE



PLANTA PISO 2 | ALA NORTE



PLANTA PISO 1 | ALA NORTE



NOTA: os vãos sem caixilharia, localizados nos átrios, são assim propostos de forma a garantir a condição exterior destes espaços.

ALÇADO SUL DA ALA NORTE | EM CORTE NAS ALAS OESTE E ESTE

Legenda

Paredes e Lajes Existentes | Alvenaria mista

Paredes e Lajes Propostas | Betão Armado

Teto Rodapé

Parede Pavim.

Acabamentos Interiores

Tecto

T1 Reboco Pintado | cor branco histórico NCS S-0502-Y
T2 Painéis Acústicos Celenite | cor castanho claro NCS S 0500-N
T4 Tecto Falso em Contraplacado de Madeira perfurado |cor castanho claro NCS S 0500-N

Paredes

P1 Ajulejo Artesanal | cor da fachada NCS S 5020-Y70R | 14x14cm
P2 Reboco Pintado | cor da fachada NCS S 5020-Y70R
P3 Reboco Pintado | cor branco histórico NCS S-0502-Y
P4 Tabuado de Madeira de Carvalho
P6 Painéis Acústicos | cor castanho claro NCS S 0500-N

Rodapé

R1 Pedra Lioz
R2 Madeira de Carvalho | tom natural
R3 Mosaico Hidráulico | cor castanho claro NCS S 0500-N

Pavimentos

Pv 1 Pedra Lioz
Pv2 Pavimento Autonivelante | Epoxi | cor castanho claro NCS S 0500-N
Pv 3 Soalho de Madeira de Carvalho | tom natural
Pv4 Mosaico Cerâmico | cor castanho claro NCS S 0500-N

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

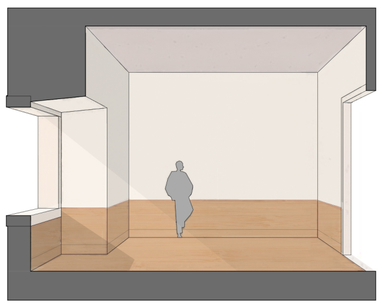
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

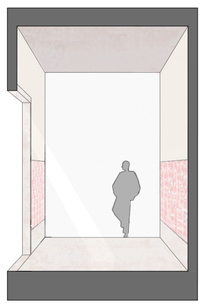
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

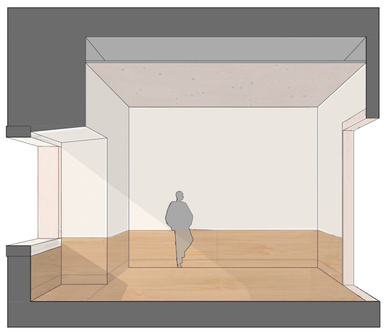
ALA NORTE
Alçado, Corte e Planta Ala Norte



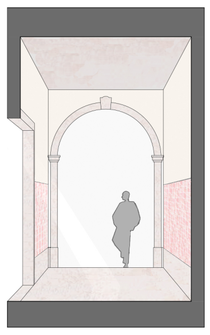
Ala Sul - Piso 2 - Espaço de Trabalho



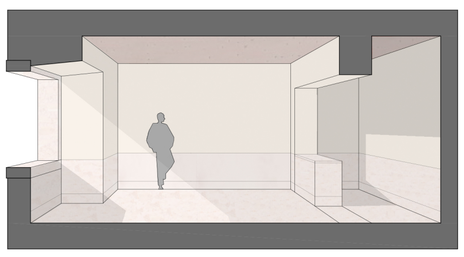
Ala Sul - Piso 2 - Corredor



Ala Sul - Piso 1 - Espaço de Trabalho



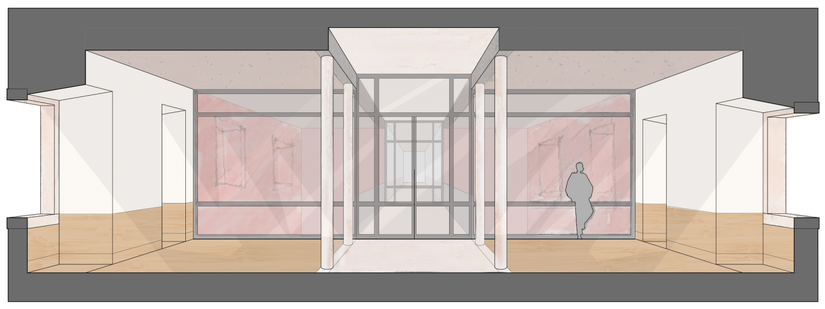
Ala Sul - Piso 1 - Corredor



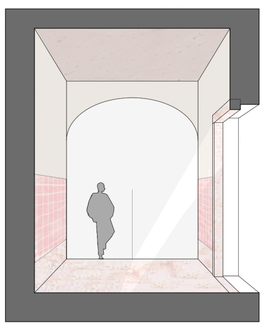
Ala Sul - Piso 0 - Loja



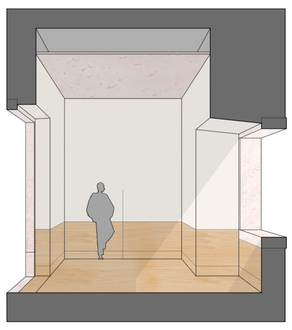
Átrio Sul



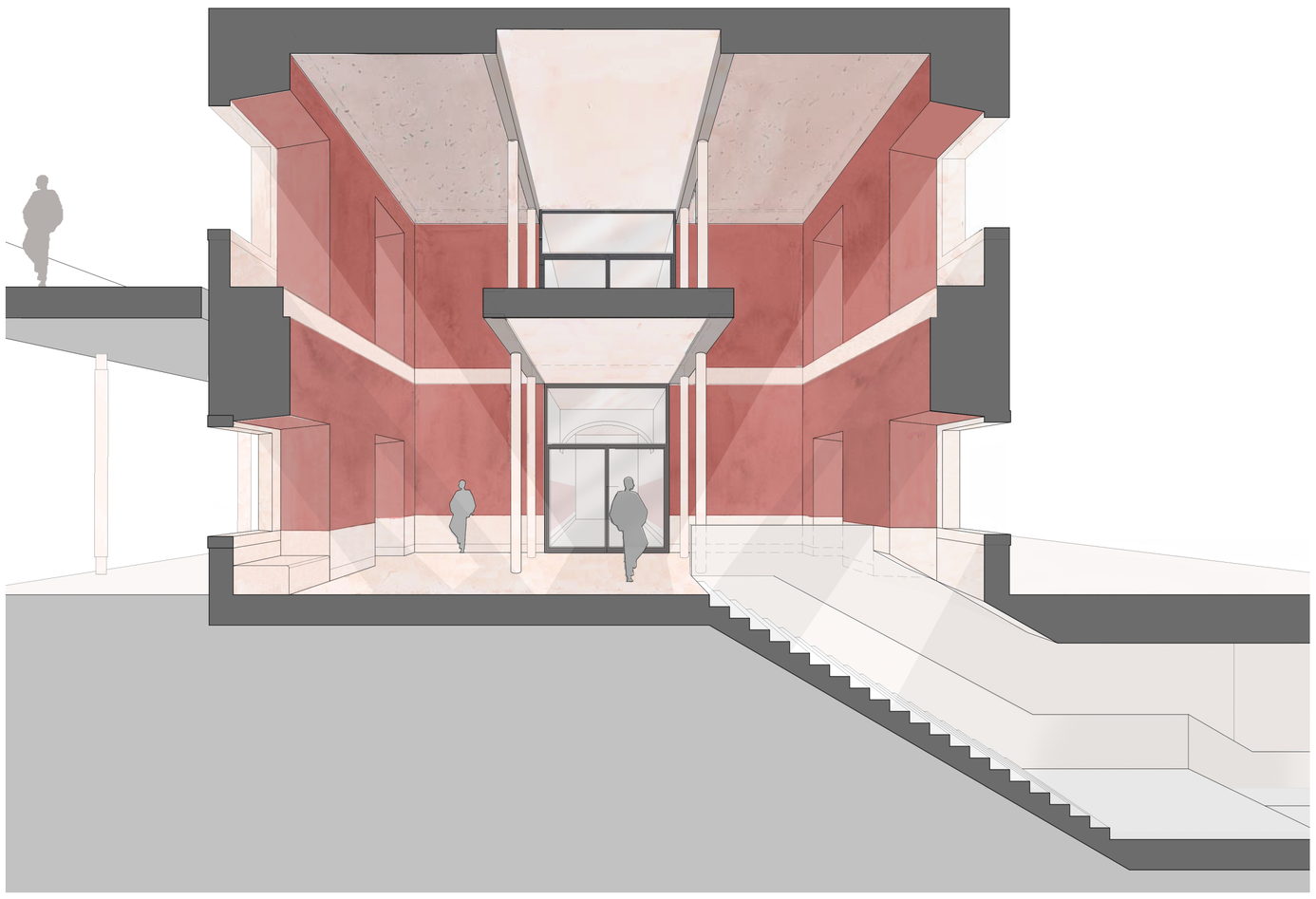
Ala Este - Piso 2 - Zona de Trabalho em “Open Space”



Ala Este - Piso 1 - Corredor



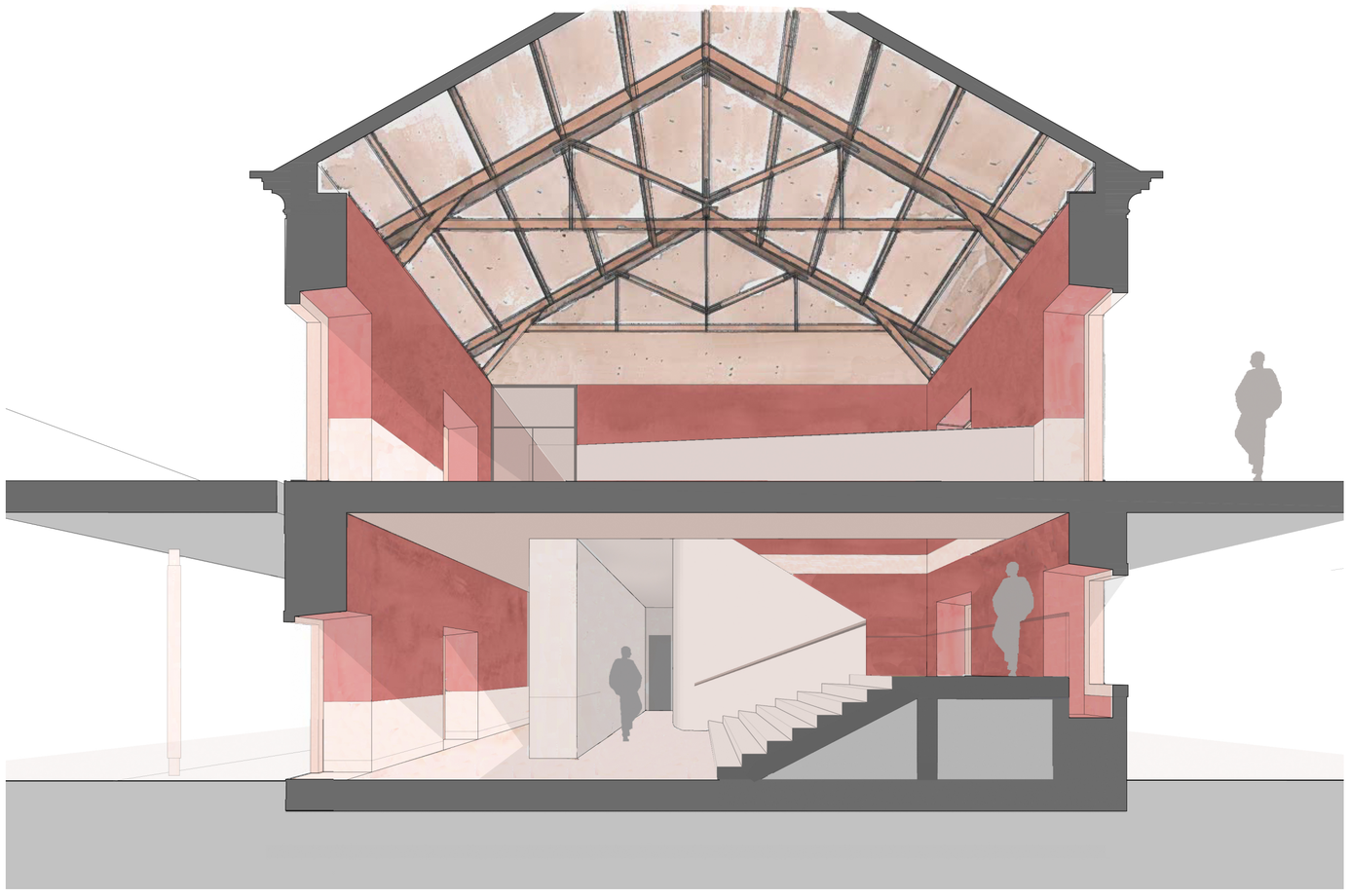
Ala Este - Piso 1 - Espaço para Atividades Associativas



Átrio Este



Ala Norte - Auditório



Átrio Norte

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

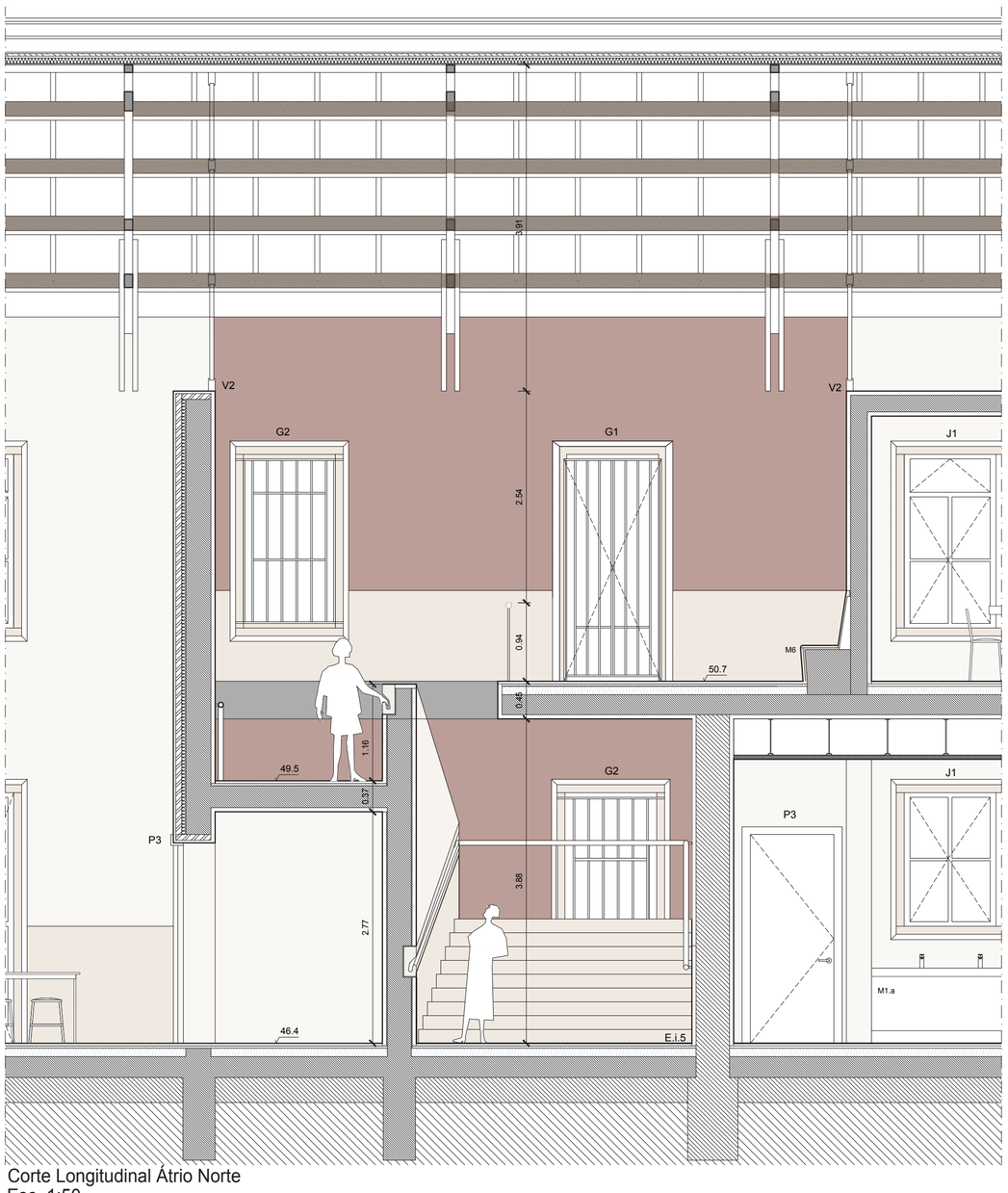
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

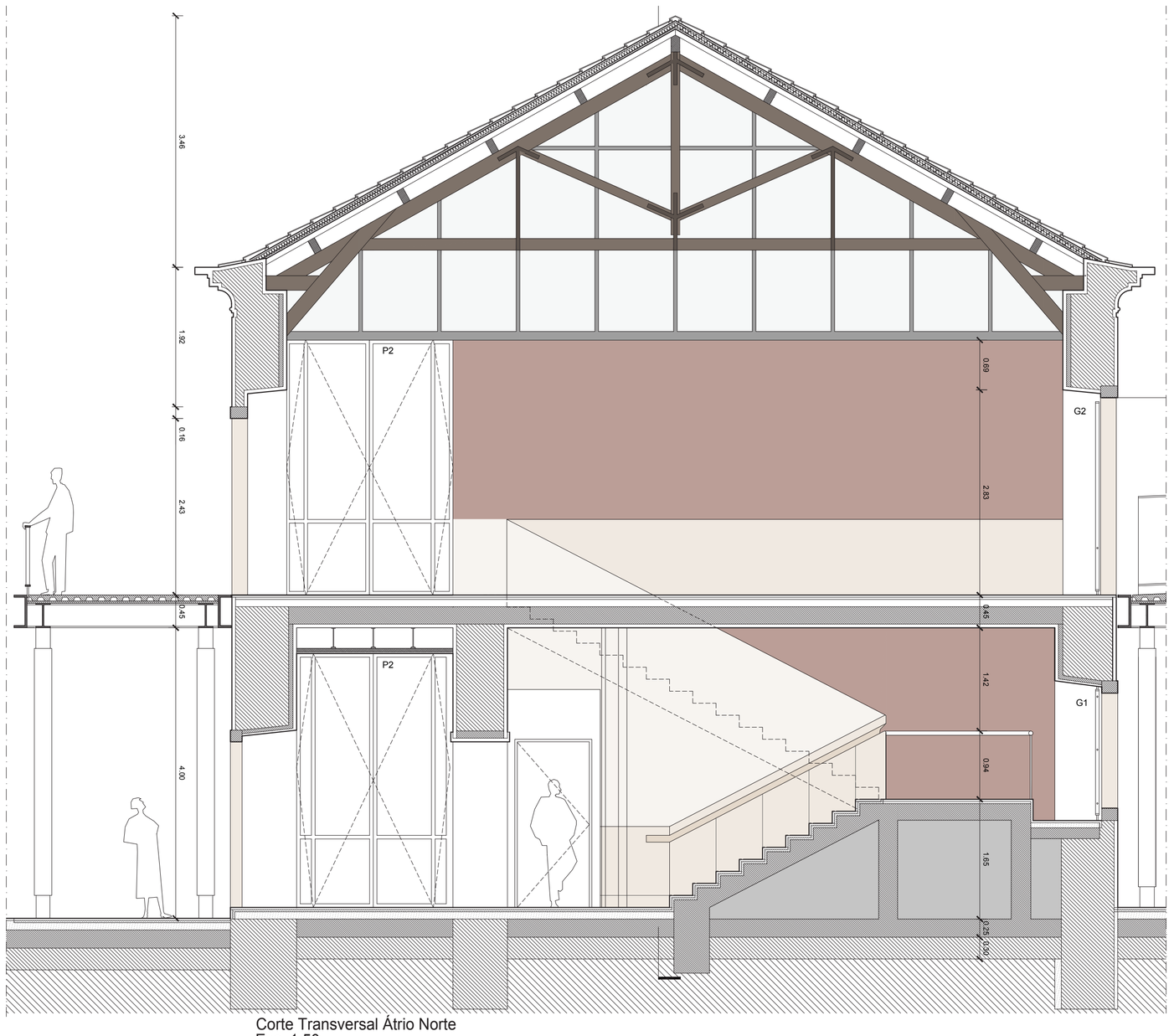
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

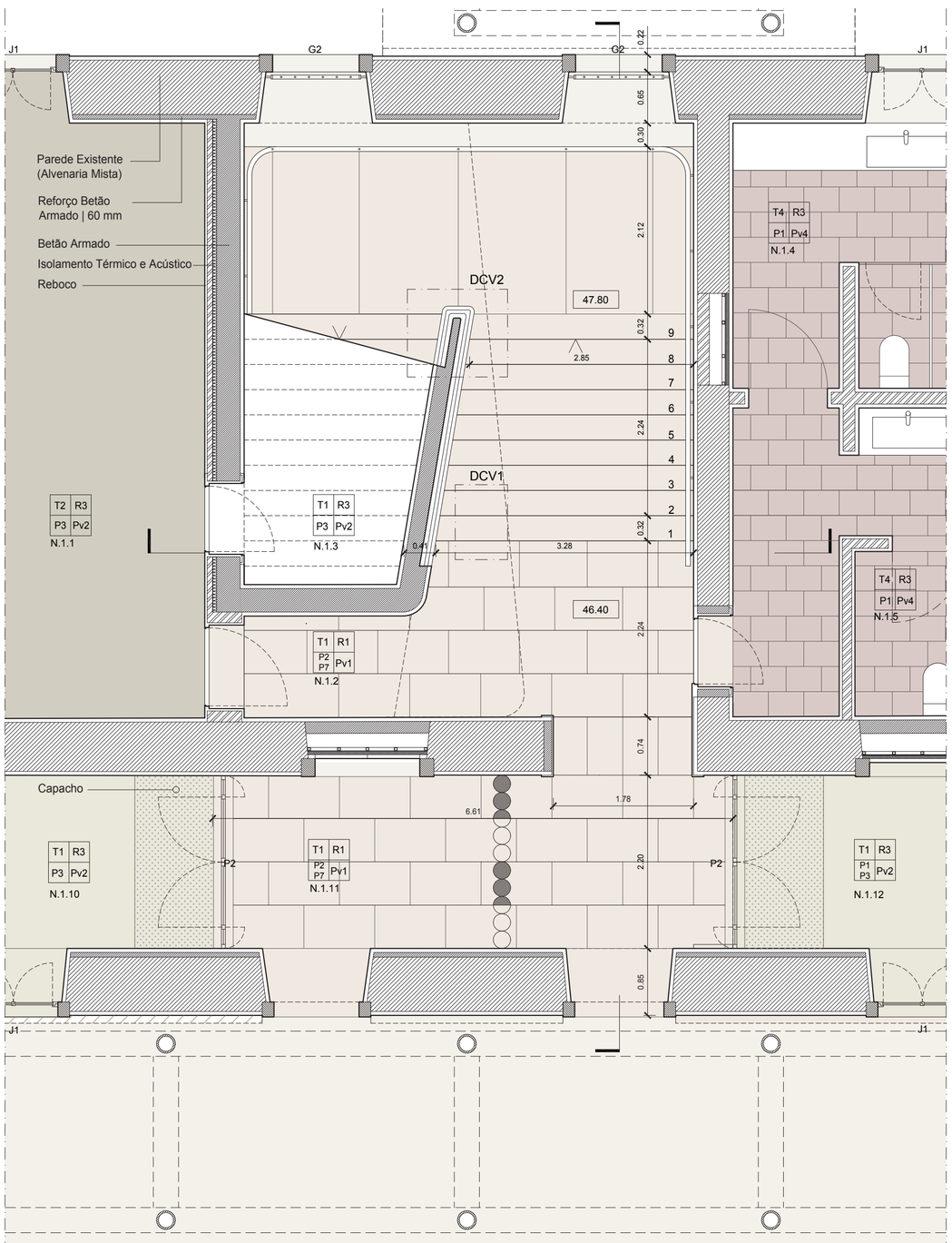
AMBIENTES



Corte Longitudinal Átrio Norte
Esc. 1:50



Corte Transversal Átrio Norte
Esc. 1:50



Acabamentos Interiores

Tecto

T1 Reboco Pintado | cor branco histórico
NCS S-0502-Y
T2 Painéis Acústicos Celenite
tom castanho escuro NCS S 0500-N
T4 Tecto Falso em Contraplacado de Madeira
perfurado | castanho escuro NCS S 0500-N

Paredes

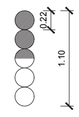
P1 Ajulejo Artesanal | cor da fachada
NCS S 5020-Y70R | 14x14cm
P2 Reboco Pintado | cor da fachada
NCS S 5020-Y70R
P3 Reboco Pintado | cor branco histórico
NCS S-0502-Y
P4 Tabuado de Madeira de Carvalho
P6 Painéis Acústicos | castanho escuro
NCS S 0500-N

Rodapé

R1 Pedra Lioz
R2 Madeira de Carvalho | tom natural
R3 Mosaico Hidráulico | castanho escuro
NCS S 0500-N

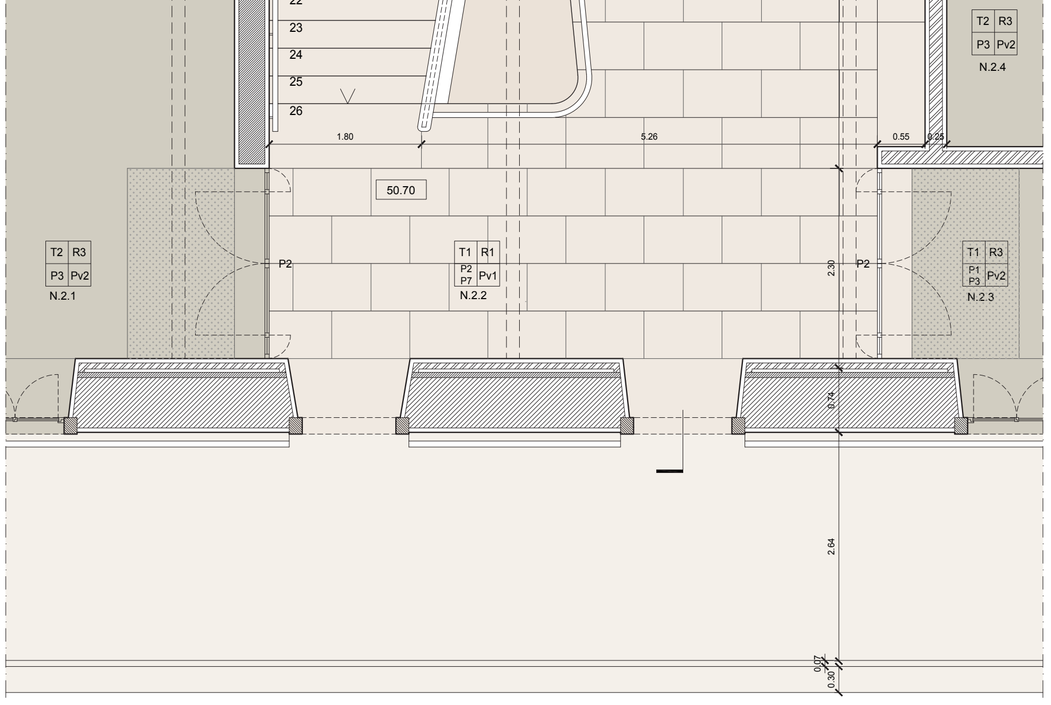
Pavimentos

Pv 1 Pedra Lioz
Pv2 Pavimento Autonivelante | Epoxi | tom
castanho escuro NCS S 0500-N
Pv 3 Soalho de Madeira de Carvalho | tom natural
Pv4 Mosaico Cerâmico | castanho escuro
NCS S 0500-N



1 "palmo de craveira" = 22 centímetros
5 "palmos = 1 vara = 110 centímetros

Estereotomia: 55cm que se traduz em
2.5 "palmos de craveira".

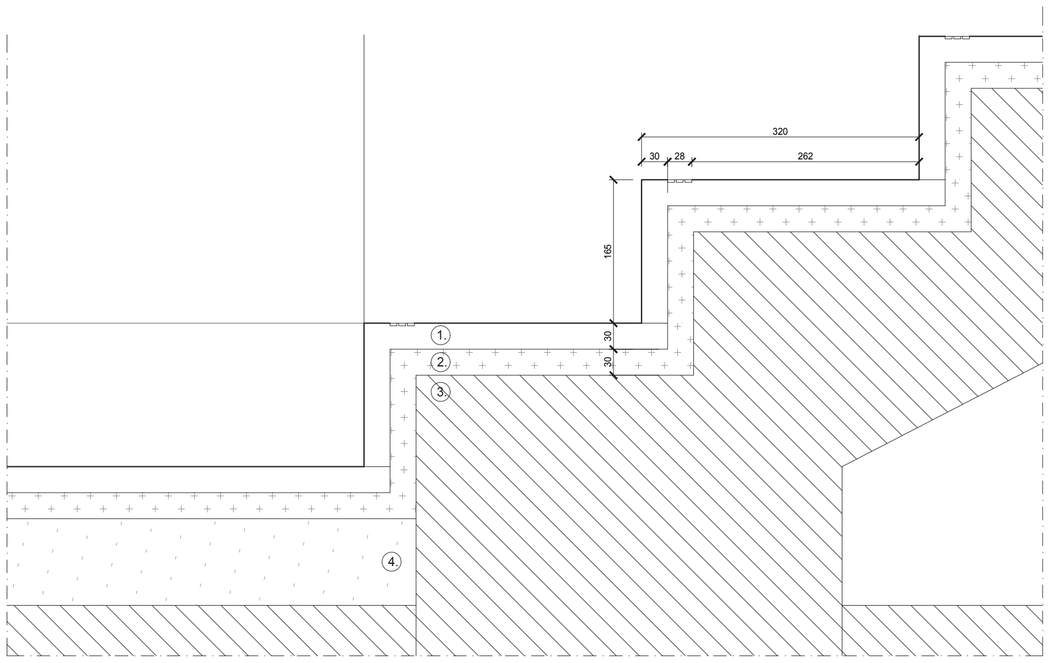


Planta Átrio
Norte | Piso 1

Esc. 1:50

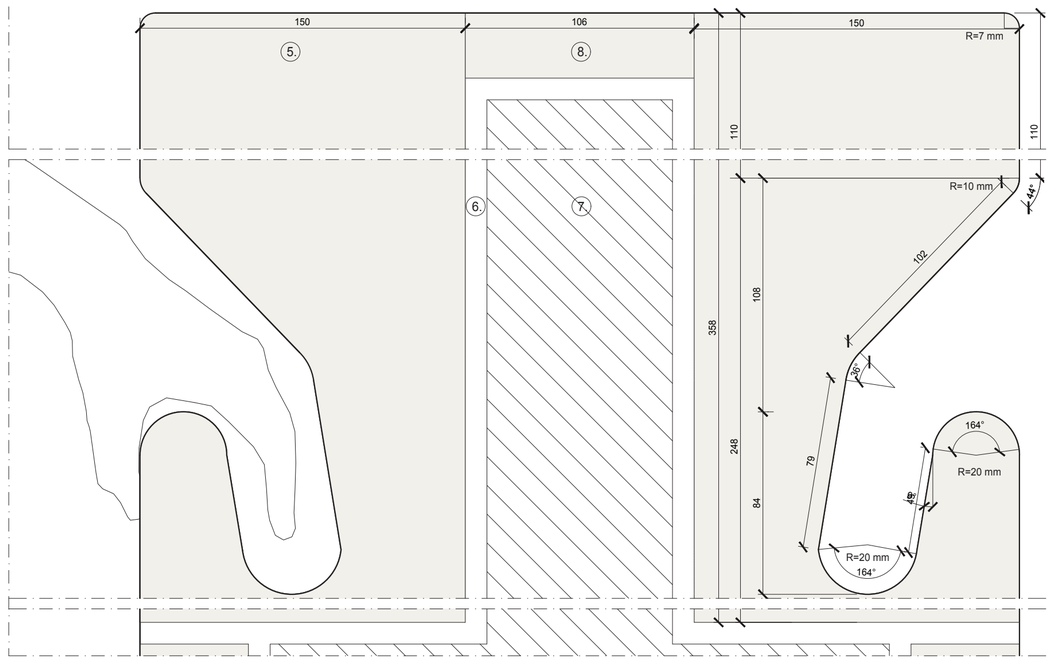
Planta Átrio
Norte | Piso 2

Esc. 1:50



DCV 1
Escada

Esc. 1:5



DCV 2
Corrimão

Esc. 1:2

Legenda:

1. Pedra Lioz | 30mm
2. Argamassa de Assentamento
3. Betão Armado
4. Betonilha | 100mm
5. Peça Pedra Lioz
6. Argamassa de Colagem | 10mm
7. Betão Armado
8. Pedra Lioz | 30mm

DCV = Detalhe Construtivo Vertical

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

ÁTRIO NORTE I ESCADAS
Corte Longitudinal e Transversal, Plantas Átrio Norte
Detalhes Construtivos Escadas



REBOCO PINTADO “BRANCO HISTÓRICO” COR NCS S-0502-Y

AZULEJO 10X10 cm COR “SANGUE DE BOI” NCS S 4030-Y90R

RODAPÉ DE PEDRA LIOZ

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

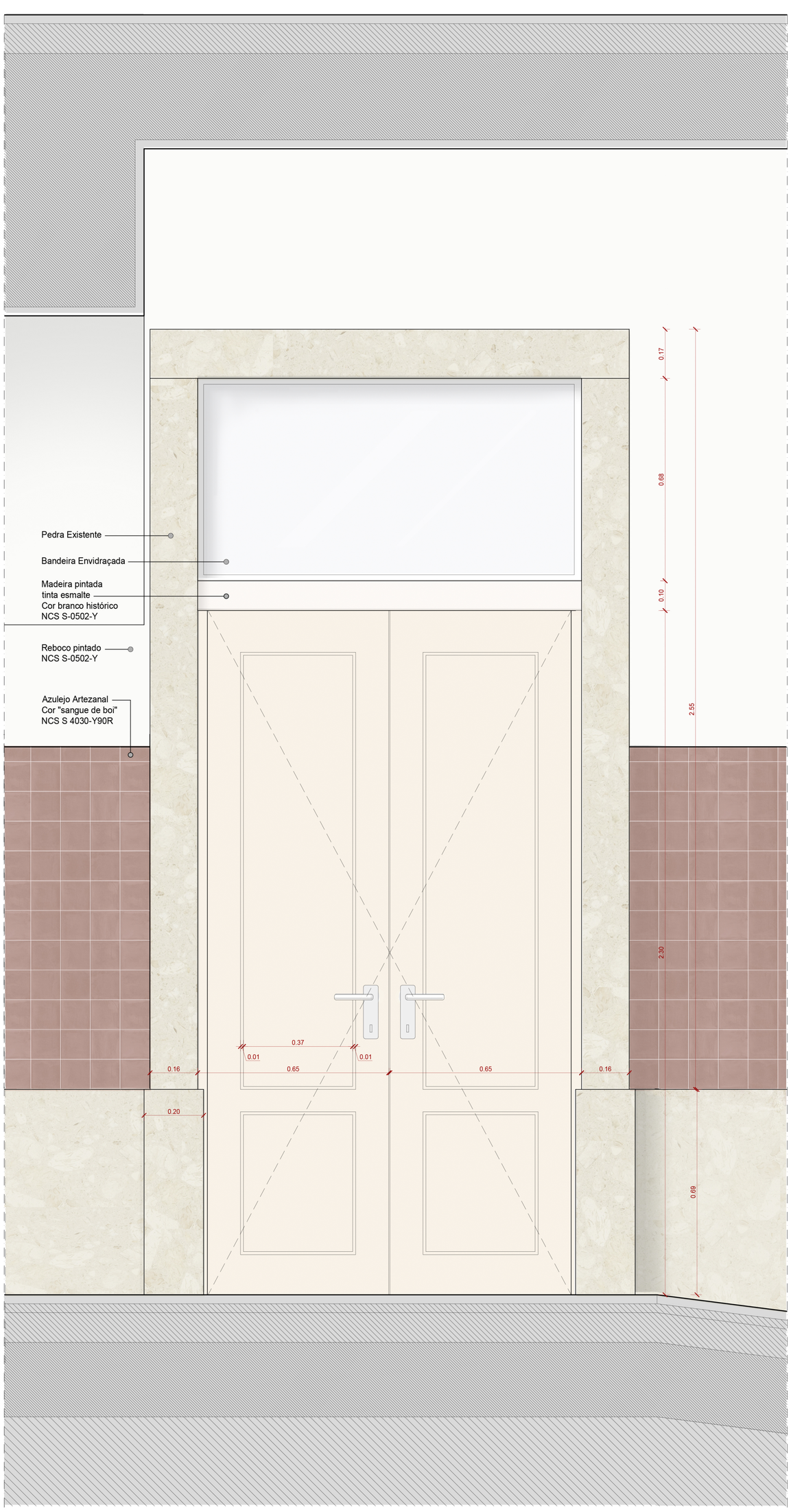
SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

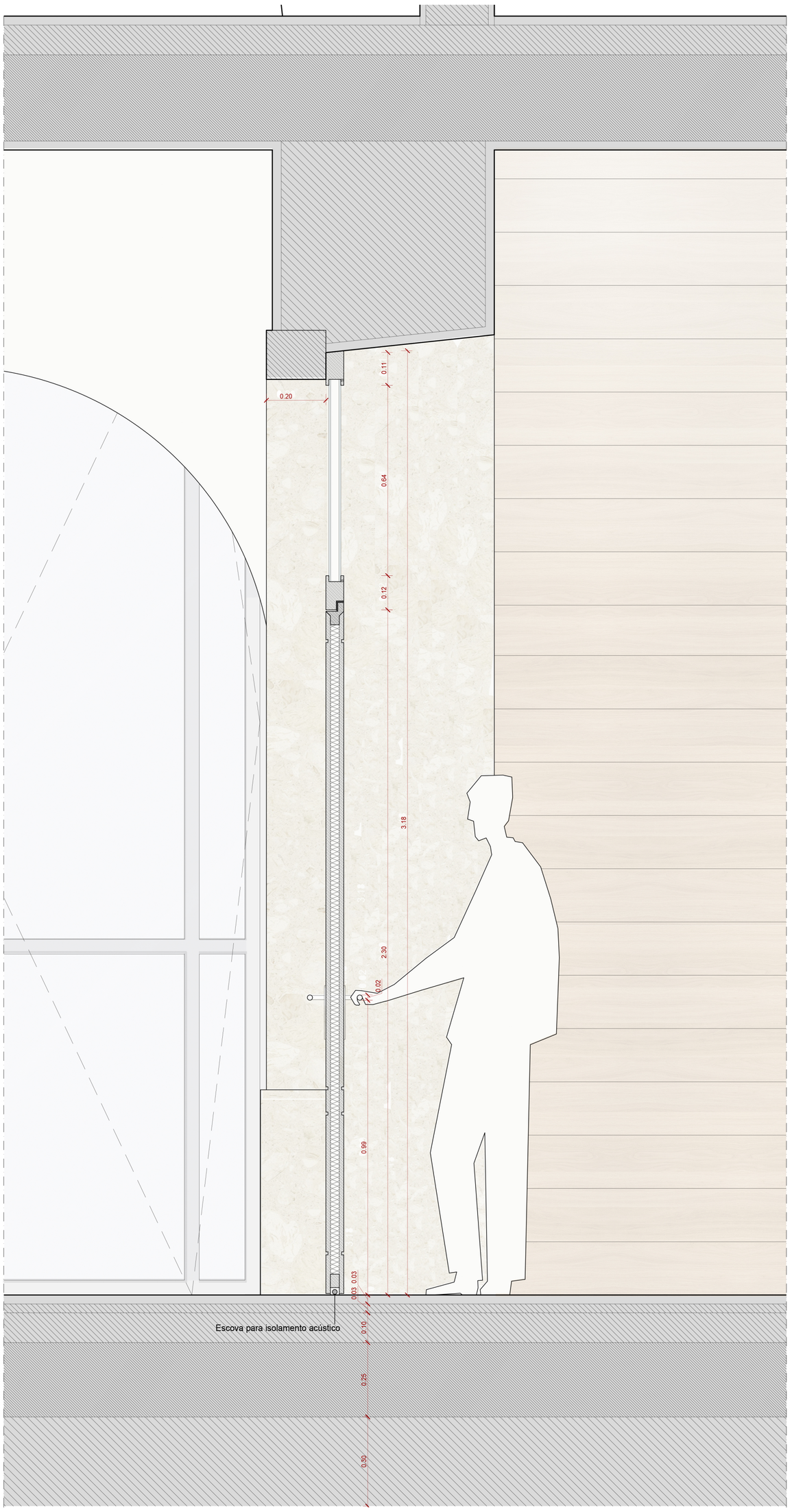
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

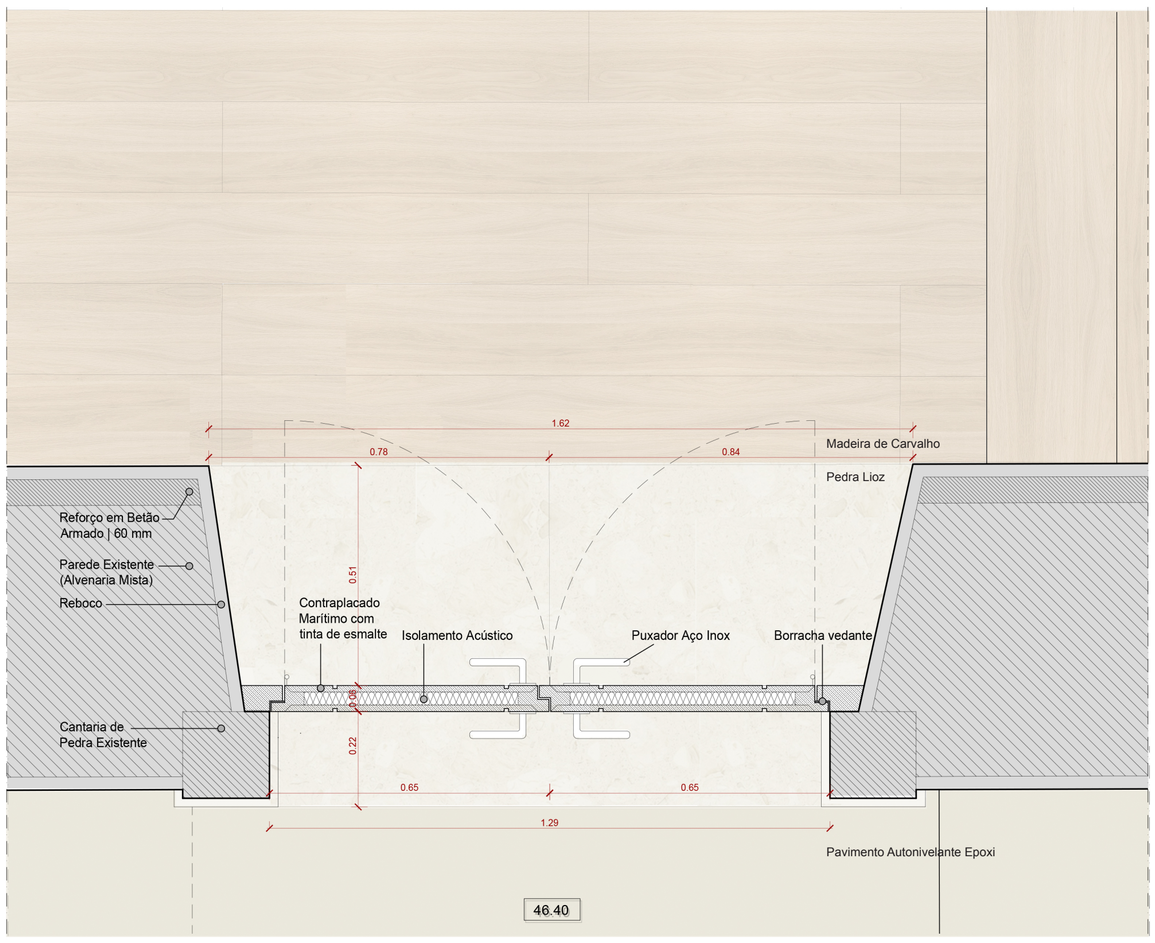
MATERIALIDADES



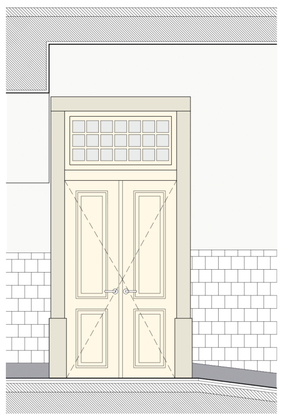
Alçado Porta interior | Ala Norte
Esc. 1:10



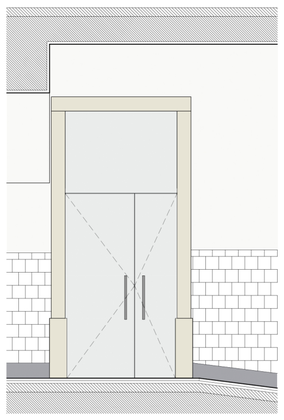
Corte Transversal Porta interior | Ala Norte
Esc. 1:10



Planta Piso 1 | 46.40 | Ala Norte
Esc. 1:10



Século XVIII
Porta dupla folha,de madeira maciça, bandeira com quadrícula envidraçada.



Século XX
Porta dupla folha, assimétrica, em vidro.

Século XIX
Porta dupla folha, de madeira maciça, com bandeira envidraçada.

Século XXI
Porta dupla folha, simétrica, contraplacado de madeira, com bandeira envidraçada.



Perspetiva do Corredor da Ala Norte, onde se localiza o Vão em estudo. Estudo da luz artificial, proposta de criação de apliques de parede apontados a eixo do tecto.

A Proposta desta Porta teve como princípio de desenho o tema da “continuidade e contraste”.
Procurou fazer um retorno à geometria e funcionamento do vão com maior fundamento histórico, do século XVIII, seguindo também uma continuidade cromática. O contraste, apesar de menos evidente, surge com a procura de uma linguagem contemporânea.

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO CONVENTO DA BOA-HORA À AJUDA

UM PONTO DE ENCONTRO NA ENCOSTA

SOFIA LUÍS PINHEIRO 20161174

ORIENTADORES: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DAMAS DA COSTA LOBATO DOS SANTOS
PROFESSOR DOUTOR JORGE MANUEL FAVA SPENCER

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

VÃO
Alçado, Corte e Planta de Porta Interior | Ala Norte
Sequência Cronológica do Vão